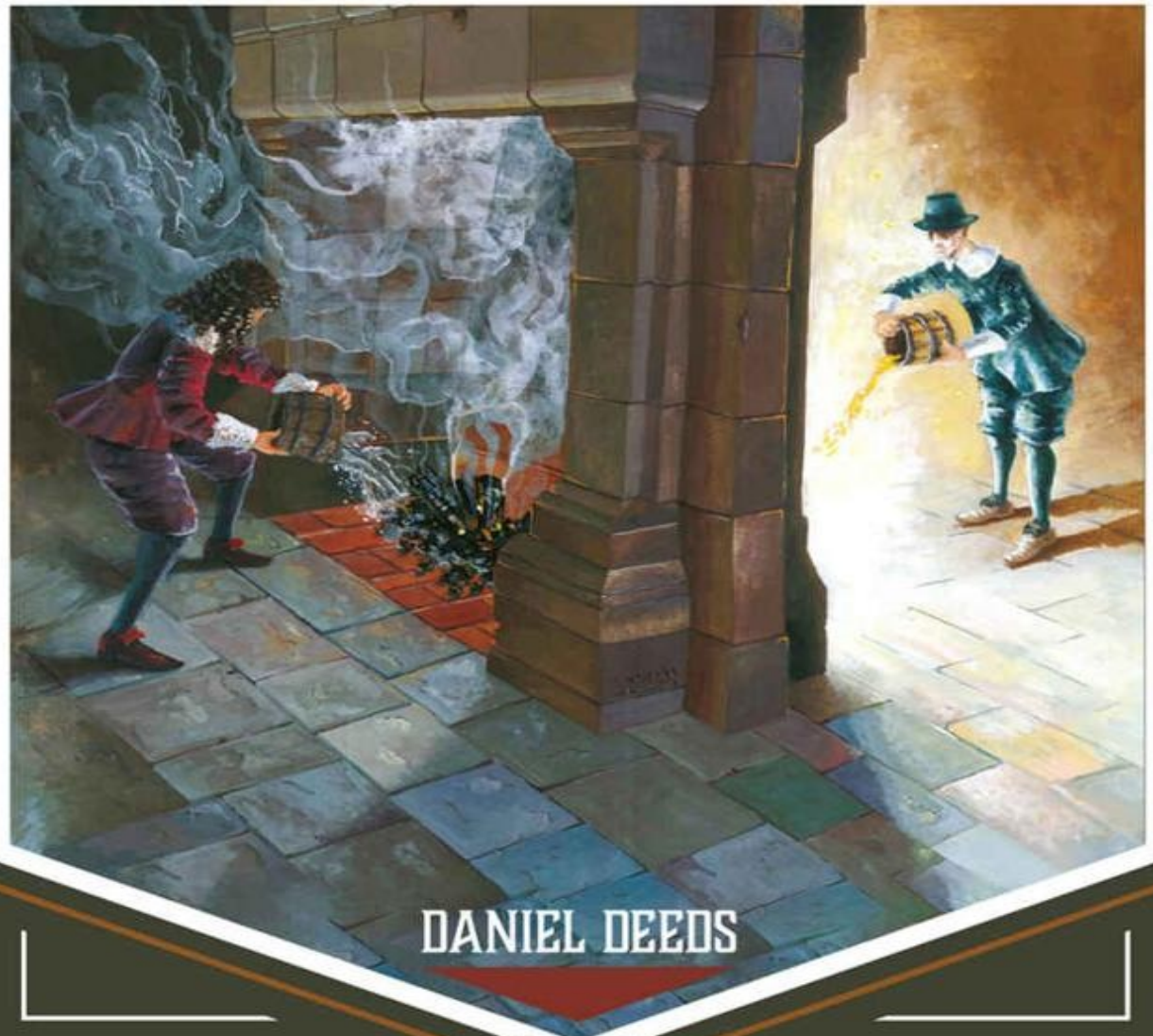
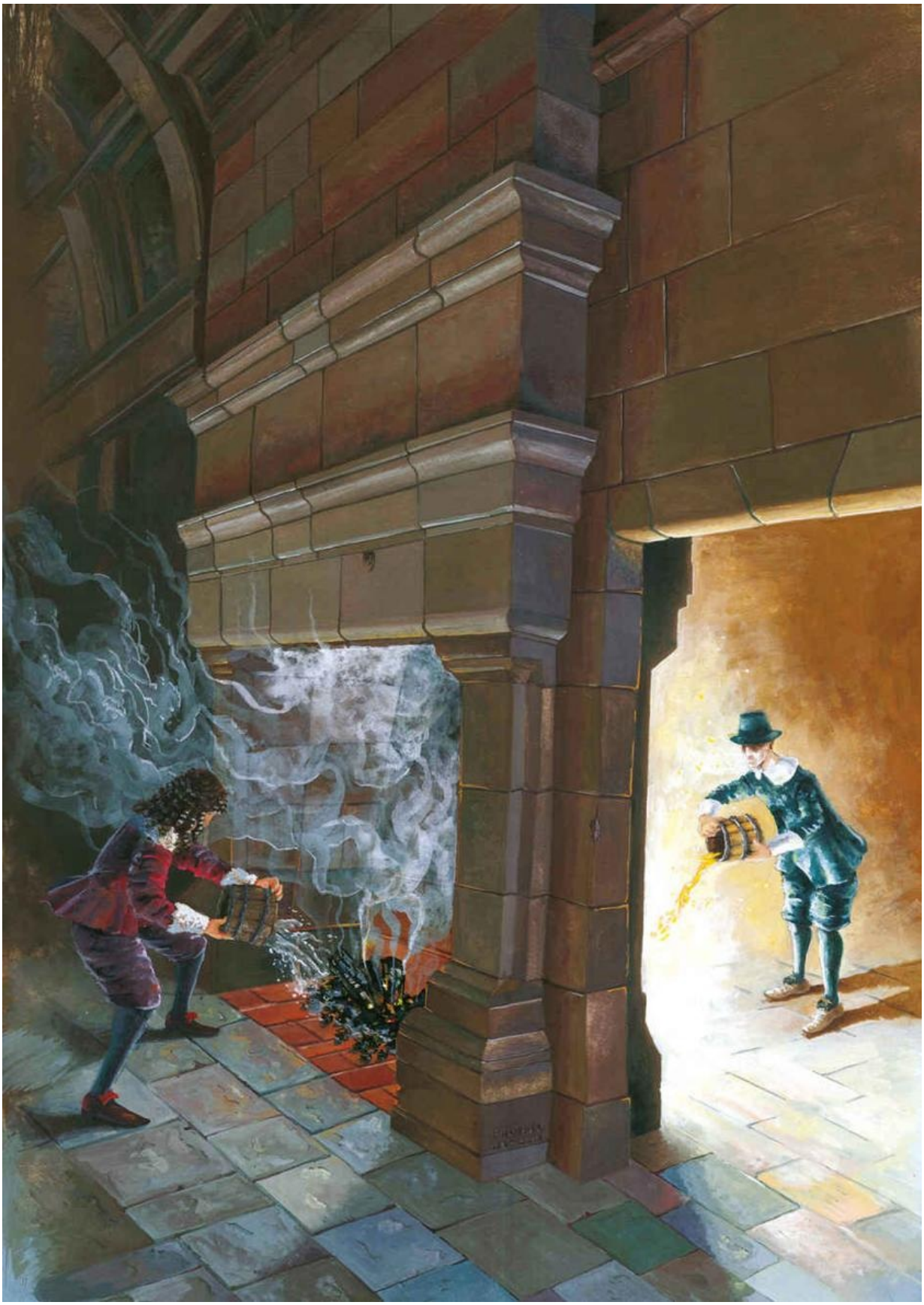
PERSEVERANÇA PELA GRAÇA



DANIEL DEEDS



PERSEVERANÇA PELA GRAÇA

DANIEL DEEDS

CONCÍLIO

A igreja evangélica brasileira cresceu em número, mas ainda existe um contingente expressivo de pessoas que desconhece as doutrinas basilares da fé cristã. Por conta disso, há muita confusão doutrinal e pobreza espiritual. A perseverança dos santos é uma doutrina preciosa, pois está conectada diretamente com a perfeita e suficiente obra de Cristo. Justificação, graça e fé, responsabilidade humana e ação do Espírito Santo na vida cristã são examinados em conexão com o tema central. Bem fundamentado na Palavra e em diálogo com as tradições cristãs, Daniel Deeds aborda o assunto com inteligência, clareza e honestidade. Creio que os leitores de língua portuguesa serão instruídos e edificados. Recomendo com alegria e esperança.

Pr. Judiclay Santos

Pastor Sênior da Igreja Batista do Jardim Botânico, Rio de Janeiro

O Brasil ainda precisa muito de boa teologia, daquela que é muito profunda enquanto consegue articular pensamentos e respostas em pessoas de variados graus no âmbito da igreja. Uma parte considerável do bom material de que dispomos ainda é traduzido: isso não é demérito, mas precisamos ouvir o tom da teologia com a percepção da terra em que estamos.

Daniel Deeds consegue fazer isso ao unir um texto profundo, mas de incrível acessibilidade, provando que não é preciso ser raso para ser bem compreendido. Ademais, ele fala de modo a se manter em tudo fiel às tradições reformadas, que não têm fronteiras nacionais, enquanto nos fala com clara brasilidade. Diante de nós segue uma obra que não deve ser menosprezada, mas deve se tornar leitura obrigatória para o aprendizado e o aprofundamento, enquanto o leitor se torna alguém guiado numa busca por conhecimento e piedade, profundidade com prática cristã. Que os leitores brasileiros desfrutem dessa preciosa obra.

Rev. Joel Theodoro

Pastor Efetivo da Igreja Presbiteriana do Bairro Imperial, Rio de Janeiro

Daniel Deeds em seu livro *Perseverança pela graça* demonstra ser conhecedor tanto da boa teologia como também das Escrituras Sagradas. Ademais, o autor

de forma rica, profícua e ao mesmo tempo simples, consegue desconstruir alguns conceitos teológicos equivocados comuns aos evangélicos de nosso tempo, como também construir de forma saudável conceitos bíblicos sobre a perseverança dos santos. O autor além de ser um homem piedoso e temente a Deus, possui largo conhecimento sobre o assunto, o que o legitima a escrever sobre o tema com profundidade e riqueza.

Recomendo a leitura!

Pr. Renato Vargens

Pastor Titular da Igreja Cristã da Aliança de Niterói, RJ

Copyright © 2020 por Daniel Deeds

As citações bíblicas foram retiradas da *Almeida Revista e Atualizada* (ARA), da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação contrária.
Citações bíblicas com a indicação (ARC) foram retiradas da *Almeida Revista e Corrigida*.
Citações bíblicas com a indicação (A21) foram retiradas da *Almeida século 21*.
Citações bíblicas com a indicação (NVI) foram retiradas da *Nova Versão Internacional*
Todas as ênfases nas citações bíblicas foram adicionadas pelo autor.

Todas as citações diretamente da língua inglesa foram traduzidas pelo autor.

É proibida a reprodução deste livro sem prévia autorização da editora, salvo em breve citação.

1ª edição eletrônica: agosto de 2020

EDIÇÃO
Joel Theodoro

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Débora Oliveira

REVISÃO
Wesley K. Carvalho

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Argemiro Neto

Catalogação na publicação: Mariana C. de Melo Pedrosa – CRB07/6477

D311p Deeds, Daniel
Perseverança pela graça / Daniel Deeds. –
Niterói, RJ: Concílio, 2020.

Inclui referências bibliográficas e apêndice.
ISBN 9786587263045 (brochura)
9786587263052 (epub)

1. Perseverança (Teologia) – Doutrina bíblica.
2. Graça (Teologia) – Doutrina bíblica. I. Título.

CDD: 243

Publicado no Brasil por Editora Concílio
Copyright © 2020 Editora Concílio
www.editoraconcilio.com.br
contato@editoraconcilio.com.br



SUMÁRIO

Prefácio
Introdução

1. Aquele que perseverar até o fim será salvo
2. O caráter irreversível da justificação
3. O poder transformador da regeneração
4. O penhor do Espírito Santo
5. O cuidado da providência divina
6. E os apóstatas?
7. A mensagem de Hebreus
8. A Deus toda a glória

Conclusão
Apêndice
Referências bibliográficas

PREFÁCIO

Algumas perguntas fazem parte das indagações de todos os crentes: uma pessoa que foi salva, pode vir a perder-se afinal? Alguém que foi trazido para o reino do amado Filho de Deus pode ser levado de volta ao reino e família do Maligno? Pode uma pessoa receber a vida eterna, para depois experimentar a eterna condenação? Muitos na chamada cristandade têm respondido "sim" a estas questões de grande importância. Em nosso país, é muito comum ouvirmos pessoas dizendo: "Eu já fui crente"; ou "eu sou um crente desviado".

É nesse ponto que nos defrontamos com dois aspectos vitais da doutrina bíblica confessada pela fé cristã. Por um lado, em primeiro lugar, a Palavra de Deus nos remete para ensinos que enfatizam a preservação em Cristo. O apóstolo Paulo escreveu aos coríntios: "Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo" (1 Coríntios 1.9). Isto é: Deus nos chamou "à comunhão de seu filho, Jesus Cristo". Assim como Adão é o representante de todos os seus descendentes, assim também o Senhor Jesus é o representante de todos os que estão nele. Nosso destino está vinculado ao de nosso Senhor. Charles Spurgeon expressou isto nas seguintes palavras: "Deus o chamou à comunhão de seu Filho, Jesus Cristo, e por meio desta chamada o colocou no lugar de segurança infalível".

O Novo Testamento vincula o triunfo do crente à sua união e identificação com Cristo. Por esta razão, os crentes são descritos como "chamados, amados em Deus Pai e guardados em Jesus Cristo" (Judas 1.1). De fato, Paulo está tão seguro da glorificação do crente que a insere entre "os elos da corrente dourada", a ela se referindo no pretérito perfeito: "Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos

que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou" (Romanos 8.29-30). Ele está seguro de que Deus mostrará, "nos séculos vindouros, a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus" (Efésios 2.7).

O Filho de Deus, nosso sumo sacerdote, intercede diante do Pai fundamentado em sua própria morte; sua intercessão repousa sobre o fato de que ele morreu como substituto do povo de Deus. E assim, igualmente, o Novo Testamento qualifica a preservação do crente como a resposta do Pai à obra intercessória de Cristo:

"Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas? Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós." (Romanos 8.31-34).

Assim, o ensino que, por um lado, encontramos em o Novo Testamento é que Deus planejou a salvação do homem de acordo com a sua vontade soberana, revelada em Cristo, e não de acordo com o bem ou o mal praticado pelo homem: "não de obras, para que ninguém se glorie" (Efésios 2.9). E o Senhor agiu especificamente assim para que a salvação chegue à sua consumação. O que se pode concluir, pois, é que o ensino bíblico identifica o poder da preservação como procedente de Deus, e efetuado por meio de Jesus Cristo.

Por outro lado, a Bíblia igualmente ensina, recorrentemente, que o fiel deve perseverar. De fato, há muitas igrejas que enfatizam a "preservação" mas não fazem o mesmo em relação à "perseverança". Há um conceito moderno de "segurança eterna" que afirma que uma pessoa pode confessar a fé em Cristo e, não importando como ela vive depois da confissão, ainda que vire as costas para Deus, ela será salva no final. Segundo esta maneira de pensar, uma pessoa pode ser um crente e, apesar disso, não ter desejo de conhecer a Bíblia, orar, crescer na fé, ter comunhão na igreja, etc. Alguns têm se referido a tal pessoa chamando-a de "crente carnal".

Nas Escrituras, Deus não apenas declara o seu alvo final – a preservação dos santos – mas também revela os meios pelos quais ele realiza isto, ou seja, a perseverança dos santos. O apóstolo Paulo escreve: "Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade, para o que também vos chamou mediante o nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo" (2 Tessalonicenses 2.13-14). O meio é a "santificação do Espírito e fé na verdade"! E o autor de Hebreus declara peremptoriamente: "Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hebreus 12.14). Contudo, atente para o fato de que a fé e a santificação não são a causa, e sim o efeito de nossa eleição; e Deus os designou como os meios de nossa perseverança.

Ou seja: não basta dizer que "uma vez salvo, salvo para sempre!". É preciso dizer igualmente que a evidência da preservação em Cristo é que o crente persevera em Cristo. Disse Jesus Cristo: "Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela" (Mateus 7.13-14). Em sua muito instrutiva parábola acerca dos diferentes tipos de solos, mais conhecida como "parábola do semeador" (Mateus 13.1-9, 18-23), Cristo ensina que a característica do crente genuíno é que ele produz, ainda que a proporção possa variar de crente para crente, de acordo com a medida da graça de Deus dispensada a cada um.

Uma vez que estamos identificados com Cristo, e que Cristo está intercedendo por nós junto ao Pai, a Escritura também declara que nós estamos vivos com Cristo, e que possuímos, portanto, a vida de Cristo. Esta é a consequência apresentada em todos os textos bíblicos que declaram nossa união e identificação com Cristo. "Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou

por mim". (Gálatas 2.19-20). Assim, a Bíblia não nos autoriza a falarmos em preservação e salvação em Cristo à parte dos frutos da perseverança em Cristo.

Não obstante os dois claros aspectos apresentados no texto bíblico, algumas inquietantes questões, ademais, são suscitadas frequentemente: em que condições aquela pessoa morreu? Em qual estado se encontrava a alma do indivíduo, no instante em que saiu deste mundo? Como entender aqueles casos em que a Bíblia menciona que se afastaram ou "apostataram"? O que dizer daqueles que tiveram "o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo" e depois "deixaram-se enredar, voltando-se para trás, apartando-se do santo mandamento que lhes fora dado"? O que é, portanto, "apostasia"? Essas são algumas das questões para as quais o leitor encontrará muito boa ajuda neste livro.

Daniel Deeds é um colega precioso que tenho tido o privilégio de conhecer desde 2004. Ele é filho de um piedoso casal de missionários norte-americanos que serviu no Brasil por quase trinta e seis anos. Nascido em Jaboticabal, no estado de São Paulo, Daniel cresceu no Brasil, intercalando com períodos de estudos nos Estados Unidos, onde cursou Teologia. Até 1993 ele esteve vinculado a uma denominação evangélica batista caracterizada historicamente pela afirmação da doutrina do "livre arbítrio", com forte ênfase na livre escolha e responsabilidade humana. Em termos simples, a denominação faz afirmação confessional da "perda da salvação" – conquanto nem sempre defina com muita clareza como isto funciona na prática. Em nível popular, o que se percebe, em termos gerais, é alguma imprecisão ou pouca compreensão do que seja a "graça preveniente".

Compelido por suas inquietações pessoais no exame do texto bíblico, e também como fruto de um cuidadoso estudo teológico, Daniel empreendeu um trabalho árduo, a fim de encontrar o ensino claro das Escrituras para a doutrina da perseverança dos santos. O seu trabalho diligente culminou na publicação do livro *Will I Make it to Heaven? New Look at the Perseverance of the Saints* (*Chegarei até o céu? Um novo olhar sobre a perseverança dos santos*). O conteúdo, agora publicado em português, trouxe descanso pessoal ao autor e

pode também propiciar descanso, confiança e segurança ao leitor que se debate em dúvidas sobre essas doutrinas centrais do Evangelho de Cristo.

Daniel tinha um pouco mais de dois anos quando seus pais, no início da década de 1970, se estabeleceram em Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais, onde a família exerceu, desde então, um ministério influente e respeitável. Ele possui típica aparência norte-americana, fala muito bem o português, e, muito curiosamente, o sotaque que se ouve não é o que se esperaria, mas o mineiro! Daniel é casado com a simpática e querida Ení, de cuja abençoada união nasceram duas preciosas filhas, atualmente com vinte e quinze anos. No fluxo de suas novas convicções teológicas, ao lado de sua família, em 1996 Daniel Deeds deu início à Igreja Batista Histórica em Conselheiro Lafaiete – uma abençoada e acolhedora igreja de confissão batista e reformada, na qual já tive o privilégio de ministrar por algumas vezes. Além do ministério pastoral, para o qual o coração de Daniel tem sido cativado, ele também tem conduzido, ao longo dos anos, uma influente escola de inglês em sua cidade.

Queira Deus abençoá-lo(a) em sua leitura deste livro. É o que já tem acontecido comigo, bem como a outros que receberam este conteúdo antes de sua publicação, e aos que o têm lido na edição em língua inglesa.

Seja Deus glorificado na preservação dos seus Santos, concedendo-nos a maravilhosa e indispensável graça de perseverarmos fielmente até o fim.

Gilson Santos

São José dos Campos, SP, dezembro de 2018.

INTRODUÇÃO

> Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão. Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa. Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará; todavia, o meu justo viverá pela fé; e: se retroceder, nele não se compraz a minha alma. Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma. (Hebreus 10.35-39)

A perseverança é necessária para a salvação? É possível que um crente abandone a Cristo e volte ao pecado e ao mundo após a sua conversão? O que aconteceria se o fizesse? Continuaria eternamente salvo do mesmo modo ou perderia a salvação? Pode alguém que hoje crê em Cristo ter a certeza de que continuará salvo para sempre?

Essas são perguntas antigas. Creio que já devem ter passado pela mente de todo cristão. Porém, ao buscarem respostas nas Escrituras, os cristãos não chegam todos às mesmas conclusões. Ao longo dos séculos da história cristã, o assunto tem gerado muitos debates, e as diferenças de opinião têm até causado cismas em igrejas e denominações. Em alguns casos, seminários e ministérios foram fundados com a finalidade principal de difundir uma perspectiva específica sobre essa questão doutrinária.

E qual tem sido o fruto de tanto debate? Longe de termos alcançado a unanimidade, o assunto continua a ser motivo de polêmica e fragmentação no corpo de Cristo. Ao invés de ser remediada, essa realidade somente se agrava toda vez que alguém propõe um novo sistema de interpretação, acreditando ter finalmente encontrado a chave para solucionar o impasse e pôr fim ao debate. A essa altura, temos mais teorias disputando pelas mentes dos cristãos do que em qualquer outra época da história e, se isso serve como indicação do que podemos antecipar pela frente, é de se temer que a multiplicação de

perspectivas poderá continuar dividindo a igreja ainda mais até a volta de Cristo.

A solução também não é buscar união por ignorar o assunto. Abandonar o esforço pela unidade doutrinária e almejar apenas a união institucional é, na verdade, se conformar com a desunião. Se a igreja não tem benefício algum com divisão, menos ainda ela o tem com o descaso pela doutrina. União externa sem união confessional é meramente união aparente e se torna um contexto ideal para a proliferação do erro mais do que para a propagação da verdade. Afinal, a igreja deve ser coluna e baluarte da verdade (1 Timóteo 3.15).

Grande parte da mensagem da Bíblia é facilmente assimilada pelo leitor iniciante, mas o apóstolo Pedro nos lembra de que ela também contém coisas difíceis de entender, coisas que os ignorantes e instáveis deturpam (2 Pedro 3.16). Essa forma de falar revela que o sentido da Bíblia é um só e que não temos a liberdade de atribuir ao texto sagrado outro significado do que aquele intencionado pelo autor inspirado.

Por isso mesmo, a igreja deve ser um auxílio para a compreensão correta das Escrituras. Ela deve ser um ambiente seguro, onde cada discípulo de Cristo é instruído na sã doutrina. Deve ser uma escola de Cristo, onde se aprende com mestres dotados e capacitados, para que cada crente não tenha que "se virar" para entender as doutrinas da Bíblia. Consequentemente, é o dever de cada líder e cada membro em cada igreja local promover esse objetivo na igreja.

Paulo articulou várias vezes sua preocupação de que a doutrina bíblica fosse ensinada com precisão na igreja. Ele rogou a Timóteo que permanecesse em Éfeso para admoestar "a certas pessoas, a fim de não ensinarem outra doutrina" (1 Timóteo 1.3). Em sua segunda epístola a Timóteo, Paulo exorta: "Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade" (2 Timóteo 2.15). Escrevendo para Tito, Paulo declara ser indispensável que o bispo seja "apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem" (Tito 1.9). Não podemos modificar nem omitir parte alguma do ensino bíblico. Em seu

próprio ministério, o apóstolo Paulo foi zeloso em jamais deixar de anunciar todo o desígnio de Deus (Atos 20.27).

Percebemos que essa incumbência recai especialmente, mas não exclusivamente, sobre os líderes. Cabe a cada um de nós individualmente estudar sobre questões como essas para nossa própria compreensão da Revelação divina e para servirmos à causa da verdade mais perfeitamente. Todos nós contribuímos para o avanço das doutrinas que apoiamos, até mesmo por força de nossa afiliação eclesiástica, e somos todos responsáveis pelas doutrinas que ajudamos a difundir. Se quisermos fazer o melhor investimento de nossos talentos e esforços pelo reino de Deus, temos que ser criteriosos com respeito ao ensino que endossamos. Isso significa que não devemos falhar em devidamente pesquisar, investigar e examinar as Escrituras.

Esse dever é que motivou o preparo desta obra. Seu propósito é oferecer respostas bíblicas para as perguntas citadas acima, não com a pretensão de encerrar as controvérsias, ou de responder às questões envolvidas para a satisfação de todos, mas com o intuito de fornecer mais uma ferramenta que possa auxiliar na investigação do assunto. Não se trata de uma nova proposta, ou do lançamento de uma posição teológica original e, sim, de uma exposição de uma doutrina que recebe o testemunho de inúmeros cristãos ilustres, desde os primeiros dias do cristianismo.

Em minha caminhada pessoal, por algum tempo resisti à doutrina que aqui defendo. No entanto, ao ler a Bíblia, vi-me forçado a reconsiderar, ao me deparar repetidamente com passagens bíblicas que não se enquadravam em minha convicção anterior. Na busca que se incidiu, recebi enorme benefício do trabalho de outros. É minha convicção que as respostas devidas a essas perguntas sempre estiveram disponíveis à igreja de Cristo, tanto nas páginas das Escrituras como nas vozes dos homens capazes que Deus tem colocado na igreja, ao longo de sua história, para a orientar em meio às controvérsias.

A própria Bíblia afirma que, para evitar tanta desunião doutrinária, Deus mesmo concedeu à igreja pessoas dotadas na área de ensino:

> Com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina. (Efésios 4.11-14)

Sendo a Bíblia a única regra de fé, devemos estudá-la e deixar que ela nos instrua, julgando todas as coisas à luz do que ela diz, mas não com um espírito independente que despreza o que podemos aprender daqueles que Deus mesmo colocou na igreja para nos guiar. Certamente não seria sábio rejeitar o ensino que tem resistido à prova do tempo, sendo atestado por homens fiéis de todas as gerações, sem ao menos ouvir o que ele nos tem a dizer.

Em consideração a isso, tenho procurado incluir citações de vários períodos da história eclesiástica que julguei serem de valor, tanto para esclarecer o assunto do livro e os textos bíblicos que lhe tocam, como também para servir de testemunho da antiguidade e prevalência da doutrina da perseverança dos santos por todas as gerações.

Todos trazemos pressuposições ao Texto Sagrado que podem tornar nossa leitura tendenciosa. Antes que se leia a Bíblia, cristãos recém-convertidos tipicamente já presumem que é possível ser salvo no presente e, mesmo assim, vir a perder a salvação no futuro. Que os homens naturalmente tendem a pensar assim pode ser averiguado no fato de ser essa a opinião que encontramos nas seitas heréticas, quer façam uso da Bíblia ou não. Na verdade, nossa tendência natural é crer que a salvação vem como uma recompensa para quem pratica boas obras.

Esse modo de pensar leva a crer que a salvação pode ser conquistada e perdida, conforme a conduta. A Bíblia se coloca em oposição a tais noções, ensinando, antes, que a salvação é pela graça de Deus somente. Mas essa é uma mensagem difícil de se assimilar plenamente, e é possível que nossas noções preconcebidas interfiram em nossa leitura bíblica, de modo que deixemos passar despercebido o quanto de nossa salvação ela atribui à graça divina.

No período da Reforma Protestante, o cerne das diferenças entre os reformadores e o ensino que se tornara prevalecente no catolicismo era

justamente sobre até onde ia o papel da graça de Deus na salvação. Os reformadores hastearam como estandarte o lema *Sola Gratia* (graça somente), declarando que a salvação, do início ao fim, é recebida pela graça de Deus somente.

Já naquela época, como até hoje, a Igreja Católica atribuía às obras humanas um papel essencial na salvação e negava que o cristão pode experimentar uma certeza de salvação legítima à parte de alguma revelação especial. Além disso, a doutrina católica afirma que um cristão pode cair do estado de graça, cometendo pecado mortal. Prossegue, no entanto, afirmando que pecados mortais podem ser perdoados através de confissão e penitência, fazendo com que o indivíduo seja restaurado ao estado de graça.

Portanto, a compreensão católica admite não só a perda da salvação, mas também uma segunda salvação, uma segunda perda da salvação, uma terceira salvação, e assim por diante.[1] Dessa forma, ao invés de atribuir a salvação exclusivamente à graça de Deus, o dogma católico mantém que as boas obras desempenham um papel vital em alcançar e manter a salvação.

Em relação à experiência, o que isso significa para o devoto é que ele deve viver na incerteza sobre sua aceitação diante de Deus, tanto no presente como no futuro, mas isso é entendido como algo positivo. No pensamento católico tradicional, a certeza de salvação é vista como algo perigoso, pois promoveria o relaxamento na caminhada cristã. A ideia é que se alguém souber, por certo, que já está salvo, não terá a mesma motivação e empenho em fazer o bem para se tornar agradável a Deus quanto aquele que acredita que, possivelmente, não tenha ainda feito o suficiente para encontrar-se livre da condenação do inferno.

Por essa forma de pensar, a certeza de salvação futura é igualmente tida por perigosa, pois acredita-se que a convicção de estar eternamente seguro na salvação levaria o cristão a baixar a guarda contra a tentação ainda mais. Na perspectiva católica, além de não contribuir para uma vida de santificação, é de temer que tal crença poderá até precipitar alguém na ruína eterna, caso o risco de perder a salvação realmente exista.

Essa crença do catolicismo revela um distanciamento do ensino da igreja primitiva, pois, por um lado, o cristianismo primitivo negava enfaticamente a entrada na vida eterna aos apóstatas e àqueles que professavam fé cristã enquanto viviam em pecado, mas, por outro lado, a igreja primitiva também expressava certeza de que todo cristão genuíno persevera em fé e santificação até o fim. Reconhecendo isso, e firmados sobre a Bíblia somente como autoridade, os reformadores defenderam que não existe a perda da salvação. Não que a perseverança fosse desnecessária, pois a perseverança em fé e retidão foi encarada como tão necessária para entrar na glória eterna quanto a própria conversão inicial. O ponto crucial é que a doutrina reformada sustenta que Deus é aquele que tanto converte o pecador inicialmente, e de forma exclusiva por sua graça, como também concede, por graça, a perseverança a todos quantos salva.

A controvérsia arminiana do século XVII trouxe a doutrina da perseverança e segurança da salvação novamente ao debate. Em seu questionamento da doutrina reformada, Armínio deu a entender que a perda da salvação seja uma possibilidade real, embora preferiu deixar a questão em aberto. Seus seguidores têm chegado a conclusões diferentes, de forma que hoje não encontramos unanimidade entre as igrejas evangélicas influenciadas pelo arminianismo.

No cenário atual, podemos identificar quatro posições doutrinárias distintas sobre essa matéria que angariam forte apoio entre as igrejas evangélicas, inclusive de seminários teológicos, escritores hábeis e ministérios paraeclesiásticos:

1. Há evangélicos que acreditam que crentes perdem a salvação quando cometem pecados suficientemente graves. Os que se incluem nesse segmento podem discordar entre si quanto ao tipo de pecado que traria esse resultado, quer seja por pecados deliberados, ou por pecados considerados mais graves por algum outro critério, mas o que todos sustentam em comum é que conduta pecaminosa de algum tipo pode remover crentes verdadeiros do estado de graça. A salvação é, então, anulada, ou pelo menos suspensa, até que haja arrependimento e

confissão. Geralmente se acredita que a salvação é perdida quando alguém se afasta da igreja, deixando de frequentar os cultos e "voltando para o mundo". Pessoas nessa condição são consideradas "crentes desviados" (isto é, pessoas que já foram salvas, mas que atualmente se encontram perdidas e precisam se reconciliar com Deus para recuperarem sua justificação). Alguns indivíduos creem que já chegaram a perder a salvação várias vezes desde a sua conversão, mas que foram salvos novamente cada vez que se arrependeram.

2. Um segundo grupo de evangélicos também acredita que há perda da salvação, mas não concorda que pecado deliberado ou afastamento da igreja seja suficiente para isso. Acreditam que os salvos se perdem somente por abandonarem completamente a fé, deixando, por assim dizer, de ser crentes. Para eles, desde que uma pessoa tenha a sua fé alicerçada em Cristo, ela estará salva, mesmo que venha a recair em uma vida de pecado. Mas salienta-se que o pecado é causa de preocupação, pois a persistência no pecado poderá minar sua fé e deixá-la novamente na incredulidade. Caso isso aconteça, ela se encontraria novamente perdida por ter-se tornado novamente uma pessoa descrente. Alguns desse grupo consideram a salvação reversível, mas apostasia irreversível, e negam que uma pessoa possa ser salva uma segunda vez, se chegar a apostatar.
3. Ainda outros evangélicos concordam com os dois pontos de vista descritos acima quanto à possibilidade de uma pessoa salva se desviar, voltar a viver em pecado e até mesmo negar a fé totalmente, mas creem que em nenhum desses casos haveria perda da salvação. Os que aderem a essa doutrina insistem que o perdão de Deus é irreversível, mas não a transformação de vida do crente. Ou então vão mais longe ainda e nem consideram mudança de vida como parte essencial de uma conversão genuína, crendo que um indivíduo pode ser salvo sem se arrepender do pecado, pois fazem distinção entre receber Jesus como Salvador e recebê-lo como Senhor.
4. Por fim, há também os evangélicos que seguem a doutrina dos reformadores neste ponto. Conquanto estejam persuadidos de que a

conversão (fé e arrependimento) e perseverança posterior sejam imprescindíveis para a salvação eterna, cristãos reformados creem que Deus concede a perseverança a todos quantos converte, de forma que nenhum deles jamais venha a se perder.

Os defensores de cada um dos quatro pontos de vista acreditam que estão advogando nada mais que o ensino da própria Bíblia Sagrada, a qual todos respeitam como a única autoridade sobre questões de fé, mas, obviamente, a Bíblia não ensina quatro perspectivas contraditórias entre si. A posição adotada neste livro é que a visão reformada define com precisão e equilíbrio a doutrina bíblica, enquanto todas as demais propostas apresentam imperfeições. Embora cada uma delas capte alguns aspectos da verdade bíblica, as três posições alternativas falham em harmonizar o ensino bíblico como um todo.

Procurarei demonstrar as razões para tal conclusão, por meio de breves avaliações preliminares.

1. A crença na perda da salvação como resultado de pecado grave e deliberado é a perspectiva que predomina entre as igrejas que admitem a possibilidade de perda da salvação. John Wesley adotou essa posição e influenciou o movimento metodista nessa direção. Essa é também a visão majoritária entre as denominações pentecostais.

Alguns dos livros que têm sido importantes na sua difusão são *Kept by the Power of God: A Study of Perseverance and Falling Away* [*Guardados pelo poder de Deus: um estudo sobre perseverança e apostasia*], do erudito britânico I. Howard Marshall (Bethany Fellowship, Minneapolis, 1969), *If Ye Continue* [*Se continuardes*], de Guy Duty (Bethany House Publishers, Minneapolis) e *Life in the Son* [*Vida no Filho*], de Robert Shank (Bethany House Publishers, Bloomington, Minnesota, 1989).

O metodista Steven Harper, que defende essa doutrina, exprime a sua essência nas seguintes palavras:

> Deus não retém contra nós as transgressões involuntárias (pecados que cometemos sem ter consciência de que pecamos), a menos que os descubramos e nada fizermos a seu respeito. Pecados voluntários — violações deliberadas das leis de Deus que conhecemos — porém, se tornam em pecados mortais se não nos arrependermos deles. A questão da segurança eterna repousa na prática contínua do arrependimento.[2]

Pontos fortes

A motivação por trás desse ponto de vista é claramente a de combater o pecado, seja o pecado na vida dos crentes ou o autoengano daqueles que professam crer, mas pecam desenfreadamente. Wesley certamente agradou-se dessa doutrina porque viu nela um antídoto para abusos visíveis na igreja. Harper explica:

> Wesley não era um teólogo filosófico tanto quanto era um teólogo prático, e o que ele observou no século dezoito foi uma miríade de pessoas que lançavam mão da teologia calvinista para racionalizarem comportamento impróprio. Agir assim, contendia Wesley, não era honrar a doutrina da segurança; ao invés disso, era transformar Cristo em um "ministro de pecado e se escorar sobre (a noção de) possuir sua justiça (imputada) para viver em impiedade e injustiça como nem mesmo entre os pagãos é costume".[3]

Não restam dúvidas de que esse mesmo zelo é o que conduz os demais pregadores desse sistema. Eles têm a seu favor o fato de que reconhecem a necessidade de santificação e perseverança na vida cristã. Seu ponto mais forte é que eles não dão certeza de salvação para quem vive em pecado. Pessoas "desviadas" que são confrontadas por esse ensino não são iludidas de que irão para o céu, apesar de levarem vidas ímpias.

Outro ponto positivo nessa visão é sua forma séria de lidar com os avisos bíblicos contra retroceder para o pecado e apostatar da fé. Quando crentes dessa persuasão leem na Bíblia que é preciso ser fiel até a morte ou perecer, eles crescem em sua determinação de perseverar, que é a reação correta perante tais textos.

Pontos fracos

No entanto, eles vão longe demais quando afirmam que a possibilidade de apostasia de verdadeiros crentes é provada pelo fato de a Bíblia conter avisos contra a desistência na caminhada cristã. Isso não é uma inferência necessária, como demonstraremos no capítulo 6. É também importante notar que a doutrina calvinista não deve ser responsabilizada pelas vidas tortas de pessoas insinceras, visto que ela também não dá nenhuma promessa de salvação para aqueles que vivem no pecado. Uma doutrina deve ser responsabilizada pelo impacto que ela produz na vida de quem realmente nela crê e, não, pelo mau uso que pode resultar de sua distorção.

A solução bíblica para nominalismo e hipocrisia não é ensinar que o pecado resulta na perda da salvação. A Bíblia jamais trata a justificação como um evento repetitivo. Quem recebe a justificação pela fé está salvo, pois estar justificado e perdido ao mesmo tempo é uma contradição de termos. Se uma pessoa pode ser salva, depois perdida, e depois salva novamente é forçoso acreditar que ela teria que ser justificada mais que uma vez (uma na conversão inicial e outra na sua reconsagração mais recente).

E o que diremos de sua regeneração? O pecado deliberado faz com que uma pessoa convertida perca a sua regeneração? Ou então seria possível permanecer uma pessoa regenerada (e estar espiritualmente viva) mesmo enquanto está sob condenação? Os defensores da perda da salvação se encontram em dificuldade para oferecer soluções bíblicas para essas questões. Sua perspectiva não se encaixa com o caráter definitivo da salvação, conforme encontrada na Bíblia, que diz que aquele que crê em Cristo já passou da morte para a vida (João 5.24) e que atribui nossa condição de salvos, no presente, ao fato de Deus nos ter dado vida quando nós estávamos ainda mortos em nossos delitos e pecados (Efésios 2.1).

Essa versão evangélica de perda da salvação se assemelha à doutrina católica em sua opinião que a incerteza sobre a salvação futura é importante para manter o cristão em uma boa conduta. Nos casos mais extremos, esse ponto de vista tem degenerado a ponto de impedir qualquer certeza de salvação. Se — como alguns dão a entender — o crente perdesse sua salvação toda vez que cometesse um pecado deliberado, então ninguém poderia dizer que um crente

falecido foi para o céu, pois não há como saber, por certo, se ele não cometeu algum pecado do qual não se arrependeu antes de morrer.

Tampouco poderíamos ser otimistas em relação a nós mesmos, pois todos nós pecamos. Quem poderia garantir que não será surpreendido pela morte ou pela volta de Cristo num momento em que tenha acabado de pecar? Quem poderia realmente ter paz? Qualquer cristão, por mais comprometido que seja, correria o risco de acabar passando a eternidade no inferno. Pode parecer que acreditar nessa doutrina tornará o crente mais vigilante, entretanto, é mais provável que só o tornará mais aflito.

Porém, o elemento mais perturbador desse ponto de vista é que ele estabelece um vínculo entre a salvação e as boas obras que fere a doutrina da justificação pela fé somente. Fé verdadeira produz fidelidade, embora não fidelidade perfeita, e não se pode explicar pecados deliberados na vida do crente como lapsos momentâneos da fé. Por isso, se admitirmos a tese de que pecados deliberados causam a perda da salvação, teremos que afirmar que há dois tipos de crentes: os crentes que iriam para o céu se partissem deste mundo hoje e os que não iriam, embora sejam crentes verdadeiros.

Isso contradiz a máxima paulina de que a salvação é pela fé em Cristo Jesus, para *todos* e sobre *todos* os que creem (Romanos 3.22). Não podemos concordar que é possível possuir uma fé genuína em Cristo e, ao mesmo tempo, estar sob condenação. Se a salvação é recebida pela fé, mas é mantida pela boa conduta, é difícil concluir que a salvação final não seja o resultado de fé *e* boas obras. Talvez isso possa ser chamado de justificação pela fé *inicialmente*, mas não de justificação pela fé *somente*.

Norman Geisler não compartilha da posição teológica deste livro, mas ele tem razão em sua crítica da crença em perda de salvação por pecado:

> Se crentes não estão eternamente seguros, podendo perder sua salvação por más ações, então o arminianismo é uma forma tácita de salvação por obras. De fato, o teólogo arminiano H. Orton Wiley admite isso quando diz: "Arminianos negam o mérito de boas obras, mas insistem nelas como uma condição para a salvação". Ele ainda acrescenta: "A fórmula do Sr. Wesley foi, 'Obras, não como mérito, mas como uma condição'". Por que são as obras uma condição? Porque de acordo com a perspectiva arminiana, é preciso manter boas obras para manter-se salvo. Para

> garantir sua salvação final, os crentes têm que evitar a prática do tipo de obras más que os faria perder a salvação após terem sido salvos.
>
> Na verdade, a perspectiva arminiana é semelhante à católica romana, que requer do indivíduo que ele não cometa um pecado mortal uma vez que tenha recebido a justificação inicial pela graça somente, do contrário ele perderá sua salvação. Mas se obras são necessárias para a manutenção de minha salvação, então como posso escapar da conclusão de que sou salvo por minhas boas obras?[4]

É preciso estar alerta ao fato de que essa primeira perspectiva falha por perder de vista as implicações do evangelho. Com isso, não pretendo insinuar que é impossível ser salvo enquanto se crê dessa forma. O que quero dizer é que os que pensam dessa maneira não percebem que, nesse ponto, estão sendo incoerentes com o evangelho que eles mesmos creem: no evangelho da salvação pela graça, mediante a fé.

2. A crença que crentes perdem a salvação somente por apostatarem da fé tem sido uma doutrina menos popular de perda da salvação. Essa posição tem recebido seu apoio principalmente da parte de alguns luteranos e batistas arminianos, mas nenhuma denominação a tem adotado com unanimidade. Alguns autores que têm contendido por essa posição são Robert E. Picirilli (*Grace, Faith and Free Will* [Nashville: Randall House, 2002) e Stephen M. Ashby (um dos autores de *Four Views on Eternal Security* [Grand Rapids: Zondervan, 2002]).

Os seguidores dessa opinião concordam com a avaliação de que os termos do evangelho estão sendo esquecidos na perspectiva que a salvação pode ser perdida por pecado deliberado. Por exemplo, nas palavras de Stephen Ashby:

> Não se recebe a salvação de Deus por mudar de vida. Não é por parar de pecar que alguém se torna justificado diante de Deus. Ao invés disso, é pela fé em Cristo. Nem é o cometer pecado depois de ser salvo que faz perder a justificação perante Deus.[5]

Ashby até mesmo reconhece como a posição de Wesley pode levar ao desespero:

> Não sei como interpretar tal ponto de vista senão dizendo que se um crente cometer um único pecado, aquele pecado o constitui perdido — ele passa novamente a ser um filho do diabo, até o momento em que ele se arrepende. Se essa é a visão que Wesley promoveu, é uma visão realmente dura.[6]

Em contraste com o modelo de Wesley, Picirilli cuidadosamente elabora a sua explicação de como acredita ser possível perder a salvação:

> Se a Bíblia ensina que a apostasia de quem esteve verdadeiramente regenerado é possível, ainda assim deve-se usar de muita cautela ao expressar ou formular tal perspectiva [...] É extremamente importante expressar nosso ponto de vista de tal maneira que a fé, e não as obras, seja a única condição para a salvação. Não devemos estabelecer salvação pela graça mediante a fé com a mão direita e removê-la com a esquerda [...] "Salvo pela fé e guardado por obras" simplesmente não fará acordo com o ensino bíblico relativo à base da salvação.[7]
>
> Não podemos tornar atos pecaminosos, em si, a causa de cair da graça. Igualmente, não devemos dar a impressão que toda vez que uma pessoa salva peca ela está perdida e necessita ser salva novamente. Ademais, não podemos cometer o erro de insinuar que pessoas salvas não pecam. Se fé é a condição para a salvação, então incredulidade é a "condição" para a apostasia.[8]

Pontos fortes

Esse modelo compartilha com o anterior o crédito de lidar seriamente com os avisos bíblicos contra a apostasia e de reconhecer a necessidade de perseverança até o fim, mas ele é bem melhor, em um sentido, porque demonstra maior sensibilidade à doutrina de justificação pela fé somente (*Sola Fide*). Ele compreende que uma pessoa convertida não perde sua justificação ao pecar, evita o ensino de regeneração repetida e torna a certeza de salvação presente mais estável que o primeiro modelo.

Pontos fracos

Claramente, os mentores desse sistema percebem a fragilidade que o primeiro modelo apresenta na maneira em que introduz obras como critério para se permanecer salvo. Mas como estão persuadidos de que a Bíblia ensina a perda da salvação, eles tentam oferecer uma doutrina que comporta esse conceito e, ao mesmo tempo, evita o atribuir a salvação às obras. Entretanto, não podemos concordar que tenham conseguido. Não se trata nem de uma doutrina que está

totalmente livre de atribuir a salvação às obras humanas, nem, tampouco, de uma doutrina capaz de resistir a uma avaliação bíblica.

Assim como os demais evangélicos que creem na perda da salvação, esses também aceitam o conceito errôneo de que os apóstatas (ou pelo menos alguns deles) são pessoas que foram, um dia, regeneradas e justificadas, mas que posteriormente vieram a perder a sua salvação. Essa opinião simplesmente não procede por dois motivos: primeiramente, porque falham todas as tentativas de provar que qualquer apóstata tenha anteriormente experimentado uma conversão genuína. Em segundo lugar, porque essa teoria entra em conflito com passagens na Bíblia onde é explicitamente ensinado que Cristo jamais perde qualquer um que lhe pertence e onde a natureza espúria da fé de todos que abandonam o caminho é afirmada em termos absolutos. Consequentemente, nossa avaliação do que teria sido a condição espiritual anterior de quem é hoje um apóstata tem, obrigatoriamente, que ser governada por esses textos.

Também é um erro acreditar que crentes verdadeiros poderão voltar a uma vida de pecado. Essa é uma das premissas básicas de ambas as doutrinas que sustentam que perda da salvação existe. Mas, visto que o sistema que estamos agora avaliando prega que pecados (não importa quais sejam ou por quanto tempo alguém permaneça neles) não podem constituir motivo suficiente para precipitar a perda da salvação, logo outro erro resulta, a saber, a noção de que seja possível um crente viver em pecado sem, contudo, sofrer prejuízo em relação à sua salvação.

Na verdade, esse quadro revela uma confusão em relação ao que vem a ser fé salvadora. Os reformadores contendiam que Deus concede e sustenta nos crentes uma fé viva, que necessariamente produz obras. A justificação é pela fé somente, mas a fé que justifica nunca está sozinha. Por isso, viver de forma impenitente é prova de ausência de fé. Isso implica que as pessoas que retornam a uma vida de pecado exteriormente o fazem porque internamente elas não possuem fé autêntica.

Mas, conforme a doutrina agora sob nossa análise, possuir fé salvadora autêntica não impediria alguém de voltar ao pecado e se tornar um crente

incorrigivelmente desviado. Enfim, ficamos a especular sobre a condição da alma de alguém que largou o caminho de Deus, mas que não renunciou sua profissão de fé.

Isso gera um verdadeiro dilema. Se, por um lado, os que avançam essa doutrina disserem, em sua defesa, que é justamente o retorno a uma vida de pecado que constitui a renúncia da fé, então teremos que questionar se realmente existe alguma diferença fundamental entre sua posição e a doutrina de perda de salvação por pecado deliberado, a qual eles tanto criticam. Isso apenas levaria o debate a girar novamente em torno do critério correto para fazer com que um pecado se torne mortal.

Por outro lado, se disserem que é possível estar salvo enquanto se vive em pecado, temos outro problema, porque a intenção por detrás dessa doutrina não era criar uma licença para as pessoas viverem em pecado. Então, para evitar isso, eles passam a advertir que é preciso praticar boas obras, pois, do contrário, a fé entrará em colapso, resultando na perda da salvação. Assim, as obras continuam a desempenhar o papel vital de guardar a salvação do crente. De fato, não obstante a toda sua retórica contra uma doutrina que prega "Salvo pela fé e guardado por obras", Picirilli acaba admitindo que, em seu sistema, são as obras que mantêm uma pessoa salva, só que indiretamente.

> Não se pode duvidar que fidelidade, conduta correta, oração e obediência a Deus são exigidos dos cristãos, nem que eles sejam *importantes para o bem-estar espiritual dos cristãos e, eventualmente, para a sua perseverança*. Mesmo assim, esses elementos, aparentemente, precisam ser compreendidos como relacionados integralmente à fé, a qual é a única condição para a salvação. Em outras palavras, essas "obras" — se esse for o termo correto — são evidências da fé (para o cristão, talvez até *o meio pelo qual sua fé é fortalecida e sustentada*), mas é a fé e não suas evidências que salvam.[9] (ênfase do autor)

Ele está nos dizendo, essencialmente, que permanecemos salvos exclusivamente pela fé, mas ele não deixa de atribuir às obras a função de sustentar a fé. Isso inverte a relação entre fé e obras. Ao invés de fé produzir boas obras, isso faz com que a fé seja o resultado de obras. Consequentemente, o que mantém o cristão salvo são suas obras, pois quem não fizer obras acabará,

eventualmente, perdendo a salvação quando sua falha em praticar boas obras fizer sua fé definhar e morrer. Picirilli nos fez dar uma volta mais longa, mas acabamos voltando para o mesmo lugar.

O que fica claro é que nessa doutrina não é Deus quem concede aos salvos a fé e a perseverança. Pelo contrário, esse é o papel do homem, pois Deus nada fará para infalivelmente assegurar esses elementos indispensáveis para sua salvação. É nesse ponto que o homem tem que entrar com sua própria contribuição, e a forma como ele executa sua parte inclui a prática de boas obras (fidelidade, conduta correta, oração e obediência a Deus, etc.) para não perder a fé.

Também fica claro que essa doutrina não dá ao crente nenhuma garantia de que no futuro ele continuará a cumprir a "parte que lhe cabe", o que significa que por toda a sua vida ele será mantido na incerteza de sua salvação final, mesmo que ele tenha certeza de sua salvação no presente. Assim como no catolicismo, essa incerteza é considerada importante para impulsionar o crente a se esforçar para crescer espiritualmente a fim de vencer no final.

Precisamos reconhecer qual é o efeito real que isso tem sobre o crente. Isso faz com que o crente volte o olhar para si e não para Deus em relação aos aspectos que considera sua parte na salvação. Ele não confiará que Deus o guardará, a menos que ele primeiro guarde a si mesmo. Isso troca uma confiança na fidelidade imutável de Deus por uma confiança tênue em sua própria fidelidade incerta.

Isso também significa que o sucesso de quem chega ao céu depende, em certa medida, dele próprio e torna-se inevitável que, nessa mesma medida, a glória da salvação deve ser repartida a ele, ao invés de ser atribuída exclusivamente a Deus. Portanto, essa proposta doutrinária falha por ser inconsistente com o princípio bíblico de que a salvação é pela graça somente (*Sola Gratia*).

3. O ensino que declara ser possível para um cristão viver em pecado e até abandonar a fé sem, contudo, perder a salvação está "na moda" em alguns círculos. R. T. Kendall resume essa posição sucintamente:

> O que aconteceria se uma pessoa salva cair no pecado, permanecer em pecado e for encontrado nessa exata condição quando morrer? Ela ainda irá para o céu? A resposta é sim [...] Portanto, eu afirmo categoricamente que a pessoa que for salva — que confessar que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos — irá para o céu quando morrer, não importa que obras (ou falta de obras) venham a acompanhar tal fé.[10]

Não é de hoje que calvinistas são acusados falsamente de ensinar isso, mas só recentemente surgiram defensores dessa grotesca caricatura do calvinismo, particularmente entre os que negam que a submissão ao senhorio de Cristo é um elemento essencial da conversão.

Talvez os únicos grupos do passado que teriam concordado com esse ponto de vista seriam os grupos antinomianos[11] que apareceram de tempos em tempos, ao longo da história. Entretanto, diferentemente daqueles que, a rigor, chamamos de antinomianos, os promotores desse ponto de vista não são indiferentes ao se viver ou não no pecado. Eles tipicamente procuram viver piedosamente e pregam que perseverar na prática do bem é desejável e ordenado por Deus, mas ensinam que os crentes que deixarem de fazê-lo, continuarão salvos assim mesmo. Isso surge de um esforço de manter o lema "uma vez salvo, salvo para sempre", em conjunto com um entendimento arminiano da conversão.

A pressuposição básica para esse ponto de vista é a doutrina do livre arbítrio, que ensina que a transformação interna do homem (a regeneração) não é necessária para que alguém venha a Cristo. Uma vez que conversão é definida como uma escolha humana que acontece independentemente de uma mudança essencial na natureza do indivíduo, a conclusão de que essa decisão pode se reverter segue naturalmente.

Por isso, os defensores desse ponto de vista concordam em pelo menos uma coisa com todos aqueles que creem na perda da salvação: eles todos partem da pressuposição de que pessoas convertidas não só podem voltar a viver em pecado ou apostatar da fé completamente, como, de fato, em alguns casos realmente o fazem. O que distingue esses que surgiram mais recentemente é

que eles ainda querem crer que Deus mantem seu perdão, uma vez concedido, independentemente do que o indivíduo venha a fazer.

Mas nesse caso, como eles lidam com as exortações bíblicas à perseverança e às admoestações contra a apostasia? Sua explicação típica é que essas passagens nada têm a dizer sobre a salvação, mas que sua mensagem é avisar que aqueles que não perseverarem apenas deixarão de receber recompensas e galardões na eternidade que são distintos da salvação da alma. Assim, eles seguem o velho raciocínio arminiano de que os avisos contra a apostasia deixam implícito que alguns crentes verdadeiros abandonam o caminho estreito, mas introduziram uma nova interpretação quanto ao que está realmente em jogo. Eles argumentam que a perda sobre a qual somos avisados se limita a uma redução do número de recompensas que o indivíduo poderia acumular para usufruir na eternidade. Ou seja, eles se alinham com o arminianismo clássico em sua crença de que os santos nem sempre perseveram e concederiam que a doutrina da perda de salvação estaria correta, se não fosse pelo fato de considerarem a perseverança como desnecessária para a vida eterna.

Graças ao trabalho árduo para divulgar essa interpretação, ela vem ganhando espaço entre os evangélicos. Em 1986, Robert Wilkin fundou a *Grace Evangelical Society*, uma fundação responsável por publicações e um *website* (*www.faithalone.org*) onde declara que sua missão é "focalizar a atenção do mundo inteiro na distinção entre a natureza gratuita da vida eterna e a natureza custosa das recompensas eternas".[12]

Alguns dos principais proponentes dessa posição têm sido Zane Hodges (autor de dois livros que defendem essa posição: *The Gospel Under Siege: A Study on Faith and Works* [Dallas: Rendención Viva, 1991] e *Absolutely Free! A Biblical Reply to Lordship Salvation* [Grand Rapids: Zondervan, 1989]), R. T. Kendall (autor do livro *Once Saved, Always Saved* [Chicago: Moody Press, 1983]) e Michael Eaton (autor de *No Condemnation: A New Theology of Assurance* [Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1995]).

Pontos fortes

Existe uma motivação dupla por trás dessa posição teológica que, em si, é nobre. Um alvo é fazer justiça às passagens bíblicas que afirmam a segurança eterna de quem recebe a Cristo. O outro alvo é manter obras e méritos humanos completamente fora do evangelho da graça.

> Os que advogam essa visão se apercebem como os guardiões do evangelho, os únicos pregadores consistentes do evangelho da graça livre de Jesus Cristo e os campeões que se opõem aos outros que introduzem a ideia de merecer ou conquistar a salvação.[13]

Ainda assim, a doutrina é tão fraca que hesitamos em falar que ela propriamente tenha pontos fortes. Fica claro que seus proponentes querem, a todo custo, evitar o ensino de salvação por obras, mas fazem isso de uma forma um tanto desastrada que acabam subvertendo outros aspectos da mensagem do Evangelho e, ao mesmo tempo, fracassando ao excluírem completamente as obras humanas do seu sistema.

Esse é o caso, em primeiro lugar, porque não explicam como a fé pode surgir inicialmente sem ser considerada uma obra humana, especialmente porque insistem com tanta veemência que requerer fé contínua após a conversão seria pregar salvação por obras. Em segundo lugar, essa doutrina nega a verdade bíblica patente que fé salvadora resulta em obras. E conquanto seja verdade que eles procuram ressaltar o ensino bíblico que Cristo não perde a nenhum dos seus, ainda assim, eles caem numa posição extremista por manter esse aspecto da doutrina calvinista isoladamente dos seus outros aspectos, que implicam na necessária perseverança dos santos. Elogiar tal meia-verdade cria certo constrangimento, algo comparável ao que sentiríamos ao parabenizar a cristologia do liberalismo por afirmar a verdadeira humanidade de Cristo.

Pontos fracos

É impossível sustentar esse ensino sem fazer violência às muitas passagens bíblicas que falam da necessidade da perseverança e os avisos claros aos que vivem no pecado de que eles não herdarão o reino de Deus (1 Coríntios 6.9-10;

Gálatas 5.19-21; Efésios 5.5-6; Apocalipse 21.8; etc.). Essa contradição da Bíblia resulta em graves males.

O mais óbvio é que promove uma falsa segurança. Não são poucos os que hoje acreditam que estão salvos porque um dia fizeram uma profissão de fé, mas que não estão seguindo a Cristo. Talvez eles ouviram que sua condição é a de um "crente carnal", ou que já receberam a Cristo como salvador, embora ainda lhes falte receber a Cristo como senhor. Acomodados por meio desse ensino, eles não estão alarmados com a presença de pecado deliberado persistente em suas vidas.

Aqueles que vivem no pecado não estão salvos e precisam saber disso. O que está em jogo não é o número de galardões que receberão e, sim, o destino eterno de suas almas. Eles precisam fugir da ira vindoura, precisam buscar ao Senhor enquanto se pode achar, e é o dever da igreja de Cristo adverti-los a esse respeito. Temos, como igreja, que avisar ao perverso que morrerá em seu pecado, se não se converter do seu mau caminho (Ezequiel 33.8), do contrário nos tornaremos como atalaias cegos ou cães mudos que não podem ladrar (Isaías 56.10).

A Bíblia diz que a fé que não produz obras é morta. Diz ainda que quem alega ter fé, sem ter obras, na verdade, não tem fé (Tiago 2.17). Acreditar que fé morta pode salvar não é crer em justificação pela fé, é crer em justificação sem fé. Alguns estariam dispostos a assumir isso e dizem que um crente pode mesmo apostatar da fé e continuar salvo sem qualquer tipo de fé. Conforme essa teoria, há descrentes salvos! O dr. John Gerstner observou que, ao invés da perseverança dos santos, essa doutrina ensina a preservação dos ímpios.[14]

Outro perigo está na forma que a pregação do evangelho é afetada pela persuasão de que a fé temporária garante a salvação eterna. Isso abre as portas para todo tipo de manipulação no evangelismo e tende a diluir a mensagem, omitindo seus elementos ofensivos. Pregar o evangelho é pregar o caminho estreito, é pregar arrependimento para remissão de pecados, é chamar homens e mulheres a negarem a si mesmos, tomarem a cruz e seguirem a Cristo até o fim. Pode não ser o que o mundo quer ouvir, mas o evangelho é isso.

Ensinar que alguém pode ser salvo sem seguir a Cristo até o fim é deturpar o evangelho. Os que o fazem estão advogando fé sem obras, perdão sem arrependimento, segurança sem perseverança e cristianismo sem carregar a cruz. Esse tipo de mensagem fortalece as mãos dos malfeitores, para que não se convertam cada um da sua maldade (Jeremias 23.14).

Apesar das reivindicações que os promotores desse ponto de vista fazem de serem os únicos pregadores consistentes do evangelho da graça livre de Jesus Cristo e os campeões que se opõem aos outros que introduzem a ideia de merecer ou conquistar a salvação, não é em sua doutrina que encontramos o ensino bíblico de salvação pela graça somente (*Sola Gratia*). A Bíblia, sem dúvida, se opõe a qualquer doutrina de autossalvação. Ela ensina enfaticamente que o homem não pode fazer nada para se salvar. Mas isso não é incoerente com o ensino bíblico que os que entram na vida eterna são os que creem em Cristo e perseveram em fé e santificação.

A chave é entender como opera a graça divina. A graça não é ativa somente na corte divina tornando o perdão de Deus uma realidade; a graça atua também no próprio homem. É a operação da graça de Deus que traz o pecador a Cristo, convertendo seu coração e concedendo o dom da fé. Essa mesma graça continua a operar no crente até o fim de sua vida, resultando em uma vida de santificação progressiva. O plano de Deus para o seu povo inclui boas obras, nunca como o critério da salvação, é claro, mas sempre como o seu fruto, e isso sem nenhuma exceção. "Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas" (Efésios 2.10).

A salvação é pela graça exatamente por isso, porque somente a graça de Deus pode transformar um pecador em um santo. Um ser humano caído nunca irá se levantar, se converter e seguir a Cristo até o fim de sua vida, a menos que Deus faça isso acontecer por pura graça. Mas ser salvo por Deus significa justamente isso. Significa ser tomado pela graça divina, ser transformado em um santo e ser guardado pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo.

> Jesus é o "Autor e Consumador de nossa fé". A palavra autor (*archégos*) significa que Jesus é o "criador" ou "fundador" de nossa fé. Em outras palavras, nossa fé é um dom de Deus. Não é somente a nossa fé que vem dele, mas ele também sustém nossa fé; ele é também o "Consumador", ou seja, aquele que completa a nossa fé. Dizer que nós temos que correr o percurso até o fim jamais poderia ser chamado de justiça por obras desde que tal fé perseverante é, em última análise, um dom de Deus![15]

Após essas considerações, chegamos à doutrina reformada:

4. A doutrina reformada da perseverança dos santos continua a ter o apoio de muitas igrejas. Historicamente ela tem sido a doutrina oficial de várias igrejas, inclusive das denominações Presbiteriana, Batista e Congregacional.

Neste estudo buscaremos demonstrar que ela está correta. Ela não sacrifica uma verdade bíblica por outra. Ela afirma que somente os que perseverarem na fé até o fim serão salvos, mas não admite a perda da salvação, porque compreende que, pela graça de Deus, todos os santos perseveram. Essa é a doutrina da perseverança dos santos.

---

1. Em tal sistema, uma pessoa poderia estar dentro e fora da salvação repetidamente durante toda a sua vida, de modo que um indivíduo que certamente iria para o céu, desde que falecesse agora, acabaria indo para o inferno se sua morte fosse adiada até quarta-feira da próxima semana, mas não se a morte esperasse mais duas semanas, até que essa mesma pessoa já estivesse redirecionada, mais uma vez, ao céu; isto é, pelo menos até o momento em que cometesse seu próximo pecado graúdo!

2. J. Steven Harper, *Four Views on Eternal Security* (Grand Rapids: Zondervan, 2002), p. 240.

3. Ibid., p. 237.

4. Norman L. Geisler, *Four Views on Eternal Security* (Grand Rapids: Zondervan, 2002), p. 83.

5. Stephen M. Ashby, *Four Views on Eternal Security* (Grand Rapids: Zondervan, 2002), p. 187.

6. Ibid., p. 186.

7. Robert E. Picirilli, *Grace, Faith, Free Will* (Nashville: Randall House, 2002), p. 204.

8. Ibid., p. 205.

9. Ibid., p. 205.

10. R. T. Kendall, *Once Saved, Always Saved* (Chicago: Moody Press, 1983), pp. 50-53.

11. Antinomianos são aqueles que consideram desnecessário obedecer à lei moral de Deus.

12. Thomas R. Schreiner and Ardel B. Caneday, *The Race Set Before Us* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2001), pp. 24-25.

13. Ibid., p. 25.

14. John H. Gerstner, *Wrongly Dividing the Word of Truth: A Critique of Dispensationalism* (Brentwood: Wolgemuth and Hyatt Publishers, 1991), 142ff.

15. Thomas R. Schreiner e Ardel B. Caneday, *The Race Set Before Us* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2001), p. 314.

1
AQUELE QUE PERSEVERAR ATÉ O FIM SERÁ SALVO

> Agora não estou a discorrer do início da fé (...) e sim da perseverança que é necessário ter até o fim, a qual os santos que fazem a vontade de Deus certamente buscam quando oram, "faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu (...) e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal." Sempre que os santos assim oram, são encontrados orando por perseverança; visto que ninguém chegará à bem-aventurança sublime que é seu reino, a menos que na terra persevere até o fim naquela santidade que recebeu.[1] (Agostinho, 429 d.C.)

Que mensagem está sendo pregada nas igrejas hoje? Estamos ouvindo uma ênfase devida quanto à necessidade da perseverança? A julgar do que algumas pessoas estão falando, o conceito de "uma vez salvo, salvo para sempre" vem acompanhado, em algumas mentes, de um subentendido "perseverando na fé ou não".

Ouvimos uma mãe pedindo oração: "Meu filho está longe das coisas de Deus, mas eu sei que ele é salvo, porque eu me lembro do dia em que ele aceitou Jesus em seu coração". Recebemos notícia de que um membro de uma igreja saiu e se juntou a uma seita herética, mas nosso informante se apressa em dizer: "Eu lhe disse que, se ele não voltar, ele perderá todos os seus galardões, ainda que não sua salvação". Um pastor recebe um pedido de pregar num enterro e, não havendo conhecido o falecido, pergunta se era convertido. A resposta é: "Sim, faz muitos anos que ele se afastou da igreja, mas ele se converteu e foi batizado quando jovem."

Casos como esses revelam que há muita confusão nas igrejas hoje quanto à necessidade da perseverança. Quem dera tudo não passasse de um mal-entendido que seria inevitavelmente corrigido tão logo essas pessoas compreendessem melhor o que realmente está sendo ensinado em suas igrejas.

Mas não é o caso. O que está sendo ensinado em muitas igrejas é exatamente isso.

Trata-se de uma compreensão fundamental que uma conversão verdadeira se comprova nos frutos, sendo a perseverança um dos frutos. A crença de que a perseverança até o fim é necessária para a salvação era tão uniforme na igreja primitiva que Agostinho declara, sem medo de contradição, que essa era uma matéria de consenso entre todos os cristãos de seu tempo. Mesmo que um crente tenha servido a Cristo por 30 anos, estaria perdido se viesse a apostatar um dia antes de morrer, afirma.

> Qual o cristão que se atreve a negar que o justo estará em descanso, quando for arrebatado pela morte? Que pessoa de fé ortodoxa pensaria o contrário de quem isto afirmasse? Do mesmo modo, se alguém disser que um justo, violando a santidade na qual perseverou por longo tempo e falecendo na impiedade, na qual viveu, não digo um ano, mas um dia, não incorreria nas penas devidas aos réprobos, de nada lhe aproveitando as virtudes do passado? Qual o fiel que se oporia a esta verdade tão evidente?[2]

Não poderíamos dizer o mesmo em nossos dias. No cenário atual, há oposição a essa verdade tão evidente. Na década de 1980 surgiu a controvérsia entre os dispensacionalistas sobre o senhorio de Cristo na salvação, por alguns defenderem abertamente que uma pessoa pode ser salva sem renunciar o pecado. Esse ensino errôneo é refutado nas obras *O Evangelho Segundo Jesus* (John MacArthur [São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1991]), e *Cristo, o Senhor: A Reforma e o Senhorio na Salvação* (editado por Michael Horton [São Paulo: Cultura Cristã, 2000]). Esse erro reflete diretamente sobre a doutrina da perseverança, pois se alguém crê que mudança de vida não é parte essencial da salvação, naturalmente acreditará também que retornar ao mundo após a conversão é inconsequente, em relação a continuar salvo.

Tentativas contemporâneas de negar a necessidade da perseverança

Esse erro reflete diretamente sobre a doutrina da perseverança, pois se alguém crê que mudança de vida não é parte essencial da salvação, naturalmente

acreditará também que retornar ao mundo após a conversão é inconsequente, em relação a continuar salvo.

Mas a confusão não se limita aos que negam o senhorio de Cristo na conversão. O conceito da segurança incondicional na salvação já vem gradualmente se espalhando nas igrejas há várias décadas e está sendo articulado por um número crescente de escritores evangélicos.

Lewis S. Chafer pode ter ajudado a abrir o caminho, ao enfraquecer a mensagem de textos que declaram a necessidade de perseverança. Por exemplo, ele argumenta que o texto "Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo" (Mateus 24.13) não se refere a ninguém de nossos dias, mas a pessoas vivas durante uma tribulação futura. "Esse verso se refere aos que sobrevivem à tribulação e são salvos por Jesus Cristo na sua segunda vinda."[3]

Sua interpretação entende a palavra "perseverar" nesse texto como sinônimo de sobreviver, como se dissesse apenas que quem permanecer vivo até o fim da tribulação será resgatado (salvo) dela pelo retorno de Cristo.

Tornou-se comum, entre os que seguiram essa interpretação, ressaltar que Mateus 24.14 não ensina que um crente precisa perseverar até o fim para ser salvo. Mas o que o texto significa é isso, sim. Uma comparação com o relato de Lucas nos mostra que o sentido das palavras que Jesus falou naquela ocasião não pode ser outro: "É na vossa perseverança que ganhareis a vossa alma" (Lucas 21.19).

Além disso, a palavra "mas" em Mateus 24.13 remete ao contexto anterior imediato:

> Então sereis entregues à tortura e vos matarão; e sereis odiados por todas as nações por causa do meu nome. Nesse tempo, muitos haverão de abandonar a fé, trair e odiar uns aos outros. Também surgirão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a maldade, o amor de muitos esfriará. Mas quem perseverar até o fim será salvo. (Mateus 24.9-13, A21)

O contexto revela Jesus alertando seus discípulos de que "muitos haverão de abandonar a fé". Diz que haverá perseguição, falsos profetas e grande aumento de iniquidade, fatores que causarão o esfriamento do amor de quase todos. "*Mas*", ele diz, "quem perseverar até o fim será salvo".

Em sua exegese do verso 13, Calvino destacou essa ligação necessária com o contexto:

> Por outro lado, Cristo requer de seus seguidores coragem tal, a ponto de persistir na batalha. Paulo também nos impõe a incumbência de *não esmorecer* na prática do bem (2 Tessalonicenses 3.13). Embora o amor de muitos venha a esfriar diante da inundação de iniquidades, Cristo adverte os crentes de que eles precisam vencer esse obstáculo. Do contrário, eles apostatarão, vencidos pelo mau exemplo. Por isso Ele repete a verdade que nenhum homem pode ser salvo *a menos que lute segundo as normas* (2 Timóteo 2.5), *perseverando até o fim.*[4]

A explicação que Spurgeon oferece também é útil:

> Novamente nosso Salvador lembra aos seus discípulos a responsabilidade pessoal de cada um em tempos de provação como esses que eles estavam prestes a atravessar. Ele quis lembrar-lhes que não é o homem que começa a corrida que recebe o prêmio, mas aquele que corre até o final. "Aquele que perseverar até o fim, esse". Se essa doutrina não fosse complementada por outra, não haveria boas novas em palavras como essas para os pobres santos militantes que são tentados e provados. Quem dentre nós perseveraria em correr a corrida celeste se Deus não nos guardasse de cair e não nos concedesse a graça de perseverar? Mas, bendito seja o seu Nome, "o justo segue o seu caminho" (Jó 17.9), e "aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus" (Filipenses 1.6).[5]

A tentativa de neutralizar essa mensagem bíblica da necessidade de perseverança não é justificada, e é até perigosa. A intenção de Cristo é mesmo de alertar que quem não perseverar até o fim não será salvo. É um aviso franco que ele quis que alcançasse todas as gerações de cristãos em alto e bom som. Lamentavelmente, outras vozes estão procurando abafá-la.

Uma dessas vozes mais altas é a de Zane Hodges, professor de teologia por 27 anos no Seminário Teológico de Dallas, que tem usado de sua influência na formação teológica de muitos pastores, e também através de livros, artigos e pregações gravadas, para propagar de forma enérgica a doutrina de segurança incondicional, até mesmo para "ex-crentes".

Um exemplo típico é sua mensagem gravada intitulada "*O perigo de não crescer*" em que ele propõe interpretar a passagem de aviso contra apostasia em

Hebreus 6. Sua tese é que o texto trata de crentes reais que continuam salvos, apesar de abandonarem a fé. Ele ilustra contando uma experiência pessoal:

> Tenho um amigo, aliás, mais que um amigo, um companheiro no ministério bíblico que ajudou no grupo que é hoje a Capela Bíblica da Rua Victor. Esse amigo caiu, abandonando a fé cristã [...] Havia se formado na *Bob Jones University* e no *Dallas Theological Seminary*. Na época em que ele se mudou de Dallas, sua esposa contraiu uma doença muito séria que piorou progressivamente nos anos seguintes deixando-a completamente inválida. Depois que ela morreu eu tive a oportunidade de visitá-lo. Ele hoje mora no centro-oeste americano e dá aula de história antiga numa universidade secular. Ali, sentados na sala de sua casa, conversando comigo face a face, ele me disse francamente, mas bem gentilmente, que não mais professava ser um cristão, e que não acredita mais nas coisas que ele havia pregado e ensinado no passado.
>
> A situação era pior do que ele deu a entender. De outras fontes, tomei conhecimento que ele ridiculariza e zomba da fé cristã em suas aulas no campus universitário. Durante a minha visita, fiquei pesaroso porque me era impossível convencê-lo a mudar. Era impossível fazê-lo voltar àquelas convicções que um dia tivera. Era impossível renová-lo ao arrependimento. Quer ver uma pessoa que é mais difícil para se lidar que um perdido? Encontre alguém assim [...]
>
> Oh, como é uma desgraça para um homem ter conhecido e pregado a verdade e depois negá-la! Ele expôs o Filho de Deus à ignomínia! "Bem", você diz, "suponho que agora ele esteja indo para o inferno, não é mesmo? Suponho que seu destino será a condenação eterna. Afinal, ele renunciou sua fé em Cristo." Espere aí. Eu não disse tal coisa, e o autor de Hebreus também não. Deixe-me lembrá-los do que Jesus disse. "Eu sou o pão da vida. O que vem a mim jamais terá fome e o que crê em mim jamais terá sede." Ele também disse, "O que vem a mim de modo nenhum lançarei fora." A vontade de Deus é que nenhum ele perca (João 6.37-40). Até hoje ele nunca perdeu alguém, e isso nunca acontecerá. Eu lamento o fato que meu amigo e irmão em Cristo perdeu sua fé, mas Cristo não o perdeu. Ele perdeu sua fé, mas ele não foi perdido por Cristo. Você crê na graça de Deus?[6]

Sua pergunta no final do relato cristaliza seu modo de argumentar. A salvação é pela graça; ou seja, é um favor imerecido. Baseando-se nisso, ele contende que se o crente tiver que fazer algo após sua conversão para continuar salvo, qualquer coisa que seja, isso torna sua salvação condicional às suas obras, e "se é pelas obras já não é pela graça, do contrário, graça não é mais graça" (Romanos 11.6).

Daí ele deduz que uma vez que alguém tenha crido no evangelho, nada mais terá que fazer para continuar salvo, nem mesmo continuar a crer, e chega a acusar quem rejeita a sua conclusão de negar que salvação é pela graça.

É realmente surpreendente que ele não perceba a incoerência inerente ao seu pensamento. Se essa lógica for válida, deve ser aplicada igualmente ao ato inicial de crer. Se crer em Cristo, em qualquer tempo, constitui-se uma obra meritória, isso não poderia ser um requerimento para a salvação pela graça, nem depois da conversão, nem antes. Isso significaria que qualquer pessoa (inclusive Hodges) que prega que o incrédulo precisa crer em Cristo para ser salvo inicialmente teria que se calar diante da mesma objeção.

Mas é claro que somente quem crer em Cristo como salvador será salvo, e quem não crer será condenado (Marcos 16.16). Até Hodges admite isso. Se crer em Cristo como salvador é um ingrediente necessário para a salvação inicial, e isso não é incoerente com salvação pela graça, pelo mesmo critério, não pode ser contraditório à salvação pela graça o requerimento de continuar a crer em Cristo após a conversão. E já que verdadeira fé sempre produz obras, aquele que continua a crer nunca deixará de produzir bons frutos, mesmo que esses não sejam levados em conta para estabelecer sua justiça diante de Deus.

Crer em Cristo é necessário para ser salvo, e o crente precisa permanecer na fé. Por isso também a Bíblia diz que somos guardados para a salvação futura pelo poder de Deus, *mediante a fé* (1 Pedro 1.5).

A posição de Hodges é insustentável diante da Bíblia. Para defendê-la ele se vê obrigado a lançar interpretações inéditas para vários textos. Vejamos alguns textos e como ele os entende:

> Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus. (1 Coríntios 6.9-10)
>
> Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glutonarias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já, outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam. (Gálatas 5.19-21)

Para não admitir que esses textos excluem da vida eterna os que vivem no pecado, Hodges e seus colegas propõem uma distinção entre herdar o reino de Deus e ser salvo. “Não há dificuldade alguma em falar de pessoas vivendo no

Reino de Deus sem serem os herdeiros desse Reino [...] Os herdeiros do Reino são os donos, não meramente os seus habitantes ou cidadãos."[7]

Seu companheiro Joseph Dillow reforça dizendo que "Todos os cristãos entram no reino, mas nem todos que ali entram reinarão, ou seja, nem todos herdarão [...] Tendo sido justificados, estarão presentes no reino; porém, não herdarão o reino [...] Há uma diferença entre residir no reino e herdá-lo."[8]

Essa leitura, nada natural, dessas passagens não resiste a uma comparação com o resto das Escrituras, onde comprovamos que ser salvo significa tornar-se um herdeiro do Reino de Deus e que todos os salvos são herdeiros do Reino:

> Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados. (Romanos 8.17)
>
> E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa. (Gálatas 3.29)
>
> A fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna. (Tito 3.7)
>
> Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre *todos* os que são santificados. (Atos 20.32)
>
> Para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim. (Atos 26.18)
>
> Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados. (Hebreus 9.15)

Sendo assim, não resta outra conclusão senão que pessoas cujas vidas são caracterizadas pela prática impenitente das obras da carne irão para o inferno. Não podemos aceitar outra interpretação. Esses versos têm aplicação universal e nos mostram que só poderemos crer que todos os salvos estão salvos para sempre se tivermos motivos seguros para crer que os salvos nunca voltam a ser impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores, embora tenham sido tais no passado (1 Coríntios 6.9-11).

Vários textos nas epístolas de João criam embaraço para Hodges, pois afirmam explicitamente que todo aquele que hoje vive em pecado jamais viu a

Deus, nunca conheceu a Deus e não procede de Deus:

> Amado, não imites o que é mau, senão o que é bom. Aquele que pratica o bem procede de Deus; *aquele que pratica o mal jamais viu a Deus*. (3 João 1.11)
>
> Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu. (1 João 3.6)

A fim de defender sua posição diante desses textos, Hodges é obrigado a dizer que ver a Deus e conhecer a Deus representa uma dimensão da vida cristã que não é atingida por toda pessoa que possui vida eterna. Mas nos escritos de João a vida eterna é definida nestes termos: "E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17.3).

Quando lido em seu contexto, percebemos que 1 João 3.6 procura estabelecer a diferença que existe entre aquele que é nascido de Deus e quem é filho do diabo, para que possamos distingui-los.

Veja, por exemplo, o que segue ao texto:

> Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo. Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus. Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo aquele que não pratica justiça não procede de Deus, nem aquele que não ama a seu irmão. (1 João 3.8-10)

A linguagem é inconfundível para quem a lê com a devida atenção. Aquele que procede de Deus não vive pecando, enquanto aquele que vive pecando procede do diabo. Tendo dito isso, João nos afirma que podemos através disso discernir quem é filho de Deus e quem é filho do diabo, pois é assim que se manifesta quem é um ou o outro. A linguagem "procede de Deus" significa exatamente isso, ser nascido de novo e tornar-se filho de Deus. Portanto, só poderia ser verdade que existe gente salva que vive em pecado se fosse verdade que existe filho do diabo que é salvo.

Outra interpretação inédita que encontramos em Hodges é sua tese de que aquilo descrito em Tiago 2.14 como fé morta já é o suficiente para salvar.[9]

Interpretações como essas não têm levado Hodges a ser marginalizado; a verdade é que ele não está só. Em 1990 Charles Stanley (pastor eminente com programas na rádio e televisão, presidente por dois mandatos da Convenção Batista do Sul nos EUA) publicou um livro popular sobre a segurança do crente, onde expressa apoio a Hodges:

> Em seu livro *Absoluteley Free* (Grand Rapids: Zondervan, 1989), Zane Hodges dedica um capítulo inteiro ao significado de naufragar na fé. Ele argumenta convincentemente que Satanás pode levar um crente a completamente naufragar na fé, mas que isso não afeta, de forma alguma, a segurança de sua salvação.[10]

Esse entendimento guia Stanley em toda sua abordagem. Em suas palavras: "A Bíblia ensina claramente que o amor de Deus pelo seu povo é tão imenso que até aqueles que abandonam a fé não correm o menor risco de escaparem de sua mão".[11] Stanley busca provas desse ponto de vista nas parábolas de Jesus. Conforme ele, a parábola do filho pródigo prova isso retratando um filho de Deus que volta para o mundo, sem, contudo, deixar de ser um filho.

> *Em sua mente, ele havia perdido todos os direitos de filho.* Ele acreditava que por ter abandonado seu pai e desperdiçado sua herança, ele havia abdicado de sua posição na família. Porém, seu pai não pensava assim de forma alguma. Para ele, *uma vez um filho, sempre um filho* [...] Ele não disse: "Este era meu filho, e agora voltou a ser meu filho". Pelo contrário, não há indicação nenhuma que o *relacionamento* foi rompido, o resultado foi somente uma brecha na *comunhão*.[12]

É curioso que outros tenham utilizado essa mesma passagem para provar a perda da salvação. Eles apontam para o final da parábola como evidência de que o filho pródigo estava perdido durante sua rebelião e, portanto, só voltou a ser salvo quando se arrependeu e voltou ao pai. As palavras exatas da Escritura são: "Entretanto, era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque esse teu irmão *estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado*" (Lucas 15.32).

Quem está com a razão aqui? Na realidade, ambas essas interpretações falham porque partem de um pressuposto errado. O filho pródigo não retrata um filho de Deus que se rebela e se afasta do Pai Celeste. Só porque alguém é

um filho no simbolismo da parábola não significa que ele representa um filho de Deus. A analogia não é essa.

Lembre-se de que o filho mais velho representa pessoas cheias de justiça própria, como os fariseus, que nunca creram em Cristo e nunca foram filhos de Deus. Nessa parábola Jesus está ilustrando a conversão de pessoas, como os publicanos e pecadores do contexto (Lucas 15.1), que só se convertem após uma vida de pecado notório. Essa parábola não tem nada a nos dizer nem sobre continuar salvo em meio a uma vida entregue ao pecado nem sobre perder temporariamente a salvação.

Stanley comete um erro parecido com a parábola dos talentos (Mateus 25.14-30) onde ele assume que todos os três personagens representam crentes genuínos porque são chamados de "servos". Por isso, em sua missão de provar que não há perda da salvação, ele sente que de alguma forma precisa provar que o servo mau e negligente foi salvo no final, apesar da sua condenação: "E o servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes" (Mateus 25.30).

Stanley argumenta que não se trata de uma sentença para o inferno, e sim para um lugar dentro do reino de Deus, mas separado das honras e do lugar onde ficarão homens e mulheres que foram fiéis na terra.

> Certamente a parábola não se refere ao inferno [...] Não há menção de dor, nem fogo, nem vermes. Claramente esse lugar não é o inferno [...] *O reino de Deus não será o mesmo para todos os crentes* [...] Alguns reinarão com Cristo enquanto outros não. Alguns serão ricos no reino de Deus enquanto outros serão pobres.[13]

Conforme Stanley interpreta, os crentes fiéis entrarão no gozo do Senhor, enquanto outros ficarão chorando e rangendo os dentes nas trevas, em algum lugar dentro do reino de Deus!

Porém, quando examinamos os evangelhos descobrimos que para Jesus o lugar de "trevas" onde "haverá choro e ranger de dentes" é a fornalha acesa do inferno para onde vai o joio (Mateus 13.42), é onde os maus são lançados (Mateus 13.50), é o destino dos que não são revestidos da justiça de Cristo (Mateus 22.13), é o lugar daqueles que são chamados, mas não escolhidos

(Mateus 22.14), é a sorte dos hipócritas (Mateus 24.51), é a experiência dos que veem a Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas no reino de Deus, mas são eles mesmos lançados fora desse reino (Lucas 13.28). A sentença do servo mau refere-se mesmo à condenação eterna.

O que deveria ser entendido facilmente é que o retrato do servo mau e inútil não busca ilustrar um cristão autêntico e, sim, um hipócrita. Todo cristão real produz bons frutos. Toda árvore, pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Não fazemos objeção aqui ao conceito de que há cristãos mais fiéis que outros e que a Bíblia fala de recompensas e galardões além da salvação (cf. Lucas 19.12-27). Porém, é um erro considerar o privilégio de reinar com Cristo algo distinto da salvação. E ainda que haja um que se assente à direita e outro à esquerda de Cristo, nenhum dos salvos será pobre no reino dos céus.

Stanley apresenta alguns textos para sustentar sua posição. Em Lucas 12.33 Jesus disse que devemos fazer para nós mesmos "bolsas que não desgastam, tesouro inextinguível nos céus, onde não chega o ladrão, nem a traça consome". Stanley considera que esse texto ensina, por inferência, que só alguns serão ricos no céu. Outro texto que utiliza é 2 Timóteo 2.11-13, onde lemos:

> Fiel é esta palavra: Se já morremos com ele, também viveremos com ele; se perseveramos, também com ele reinaremos; se o negamos, ele, por sua vez, nos negará; se somos infiéis, ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo.

Em seu entendimento, aqueles que não perseveram chegam ao céu, mas não poderão reinar. A frase "Ele por sua vez nos negará" explica, se limita a Cristo negar certas recompensas aos que o negam, e que nada tem a ver com a salvação, em si.

Norman Geisler concorda com essa interpretação e comenta:

> Alguns arminianos entendem essas palavras como que dizendo que se crentes negarem a Cristo, ele lhes negará o céu. Porém, esse não é o sentido correto. O contexto imediato revela que Paulo está falando sobre Deus nos negar uma *recompensa*, não a salvação. Veja a frase anterior: "se perseveramos, também com ele reinaremos". Reinar é uma questão de recompensa (cf. Apocalipse 20.6; 22.12), não de salvação. A salvação continuará intacta ainda que alguém perca

> sua recompensa (cf. 1 Coríntios 3.15). Além disso, o versículo seguinte deixa claro que não se pode perder a salvação ao declarar: "Se somos infiéis, ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo" (2 Timóteo 2.13).[14]

Stanley ainda compara a salvação com o receber uma tatuagem que, uma vez feita, não pode ser revertida, mesmo que a pessoa que a receber se arrependa imediatamente, e continue a odiar a tatuagem pelo resto de sua vida.[15] Geisler advoga o mesmo conceito por meio de outra ilustração: "Algumas decisões na vida são irreversíveis; nada pode reverter seu efeito. Suicídio é um exemplo. Dizer 'Que mancada!' após pular de um precipício não reverte o efeito da decisão."[16]

Geisler recomenda o livro de Stanley, mas hesita em dar apoio irrestrito a sua posição: "Charles Stanley está errado em afirmar que alguém que deixa de crer em Cristo é verdadeiramente uma pessoa salva. Essa visão, que tem sua origem em Zane Hodges, falta apoio bíblico."[17] Porém, ao mesmo tempo, faz declarações que dão a entender que um momento de decisão por Cristo é sim suficiente para garantir salvação eterna, quer haja fé duradoura ou não.

> Portanto, o ato de crer, que constitui a condição para receber o dom da salvação, pode muito bem ser um momento de decisão. [...] Se um ato inicial de fé não fosse suficiente para salvação, mas fosse necessário um processo contínuo de fé dali para frente, não haveria lugar para as Escrituras declararem que qualquer pessoa já tenha recebido o dom da vida eterna como posse presente, mas elas declaram exatamente isso.[18]

Se a posição de Geisler não é idêntica à posição de Stanley e Hodges, apontar onde as diferenças se encontram passa a ser uma tarefa difícil. Afinal, ele claramente acredita ser possível desacatar os avisos solenes contra apostasia no livro de Hebreus e chegar ao céu do mesmo jeito, com prejuízo apenas a seu crescimento espiritual. Veja seu comentário dos seguintes versos:

> Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos. (Hebreus 2.1)
>
> Cristo, porém, como Filho, em sua casa; a qual casa somos nós, se guardarmos firme, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança. (Hebreus 3.6)

> Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos. (Hebreus 3.14)

Geisler alega que o contexto dessas passagens revela que o autor de Hebreus está falando sobre santificação progressiva e prática, não nossa posição perfeita em Cristo.[19]

> Assim como no caso dos outros avisos em Hebreus (veja 6.4-7; 10.26-29), o contexto estabelece que esses crentes são advertidos sobre perderem recompensas, não a salvação, pois esta é uma redenção eterna [...] A expressão "nos desviarmos das verdades ouvidas" não indica a perda da salvação. Estes e outros avisos no livro dirigidos aos mesmos ouvintes são advertências de que eles correm o risco de nunca chegarem à "maturidade" cristã.[20]
>
> Portanto, não há perda de salvação aqui. Antes é a perda da "maturidade" (6.1) e crescimento (5.13-14), que está em discussão no contexto.[21]

Mais uma vez, a Bíblia adverte solenemente:

> Porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectação horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários. Sem misericórdia morre pelo depoimento de duas ou três testemunhas quem tiver rejeitado a lei de Moisés. De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça? Ora, nós conhecemos aquele que disse: A mim pertence a vingança; eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo. Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo. (Hebreus 10.26-31)

Porém, Geisler nos tranquiliza e insiste:

> Por mais forte que essas palavras possam parecer, elas também não declaram que os indivíduos em questão poderão ficar sem a salvação, senão apenas que ficarão sem certas recompensas, como é o caso por todo o livro de Hebreus.[22]

Fica claro que para Geisler um crente verdadeiro pode se desviar das verdades ouvidas e não guardar firme a confiança até o fim. O pior, porém, é sua opinião de que continuará salvo do mesmo jeito se o fizer. Não podemos concordar que interpretações como essas lidam objetivamente com o texto bíblico, mas esse é

o método de interpretação que Geisler aplica consistentemente. Vejamos outros exemplos:

> E a vós outros também que, outrora, éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas, agora, porém, vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis, se é que permaneceis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro. (Colossenses 1.21-23)
>
> A menção de permanecermos na fé, alicerçados e firmes, deve ser interpretada assim: se continuarmos a viver a vida Cristã, seremos recompensados por Cristo quando nos apresentarmos no tribunal de Cristo. Outras passagens que falam sobre nos mantermos fiéis na vida Cristã também se referem à fidelidade que traz recompensas por serviço, e não ao dom da salvação. Um exemplo disso é a declaração de Jesus: "Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida." (Apocalipse 2.10).[23]

Isso tudo significa que, em sua perspectiva, um crente continuaria salvo mesmo se não permanecesse na fé, ou mesmo sem ser fiel até a morte. Ele crê que isso resultaria apenas na perda de recompensas ou galardões que poderia receber além da salvação, uma das quais seria "a coroa da vida".

É lamentável encontrarmos pregadores e escritores evangélicos propagando isso. A Bíblia ensina sim que somente quem permanece fiel a Cristo até a morte entrará no Reino de Deus. Intérpretes bíblicos sempre identificaram a coroa da vida com a própria vida eterna. Receber a coroa da vida é o mesmo que ser coroado com a vida eterna. As tentativas de reinterpretar as passagens acima não passam de um exercício fútil.

O esforço desses escritores em serem consistentes é admirável. No entanto, já que eles reconhecem que sua doutrina lhes obriga a formular esse tipo de interpretação, seria melhor que reavaliassem suas premissas, ao invés de segui-las até as últimas consequências.

Atribuir outro sentido para passagens como essas resulta em subverter o intento do texto. O erudito batista John Gill explica que as palavras de Colossenses 1.23 têm exatamente a missão de impelir os cristãos a perseverarem, lembrando-lhes de que apóstatas não participam da salvação:

> Fé e perseverança nela são meios necessários para que sejam apresentados santos, inculpáveis e irrepreensíveis; se não tivessem fé, ou se não permanecessem nela, ou se a boa obra da graça não fosse realizada em suas almas, e isto até o dia de Cristo, eles não poderiam ser apresentados santos e inculpáveis. Isso revela a necessidade da perseverança dos santos até o fim em fé e santidade, e é aqui mencionada com o objetivo de levá-los a atentarem a isso, fazendo uso de todo meio, sob a graça divina, para que venham a usufruí-la.[24]

É mais claro ainda que os avisos em Hebreus visam advertir contra desistência na difícil jornada cristã, sob pena de castigo eterno. Para quem não perseverar, não há sacrifício pelos pecados; há, antes, a expectação horrível de juízo e fogo vingador que o consumirá (Hebreus 10.26-27).

Embora Geisler não faça um estudo detalhado de Hebreus, ele nos convida a examinar o contexto maior das passagens citadas e nos assegura que quem o fizer descobrirá que as passagens de aviso buscam prevenir contra uma conduta que resultará na perda de crescimento espiritual, recompensas e galardões, sem referência alguma à salvação ou à perdição. Podemos aceitar o seu desafio.

O livro de Hebreus tem por objetivo advertir sobre uma renúncia ou um abandono da fé cristã em meio a dificuldades e perseguição. A tentação específica para os Hebreus na igreja era um retorno ao judaísmo. A epístola exorta a não fazer isso e alerta aos que o fizerem do que podem esperar.

Logo no capítulo dois o autor diz que voltar atrás é negligenciar a grande salvação que Cristo anunciou, vindo ao mundo. Diz ainda que não haverá escapatória para quem o fizer, tão certo quanto não escaparam do castigo divino aqueles que rejeitaram a lei dada por intermédio de Moisés. Sabemos que quantos rejeitaram a Palavra de Deus no Velho Testamento não foram contados como o povo da aliança. A linguagem de Hebreus intima que negligenciar a palavra falada por Cristo trará consequências ainda piores.

> Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos. Se, pois, se tornou firme a palavra falada por meio de anjos, e toda transgressão ou desobediência recebeu justo castigo, como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram; dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais,

> prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo, segundo a sua vontade. (Hebreus 2.1-4)

No capítulo três o autor da epístola adverte sobre endurecer o coração à semelhança dos que se rebelaram contra a direção divina no deserto. A incredulidade deles foi punida em não poderem entrar na terra prometida. Semelhantemente, Deus nos fala de uma Terra Prometida onde nós encontraremos descanso. Ele nos preparou uma cidade, uma pátria superior, isto é, celestial (11.16). Por isso, resta um repouso para o povo de Deus (4.9), pois resta ainda entrar naquele descanso que só pode ser usufruído quando alcançarmos nossa habitação eterna.

Mas assim como a incredulidade por parte dos israelitas impediu muitos deles de entrarem na Terra Prometida e no descanso que Josué lhes deu, a incredulidade também impedirá de entrar no descanso da Terra Prometida a que Cristo está conduzindo. Um coração que se revelar incrédulo apostatando, se afastará do Deus vivo e falhará em entrar no descanso de Deus. O recado é que quem não perseverar não entrará na Terra Prometida, ou seja, não verá a vida eterna.

> Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que *vos afaste do Deus vivo*; pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado. Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos. (Hebreus 3.12-14)
>
> *Temamos, portanto, que, sendo-nos deixada a promessa de entrar no descanso de Deus, suceda parecer que algum de vós tenha falhado*. Porque também a nós foram anunciadas as boas-novas, como se deu com eles; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé naqueles que a ouviram. *Nós, porém, que cremos, entramos no descanso*, conforme Deus tem dito: Assim, jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso [...] Esforcemo-nos, pois, por entrar naquele descanso, a fim de que ninguém caia, segundo o mesmo exemplo de desobediência. (Hebreus 4.1-11)

A advertência fortíssima do capítulo dez é seguida da afirmação categórica que Deus não se agrada de quem retroceder e que quem retrocede o faz para a perdição.

> Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão. Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa. Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará; todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma. Nós, porém, não somos dos que *retrocedem para a perdição*; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma. (Hebreus 10.35-39)

Uma coisa está perfeitamente clara: não perseverar resulta em perdição. Consequentemente, quem não perseverar na fé não verá a vida eterna. O texto bíblico não nos permite chegar a outra conclusão. O emprego da palavra "galardão" (*v. 35*) não procura fazer uma distinção entre a salvação que é gratuita e algum tipo de recompensa extra. Nesse contexto, a salvação é chamada de "grande galardão" para sublinhar seu valor inestimável, sem trazer qualquer conotação de mérito e retribuição.

A necessidade absoluta da perseverança

Tudo isso comprova aquilo que os cristãos por toda a história sempre tiveram como matéria de consenso: que os santos precisam necessariamente perseverar para entrarem na glória. A frase "a perseverança dos santos" é mencionada duas vezes no Apocalipse:

> Foi-lhe dado, também, que pelejasse contra os santos e os vencesse. Deu-se-lhe ainda autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação; e adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra, aqueles cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo. Se alguém tem ouvidos, ouça. Se alguém leva para cativeiro, para cativeiro vai. Se alguém matar à espada, necessário é que seja morto à espada. *Aqui está a perseverança e a fidelidade dos santos*. (Apocalipse 13.7-10)
>
> Seguiu-se a estes outro anjo, o terceiro, dizendo, em grande voz: Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na fronte ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome. *Aqui está a perseverança dos santos*, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus. (Apocalipse 14.9-12)

Ambas as passagens usam a frase "*Aqui está* a perseverança". No Apocalipse, essa estrutura é usada para expressar que a realidade ali descrita chama por, ou exige, perseverança:

> Sendo que o sofrimento é o caminho inevitável da igreja chegar à glória, os santos têm que demonstrar fé duradoura. A fórmula "aqui está" em Apocalipse identifica a resposta certa para a verdade que a precede. É como se João estivesse dizendo, "O que essa situação requer é [...]" Veja Apocalipse 13.18 ("Aqui sabedoria é preciso" para calcular o número e o nome da besta); 14.12 ("Aqui perseverança dos santos é preciso", já que os dias de seus inimigos [Babilônia e as bestas] estão contados); 17.9 ("Aqui uma mente que possui sabedoria é necessária" para decifrar o simbolismo da besta que carrega a meretriz).[25]

A mensagem em Apocalipse 13.10 é que os cristãos não podem sucumbir à pressão de adorar a besta, não importa quanto seja custoso resistir. A recusa pode significar cativeiro ou morte, mas não há alternativa. Requer-se a perseverança e a fidelidade dos santos. Apocalipse 14.12 adverte, igualmente, que perseverar é preciso, porque quem negar a Cristo e adorar a besta será atormentado eternamente no lago de fogo.

O que a Bíblia está dizendo é que Deus requer perseverança dos crentes, mesmo nas circunstâncias mais adversas. Isso não significa que existe a perda da salvação. Os que cedem e adoram a besta são os que não tiveram seus nomes inscritos no Livro da Vida (13.8). A necessidade da perseverança anda de mãos dadas com a verdade bíblica que todo crente genuíno persevera, assunto que abordaremos mais adiante.

É evidente que se todo cristão verdadeiro, sem exceção, perseverar em fé e santificação, o resultado final será que jamais um crente perderá sua salvação. Essas duas verdades juntas (que a perseverança dos santos é tanto necessária como também infalivelmente garantida) constituem a doutrina chamada a perseverança dos santos, que é aceita com unanimidade entre os cristãos calvinistas e que encontramos nos credos de várias denominações evangélicas históricas. Ensinar, como hoje alguns fazem, que existe segurança sem perseverança, nada tem a ver com o calvinismo, e teólogos reformados têm esclarecido isso incansavelmente.

> Simplesmente, não é ensino bíblico dizer que os crentes estejam seguros a despeito de suas vidas. A doutrina que estamos considerando é a de que os crentes perseveram; é certo que é apenas pelo poder de Deus que eles estão capacitados a perseverar – mas eles perseveram! A segurança do crente é inseparável da sua perseverança. Não disse Jesus: "Aquele que perseverar até o fim será salvo"? Murray coloca isso ainda mais forte: "Perseverança significa o empenho de nossa pessoa, na mais intensa e concentrada devoção, aos meios que Deus ordenou para a realização do seu propósito salvífico".[26]
>
> A doutrina ortodoxa não afirma a certeza de salvação por termos um dia crido, mas certeza de perseverança em santidade, se é que de fato chegamos a crer. Portanto, a perseverança em santidade, em oposição a toda fraqueza e tentação, é a única evidência segura de que nossa experiência passada foi genuína e que nossa confiança em relação ao futuro é segura.[27]

Enquanto os calvinistas sempre estiveram unidos a esse respeito, cristãos arminianos têm chegado a conclusões diferentes sobre a questão da perseverança e segurança. Há, entre eles, alguns que discordam da posição calvinista sobre predestinação, mas que seguem a doutrina reformada da perseverança dos santos. Outros têm rejeitado o, assim chamado, quinto ponto do calvinismo[28] também.

A compreensão arminiana da conversão é que o incrédulo não é capaz de se converter a Cristo, a não ser que seja habilitado por graça preveniente, mas que a operação da graça é resistível. Dito de outra forma, os arminianos creem que o papel desempenhado pela graça é o de tornar a conversão possível, ao invés de torná-la um resultado inevitável. Consequentemente, não vem a ser um grande passo para o arminiano também crer que seja possível cair do estado de graça após a conversão, porque não há nenhuma garantia de que a obra da graça irá necessariamente prevalecer na vida dos santos para assegurar que eles perseverem.

Por isso, muitos arminianos vieram a discordar da doutrina da perseverança dos santos e sustentam que santos verdadeiros nem sempre perseveram, deixando a porta aberta para a doutrina da perda da salvação. Como diria um arminiano clássico:

> O que aconteceu com a vontade humana no processo? As pessoas têm livre arbítrio antes da salvação, mas perdem esse *livre* arbítrio depois de serem salvas?[29]

Esse mesmo pressuposto está na mente dos que ensinam segurança eterna, à parte da perseverança. Eles edificam sobre a premissa de que a graça de Deus não sustém a fé dos santos infalivelmente e que, portanto, alguns dos santos escolhem deixar o caminho estreito, virando as costas para Cristo. Entretanto, ao invés de considerar isso como fatal, eles querem sustentar uma segurança incondicional para tais pessoas. Isso representa um distanciamento ainda maior à doutrina da perseverança dos santos como foi pregada pelos reformadores do que o arminianismo clássico (observe o quadro abaixo).

Fé reformada	1º modelo arminiano	2º modelo arminiano
Perseverar é preciso	Perseverar é preciso	Perseverar não é preciso
Apóstatas perecem	Apóstatas perecem	Apóstatas continuam salvos
Cristãos reais não apostatam	Cristãos reais apostatam	Cristãos reais apostatam
Cristo nunca perde ninguém	Cristo perde alguns dos seus	Cristo nunca perde ninguém

A doutrina da segurança da salvação não pode ficar suspensa no ar. Ela só pode ser sustentada consistentemente em conjunto com uma compreensão bíblica da conversão e providência. Igrejas que se afastam da soteriologia reformada tendem a trocar a doutrina da perseverança dos santos por uma doutrina de segurança eterna independentemente da perseverança ou pela crença na perda da salvação. A solução não é nem uma coisa, nem outra. Muitas passagens bíblicas demonstram de forma conclusiva que Cristo não perde nenhum dos seus. Ao mesmo tempo, passagens bíblicas também ensinam que a perseverança é absolutamente necessária.

Um estudo atento revelará que toda a Bíblia está em harmonia perfeita. Rejeitar a doutrina da perseverança dos santos resultará num rompimento (ou pelo menos uma inconsistência) com várias doutrinas bíblicas a ela interligadas, como a doutrina da justificação, a da regeneração e a da providência divina. Nos próximos capítulos examinaremos essas ligações.

Como deveríamos pregar sobre perseverança?

Considerando as advertências sobre a necessidade de perseverança na Bíblia, como devemos pregar sobre a perseverança na igreja? Gostaria de terminar este capítulo citando trechos de alguns sermões de pregadores responsáveis e doutrinariamente seguros, que nos servem de modelo em como devemos levar essa mensagem aos ouvintes da Palavra de Deus.

Albert Martin, pregando sobre as cartas para as sete igrejas no Apocalipse, na Trinity Baptist Church em Montville, Nova Jersey, EUA:

> Há alguns que têm perversamente ensinado que há duas classes de cristãos. Os não vencedores, que entram raspando nos portões do céu e ficam como cidadãos de segunda classe para sempre; e também existem os supercristãos vencedores, que entram desfilando pelas ruas da glória, cidadãos de primeira classe. Não, não. Quando Jesus fala do que vai acontecer com os vencedores, ele fala de coisas que são da essência da glória celestial final. A partir deste primeiro: "Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que está". Onde? "No paraíso de Deus". E quando seguimos adiante no Apocalipse, são os redimidos que são vistos no paraíso de Deus; eles têm acesso à árvore da vida. Não há um outro grupo de segunda classe de não vencedores que ainda chegam ao paraíso de Deus. Ou você vence ou então você perde o lugar no paraíso. Esse é o ímpeto das palavras de nosso Senhor Jesus.
>
> Capítulo 2, verso 11: "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: O vencedor de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte." O vencedor é que não vai para o inferno. A segunda morte é isso, de acordo com Apocalipse 20.15. Você quer evitar o inferno? Então você terá que ser um vencedor. Se você não vencer, você irá para o inferno. Esse é o ensino dessa passagem.
> (...)
> Capítulo 3, verso 5: "O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos." No dia do juízo, Jesus ou irá confessar o seu nome perante o Pai ou irá te negar. Isso não tem a ver com galardões extras, gente; é uma questão de vida ou morte. Você quer que Cristo confesse que você é um dos que lhe pertencem? Então você terá que vencer.
> (...)
> Entenderam? Quando estou convencido, no mais profundo do meu ser, que a menos que eu seja um vencedor, eu irei para o inferno, isso me torna implacável no lidar com "pecadinhos", que sei podem se transformar em pecados grandes e podem me afastar de Cristo. Isso me torna radical em lutar para eliminar as coisas que corroeriam a sensibilidade vital de minha consciência. Como disse John Owen: "Percebemos em todo pecado não só a modesta proposta da tentação inicial, mas também a expressão máxima de seu fim." Por isso, mesmo que o mundo possa nos considerar demasiadamente escrupulosos e certinhos, mesmo que sejamos considerados fanáticos por cristãos semi-convertidos, não importa! Mas quando entendo bem que terei que perseverar, ou me encontrarei entre os malditos, que preciso ser um vencedor ou

> perderei todas as promessas, nada me segura de mortificar a carne. Amados, permitam-me ser franco. Temo que alguns de vocês não compreendam isso bem, porque as marcas de mortificação da carne e santificação não estão visíveis na sua vida espiritual.[30]

Michael Phillips, na introdução de uma mensagem sobre a perseverança pregada na *Grace Baptist Church* em Fremont, California, EUA, em 27 de agosto, 2003:

> A Bíblia ensina que todos os santos perseveram, que vencem os obstáculos da vida e servem a Deus até a morte. Nossa fidelidade a Deus nunca é perfeita e é frequentemente inconsistente, mas é real e nunca a abandonamos. Os salvos têm que perseverar. O Senhor disse, 'Aquele que perseverar até o fim será salvo.' Quem não perseverar não será salvo. Pessoas que professarem a fé em Cristo, mas depois abandonarem ao Senhor e deixarem de obedecer-lhe e de manter comunhão com ele não irão para o céu quando partirem deste mundo. Não importa se começaram sua caminhada cristã com muito entusiasmo.
> [...]
> Se você quer chegar ao céu você terá que perseverar. O que você fez 20 anos atrás, ou 50 anos atrás e se você era sincero naquela época não vem ao caso. Para estar com Cristo no céu é preciso estar em Cristo na terra. Seja sua caminhada com Deus aqui tão longa como foi a de Noé, ou tão curta como a do ladrão na cruz, você terá que perseverar até o fim. É assim que a Bíblia ensina e é esse o tema de nosso estudo hoje.[31]

Stuart Johnston, pregando em 2 de janeiro de 2000, na *Grace Reformed Baptist Church* em Mebane, Carolina do Norte:

> A graça soberana de Deus trabalha por meios. Não seria verdade dizer que Deus leva pessoas para o céu independente do que elas escolhem fazer. Nossa segurança como cristãos não é de que chegaremos ao céu seja lá qual for nossa conduta. Pelo contrário, Deus nos leva ao céu por meio das escolhas que fazemos. Isso *não* quer dizer que, em última análise, nossa salvação é fruto de nossas decisões ou nossas ações, mas quer dizer que quando Deus salva e leva alguém ao céu, ele o faz sempre pelo mesmo método. Não há muitos caminhos que levam ao céu, há somente um caminho. É um caminho estreito e difícil. Deus mesmo proverá para que todos os seus trilhem esse caminho até chegarem seguros ao céu, mas será por esse caminho. Será por uso de meios que Deus mesmo determinou para alcançar os fins que ele determinou. A graça soberana de Deus garante que os eleitos continuarão a seguir no caminho estreito, mas isso não serve de conforto, a menos que estejamos seguindo fielmente no caminho estreito.[32]

Que Deus conceda que mais igrejas ouçam este tipo de clareza bíblica. A salvação está em Cristo. Não existe salvação fora de Cristo. Se alguém não estiver em Cristo, não verá a vida. A Bíblia não proporciona esperança alguma para aquele que se aparta de Cristo, entregando-se ao pecado. Antes lhe garante que não verá a vida. Ela exorta: "Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hebreus 12.14).

Somente entram no reino de Deus aqueles que estão em Cristo pela fé, seguem a santificação, e nela perseveram até o fim. É assim que a Bíblia ensina, e é assim que devemos estar pregando.

---

1. Augustine, *Augustin: Anti-Pelagian Writings, The Gift of Perseverance*, ed. Philip Schaff, Volume 5 of *The Nicene and Post-Nicene Fathers*, *Series 1*, The Master Christian Library (Rio, WI: Ages Software, 2000), pp. 1234-1235.

2. Augustine, *Augustin: Anti-Pelagian Writings, The Predestination of the Saints,* ed. Philip Schaff, Volume 5 of *The Nicene and Post-Nicene Fathers*, *Series 1*, The Master Christian Library (Rio, WI: Ages Software, 2000), p. 1204.

3. Lewis S. Chafer, *Major Bible Themes*, rev. by John Walvoord (Grand Rapids: Zondervan, 1981), p. 223.

4. John Calvin, *Commentary on Matthew, Mark, Luke*, Vol. 3, *The John Calvin Collection* (Rio, WI: Ages Software, 2000), p. 97.

5. Charles H. Spurgeon, *The Gospel According to Matthew*, The Master Christian Library (Rio, WI: Ages Software, 2000), p. 352.

6. Zane Hodges, *The Peril of Not Growing*. Disponível em: <https://redeeminggod.com/hodges-on-hebrews-part-6/>. Acesso em: 3 out. 2016.

7. Zane C. Hodges, *Grace in Eclipse* (Dallas: Redencion Viva, 1985), p. 71.

8. Joseph C. Dillow, *The Reign of the Servant Kings* (Miami Springs, Florida: Schoettle Publishing Co., 1992), pp. 62, 64, 78.

9. Zane C. Hodges, *The Gospel Under Siege* (Dallas: Redencion Viva, 1981), pp. 19-33.

10. Charles Stanley, *Eternal Security, Can You Be Sure* (Nashville: Oliver-Nelson Books, 1991), p. 91.

11. Ibid., p. 74.

12. Ibid., pp. 51-52.

13. Ibid., p. 125.

14. Norman L. Geisler, *Four Views on Eternal Security* (Grand Rapids: Zondervan, 2002), p. 97.

15. Stanley, *Eternal Security*, p. 80. Stanley escreve: "Se eu escolher fazer uma tatuagem no braço, isso envolveria uma única decisão de minha parte. Mesmo assim, a tatuagem continuaria comigo

indefinitivamente. Eu não preciso manter uma atitude favorável em relação à tatuagem para garantir que ela continue em meu braço. Na realidade, eu posso receber a tatuagem e mudar de ideia imediatamente, mas isso não muda o fato que eu tenho uma tatuagem no meu braço. Meu pedido por uma tatuagem e a tatuagem em si são duas coisas completamente diferentes. Eu a recebi porque pedi e paguei por ela. Mas mudar de ideia e pedir por meu dinheiro de volta não irá desfazer o que foi feito. Perdão/salvação é aplicada no momento de fé. Não é a mesma coisa que fé e sua permanência não depende da permanência da fé na pessoa."

16. Norman L. Geisler, *Four Views on Eternal Security* (Grand Rapids: Zondervan, 2002), p. 87.

17. Ibid., p. 198.

18. Ibid., p. 86.

19. Ibid., p. 84.

20. Ibid., p. 98.

21. Ibid., p. 99.

22. Ibid., p. 100.

23. Ibid., p. 85.

24. John Gill, *Exposition of the Old and New Testaments: Colossians, The Collected Writings of John Gill* (Rio, WI: Ages Software, 2000), p. 40.

25. Dennis E. Johnson, *Triumph of the Lamb — A Commentary on Revelation* (Phillipsburg, New Jersey: P & R Publishing, 2001), p. 194.

26. Anthony A. Hoekema, *Salvos Pela Graça* (São Paulo: Cultura Cristã, 1997), p. 243.

27. A. A. Hodge, citado por A. W. Pink, *Eternal Security* (Grand Rapids: Baker Book House, 1979), p. 102.

28. A doutrina da perseverança dos santos é conhecida como o quinto ponto do calvinismo, a partir do acróstico TULIP, em inglês.

29. Stephen M. Ashby, *Four Views on Eternal Security* (Grand Rapids: Zondervan, 2002), p. 159.

30. Albert N. Martin, *The Book of Revelation (2 of 2)* (min. 43:16-51:58). Disponível em: <http://www.sermonaudio.com/sermoninfo.asp?SID=1080283757>. Acesso em: 3 out. 2016.

31. Michael Phillips, *Thomas Watson #3 Perseverance of the Saints* (min. 0:28-2:19). Disponível em: <http://www.sermonaudio.com/sermoninfo.asp?SID=9210304340>. Acesso em: 3 out. 2016.

32. Stu Johnston, *Assurances for the Perseverance of the Saints* (min. 43:05-44:35). Disponível em: <http://www.grmi.8k.com/reformed_sermons_search_results.htm>. Acesso em: 3 out. 2016.

2
O CARÁTER IRREVERSÍVEL DA JUSTIFICAÇÃO

> Justiça vem através da fé, e isso significa que ela é também um dom de Deus. Pois sendo que essa justiça pertence a Deus, ela é um dom não merecido. E os dons de Deus excedem em muito quaisquer feitos do nosso próprio zelo.[1] (João Crisóstomo, 347-407 d.C.)
>
> O abençoado Paulo contende que somos salvos pela fé, a qual ele declara não vem de nós, mas é dom de Deus. Assim, não há possibilidade alguma de haver salvação onde não há fé genuína. E já que essa fé é operada por Deus, sem dúvida ela nos é concedida por sua livre generosidade. Onde quer que haja verdadeira crença pela fé genuína, salvação genuína infalivelmente a acompanha.[2] (Fulgêncio, 520 d.C.)

O que significa o termo *justificação*? Um dia todos nós compareceremos perante Deus em juízo. Os injustos irão para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna (Mateus 25.46). Como podemos ser justos diante de Deus? Essa pergunta, de importância eterna, encontra-se no cerne da controvérsia na Reforma Protestante do século XVI. Os reformadores, insistindo em retornar ao cristianismo apostólico, buscaram responder a essa pergunta recorrendo ao que a Bíblia ensina sobre justificação e tomando sua palavra como final. Constataram que, em grande medida, o catolicismo se apartara da doutrina de justificação que encontramos na Bíblia. Eles foram reformadores, não inovadores. Eles não inventaram uma nova doutrina, nem lançaram uma nova interpretação da Bíblia. A compreensão de justificação a que chegaram prova-se a mesma que encontramos na igreja primitiva, nos escritos dos pais da igreja mais conceituados, os quais a própria Igreja Católica aponta como seu elo histórico com Jesus e os apóstolos.[3]

O conceito que temos de justificação tem muitas ramificações. Encontramos a crença na perda da salvação na Igreja Católica exatamente em decorrência da

concepção errônea de justificação que adotou. Já um entendimento bíblico de justificação produziu nos reformadores a convicção na certa perseverança de todos os verdadeiros santos. Por isso, é fundamental que entendamos tanto o ensino católico como o reformado sobre justificação, se quisermos compreender porque eles levam a conclusões diferentes quanto à segurança ou perda da salvação.

A doutrina da justificação na Igreja Católica medieval

A tendência natural do pecador é pensar que deve alcançar a salvação como recompensa por seu mérito. Supomos que podemos compensar por nossas ofensas contra o Criador fazendo algo por ele em troca do perdão, ou, em último caso, sofrendo por nossos próprios erros até que tenhamos sofrido o bastante. É assim que se procura alcançar salvação nas diversas religiões pagãs. Na busca por salvação, os pagãos se empenham por realizar boas obras, participam de rituais religiosos e sofrem por seus pecados, acreditando que por esses meios poderão provar-se dignos e assegurarem para si a salvação. Isso é o oposto do evangelho cristão.

A verdade é que por motivo de sermos pecadores, nunca podemos nos salvar a nós mesmos (Romanos *3.23*). Não somos dignos da vida eterna e nunca o seremos, não importa o que façamos. Nada podemos fazer para compensar nossos erros. Por isso, jamais podemos alcançar a salvação por meio de nossos esforços; ficamos totalmente à mercê de Deus. Nossa culpa é tal que Deus seria perfeitamente justo se nos condenasse a todos. A única esperança que nos resta é de sermos salvos pela graça imerecida de Deus. O evangelho é boas novas por isso. Sua mensagem é que Jesus veio ao mundo para salvar pecadores. Pela sua maravilhosa graça, Deus salva pecadores.

O catolicismo nunca negou a necessidade indispensável da graça de Deus para que pecadores possam ser salvos, mas sua crença sobre salvação degenerou em um sistema que procura conciliar dois opostos: graça e mérito. Por um lado, defende que a salvação depende da graça divina, pois seria impossível alcançar a salvação sem a assistência da graça, mas, ao mesmo tempo, sustenta que tudo

depende de uma medida de mérito no indivíduo, alcançado através de suas obras.

Conforme o ensino católico, para um pecador alcançar a salvação, vários passos são necessários. Inicialmente, é necessário ser batizado, recebendo um princípio de vida espiritual. Nesse instante, inicia-se a justificação, pois o pecado original e os pecados passados são perdoados.

Daí para frente é preciso manter a justificação. Ao longo de sua vida, cada vez que um pecado novo é cometido ele é imediatamente lançado na conta do pecador. No entanto, isso não significa que o cristão necessariamente se torne novamente perdido a cada vez que peca, pois a doutrina católica divide pecados nas categorias de pecados mortais e pecados veniais.

Pecados veniais não comprometem a salvação do indivíduo. Não é preciso ter uma ficha onde "nada consta" para morrer salvo, desde que tenha apenas pecados veniais em sua conta. Por conta desses, não terá que ir para o inferno, mas terá que ir para o purgatório onde receberá uma punição temporária, proporcional à sua culpa.

Como todos cometem mais pecados veniais do que são solícitos em confessar, torna-se praticamente inevitável passar algum tempo no purgatório, motivo pelo qual se realizam missas pelos mortos.

Já pecados mortais são assim chamados porque matam a alma, destruindo a graça da justificação, e tornando o indivíduo novamente perdido.

Para que pecados mortais sejam absolvidos a fórmula é a confissão e penitência, que inclui obras de propiciação, através das quais o pecador prova sua contrição e arrependimento e compensa, em alguma medida, pelo seu erro. Assim, as boas obras assumem um papel vital na salvação. A salvação, que é inicialmente obtida por meio de realizar um rito para agradar a Deus, é mantido daí por diante por meio de realizar obras boas e evitar obras más.

Por fim, obras entram em ação mais uma vez como parte do processo de restauração da salvação, nos casos em que tenha sido anulada. O Concílio de Trento (1545-1563), sessão 6, capítulo 14, explica:

> Aqueles que cometendo pecados mortais perderam a graça da justificação que receberam, podem ser novamente justificados quando, movidos por Deus, eles se empenharem por recuperar a graça perdida através do Sacramento da Penitência, pelos méritos de Cristo.[4]

Isso é tido por necessário para que o pecador se torne digno do perdão de Deus.

É interessante o uso que os teólogos católicos fazem da palavra "mérito" nesse contexto. Em um sentido eles admitem que o pecador não merece ser justificado, mas em outro sentido fazem questão que ele mereça. Paradoxo ou contradição, eles apelam para uma distinção que eles mesmos estabelecem entre dois tipos de mérito: (1) o que eles chamam de *meritum de condigno* (mérito de quem é digno) e (2) *meritum de congruo* (mérito congruente).

Meritum de condigno é o nome reservado para o tipo de mérito que tornaria obrigatório que Deus recompensasse quem o tivesse para não lhe fazer injustiça. A Igreja Católica nega que o pecador possa merecer a salvação nesse sentido. Já o segundo tipo de mérito é inferior, porque, a rigor, não torna o pecador totalmente digno de salvação. *Meritum de congruo* só torna o pecador suficientemente merecedor da salvação quando seu mérito é somado com uma medida de graça divina. Esse mérito é considerado essencial para que a salvação do pecador seja razoável, ainda que não seu direito.

Veja como um catecismo católico contemporâneo argumenta que é impossível obter mérito diante de Deus senão por sua graça, mas que a cooperação com a graça produz mérito real:

> Falando estritamente, não há direito algum a mérito com respeito a Deus [...] O mérito do homem perante Deus na vida cristã surge do fato que Deus livremente escolheu se associar com o homem na obra de sua graça. A ação paternal de Deus é primeiramente de sua própria iniciativa, sendo então seguida do agir livre do homem, através de sua colaboração, de forma que o mérito de suas boas obras deve ser atribuído a Deus em primeiro lugar, e depois aos fiéis. Ademais, o mérito, em si, que o homem possui, tem sua origem em Deus, visto que suas boas obras procedem em Cristo, nas predisposições e assistência dadas pelo Espírito Santo.[5]

No pensamento católico medieval, esse tipo de mérito assume um papel indispensável, de forma que sem ele nenhum pecador pode alcançar a salvação. Esse mérito é obtido pela prática de boas obras, especialmente aquelas

associadas à penitência após confissão. Então, o indivíduo que se valer da ajuda divina para acumular mérito suficiente será declarado justo, porque se tornará justo por possuir uma justiça inerente, decorrente de suas boas obras.

O termo teológico para essa definição de justificação é "justificação analítica", termo que denota uma justificação que acontece após uma análise do indivíduo, em que ele se demonstra, de fato, justo perante o olhar divino, para, em seguida, ser proclamado justo. Para o Vaticano, um pronunciamento de Deus declarando um pecador como justo só é considerado admissível quando a investigação divina acusar que ele já é objetivamente justo, em si mesmo, pela sua prática.

É evidente que uma justificação que repousa sobre um critério tão instável está sujeita a revisão e cancelamento a qualquer momento, e isso elimina qualquer segurança em relação ao dia de amanhã. Mais ainda, esse sistema produz incerteza no pecador até em relação à condição presente de sua alma. Como ele não sabe quantas boas obras bastam para torná-lo justo aos olhos de Deus, nunca sabe se fez o suficiente para estar justificado hoje. Isso transparece claramente nas palavras de Gregório I (Bispo de Roma de 590 a 604 d.C.):

> Quanto maiores são os nossos pecados, mais precisamos fazer para compensá-los (...) Se fizemos o suficiente para expiá-los ou não, só saberemos após a morte (...) Jamais poderemos ter certeza do nosso sucesso (...) A certeza de salvação e o sentimento de segurança gerados por ela são perigosos para qualquer pessoa e não seriam desejáveis mesmo se fossem possíveis.[6]

A conclusão de que a segurança não seria desejável, mesmo se ela fosse possível, é reveladora. Isso indica que em nenhum momento desta vida uma pessoa deve descansar e confiar. Ela deve sempre desconfiar que ainda não está salva. É claro que ela diria que desconfia de si mesma, e não de Deus, mas não deixa de ser óbvio que o motivo pelo qual ela desconfia de si é porque não acredita que Jesus tenha feito tudo o que é necessário para sua salvação. Ela supõe que Jesus faz uma parte, mas que a outra parte cabe a ela. Ainda falta a contribuição do seu próprio mérito. Seu temor é justamente em relação a realizar satisfatoriamente a sua parte.

Uma pessoa que assim pensa está persuadida de que seria pretensão se considerar uma pessoa salva e que seria presunção afirmar que continuará fiel até o fim. Ela não conta com uma provisão divina para torná-la justa diante de Deus, nem para guardá-la infalivelmente até o fim, porque não crê que Deus age de forma a garantir esses elementos da sua salvação. Essas são as coisas que constituem sua parte na salvação.

É aqui onde Deus a põe à prova e é onde ela terá que passar no teste. Ela recusa anunciar sucesso nessas áreas, porque são áreas onde não pode olhar para Deus e confiar, são áreas que dependem dela mesma. A incerteza sobre a salvação também significa que em nenhum momento tal pessoa pode agradecer a Deus por já estar salva. Quando pensa sobre onde passará a eternidade, ela nunca pode voltar o olhar para cima com gratidão tranquila, porque nunca pode tirar os olhos preocupados de sobre si mesma.

A principal crítica que precisa ser feita a esse modelo de salvação é que ele não ensina as pessoas a confiarem em Jesus como o único e suficiente Salvador. Ele apresenta Jesus como aquele que torna a salvação possível pela sua morte na cruz e, por sua graça, que opera em nós, o que é sem dúvida vital, mas insuficiente. Ser salvo e continuar salvo depende também de alcançar mérito o bastante para tornar a salvação razoável, além de sofrer no purgatório por pecados veniais não confessados. Em última análise, isso é um processo de autossalvação, com ajuda divina. A igreja medieval se desviou do ensino bíblico e de suas raízes exatamente porque foi adotando uma perspectiva de salvação mais e mais centralizada no homem.

Para os reformadores, o ensino bíblico mais importante a ser restaurado em seu devido lugar era exatamente a suficiência de Cristo como Salvador. Nós não somos justos, mas Cristo viveu uma vida perfeita e sem pecado em nosso lugar, ganhando por nós justiça perfeita. Somos pecadores, merecendo a condenação, mas em sua morte vicária na cruz Cristo levou nossos pecados e nada mais precisamos fazer para expiá-los.

A salvação é obra de Deus, do início ao fim. Sem dúvida nós estamos envolvidos na conversão e na perseverança, mas não de uma forma que justifique chamar essas coisas de nosso papel na salvação, porque a conversão

do pecador é obra do Espírito Santo (Tito 3.5) que passa a habitar no cristão para garantir sua perseverança até a salvação final (Efésios 1.13-14; 4.30). Crer em Deus significa confiar exclusivamente nele para a salvação, sem dividir a confiança entre dois salvadores. Foi a perda dessa ênfase, mais que qualquer outra coisa, que tornou a reforma necessária.

A doutrina reformada da justificação

A Bíblia sempre apresenta a justificação como o oposto da condenação no juízo de Deus. A linguagem que usa associada com a justificação é extraída diretamente do processo legal numa corte (julgar, acusar, juiz, advogado, culpado, condenado). Portanto, justificar não significa tornar em um justo na prática.

Justificação "nunca é empregada com a ideia de uma infusão de justiça, mas tantas vezes quanto as Escrituras falam sobre nossa justificação, é invariavelmente forçoso explicar seu sentido como um termo forense".[7] Isso significa que Deus justifica quando ele faz uma declaração de que uma pessoa é justa, mesmo enquanto ela continua sendo pecadora!

Lutero observou que na Bíblia o justo é alguém "simultaneamente justo e pecador" (*simul iustus et peccator*). Ou seja, em sua prática, ele ainda é pecador, mas judicialmente, já se encontra perdoado e é tratado como justo. Chamamos isso de "justificação forense" (ou judicial), por ser um pronunciamento de Deus sobre a condição ou posição do pecador perante sua lei.

Em contraste com uma "justificação analítica", que precisa ser mantida e renovada através de obras, a Bíblia assevera que o único critério da justificação é fé verdadeira em Cristo. Essa justificação não é um processo, é um ato único, decisivo e final que ocorre no momento de uma conversão verdadeira. Assim é a doutrina de justificação, conforme ensinada nas próprias Escrituras.

Biblicamente, é impossível estar, ao mesmo tempo, justificado e condenado. Em Romanos, o apóstolo Paulo repetidamente faz contraste entre justificação e condenação mostrando que são opostos.

> O dom, entretanto, não é como no caso em que somente um pecou; porque o julgamento derivou de uma só ofensa, para a *condenação*; mas a graça transcorre de muitas ofensas, para a *justificação*. (Romanos 5.16)
>
> Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para *condenação*, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a *justificação* que dá vida. (Romanos 5.18)
>
> Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os *justifica*. Quem os *condenará*? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós. (Romanos 8.33-34)

Em Atos 13.38-39 justificação é sinônimo de perdão de pecados:

> Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste; e, por meio dele, todo o que crê é justificado de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés.

Essa passagem em Atos faz uma promessa de justificação — ou seja, remissão de pecados — para qualquer pessoa, assim que ela creia. A promessa não está condicionada a provar-se digno através de obras e muito menos significa que quem crê se torna instantaneamente justo na prática. Em nenhum texto das Escrituras caberia interpretar justificação como transformar em justo. O sentido é sempre que a pessoa passa a ser considerada justa para fins de julgamento.

Quando uma pessoa crê verdadeiramente em Cristo, há um arrependimento sincero do pecado, mas ela ainda está longe de ser justa na prática. Romanos 4.5 chega a dizer que "*Deus justifica o ímpio*". Ele não justifica uma pessoa quando constata que ela já é justa, ele justifica ímpios.

Martyn Lloyd-Jones explica esse conceito com maestria:

> Nossa tendência é pensar que a justificação significa que somos feitos justos ou bons ou retos ou santos. Mas isso é completamente errôneo. Na justificação não somos *feitos* justos; somos *declarados* justos – o que é completamente diferente. Afirmar que na justificação somos feitos justos é confundi-la com a santificação. A justificação é algo legal ou *forense*. É Deus, como Juiz, que é responsável por administrar sua própria lei, dizendo-nos que, com respeito à sua lei, ele está satisfeito conosco, devido à justiça de Cristo. A justificação é um ato declaratório – um ato que não faz nada a nós, porém diz algo sobre nós. Ele não tem referência ao meu real estado ou

> condição interior; refere-se à minha situação ou posição, ao meu comparecimento à presença de Deus. Ora, essa é a doutrina bíblica da justificação.[8]

Podemos comprovar esse significado da palavra "justificar" em alguns textos bíblicos que falam de julgamentos humanos. Por exemplo, em Deuteronômio 25.1 a seguinte instrução é dada às autoridades judiciais: em havendo contenda entre alguns, e vierem a juízo, os juízes os julgarão, justificando[9] ao justo e condenando ao culpado.

Nessa passagem, tratando-se de uma controvérsia entre dois homens, a Bíblia declara que a obrigação das autoridades humanas é de justificar o justo e condenar o culpado. Obviamente, essa é uma questão puramente legal. Ao justificarem o justo, os juízes não estariam mudando sua pessoa, mas sim meramente fazendo uma declaração, ou um pronunciamento a seu respeito. Estariam decretando que aquele indivíduo não poderia ser punido pelos crimes dos quais fora acusado.

Há outro exemplo disso em Provérbios 17.15: "O que justifica o perverso e o que condena o justo abomináveis são para o SENHOR, tanto um como o outro". Observe que mais uma vez a justificação é o oposto da condenação e, como sempre, trata-se de uma ação legal. Quer alguém condene o justo ou quer justifique o perverso, em nenhum dos dois casos estará efetuando alguma mudança naquela pessoa. Se a justificação fosse o mesmo que transformar em um justo, Deus jamais proibiria justificar o perverso. Não haveria nada de imoral em tomar um homem mau e torná-lo em uma pessoa melhor, pelo contrário, isso seria uma coisa boa. Mas justificar um homem perverso é uma abominação para o Senhor porque "justificação" é um termo de caráter forense.

Além do mais, o termo grego usado para justificação no Novo Testamento é o mesmo que seria usado para uma decisão judicial de absolver o réu. Há, porém, uma distinção importante. Absolver tipicamente significa que o réu é inocente, mas, quando usado em conexão com a salvação, justificar envolve o reconhecimento de que o réu é culpado.

Deus justifica o ímpio. Isso, em si, já levanta uma questão interessante. A expressão "justifica o ímpio" se encontra duas vezes na Bíblia. A primeira é em

Provérbios 17.15, onde lemos que Deus abomina quem justifica o ímpio. A segunda é em Romanos 4.5, onde nos deparamos com a afirmação de que Deus justifica o ímpio.

Como pode ser isso? Será que Deus comete um erro por justificar o ímpio? Não, não há erro da parte de Deus. Deus justifica pessoas cuja culpa é real, mas cujas ofensas são canceladas (Atos 3.19) e suas "fichas" se encontram limpas em razão da pena já estar paga. É exatamente isso que Paulo argumenta no capítulo 3 de Romanos:

> Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus. (Romanos 3.23-26)

Nos versos acima, o apóstolo resume o que vinha dizendo sobre a culpa e a justa condenação de toda a humanidade com as palavras: "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus". Em seguida ele explica como alguém pode ser justificado.

A justificação é gratuita — isto é, ela não vem em troca de nada que a pessoa tenha feito, sem nenhum pagamento de sua parte. Sua justificação é através do que Cristo fez na cruz. Quando ele morreu, derramando seu sangue, o fez como propiciação. A palavra "propiciação" significa uma oferta ou sacrifício feito para aplacar a ira de Deus.

Jesus se ofereceu como oferta para a expiação de pecados, sofrendo a pena em lugar de todos que nele se refugiam. Não é como se pecadores fossem declarados inocentes por um engano ou por um lapso de justiça. Os pecadores remidos por Cristo são justificados porque seus pecados foram expiados. Dessa forma, a morte vicária de Cristo satisfaz as exigências da justiça divina de que os pecados deles sejam punidos.

Se nós (os ímpios) fôssemos justificados por Deus, sem que nossos pecados fossem expiados, ele seria nosso justificador, mas deixaria de ser um Deus

justo. Se ele nos punisse a todos conforme merecemos, permaneceria justo, mas não seria nosso justificador. Através da morte substitutiva de Jesus, ele encontrou um modo de ser, ao mesmo tempo, justo e o justificador do ímpio que tem fé em Jesus.

A Bíblia consistentemente ensina este conceito de substituição, mostrando que Deus salva o seu povo por não imputar *a eles* seus pecados:

> A saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, *não imputando aos homens as suas transgressões*, e nos confiou a palavra da reconciliação. (2 Coríntios 5.19)

Os justos são aqueles que escapam da condenação porque seus pecados são lançados sobre Cristo, imputados a Cristo:

> Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus. (2 Coríntios 5.21)

Há aqui uma transferência para que a justificação possa ocorrer: nossos pecados foram imputados a Cristo, atribuídos a ele, como se fossem pecados seus, e ele os carregou sobre si, sofrendo o castigo que eles merecem, deixando nossa dívida quitada:

> Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados. (1 Pedro 2.24)

Essas palavras de Pedro refletem a profecia de Isaías, onde foi predito que o Messias justificaria a muitos, porque levaria sobre si as iniquidades deles:

> Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos [...] Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, *justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si*. (Isaías 53.4-11)

Jesus sofreu o castigo que nos traz a paz. Uma vez que Cristo expiou os pecados de alguém, seria injusto exigir outro pagamento ou impor outra punição. A pessoa justificada, conforme a Bíblia, é um pecador que só pode olhar para si com vergonha e que escapa da condenação somente porque Deus não lhe imputa seus pecados. Ele não é condenado porque houve alguém capaz de salvá-lo que o amou o suficiente para tomar o seu lugar e absorver pessoalmente a imensa punição merecida por seus pecados. Uma vez que seus pecados já foram punidos, nunca mais lhe serão cobrados, e por isso ele se encontra livre.

Já que o entendimento correto de justificação o coloca em contraste com a condenação, ninguém que está justificado pode estar condenado ao mesmo tempo, e todos que não estão justificados estão condenados. Isso também significa que ninguém se encontra numa condição de parcialmente justificado. Justificar alguém é remover *todas* as ofensas de sua ficha. Se uma única transgressão da lei de Deus ainda consta em nossa ficha, não estamos justificados, nem somos justos.

Mas aos Colossenses Paulo afirma de forma enfática que o perdão que recebemos em Cristo engloba todos os nossos delitos, sem nenhuma exceção, e que nossa dívida é inteiramente removida, tendo sido quitada na cruz:

> E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdoando todos os nossos delitos; tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz. (Colossenses 2.13-14)

Além de tudo isso, a compreensão bíblica de justificação inclui mais que perdão, como já indica a frase, "para que, nele, *fôssemos feitos justiça de Deus*" (2 Coríntios 5.21). Em Cristo também ganhamos justiça que nos é externa. Somos feitos justiça de Deus. Tornamo-nos justos recebendo uma justiça que não é nossa própria, mas uma justiça de Deus que nos é imputada. Ela é até chamada "o dom da justiça" em Romanos 5.17. É a justiça que Cristo ganhou por nós vivendo uma vida perfeita em nosso lugar e morrendo para expiar nossos pecados.

Quem recebe o dom da justiça tem a própria justiça de Cristo que lhe é imputada como se fosse sua. Revestido dessa justiça, uma pessoa não poderia ser condenada, tão certamente quanto não se poderia encontrar nada de condenável na pessoa de Cristo.

Mas é preciso compreender que esse justo ainda é um pecador. A imputação da justiça faz com que ele seja tratado como justo pela justiça divina, sem ser ele inerentemente justo, assim como a imputação de nossos pecados a Cristo fez com que ele fosse tratado como pecador diante da justiça divina, sem que ele fosse inerentemente pecador.

Esse fato da justiça de Cristo ser imputada ao crente é um conceito importante que não podemos ignorar. Se a justificação fosse apenas o perdão dos pecados, sem esse elemento de ser revestido pela justiça de Cristo, poderíamos imaginar que uma vez que os pecados fossem removidos da conta de alguém, seriam as coisas boas que ela viesse a fazer, por meio de uma vida piedosa, que se tornariam o motivo pelo qual Deus a chamaria de "justa". Se esse fosse o caso, ela seria "justa" com base em suas próprias justiças, as quais Deus levaria em conta a seu favor.

Mas não é o que os crentes fazem de certo que Deus lança a seu favor. As boas obras dos crentes não fazem contribuição nenhuma para sua justificação. Não, a justiça que eles possuem é uma justiça infinitamente superior à dos fariseus (Mateus 5.20). Eles têm imputada em sua conta a justiça perfeita de Cristo.

Essa é uma das diferenças cruciais entre o entendimento católico e o evangélico sobre a justificação. Tanto o ensino católico (justificação analítica) como o protestante (justificação forense) afirmam que Deus declara o pecador como justo, mas há um mundo de diferença no que é percebido como a justiça que o pecador possui e que constitui a base dessa declaração. É parte integral ao conceito católico que o pecador possui justiça própria, que procede de suas boas obras. Nada lhe é acrescentado ou imputado que não seja propriamente seu, e Deus o declara justo em vista de sua justiça, *após* constatar que já a possui.

O pensamento reformado é que o pecador não possui nenhuma justiça própria, nenhuma justiça que é inerentemente sua, decorrente de suas obras.

Quando os reformadores falavam de justificação forense, eles procuravam ressaltar exatamente isso, que se trata de uma declaração judicial de Deus em vista da imputação da justiça de Cristo ao crente. A única justiça que o justo possui é a justiça de Cristo que lhe é imputada quando crê. Essa justiça de Cristo constitui a base da declaração de Deus quanto ao crente ser justo.

O conceito de imputação da justiça de Cristo ao pecador vem da própria Bíblia e não pode ser ridicularizado como uma ficção legal. Se imputação de justiça não existisse, também não poderia haver a imputação de nossos pecados a Cristo e sua morte nada poderia contribuir para nossa redenção.

Esse ensino sobre imputação permeia todo o livro de Romanos. No capítulo 4, ele se torna explícito. Paulo ali rebate qualquer noção de que Abraão tivesse sido justificado por obras, declarando que a justiça que ele obteve é a que lhe foi imputada quando creu. Em seguida, ele prova que Davi também cria numa salvação em que Deus não imputa a alguém os pecados que tem, ao passo que lhe atribui uma justiça que não alcançou por meio de suas obras:

> Que, pois, diremos ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne? Porque, se Abraão foi justificado por obras, tem de que se gloriar, porém não diante de Deus. Pois que diz a Escritura? Abraão creu em Deus, e isso lhe *foi imputado para justiça*. Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida. Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça. E é assim também que Davi declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus *atribui justiça*, independentemente de obras: Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos; bem-aventurado o homem a quem o Senhor *jamais imputará pecado*. (Romanos 4.1-8)

"Deus atribui justiça". Que frase importante! Ela significa que Deus imputa ou coloca justiça na conta do indivíduo. Se a justiça de Cristo é imputada a uma pessoa, é perfeitamente admissível declarar que ela é justa, independentemente de suas próprias obras.

À medida que prossegue no texto, observe quantas vezes Paulo fala de justiça ser imputada:

> Vem, pois, esta bem-aventurança exclusivamente sobre os circuncisos ou também sobre os incircuncisos? Visto que dizemos: a *fé foi imputada a Abraão para justiça*. Como, pois, lhe *foi*

> *atribuída*? Estando ele já circuncidado ou ainda incircunciso? Não no regime da circuncisão, e sim quando incircunciso. E recebeu o sinal da circuncisão como selo da justiça da fé que teve quando ainda incircunciso; para vir a ser o pai de todos os que creem, embora não circuncidados, *a fim de que lhes fosse imputada a justiça* [...] Pelo que isso lhe foi também *imputado para justiça*. E não somente por causa dele está escrito que lhe foi levado em conta, mas também por nossa causa, posto que *a nós igualmente nos será imputado*, a saber, a nós que cremos naquele que ressuscitou dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação. (Romanos 4.9-25)

Observe ainda como Paulo fala de receber a justiça como um dom:

> Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que *recebem* a abundância da graça e *o dom da justiça* reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo. (Romanos 5.17)

Diz ainda que essa justiça que Deus concede foi antecipada nas antigas Escrituras da Lei e os Profetas, até o momento de sua revelação plena no evangelho de Cristo:

> Mas agora, sem lei, se manifestou *a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas*; *justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo*, para todos e sobre todos os que creem; porque não há distinção. (Romanos 3.21-22)
>
> Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que *a justiça de Deus se revela no evangelho*, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé. (Romanos 1.16-17)

No capítulo 4, Paulo demonstra que sua tese de justiça ser um dom gratuito é também o ensino do Velho Testamento, um fato que poderia ser provado facilmente por muitas outras passagens, além das que ele cita. Vejamos alguns exemplos.

> De mim se dirá: *Tão-somente no SENHOR há justiça e força*; até ele virão e serão envergonhados todos os que se irritarem contra ele. Mas *no SENHOR será justificada* toda a descendência de Israel e nele se gloriará. (Isaías 45.24-25)

Isaías 45.25 chama atenção ao fato que a justificação dos salvos é algo realizado "no Senhor".

> O versículo anterior (45.24) declara o outro aspecto mediante o qual esta verdade é expressa, ou seja, é no Senhor que reside a justiça: "Tão-somente no SENHOR há justiça e força" [...] Não podemos duvidar que Israel é apresentado como justo ou justificado no Senhor, porquanto a justiça que reside no Senhor é atribuída a Israel.[10]
>
> Regozijar-me-ei muito no SENHOR, a minha alma se alegra no meu Deus; porque me cobriu de vestes de salvação e me envolveu com o manto de justiça, como noivo que se adorna de turbante, como noiva que se enfeita com as suas joias. (Isaías 61.10)

Nessa segunda passagem, Isaías faz referência a Deus envolver o seu povo com a vestimenta da justiça. A ligação que ele faz entre o cobrir com as vestes de salvação e o cobrir com manto de justiça indica que a justiça contemplada é aquela que visa à salvação.

Indica ainda que a justiça pela qual são salvos não é propriamente deles, e sim uma justiça que lhes é externa, uma justiça que recebem de Deus como um dom. Essa justiça de Deus é colocada sobre eles e, por ela revestidos, eles podem se apresentar perante Deus em juízo. Assim compreendemos como o povo de Deus é justificado no Senhor (Isaías 45.25), e como a justiça deles está em Deus.

> Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra. Nos seus dias, Judá será salvo, e Israel habitará seguro; será este o seu nome, com que será chamado: *SENHOR, Justiça Nossa*. (Jeremias 23.5)

Nessa profecia messiânica maravilhosa, Jeremias nos transmite que "SENHOR, Justiça Nossa" é o próprio nome pelo qual o Messias é chamado. Ele mesmo é a nossa justiça para com Deus. Ou seja, em vez de Deus contemplar os justos como tais porque constata haver neles alguma medida de justiça própria, ele vê sobre eles a justiça do próprio Messias Divino, o qual eles têm por sua justiça. Tal conjuntura somente é possível devido a essa transferência em que a justiça de Cristo lhes é imputada.

A justificação é mediante a fé somente

Se a justiça é um dom, como é que alguém recebe este dom de Deus? Os textos de Romanos citados acima respondem a essa pergunta nos seguintes termos: "para a salvação de todo aquele que crê" (1.16); "a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé" (1.17); "mediante a fé" (3.25); "justificador daquele que tem fé em Jesus" (3.26); "Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça" (4.3); "ao que não trabalha, porém crê" (4.5); "a sua fé lhe é atribuída como justiça" (4.5); "justiça da fé" (4.11); "todos os que creem" (4.11); "a nós que cremos" (4.24).

Tudo isso leva à seguinte conclusão: "Justificados, pois, *mediante a fé*, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (Romanos 5.1).

A repetição é tanta que nem mesmo o leitor mais desatento consegue ignorar a ênfase. Paulo não tem a menor preocupação em ser redundante, desde que seja comunicado claramente que a justificação é pela fé. Essa verdade é corroborada por dezenas de textos bíblicos, dos quais citamos apenas alguns:

> Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que *todo o que nele crê* não pereça, mas tenha a vida eterna. (João 3.16)
>
> Por isso, *quem crê no Filho tem a vida eterna*; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus. (João 3.36)
>
> Em verdade, em verdade vos digo: *quem crê em mim tem a vida eterna*. (João 6.47)
>
> Dele todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, *todo aquele que nele crê* recebe remissão de pecados. (Atos 10.43)
>
> E, por meio dele, *todo o que crê é justificado* de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés. (Atos 13.39)

O que diria a Igreja Romana sobre isso? A Igreja Católica mantém que justificação é pela fé, mas não é pela fé *somente*. Encontramos nos cânones do Concílio de Trento (1545-1563) o que permanece até hoje como sua posição oficial:

> Diz-se que somos justificados pela fé, porque a fé é o início da salvação humana, a fundação e a raiz de toda justificação, sem a qual "é impossível agradar a Deus" (Hebreus 11.6) e entrar na comunhão dos seus filhos; portanto, diz-se que somos justificados gratuitamente, porque nenhuma das coisas que precedem a justificação, seja a fé ou as obras, merecem a graça da justificação.[11]

Essa declaração mostra que, no entendimento católico, a fé é um ingrediente necessário para a justificação, mas que a fé é apenas o princípio, ou fundação, e não é o suficiente para obter uma justificação permanente. A justificação fica incompleta sem obras de justiça praticadas pelo indivíduo, conforme esclarecem outras declarações de Trento:

> Se qualquer pessoa disser que pela fé somente o pecador é justificado, com o sentido de que nada mais seja requerido para cooperar a fim de obter a graça da justificação [...] que seja ele anátema. (Seção 6, Cânone 9)
>
> Se alguém disser que os homens são justificados seja pela imputação da justiça de Cristo somente, seja pela remissão de pecados somente, para exclusão da graça e amor que é derramado em seus corações pelo Espírito Santo e *que é inerente neles*; ou mesmo que a graça pela qual somos justificados é somente o favor de Deus – que seja ele anátema. (Seção 6, Cânone 11; ênfase do autor)
>
> Se alguém disser que a justiça recebida não é preservada e que também não é aumentada perante Deus *por boas obras*, mas que essas obras são apenas frutos e sinais da justificação obtida, e não a causa desse aumento, que seja ele anátema.[12] (Seção 6, Cânone 24; ênfase do autor)
>
> Se alguém disser que a culpa é perdoada a todo pecador penitente depois de ter sido recebida a graça da justificação, e que a dívida do castigo eterno é *de tal maneira apagada que não fica nenhuma dívida de castigo temporal* para ser descontada, seja neste mundo, seja no próximo ou no Purgatório, antes que a entrada ao reino dos céus possa ser aberta – que seja ele anátema. (Seção 6, Cânone 30; ênfase do autor)

Devemos notar que estas declarações ensinam que fé é insuficiente para a justificação, que a justificação resulta de uma justiça inerente ao justo, que as boas obras são instrumentais para se obter e preservar a justificação e que uma pessoa justificada ainda é passível de castigo no purgatório. A posição do Vaticano a esse respeito não mudou desde Trento[13]:

> Os Cânones e Decretos de Trento não são meramente a opinião arcaica de alguns bispos medievais. Representam a posição oficial da Igreja até o dia de hoje. Todos os concílios católicos subsequentes têm reafirmado de maneira uniforme os pronunciamentos de Trento. Na verdade, o Segundo Concílio Vaticano dos anos 60 declarou serem essas doutrinas "irreformáveis". Ordena-se a todos os católicos fiéis que as recebam como verdade infalível. Portanto, para entender a doutrina católico-romana da justificação, precisamos retornar ao Concílio de Trento.[14]

O Concílio de Trento constitui um marco histórico importante porque até aquela data a Igreja Católica não havia oficialmente rejeitado a doutrina da justificação pela fé somente. Isso foi o ponto culminante de um longo processo de desvio. O que fora pregado energicamente nos primeiros séculos do cristianismo vinha sendo negligenciado e se tornando cada vez mais raro ao longo dos séculos.

Enfim, a rejeição se tornou oficial. A partir dessa data, conforme seu próprio testemunho, a Igreja Católica considera anátema (condenado, separado de Cristo) qualquer pessoa que sustenta que a justificação é pela fé somente. Cabe esclarecer que a divisão do cristianismo no século XVI não se deu porque os protestantes romperam com a igreja, e sim porque a Igreja Romana rompeu com a tradição do cristianismo primitivo e se desassociou da fé apostólica.

Justificação por fé e obras é incompatível com o ensino bíblico

Qualquer tentativa de combinar fé e obras para a justificação precisa ser enfaticamente rejeitada. Os textos bíblicos acima citados não permitem outra conclusão, senão que basta fé somente para a justificação. Dizer que a justificação é pela fé e mais alguma coisa não faz justiça ao Texto Sagrado, uma vez que "todo o que crê" é justificado.

Se for possível crer e ainda não ter a justificação por falta de algum outro elemento teríamos que dizer que "nem todo o que crê" é justificado, mas apenas uma parte dos que creem, a saber, os que além de crer têm também o outro elemento necessário.

A fé não é apenas o início da justificação, que resta ser complementada por obras, a fé é o início e o fim da justificação. Além de ensinar justificação pela fé, a Bíblia nega que obras humanas tenham qualquer papel, ou que façam qualquer contribuição, em assegurar a salvação:

> *Não por obras* de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo. (Tito 3.5)
>
> Que nos salvou e nos chamou com santa vocação; *não segundo as nossas obras*, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos.

(2 Timóteo 1.9)

Sabendo, contudo, que *o homem não é justificado por obras da lei*, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e *não por obras da lei*, pois, *por obras da lei, ninguém será justificado*. (Gálatas 2.16)

Que, pois, diremos ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne? Porque, se Abraão foi justificado por obras, tem de que se gloriar, porém não diante de Deus. Pois que diz a Escritura? Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça. Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida. Mas, *ao que não trabalha*, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça. E é assim também que Davi declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, *independentemente de obras*. (Romanos 4.1-6)

Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; *não de obras*, para que ninguém se glorie. (Efésios 2.8-9)

E, se é pela graça, já *não é pelas obras*; do contrário, a graça já não é graça. (Romanos 11.6)

Onde, pois, a jactância? Foi de todo excluída. Por que lei? Das obras? Não; pelo contrário, pela lei da fé. Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, *independentemente das obras* da lei. (Romanos 3.27-28)

As negativas são tantas e tão claras que não podemos levar a sério um sistema doutrinário que incorpora obras como critério para justificação. As obras ficam completamente excluídas; não somente obras perfeitas, ou obras de tal natureza que nos tornariam, de fato, merecedores da vida eterna. A Bíblia exclui obras de qualquer tipo. Tanto as obras que realizamos antes de crermos como depois, sejam obras em conformidade com a lei cerimonial ou com a lei moral, todas juntamente caem perante esta palavra: "Não de obras".

É claro que salvação pela fé somente não quer dizer que a Bíblia seja contrária à prática de boas obras em obediência aos mandamentos de Deus. Muito pelo contrário, a graça de Deus nos ensina a renegar a impiedade e as paixões mundanas, e viver, no presente século, sensata, justa e piedosamente (Tito 2.12).

A fé salvadora é uma fé viva que resulta em santificação. Não há pessoas salvas que não sejam transformadas. Aquele a quem muito foi perdoado, muito ama. E aquele que ama a Deus guarda os seus mandamentos. Fé verdadeira, por assim dizer, inevitavelmente produz obras, mas as obras são o fruto da fé e não constituem a razão para a justificação.

A diferença entre a doutrina católica e a fé reformada pode ser resumida assim: no catolicismo, fé e obras resultam em justificação; na fé reformada, fé resulta em justificação e obras. Essa diferença é crucial, como veremos.

Há pelo menos dois motivos pelos quais a salvação não poderia ser por obras:

1. No entendimento dos autores bíblicos, salvação por obras contraria salvação pela graça. Esta é a força dos contrastes: "não por obras de justiça praticadas por nós, *mas* segundo sua misericórdia" (Tito 3.5), e "não segundo as nossas obras, *mas* conforme a sua própria determinação e graça" (2 Timóteo 1.9).

Devemos considerar o raciocínio de Paulo quanto à diferença entre um dom gratuito e um salário. Salário é aquilo que se recebe por mérito. Salário é ganho por direito, cumprindo as exigências de um trato. Quem trabalha cumprindo os termos de um acordo tem direito de receber o salário tratado. O salário é pago como uma dívida, uma obrigação. "Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida" (Romanos 4.4).

Um empregador que recusa pagar o salário tratado pode ser processado e forçado a pagar. Ora, isso significa que se Deus concedesse salvação a quem por ela trabalha, a salvação se tornaria como um salário. Nesse cenário, Deus ficaria na obrigação de conceder salvação a quem fizesse suficientemente bem as obras por ele prescritas. Se não o fizesse prontamente, o homem poderia reclamar seus direitos.

Salvação nesses termos é o oposto de salvação pela graça. Graça, por definição, é um benefício não merecido. Graça não é uma recompensa por ações nobres. Graça nunca pode ser conquistada ou comprada. Para ser graça é necessário que seja concedido livremente. Só é graça aquilo que pode ser retido sem violar os direitos do beneficiado.

Ou seja, graça é bondade que pode ser negada a uma pessoa, sem que ela tenha qualquer direito de reclamar que sofreu injustiça. Qualquer coisa que Deus nos desse em recompensa por nossas obras seria chamada uma espécie de salário e não de graça. Mas, como pecadores, o único salário que podemos alcançar por nossas obras é a morte eterna: "Porque o salário do pecado é a

morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Romanos 6.23).

A vida eterna não é um salário, é um dom gratuito. Se Deus estabelecesse uma meta para nós e prometesse a salvação àqueles dentre a humanidade que por esforço próprio a atingissem, a vida eterna seria um salário conquistado e não um dom gratuito. É exatamente por isso que Paulo insiste que a salvação é recebida por quem *não* trabalha por ela: "Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça" (Romanos 4.5).

Essa compreensão é vital. É a natureza gratuita da salvação que está em jogo. A Bíblia diz que somos "justificados gratuitamente, por sua graça" (Romanos 3.24). A mesma palavra grega traduzida "gratuitamente" (δωρεὰν) é usada em João 15.25 onde diz que Jesus foi odiado "sem motivo". O sentido é o mesmo. Deus justifica a pessoas gratuitamente, sem que *elas* tenham lhe dado qualquer motivo ou justificativa para isso, assim como aqueles que odiaram a Jesus o fizeram gratuitamente, sem que ele tivesse lhes fornecido qualquer motivo ou justificativa para odiá-lo.

Se Deus concedesse salvação conforme as obras, ela não seria um dom gratuito concedido sem motivo (ou seja, por graça). Graça e mérito são opostos. Temos que optar por um ou outro. Qualquer tentativa de combinar as duas inevitavelmente anulará graça no instante em que incluirmos obras, quaisquer que sejam, pois "se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça" (Romanos 11.6).

Portanto, a única forma de preservar o ensino de salvação pela graça é excluindo completamente obras humanas e, por consequência, o mérito humano. E como é um axioma irrefutável que a salvação bíblica é por graça, já não podemos admitir que nossas obras façam qualquer contribuição. É por esse motivo que o apóstolo Paulo avalia que justificação pela fé somente é a única soteriologia compatível com salvação pela graça. "Essa é a razão por que provém da fé, para que seja segundo a graça" (Romanos 4.16).

Os diversos sistemas que procuram misturar salvação pela fé e por obras têm essencialmente o mesmo perfil. Reconhecem que o pecador não tem justiça

perfeita, mas creem que Deus considera aceitável estabelecer um padrão de justiça inferior, que está dentro do seu alcance, e promete conceder a salvação como recompensa para quem atingir pelo menos esse padrão alternativo.

Os judeus no tempo de Cristo pregavam que o padrão consistia em guardar adequadamente a Lei (a circuncisão, os rituais judaicos, a guarda dos dias santos, a obediência aos mandamentos morais, etc.). Para o catolicismo, as obras requeridas vieram a ser o batismo, a confirmação, participação na missa, confissão, boa conduta moral, etc. O padrão poderia ser outro. Poderia ser mais rigoroso, exigindo décadas de conduta impecável; ou poderia ser mais tolerante, requerendo que alguém frequentasse uma igreja regularmente e mais nada. Poderia ser aquilo que muitos hoje imaginam: que para estar de bem com Deus basta ser uma boa pessoa nos padrões de nossa sociedade contemporânea, nunca se envolvendo com práticas como roubar e matar. Em qualquer um desses modelos, a salvação é sempre uma recompensa para quem atingir determinado nível de bondade, a qual nem todos alcançam.

A Bíblia diverge radicalmente de tudo isso, ensinando que a salvação é um dom gratuito recebido por meio da fé. A pessoa salva não pode se congratular por ter feito coisa alguma para conquistar a salvação. Nem mesmo a fé pela qual é justificada vem a ser algo pela qual é recompensada, pois a própria fé é um dom de Deus, resultando da obra do Espírito Santo no coração (Efésios 2.8; João 6.29, 45):

> Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado. (João 6.29)
>
> Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus. Portanto, todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a mim. (João 6.45)

Ao invés de crer e por isso receber graça, a Bíblia ensina que é preciso receber graça para então crer (Atos 18.27; Filipenses 1.29). Não podemos inverter isso sem transformar a fé em uma obra humana e a graça em seu salário.

Uma vez que fé é um dom de Deus e que a justificação é mediante a fé somente, fica evidente que a salvação é pela graça somente. Assim podemos

compreender a declaração de Paulo, "Essa é a razão por que provém da fé, para que seja segundo a graça" (Romanos 4.16).

O Dr. Lloyd-Jones nos expressa essa verdade muito bem:

> Qual é a relação entre fé e justificação? Isso é importante, visto que algumas pessoas concluem que significa que somos justificados devido à nossa fé. Mas essa é a própria essência da heresia, e deve ser condenada completamente. Se sou justificado devido à minha fé, ou porque exerço fé, então minha salvação é definitivamente por meio de obras, e Deus me justifica em virtude dessa obra que eu tenho realizado, à qual chamo fé. As Escrituras, porém, não afirmam que sou justificado devido à minha fé ou porque estou exercendo fé; ela diz que sou justificado *por* fé, o que significa que a fé é o *instrumento* — e nada além de instrumento — por meio do qual sou capacitado a receber a justiça que Deus me comunica.[15]

Para entender melhor esse conceito precisamos fazer as seguintes perguntas: Qual é a justiça pela qual somos justos diante de Deus? É nosso ato de crer ou é outra coisa? E se for outra coisa, qual é a relação da fé em nossa justificação?

Em resposta às primeiras duas perguntas, precisamos reconhecer que a fé não é a justiça que constitui alguém como justo. John Murray explica:

> Se a própria fé é a justiça contemplada, sendo *a causa por que* Deus justifica o ímpio, a questão assume a seguinte forma: como pode isto ser reconciliado com a verdade que é o âmago do ensino do Novo Testamento nesta conexão, ou seja, que a redenção que há em Cristo, a propiciação e a reconciliação, por intermédio do seu sangue, e sua obediência até a morte constituem o motivo pelo qual os pecadores são justificados? Se a fé é a própria justiça, como a obra redentora do Cristo entra em relação direta com a nossa justificação, conforme é indicado em particular no ensino de Paulo?[16]

Ninguém se torna justo por sua própria obediência. Os que se tornam justos o fazem pela obediência de um só, a saber, a obediência de Jesus Cristo.

> Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, *por meio da obediência de um só*, muitos se tornarão justos. (Romanos 5.19)
>
> O ensino bíblico é que a fé, a nossa fé, não é o fundamento de nossa justificação. O fundamento de nossa justificação é a justiça do Senhor Jesus Cristo a nós imputada. Cristo é a minha justiça, e não minha fé. Não é o meu crer nele que me salva. É ele mesmo quem me salva. Portanto, vocês percebem o perigo sutil de considerar minha fé como o fundamento da salvação?[17]

A fé não tem poder de nos justificar, porque para sermos justos precisamos de uma justiça perfeita. Só a justiça de Cristo pode nos suprir isso. O fato de alguém crer em Cristo jamais poderia ser compreendido como uma justiça perfeita. Se Deus, em sua graça, aceitasse a fé como justiça, a realidade seria que ele aceitaria como justiça aquilo que não é justiça e a salvação seria uma recompensa por uma vida imperfeita.

As observações do puritano Obadiah Grew revelam-se particularmente perspicazes:

> A fé, em si, como uma qualidade inerente, não nos justifica. Um homem não é justificado por causa da fé, mas pela fé; não em razão da fé, como se ela fosse a causa, mas através dela, como um instrumento na justificação [...] Fé somente é aquilo em nós que Deus utiliza em nossa justificação — não como algo que merece justificação, mas como instrumental [...] De fato, se a fé, em si, fosse nossa justiça, conforme alguns pensam equivocadamente, então seríamos justificados por uma justiça imperfeita.[18]
>
> Pois isso é transformar nossa fé em nosso Cristo, e excluir sua justiça de ser a razão ou a substância de nossa justificação.[19]

Então, devemos negar que nossa fé seja nossa justiça, e afirmar que a obediência de Cristo é nossa justiça. Já em resposta à pergunta sobre a relação da fé em nossa justificação, devemos concluir que a fé serve uma função instrumental, pela qual se recebe a justiça de Cristo. François Turretini (1623-1687) desenvolve detalhadamente essa importante compreensão da relação entre a fé e a justificação em sua obra clássica sobre justificação:

> Não somos justificados senão por uma justiça perfeita [...] Nem pode ser dito que não se trata de uma justiça perfeita, em si, mas algo que é aceito por Deus como sendo o bastante, devido a uma redução graciosa das exigências da lei [...] Se fé é considerada justiça, seremos justificados por obras, pois neste caso a fé não pode ter outra relação, senão a de uma obra que torna alguém justo.[20]
>
> Em tal caso, a antítese do apóstolo entre obras e fé desabaria, pois a fé sempre acabaria justificando como uma obra [...] Assim poderia ser dito que somos justificados "por causa da fé" (*dia tēn pistin*). As Escrituras nunca dizem isso, mas sempre empregam 'pela fé' (*pistei*) ou "mediante a fé" (*dia tēs pisteōs, ek pisteōs*) como por meio de um instrumento.[21]

Em nossa língua a preposição "pela" pode ser ambígua. Ela pode indicar o agente ou o instrumento empregado. Considere, por exemplo, estas duas frases: "Fui informado pelo Pedro"; e "Fui informado pelo telefone". Porém, tal ambiguidade não existe no grego do Novo Testamento. Assim sendo, mesmo que traduções para outros idiomas possam falhar em tornar isso aparente, é perfeitamente claro no texto grego original que fé cumpre um papel instrumental toda vez que encontramos a expressão "pela fé" ou "mediante a fé" (dia com o genitivo e nunca com o acusativo).

O ponto é que a fé não constitui a justiça do justo, ou a razão pela qual ele é justo; é antes o mero instrumento pelo qual lhe é imputada a justiça de Cristo. Não é como se no evangelho Deus aceitasse fé evangélica como justiça suficiente para a salvação. Deus não abaixou o padrão. Justiça perfeita ainda é necessária. Seria impróprio recompensar fé com salvação, porque a fé não constitui uma justiça perfeita e porque tornar a salvação em uma recompensa por obediência viola tudo que a Bíblia ensina sobre salvação por graça e não por obras.

> A fé, ou o ato de crer, não é considerado nossa justiça para com Deus por meio de uma aceitação graciosa, porque aquilo que é apenas um instrumento para receber a justiça não pode ser, ela mesma, a justiça, formalmente. [...] Paulo faz alusão a isso em Romanos 3:24, passagem em que a fé não pode ter outro sentido que o de um instrumento, visto que a graça de Deus ocupa a posição de princípio eficiente e a redenção de Cristo a de causa meritória.[22]

Essencialmente, Turretini está explicando que quando somos levados pelo Espírito de Deus a crer, nós exercemos a fé que recebemos como um dom, e que dessa forma a fé se torna a causa instrumental da salvação. Assim como o ato de comer não nutre o corpo, e sim o alimento ingerido, o ato de crer também não justifica, e sim a justiça perfeita de Cristo que é atribuída ao que crê. Portanto, o crente é justificado não pelo mérito de crer, ou como uma recompensa por ter ele crido, mas através da fé, sendo ela como um meio pelo qual Deus o justifica.

2. A segunda preocupação na mente dos autores bíblicos quando rejeitam obras humanas no plano de salvação é que incluí-las daria ao homem margem para se gloriar. Paulo destaca essa objeção várias vezes:

> Porque, *se Abraão foi justificado por obras, tem de que se gloriar*, porém não diante de Deus. (Romanos 4.2)
>
> Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; *não de obras, para que ninguém se glorie*. (Efésios 2.8-9)
>
> *Onde, pois, a jactância? Foi de todo excluída. Por que lei? Das obras? Não; pelo contrário, pela lei da fé.* Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei. (Romanos 3.27-28)

Na visão bíblica, em que a salvação é um dom gratuito, a pessoa que vem a ser salva não contribui para sua própria salvação, de forma que não pode se vangloriar ou gabar disso. Aqui também se aplicam as ponderações de Paulo:

> Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido? (1 Coríntios 4.7)

E que resposta poderíamos dar, senão o silêncio? Entretanto, se pudéssemos alegar ter algo que não recebemos, teríamos direito de gabar e nos gloriar em nós mesmos por esse feito. Mas, como não é o caso, não há coisa mais imprópria que o ser humano se vangloriar.

Sem a intervenção da graça de Deus, somos pecadores incorrigíveis. A Bíblia faz uso da linguagem mais desesperadora quando descreve nossa avaliação aos olhos de Deus:

> Do céu olha o SENHOR para os filhos dos homens, para ver se há quem entenda, se há quem busque a Deus. Todos se extraviaram e juntamente se corromperam; não há quem faça o bem, não há nem um sequer. (Salmos 14.2-3)
>
> Porque é mau o desígnio íntimo do homem desde a sua mocidade. (Gênesis 8.21)
>
> Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia; todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades, como um vento, nos arrebatam. (Isaías 64.6)

Não é como se fôssemos apenas um pouco imperfeitos, somos realmente abomináveis aos olhos de Deus. Até as nossas justiças (nossas melhores obras e o que acreditamos ser nossas qualidades) são como uma coisa imunda para ele. A Bíblia diz que provocamos a ira de Deus todos os dias (Salmos 7.11) e atribui nossa própria sobrevivência diária à misericórdia de Deus:

> As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim. (Lamentações 3.22-23)

Uma criatura tão vil, em uma condição tão deplorável, não tem do que se gabar. Só poderá ser salva se Deus, em sua graça, tiver dó. Se isso acontecer, terá que reconhecer que nenhuma de suas "boas" obras (que não passam de trapo de imundícia) puderam contribuir. Seria repugnante encontrá-lo gloriando-se de suas obras, sendo que a única "contribuição" que suas obras fizeram para sua salvação foi torná-la necessária! É absolutamente necessário que ele direcione toda a gratidão pela sua salvação a Deus. Não pode haver parabéns para o pecador, pois isso seria imoral e desonroso para com Deus, a quem ele deve tudo.

É isto que está na mente de Paulo quando declara: "não de obras, para que ninguém se glorie" (Efésios 2.9). Salvação pela graça, mediante a fé, exclui toda margem para jactância ou vanglória (Romanos 3.27), exalta a graça de Deus e faz com que Deus, somente Deus, seja glorificado na salvação de pecadores. Afinal, esse é o grande objetivo, tanto da criação, como da redenção.

> Todos os do teu povo serão justos, para sempre herdarão a terra; serão renovos por mim plantados, obra das minhas mãos, *para que eu seja glorificado*. (Isaías 60.21)
>
> E a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria, em vez de pranto, veste de louvor, em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem carvalhos de justiça, plantados pelo SENHOR *para a sua glória*. (Isaías 61.3)
>
> *A fim de sermos para louvor da sua glória*, nós, os que de antemão esperamos em Cristo. (Efésios 1.12)

Deus não admitirá que um método falso de salvação lhe roube a glória e a coloque sobre o homem:

> Por amor de mim, por amor de mim, é que faço isto; porque como seria profanado o meu nome? *A minha glória, não a dou a outrem*. (Isaías 48.11)
>
> *Olhai para mim e sede salvos*, vós, todos os limites da terra; porque eu sou Deus, e não há outro. Por mim mesmo tenho jurado; da minha boca saiu o que é justo, e a minha palavra não tornará atrás. Diante de mim se dobrará todo joelho, e jurará toda língua. De mim se dirá: *Tão-somente no SENHOR há justiça e força*; até ele virão e serão envergonhados todos os que se irritarem contra ele. Mas no SENHOR será justificada toda a descendência de Israel *e nele se gloriará*. (Isaías 45.22-25)
>
> Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, *e justiça, e santificação, e redenção, para que*, como está escrito: *Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor*. (1 Coríntios 1.30-31)
>
> Ou quem primeiro deu a ele para que venha a ser recompensado? Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. *A ele, pois, a glória* eternamente. Amém! (Romanos 11.35-36)

Isso nos leva a uma questão crucial. Toda crença que divide a glória da salvação entre Deus e o pecador é ofensiva a Deus. Algumas pessoas acreditam que, por meio das dúvidas, é melhor crer em salvação através de uma combinação de fé e obras, porque isso as levaria a praticar boas obras com maior zelo.[23] Imaginam que assim estariam mais prevenidas, no caso das suas obras contarem como critério em sua salvação; e, ao mesmo tempo, caso se comprovar no último dia que a salvação é pela fé somente, sentem que sua condição continuaria segura porque, neste caso, elas ainda teriam a fé, além das boas obras de sobra.

Há, porém, um grave problema nessa forma de pensar. A pessoa que crê em salvação por suas obras mantém sua fé em si mesma, confiando naquilo que ela mesma realiza para a salvação de sua alma. Mas Deus só salva aquele que deposita sua fé em Cristo. Praticar boas obras com o objetivo de assegurar a própria salvação é incredulidade na suficiência da obra redentora de Cristo. Ao invés de ter fé e boas obras de sobra, na verdade, quem faz isso não tem a fé de que a Bíblia está falando e, portanto, não está salva. A Bíblia não deixa dúvidas quanto a isso, como na passagem em que Jesus denunciou confiança em si como um impedimento para a justificação:

> Propôs também esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros: Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um, fariseu, e o outro, publicano. O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó

> Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano; jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho. O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado. (Lucas 18.9-14)

Lucas nos informa que a parábola é dirigida a alguns que confiavam em si mesmos, por si considerarem justos. Sem dúvida, os fariseus contavam com alguma medida de misericórdia divina para serem salvos, mas o que Jesus deixa irrefutavelmente claro é que eles também contavam em grande medida com suas obras.

O fariseu aqui descrito não faz referência a cerimônias. As coisas a que se refere revelando porque ele está confiante de sua justificação são suas obras de obediência aos mandamentos de ordem moral na lei de Deus ("Não furtarás" e "Não adulterarás", etc.). Mas Jesus não poderia ter sido mais claro. Ele declara explicitamente que esse fariseu, confiando em suas obras, mesmo orando para o único Deus verdadeiro, foi rejeitado, enquanto o publicano, que reconheceu sua miséria espiritual, retornou justificado para sua casa. O motivo? Porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado (*v.* 14).

Paulo conhecia bem a mente de um fariseu, pois fora um. Escrevendo aos filipenses, ele nos dá testemunho de como abandonou aquele sistema, o qual descreve como uma religião legalista de salvação por obras, para confiar na graça de Deus em Cristo:

> Porque nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne. Bem que eu poderia confiar também na carne. Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu, quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível. Mas o que, para mim, era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé. (Filipenses 3.3-9)

Paulo aqui estabelece um contraste entre aqueles que se "gloriam em Cristo" (isto é, os cristãos verdadeiros) e os que "confiam na carne", dos quais ele confessa ter sido um no judaísmo, antes de ser cristão. Ele caracteriza sua experiência de então como a de alguém cheio de justiça própria, que acreditava tornar sua salvação mais provável pela sua obediência às leis bíblicas. É isso que ele chama de "confiar na carne". A fim de ajudar outros a não cometerem o mesmo erro ele cita suas credenciais impressionantes, que começam aos oito dias de idade, e diz que rejeitou tudo aquilo. Ele deixou de confiar na carne e passou a confiar somente em Jesus Cristo como seu Salvador.

A linguagem com que Paulo se expressa nesta questão é fortíssima. "Mas o que, para mim, era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo [...] por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo". Ele não soma Cristo e suas obras, ele descarta totalmente sua confiança em obras e faz uma substituição. Afinal, os verdadeiros filhos de Deus não são os que se gloriam em Cristo e também confiam na carne, são os que se gloriam em Cristo e *não* confiam na carne (*v. 3*). Ele termina dizendo que deseja ser achado em Cristo, "*não tendo justiça própria, que procede de lei*, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé" (*v. 9*).

Precisamos notar bem essa conclusão. Paulo enfaticamente renuncia qualquer justiça própria. Ele não quer ter nem mesmo um pouquinho desse tipo de justiça. A palavra "senão" nos diz isso claramente. Ele não quer ter justiça própria, *senão* a que é mediante a fé em Cristo, pois essa justiça lhe basta. Enquanto rejeita justiça própria, ele abraça a justiça que procede de Deus. Essa justiça que vem de Deus não é por obras da lei, é mediante a fé em Cristo. Paulo troca toda confiança em si por confiança exclusiva em Cristo, porque só assim ele se torna um dos que se "gloriam em Cristo" e "não confiam na carne" (*v. 3*).

À semelhança de Paulo, todos temos que escolher entre nos apegarmos à nossa própria justiça ou renunciá-la para confiar somente em Cristo como Salvador e nos gloriarmos nele. É uma escolha entre dois salvadores. Quem confia em si recusa-se a confiar em Cristo. Quem quiser confiar em Cristo terá que abandonar toda confiança em si.

Na epístola aos Romanos, Paulo demonstra que a crença em salvação por obras e justiça própria foi a ruína dos seus compatriotas que eram devotos ao judaísmo:

> Que diremos, pois? Que os gentios, que não buscavam a justificação, vieram a alcançá-la, todavia, a que decorre da fé; e Israel, que buscava a lei de justiça, não chegou a atingir essa lei. Por quê? Porque não decorreu da fé, e sim como que das obras. Tropeçaram na pedra de tropeço, como está escrito: Eis que ponho em Sião uma pedra de tropeço e rocha de escândalo, e aquele que nela crê não será confundido. (Romanos 9.30-33)
>
> Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos. Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento. Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus. Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê. (Romanos 10.1-4)

Novamente encontramos dois métodos de justificação: a fé em Cristo ou as próprias obras. Referindo-se a gentios que se converteram ao cristianismo, Paulo nos conta de pessoas que nem mesmo buscavam a justificação, mas que vieram a alcançá-la por meio da fé em Cristo. Em seguida ele nos conta de pessoas que buscavam justificação, mas falharam. Ele se refere aos seguidores do judaísmo. Eles não obtiveram sucesso, Paulo nos assegura, em razão do caminho pelo qual buscavam a justificação. "Por quê? Porque não decorreu da fé, e sim como que das obras" (Romanos 9.32).

É importante notar como os judeus são descritos pelo autor divinamente inspirado. Eles buscavam a lei de justiça, mas não chegaram a atingir essa lei (Romanos 9.31). Eles tinham zelo por Deus, porém não com entendimento (Romanos 10.2). Eles desconhecem a justiça de Deus (a justiça de Cristo recebida pela fé nele), e por isso procuram estabelecer a sua própria justiça que decorre das obras (Romanos 10.3; 9.32).

Cada uma destas frases prova que eles não eram salvos, apesar de toda sua religiosidade e fervor. Paulo sente profundamente esse fato e ora a Deus a favor deles, para que sejam salvos (Romanos 10.1). Mas essas declarações fazem mais que isso; elas também nos informam *o motivo* pelo qual eles continuavam condenados. Paulo reforça a mesma mensagem repetidamente: Eles não eram

salvos devido a suas tentativas de se salvarem por meio de suas obras. Agindo assim, eles não se sujeitaram à justiça que vem de Deus (Romanos 10.3).

Para nos sujeitarmos à justiça que vem de Deus (a justiça de Cristo), é preciso admitir que somos totalmente incapazes de nos salvar e abandonar qualquer confiança em nossas obras e méritos. Enquanto não o fizermos, podemos ser zelosos de boas obras, mas ainda ficaremos muito abaixo do santo padrão exigido por Deus, e todos os nossos esforços não passarão de um monumento erigido em testemunho à nossa falta de fé em Cristo como o único e suficiente Salvador. Somente procuramos estabelecer nossa própria justiça quando não confiamos na justiça que Deus providencia gratuitamente em Cristo. Isso é a essência de rejeitar o evangelho.

Como é difícil aceitar o evangelho. Nada nos parece mais lógico do que salvação por obras. Nossa tendência natural é achar que a salvação deve ser uma recompensa para quem se mostrar mais digno. Não faz sentido dizer que uma pessoa religiosa que se esforça a fazer boas obras a vida inteira pode ser condenada, ao passo que um pecador notório pode ser justificado instantaneamente ao depositar sua fé em Cristo como Salvador. Salvação pela graça mediante a fé nos parece imoral, até mesmo subversiva a toda boa conduta. "Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus" (1 Coríntios 1.18).

Eis porque Jesus é chamado de uma "pedra de tropeço" e "rocha de escândalo" (Romanos 9.33). Os judeus tropeçaram nessa pedra de tropeço. Cuidado, ou tropeçaremos nós também! O único remédio contra esse tropeço é entender profundamente a verdade de que somos todos igualmente pecadores condenados. Na linguagem bíblica, "não há distinção", pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus (Romanos 3.23).

Essa compreensão advém do uso correto da Lei de Deus, que nos expõe como realmente somos, até que ninguém sob sua luz consiga alimentar alguma esperança de se salvar por suas obras. Tomar a Lei de Deus como um método de salvação é fazer mau uso dela. A finalidade da Lei é nos mostrar o quanto somos maus para calar toda boca jactanciosa e nos levar a reconhecer nossa culpa diante de Deus (Romanos 3.19-20). Se, pela graça de Deus, a Lei realizar

isso no coração humano, ela o fará desesperar de toda justiça própria e o impelirá a procurar salvação em termos de pura misericórdia, colocando a pessoa no rumo certo para encontrar em Cristo um Salvador precioso. "Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê" (Romanos 10.4).

Se o evangelho nos parece chocante, precisamos rever nossos conceitos. Precisamos enxergar que salvação por obras exalta o pecador que faz sua parte para alcançar a salvação. Isso é que é imoral. Salvação pela fé em Cristo somente exalta a graça de Deus. Isso, sim, é que é apropriado.

A Epístola de Paulo aos Gálatas foi escrita justamente para refutar uma deturpação do cristianismo que ensinava salvação pela fé em Cristo *e* obras. Paulo chamou tal ensino de uma perversão do evangelho. Ele rejeitou qualquer possibilidade de associar as duas coisas e insistiu que isso contradiz a graça e anula a fé em Cristo:

> Admira-me que estejais passando tão depressa daquele que vos chamou na graça de Cristo para outro evangelho, o qual não é outro, senão que há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema. (Gálatas 1.6-8)

Essa abertura forte de Paulo não é uma mera repreensão ou admoestação, é uma pronúncia de maldição. Paulo entende que a doutrina que ele combate é nada menos que uma heresia fatal. A natureza do erro que ele tanto ataca transparece ao longo da epístola. Os judaizantes não negavam que a cruz de Cristo fosse essencial para a salvação. O que eles negavam é que a salvação fosse pela fé em Cristo somente. O "evangelho" que eles pregavam ia além daquilo que Paulo pregava, acrescentando as obras da lei como condição para a salvação. Eles pregavam uma versão legalista de cristianismo. Era farisaísmo cristão que buscava a justificação através do cumprimento da lei (circuncisão, guarda de dias e outras obras da lei).

Paulo rejeita qualquer papel para obras na justificação, em favor de justificação pela fé:

> Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado. (Gálatas 2.16)

Paulo considera impossível misturar graça e obras, porque uma coisa anula a outra. Ele não aceita um meio termo. Para ele, ou é graça ou é obras; daí ele conclui que se obras pudessem salvar, não haveria necessidade alguma da morte de Cristo: "Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão" (Gálatas 2.21).

No capítulo 3, Paulo divide as pessoas em duas categorias: os da fé e os das obras:

> *Os da fé* são filhos de Abraão. (Gálatas 3.7)
> *Os da fé* são abençoados com o crente Abraão. (Gálatas 3.9)
> Mas, *todos quantos são das obras* estão debaixo de maldição. (Gálatas 3.10)

Essa é a posição intransigente do apóstolo. Ele reforça isso no capítulo 5:

> Eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, *Cristo de nada vos aproveitará*. De novo, testifico a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a guardar toda a lei. De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes. (Gálatas 5.2-4)

A pessoa que busca estabelecer sua própria justiça adota um método de salvação onde Cristo de nada lhe aproveitará. Esse método só funcionará caso guardar perfeitamente toda a lei, sem jamais pecar (o que é impossível). Fazer obras para assegurar a salvação é optar por salvação ou condenação nesse critério, é se desligar de Cristo e da graça como o princípio operante na salvação.

Ao aproximar-se do fim da epístola, a verdadeira motivação dos judaizantes é desmascarada: "Todos os que querem ostentar-se na carne, esses vos constrangem a vos circuncidardes" (Gálatas 6.12). Os judaizantes favoreciam um sistema legalista de salvação porque isso lhes daria margem para se ostentarem na carne. Ou seja, uma salvação por obras torna possível ao homem se gloriar do que ele tem feito e realizado por si.

A grande diferença entre o evangelho da graça pregado por Paulo e o falso evangelho dos judaizantes é que no evangelho de Paulo toda a glória da salvação vai para Deus, enquanto no evangelho dos judaizantes o homem tem do que se gloriar. Em vista disso, Paulo faz a declaração mais definitiva de toda a epístola: "Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo" (Gálatas 6.14).

Gloriar na cruz significa atribuir a ela nossa salvação. É dizer: "Eu terei vida eterna porque Jesus expiou meus pecados na cruz". Note bem que Paulo não apenas diz que se gloria na cruz. Ele se recusa gloriar-se em qualquer coisa que seja, *senão* na cruz.

Em contraste, seria possível atribuir a salvação a muitas outras coisas também. Poderíamos pensar que a vida eterna é o resultado do que Jesus fez e também do que nós mesmos fazemos, guardando a lei de Deus. Mas todos que se gloriam em suas obras serão por elas julgados e receberão de Deus o que suas obras realmente merecem, enquanto os que se gloriam somente em Cristo são salvos. Por isso, Paulo se horroriza só em pensar de se gloriar em outra coisa e exclama: "Longe esteja de mim tal coisa!"

Não basta dizer: "A salvação é pela fé em Cristo". Precisamos dizer: "A salvação é pela fé em Cristo somente". Não podemos confiar em Jesus para uma parte de nossa salvação e confiar em nós mesmos para realizar o resto. Precisamos confiar em Cristo como o único e suficiente Salvador.

Ao descobrirem essa mensagem na Bíblia, não é de se estranhar que os reformadores ficaram tão alarmados pela crença em ganhar mérito que contribui para a salvação por meio de boas obras. Mesmo que se procure amenizar o problema dizendo que não se trata de um mérito de quem é digno, continua sendo mérito, e isso é a própria antítese da salvação pela graça ensinada na Bíblia. Isso não é outra coisa senão ensinar um outro evangelho que vai além daquele pregado pelo Senhor Jesus e os apóstolos. Como disse Lutero, justificação pela fé somente é "o artigo pelo qual uma igreja fica de pé ou cai" (*articulus stantis et cadentis ecclesiae*).

Perda da salvação na doutrina católica

Como dissemos no início deste capítulo, a compreensão católica de justificação é que gera sua doutrina de perda da salvação. A justificação é vista como um processo que depende de obras, logo poderá ser perdida conforme as obras.

Os Cânones de Trento, sessão 6, cânone 15 declaram:

> É preciso crer que a graça da justificação [...] é perdida não apenas por tornar-se um infiel, perdendo a própria fé, mas também por todo pecado mortal, embora, nesse caso, não se perde a fé; assim defende-se o ensino da lei divina que exclui do reino de Deus não somente os incrédulos, mas também os fiéis que forem "impuros, adúlteros, efeminados, sodomitas, ladrões, avarentos, bêbados, maldizentes, ou roubadores" (1 Coríntios 6.9-10; 1 Timóteo 1.9), assim como todos os demais que cometem pecados mortais, os quais poderiam evitar com a ajuda da graça divina, e pelos quais são cortados da graça de Cristo.[24]

R. C. Sproul destaca as enormes implicações desse cânone:

> Trento indica que a graça da justificação pode ser perdida de duas formas. A primeira é por apostasia, em que a fé é perdida e com ela a justificação. A segunda maneira é pelo pecado mortal, que é ainda mais significante, pois nesse caso o indivíduo possui fé, mas perde a justificação. Se é possível ter fé genuína sem ter justificação, fica claro, por lógica irresistível, que a justificação não é pela fé somente.[25]

As duas formas de se perder a salvação nessa declaração devem ser analisadas separadamente. Conforme Sproul observa, é uma rejeição da justificação pela "fé somente" ensinar que a salvação depende da *conduta* diária e que pode ser perdida por pecar, mesmo enquanto se tem fé verdadeira. É claro que isso não representa uma dificuldade para a Igreja Romana já que ela abertamente rejeita a doutrina da justificação pela fé somente. Mas para uma igreja evangélica, que prega a justificação pela fé somente, seria uma contradição gravíssima dizer que um *crente* pode perder sua salvação quando peca.

Crentes pecam. Isso ninguém contesta. Os textos bíblicos nos comprovam isso tanto nas passagens didáticas (Romanos 7.15-23 por exemplo) como nas narrativas. A Bíblia relata francamente os pecados dos santos. Mas pecar não é o mesmo que renunciar a fé. Mesmo quando, num momento de fraqueza, Pedro negou ao Senhor, ele não deixou de ser um crente, por assim dizer. A fórmula bíblica "*Todo* aquele que crê em Cristo tem a vida eterna" (João 6.47)

necessariamente implica que enquanto alguém tem fé genuína em Cristo, estará salvo, mesmo ao pecar. Sua salvação não é mantida por praticar boas obras, nem, inversamente, perdida à medida que se comete um pecado. Quem está em Cristo pela fé tem a justiça de Cristo e é justo, sendo simultaneamente justo e pecador.

A Bíblia trata da questão da seguinte maneira:

> Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro. (1 João 2.1-2)

João está falando de crentes. Suas palavras mostram que se um crente pecar, ele não cai em condenação, pois continua sendo defendido por seu advogado, Jesus. Isso nada mais é que justificação pela fé, na prática. Ensinar o contrário é, essencialmente, ensinar justificação por obras e só poderá ser feito se conscientemente rejeitarmos justificação pela fé somente, ou se nossa compreensão dessa verdade for tão fraca que falhamos em enxergar suas implicações.

Uma doutrina de justificação progressiva subentende que cada pecado novo é lançado na conta do cristão e ali continua até que seja perdoado, ou até que seja confrontado no Juízo. Isso significaria que acumulamos pecados diariamente, muitos dos quais nem nos lembramos de confessar. Para enfrentarmos o Juízo de Deus, precisamos de que todos os nossos pecados sejam totalmente removidos de nossa conta. Do contrário, seremos condenados, como observou o salmista: "Se tu, SENHOR, observares as iniquidades, Senhor, quem subsistirá?" (Salmos 130.3; ARC)

A Igreja Católica encontra uma saída para esse problema em sua doutrina de pecados mortais e veniais, assim como na sua doutrina de purgatório. Conforme esse ensino, somente pecados mortais causam a perda da justificação, ao passo que pecados veniais só acarretam tempo de purgatório. Mas, conforme a Bíblia, todo pecado é digno de condenação, e qualquer pecado do qual uma pessoa ainda não foi justificada bastaria para impedir sua entrada

na glória eterna. Se rejeitarmos os conceitos de pecados veniais e de purgatório para salvos por não serem bíblicos, mas insistirmos em uma doutrina de justificação como processo progressivo, só resta concluir que uma pessoa justificada perderia a salvação a cada vez que pecasse, qualquer que fosse o pecado.

Seguindo essa hipótese seremos levados a crer que perdemos diariamente nossa justificação. E de que forma ela poderia ser renovada? Confessando cada pecado? O que aconteceria se esquecêssemos de confessar algum pecado específico? Ou seria o bastante apenas ter uma atitude geral de arrependimento e um propósito sincero de fazer o que agrada a Deus?

Nesse caso, o que aconteceria se morrêssemos antes de nos arrependermos de algum pecado específico? Certamente isso implicaria que tudo depende do momento da morte de um cristão. Se "tiver sorte", a morte o apanha num bom momento ou chega com aviso e prazo para se preparar e "acertar a vida" com Deus.

Se não "tiver sorte", a morte o surpreende em um momento de pecado e, quando se der conta do fato, já estará no inferno. Isso tornaria impossível dizer que um irmão em Cristo falecido esteja no céu, a menos que tenhamos condições de dizer o que se passava na mente dele nos instantes antes de sua morte.

Francamente, isso é absurdo. Ninguém pode se prometer que não pecará mais. Tampouco poderá se prometer que não cometerá nenhum pecado momentos antes de morrer. Isso não é algo meramente teórico. Muitos crentes têm morrido mesmo enquanto cometiam um pecado. Quem garante que não será assim no meu e no seu caso também? Acreditar dessa forma produzirá uma incerteza absoluta de onde se passará a eternidade. Alguém pode até pensar que esse tipo de pressão promoverá mais zelo em combater o pecado (embora nem isso garantiria a salvação), mas é mais provável que só resultará em medo que poderá até levar ao desespero.

De fato, muitos evangélicos hoje vivem essa incerteza. Acreditam numa salvação que é um constante vai e vem. Quando era aluno de seminário ouvi um testemunho na reunião de capela em que uma pessoa afirmou já ter

perdido sua salvação várias vezes, mas nos assegurou que estava pronta caso Jesus voltasse *naquele momento*. Não podemos concordar com esse ensino. As passagens bíblicas que já foram examinadas acima nos ensinam a rejeitar qualquer doutrina que torna a salvação decorrente de nossa boa conduta.

Justificação é um ato, e não um processo

Além do mais, a Bíblia não retrata a justificação como um processo e, sim, como um ato único. A tradição reformada tem demonstrado bastante precisão nesse ponto, conforme pode ser observado na definição de justificação encontrada no *Catecismo Menor de Westminster*:

> Pergunta 33: Que é justificação?
> Resposta: Justificação é *um ato* da livre graça de Deus, no qual ele perdoa todos os nossos pecados, e nos aceita como justos diante de si, somente por causa da justiça de Cristo a nós imputada, e recebida só pela fé.

A prova disso é que na Bíblia a justificação sempre está vinculada ao que ocorreu na conversão. Nunca se trata de algo que acontece progressivamente, nem repetidamente desde aquele momento.

Poderíamos formular a questão em termos de quando a justificação ocorre. É no momento em que uma pessoa crê, repetidamente ao longo da vida, no momento da morte ou no Dia do Juízo, após um exame da vida de um cristão?

A Bíblia consistentemente ensina que a justificação acontece no momento em que uma pessoa crê:

> Pois que diz a Escritura? Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça. (Romanos 4.3)

É evidente que Abraão pecou depois daquele momento, mas, quando Paulo recorda de Abraão, ele entende que aquele foi o instante em que a questão foi de todo resolvida, continuando a valer pelo resto de sua vida. Sua justificação ali recebida nunca expirou ou precisou ser renovada. Anos mais tarde, ele foi circuncidado como sinal da justiça da fé que teve desde aquele dia: "E recebeu o

sinal da circuncisão como selo da justiça da fé que teve quando ainda incircunciso" (Romanos 4.11).

Na parábola do fariseu e do publicano, Jesus nos responde à pergunta de quando somos justificados. "Digo-vos que este desceu justificado para sua casa" (Lucas 18.14). Ele não teve que esperar até que realizasse obras de penitência ou, muito menos, até o Dia do Juízo. Ele já desceu para sua casa justificado. Semelhantemente, o relato da conversão de Zaqueu conclui com a declaração de Jesus, "Hoje, houve salvação nesta casa" (Lucas 19.9).

A justificação é um ato único, impossível de ser repetido

Toda vez que a Bíblia fala de salvação ela é retratada como uma realidade instantânea, e não um processo. Além disso, a justificação é tratada como definitiva. Nunca encontramos na Bíblia a possibilidade de que uma pessoa possa ser justificada mais que uma vez. As palavras de Jesus em João 5.24 pressupõem exatamente isso:

> Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas *passou da morte para a vida*. (João 5.24)

Jesus se expressa em linguagem que remete ao passado. Isso já ocorreu. Em um momento definido no tempo, quem crê (no presente) passou (no passado) da morte para a vida. É semelhante ao modo em que Paulo escreve: "E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; *as coisas antigas já passaram*; eis que se fizeram novas" (2 Coríntios 5.17).

Quando Paulo escreve sua primeira epístola aos Coríntios, seu tom é de exortação. Ele procura corrigir muitos erros na igreja, entre eles, divisões, desrespeito na ceia, abusos na área dos dons espirituais, complacência diante de um caso de imoralidade e membros da igreja em litígio um contra o outro.

Os coríntios eram pecadores, ninguém pode negar, mas Paulo não se refere à justificação deles como algo que vem se renovando, e sim como algo que aconteceu no dia em que eles creram, com resultados permanentes até aquele dia: "Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados,

mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus" (1 Coríntios 6.11).

Se a justificação tivesse sido perdida alguma vez desde a conversão, o que importaria, a essa altura, não seria aquela justificação de outrora, e sim sua justificação mais recente. Fica claro que a Bíblia trata a justificação dos crentes como um ato que esteve concluído desde o dia em que creram no evangelho, e não como um processo em andamento.

Justificação é um ato irreversível

Por último, devemos notar que a justificação é um ato irreversível que se dá uma vez por todas. O ato de justificação não é um ato humano, é um ato de Deus. É uma declaração ou afirmação que Deus faz de que, para fins de julgamento, determinada pessoa é justa. Ou seja, Deus já pronunciou sobre ela o seu veredicto e declarou que ela é justificada, mesmo antes do Juízo. A justificação não pode nem ser revogada nem repetida, porque uma vez que Deus se pronuncia sobre algo, ele jamais muda sua Palavra.

François Turretini nos expressa essa verdade sucintamente:

> A certeza [da justificação] é [...] pela imutabilidade e perseverança de Deus por motivo dos quais ele nunca revoga seu perdão já concedido (em razão da imutabilidade de sua graça, justiça e promessa confirmada por juramento, Hebreus 6:17-18). Pois os dons de Deus concedidos aos eleitos e o chamado segundo o seu propósito (*kata prothesin*) são irrevogáveis (*ametamelēta*, Romanos 11.29). Portanto, Deus nunca condena e deserda aqueles a quem ele uma vez justificou e transformou em herdeiros.[26]

A imutabilidade de Deus

As implicações da natureza imutável de Deus pesam nesta questão. Se tudo dependesse de nossa consistência, certamente Deus encontraria motivos em abundância para nos deserdar e destruir. Ele só não o faz por um motivo: "Porque eu, o SENHOR, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos" (Malaquias 3.7).

Paulo nos afirma em Romanos 11.29 que "os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis". No contexto, Paulo está tratando de outro assunto, mas esse verso se aplica com força plena ao dom da vida eterna, porque Paulo apela para essa

declaração como um princípio absoluto que se aplica a todos os dons de Deus. Seu argumento é que os dons e a vocação de Deus são sempre irrevogáveis, o que se aplica também ao caso do qual estava tratando.

Se em alguns casos os dons e a vocação de Deus fossem revogáveis, o argumento de Paulo seria inválido. Somos, portanto, também obrigados a reconhecer que Deus jamais revogaria o dom de vida eterna, uma vez concedido.

Com isso em mente, podemos nos voltar para as palavras de Tiago:

> Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança. Pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas. (Tiago 1.17-18)

Tiago nos ensina que toda boa dádiva e todo dom perfeito vem de Deus, de um Deus que jamais muda. Não pode existir variação ou sobra de mudança em Deus. Nossa salvação ocorreu porque ele a realizou, pois, segundo o seu querer, ele nos gerou pela palavra da verdade (v. 18). Visto que essa foi uma obra realizada por Deus, a implicação é que não haverá volta, já que Deus não muda. O que está feito é definitivo.

De fato, seria denegrir a imagem de Deus retratá-lo como quem perdoa hoje e que amanhã se arrepende, revogando o que declarou. Não é esse o Deus que encontramos na Bíblia:

> Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá? Eis que para abençoar recebi ordem; ele abençoou, não o posso revogar. Não viu iniquidade em Jacó, nem contemplou desventura em Israel; o SENHOR, seu Deus, está com ele, no meio dele se ouvem aclamações ao seu Rei. (Números 23.19-21)

Alguns têm procurado achar evidências contrárias a isso na Bíblia e argumentam que Deus pode voltar atrás em sua palavra, sim. Apelam principalmente para 1 Samuel 2.30, em que Deus pronuncia julgamento contra Eli e sua casa. Suas palavras exatas são:

> Portanto, diz o SENHOR, Deus de Israel: Na verdade, dissera eu que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim perpetuamente; porém, agora, diz o SENHOR: Longe de mim tal coisa, porque aos que me honram, honrarei, porém os que me desprezam serão desmerecidos.

Para quem não está familiarizado com o contexto dessa promessa, pode realmente parecer que aqui Deus mudou, mas conhecendo melhor as Escrituras sabemos que não é o caso. Deus havia concedido o sacerdócio da Velha Aliança para a tribo de Levi e, mais especificamente, para os descendentes de Finéias, neto de Arão (Números 25.11-13). Eli e seus filhos eram dessa linhagem, mas não eram os únicos dessa linhagem.

A maldição de Deus sobre Eli não anulou sua aliança com Finéias, em cuja linhagem o sacerdócio continuou. Há uma semelhança entre esse caso e a maldição de Jeoaquim em Jeremias 36.30, que lhe impedia de ter um descendente no trono de Davi, mas que não anulou a aliança de Deus com Davi.

Outro trecho citado é 1 Samuel 13.13-14, em que Samuel diz a Saul que o SENHOR teria confirmado o reino de Saul sobre Israel para sempre, se ele tivesse obedecido a Deus. Mas esse texto nem vem ao caso, porque o Senhor nunca havia prometido isso a Saul, e portanto, não houve revogação de dom algum. É claro que Deus manteria sua palavra se tivesse chegado a dar a Saul um reino perpétuo, mas nunca chegou a fazê-lo.

Alguns têm protestado que se a imutabilidade de Deus implica que a justificação é irreversível, também implicaria que o pecador jamais poderia ser perdoado, porque consistência demandaria uma doutrina que diz: "uma vez debaixo da ira de Deus, debaixo da ira de Deus para sempre". Isso deixaria Deus sem condições de mudar para que pudesse perdoar, dizem. Porém, essa comparação não procede, uma vez que a condenação não é um dom de Deus e porque, no caso dos perdidos, Deus retém seu pronunciamento de sentença até o Dia do Juízo. Não é que Deus não possa mudar de postura em seu lidar com suas criaturas, é que Deus jamais pode voltar atrás uma vez que tenha se comprometido, dando sua palavra.

É igualmente fútil alegar que uma pessoa poderia perder o dom da vida eterna conforme ela mesma mudasse, de sorte que Deus seria o mesmo, e a perda da justificação indicaria mudança somente na pessoa. Se uma mudança na pessoa viesse a causar a perda de sua justificação, a pergunta que devemos fazer é: "Quando Deus a justificou, ele sabia que futuramente ela cairia?" Se dissermos que não, negamos sua onisciência. Se admitirmos que sabia, resta um quadro em que Deus a declarou justa e lhe deu o dom da vida eterna, mesmo enquanto sabia que o revogaria em seguida. Isso envolve Deus em tratar da justificação quase como uma brincadeira de faz de conta.

Jesus nos ensina que há júbilo no céu por um pecador que se arrepende (não diz por um pecador que enfim chega no céu). Se a justificação fosse reversível, esse júbilo não seria precipitado? E note bem que não são apenas os anjos que se regozijam, Deus também festeja. Essa é a mensagem da parábola que Jesus contou sobre o pastor e a ovelha perdida:

> Qual, dentre vós, é o homem que, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la? Achando-a, põe-na sobre os ombros, cheio de júbilo. E, indo para casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: *Alegrai-vos comigo*, porque já achei a minha ovelha perdida. Digo-vos que, assim, haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento. (Lucas 15.4-7)

O pastor na parábola representa Deus. A mensagem que Jesus quer nos ensinar é que Deus mesmo se alegra no dia do arrependimento de um pecador. A parábola do filho pródigo também mostra essa alegria em Deus. Não é razoável acreditar que Deus celebra assim o arrependimento de cada pecador, quando ele sabe muito bem que se trata de alguém que, por fim, irá banir para o inferno.

Pessoas que querem argumentar contra a natureza irreversível da justificação deveriam atentar para a advertência do puritano John Owen (1616-1683):

> Dizer que a mudança acontece nas pessoas não remove a implicação de que Deus é mutável, pois ou Deus previu a mudança neles ou não a previu. Se não a previu, onde está sua

> presciência? Onde sua deidade? Se a previu, em que sentido teve ele real e verdadeiramente intenção de introduzi-los na glória eterna, sendo que no mesmo instante em que isso intentava, ele sabia que o homem se comportaria de forma tal e que ele nunca realizaria aquilo que tencionava fazer? [...] Se alguém real e verdadeiramente tem a intenção ou o propósito de alimentar um homem amanhã, mas sabe que, infalivelmente, o tal homem será executado esta noite, pode ser que ele escape da acusação de ser mutável, mas não escapará da acusação de ser contraditório. Ainda assim, insistem que Deus verdadeira e realmente intenta fazer assim e assim por homens, se eles se encontrarem em determinada condição, condição em que ele infalivelmente sabe que não estarão! [...] Ou prove que Deus muda, contrário ao que ele diz sobre si mesmo, ou prove que os santos podem perecer, contrariando o pronunciamento de Deus.[27]

A Bíblia é consistente e conclusiva. Deus não muda, seus dons são irrevogáveis, e isso torna a justificação irrevogável. As próprias promessas de Deus ao seu povo comprovam isso e fecham a questão por todos os lados. O perdão de Deus não pode ser anulado:

> Eu, eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de mim e *dos teus pecados não me lembro*. (Isaías 43.25)
>
> Quem, ó Deus, é semelhante a ti, que *perdoas a iniquidade e te esqueces da transgressão* do restante da tua herança? O SENHOR não retém a sua ira para sempre, porque tem prazer na misericórdia. Tornará a ter compaixão de nós; pisará aos pés as nossas iniquidades e *lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar*. (Miquéias 7.18-19)

Deus perdoa e esquece, por assim dizer. Lançar algo nas profundezas do mar é um eufemismo para lançar em um lugar de onde nunca poderá ser recuperado e, portanto, nunca mais será visto!

> Pois quanto o céu se alteia acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem. *Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões*. (Salmos 103.11-12)
>
> Pois, para com as suas iniquidades, usarei de misericórdia e *dos seus pecados jamais me lembrarei*. (Hebreus 8.12)
>
> Porque isto é para mim como as águas de Noé; pois jurei que as águas de Noé não mais inundariam a terra, e *assim jurei que não mais me iraria contra ti, nem te repreenderia*. Porque os montes se retirarão, e os outeiros serão removidos; *mas a minha misericórdia não se apartará de ti, e a aliança da minha paz não será removida, diz o SENHOR, que se compadece de ti*. (Isaías 54.9-10)

Esse texto maravilhoso prossegue trazendo promessas de que Deus guardará seu povo até que seja revestido daquela glória da Nova Jerusalém, descrita em Apocalipse 21-22. Deus promete ainda que soberanamente os protegerá, de tal forma que não permitirá que qualquer armadilha ou arma possa lhes fazer o mal e que triunfarão sobre toda acusação:

> Ó tu, aflita, arrojada com a tormenta e desconsolada! Eis que eu assentarei as tuas pedras com argamassa colorida e te fundarei sobre safiras. Farei os teus baluartes de rubis, as tuas portas, de carbúnculos e toda a tua muralha, de pedras preciosas. Todos os teus filhos serão ensinados do SENHOR; e será grande a paz de teus filhos. Serás estabelecida em justiça, longe da opressão, porque já não temerás, e também do espanto, porque não chegará a ti. Eis que poderão suscitar contendas, mas não procederá de mim; quem conspira contra ti cairá diante de ti. Eis que eu criei o ferreiro, que assopra as brasas no fogo e que produz a arma para o seu devido fim; também criei o assolador, para destruir. *Toda arma forjada contra ti não prosperará; toda língua que ousar contra ti em juízo, tu a condenarás*; esta é a herança dos servos do SENHOR e o seu direito que de mim procede, diz o SENHOR. (Isaías 54.11-17)

A natureza permanente da salvação encontra um de seus testemunhos mais belos no livro de Hebreus:

> Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados. E disto nos dá testemunho também o Espírito Santo; porquanto, após ter dito: Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei no seu coração as minhas leis e sobre a sua mente as inscreverei, acrescenta: Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre. Ora, onde há remissão destes, já não há oferta pelo pecado. (Hebreus 10.14-18)

O verso 14 afirma que os que estão sendo santificados pelo sangue de Jesus são aperfeiçoados *para sempre*, querendo dizer, de uma vez por todas e de forma irretratável.

O verso seguinte nos diz que no Velho Testamento o próprio Espírito Santo nos dá testemunho disso. A citação vem de Jeremias 31.33-34 onde a Nova Aliança é profetizada. O texto indica que a prova que se busca é encontrada na segunda parte citada, nas palavras: “Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniquidades, para sempre”.

Conforme o autor de Hebreus, essas palavras provam que os salvos são aperfeiçoados para sempre. Se Deus perdoa uma pessoa e promete que nunca mais se lembrará de seus pecados para sempre, que mais precisa ser dito?

As palavras "de nenhum modo" aqui traduzem a construção negativa mais forte possível no grego bíblico (οὐ μὴ). Ela é reservada para coisas que absolutamente não poderão suceder, não importa o que aconteça, seja lá o que for. Seu emprego nessa frase nos mostra a finalidade desta questão. Deus não se lembrará dos seus pecados, e ponto final. Se alguém se levantar e disser: "Ah é? Mas e se acontecer isso, ou se acontecer aquilo?" A resposta é sempre: "Não, Deus não se lembrará dos seus pecados, *de modo nenhum*!"

Ora, mas isso não significa que "uma vez salvo, salvo para sempre", independentemente do que aconteça? Se a justificação é um ato que nunca poderá ser anulado, isso parece indicar que um crente ainda continuaria salvo, mesmo se parasse de crescer em Cristo, abandonasse o caminho da santificação e renunciasse a fé completamente.

Seria esse o caso? Estamos agora afirmando aquilo que rejeitamos no capítulo anterior? Não, de forma alguma. Perseverar é preciso. Não é compatível com o caráter de Deus que ele promova o pecado. É impensável que o perdão de Deus possa se tornar um pretexto para uma pessoa permanecer em uma vida entregue ao pecado, ou em uma licença para retroceder a uma vida de pecado, sob a bênção de Deus.

Voltamos a afirmar que nosso elo com Cristo é a fé, e que fé real é viva e operante. Na hipótese de um crente que foi de fato justificado abandonar a fé, seríamos forçados a admitir que deixaria de ser um daqueles contemplados nas promessas bíblicas que são feitas a "todo aquele que crê".

Isso levanta a questão do outro modo pelo qual uma pessoa salva poderia cair do estado de graça conforme a doutrina católica, isto é, por apostatar da fé. Tem sido a posição de alguns evangélicos que alguns dos santos chegam a abandonar a fé e que perdem a salvação somente quando isso sucede. Essa crença pelo menos se empenha por manter-se alinhada ao princípio vital da reforma de que a salvação é pela fé somente, o que não pode ser dito da crença em perda da salvação por cometer pecados mortais. Mas essa doutrina é uma

meia verdade. É verdade que a perseverança é indispensável, mas também é verdade que, pela graça de Deus, todos os santos perseveram.

Algumas coisas são simplesmente impossíveis. É impossível que Deus minta (Hebreus 6.18), mas isso não impede a Jesus de nos dizer, "Se eu disser que não o conheço [o Pai], serei como vós: mentiroso (João 8.55)". É impossível que alguma palavra de Deus caia por terra, ou que alguma profecia bíblica deixe de se cumprir (Mateus 5.18; João 10.35), mas isso não impede a Jesus de dizer que as Escrituras não se cumpririam caso ele rogasse ao Pai para ser resgatado da cruz (Mateus 26.53).

O ponto é que não é incompatível afirmar ser absolutamente impossível um santo cair na perdição, e, ao mesmo tempo, dizer que é necessário que os santos perseverem, desde que haja uma garantia absolutamente segura de que todos os santos permanecerão em Cristo até que sejam glorificados. Essa garantia existe. Ela não se encontra nos próprios santos e sim em Deus. O caráter imutável de Deus faz com que possamos fazer coro às palavras do apóstolo, "Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus" (Filipenses 1.6).

A justificação nunca precisará ser revertida porque os santos perseveram; e os santos perseveram porque Deus, que é imutável, não deixará incompleta a obra de salvação que iniciou. Essa é a doutrina reformada, conforme pode ser comprovado em seus credos e símbolos de fé. Citamos, como exemplo, passagens extraídas de duas importantes confissões históricas da Igreja Batista.

A *Confissão de Fé de New Hampshire* (redigida por volta de 1833) declara em seu artigo 11, sobre a Perseverança dos Santos:

> Cremos que são crentes legítimos aqueles que resistem até o fim; que seus perseverantes vínculos com Cristo é o grande marco que os distingue dos professos superficiais; que uma especial providência zela por seu bem-estar; e eles são guardados pelo poder de Deus através da fé para a salvação.

A *Confissão de Fé Batista de 1689* (Londres) traz o que é possivelmente a mais bela declaração sobre a perseverança dos santos que podemos encontrar em credos históricos. Uma parte de seu texto diz:

> 17:1 Os que Deus aceitou no Amado, aqueles que foram chamados eficazmente e santificados por seu Espírito, e receberam a fé preciosa (que é dos seus eleitos), esses não podem decair totalmente nem definitivamente do estado de graça. Antes, hão de perseverar até o fim e ser eternamente salvos, tendo em vista que os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis, e ele continuamente gera e nutre neles a fé, o arrependimento, o amor, a alegria, a esperança e todas as graças que conduzem à imortalidade. Ainda que muitas tormentas e dilúvios se levantem e se deem contra eles, jamais poderão desarraigá-los da pedra fundamental em que estão firmados, pela fé. Não obstante, a visão perceptível da luz e do amor de Deus pode, para eles, cobrir-se de nuvens e ficar obscurecida, por algum tempo, por causa da incredulidade[28] e das tentações de Satanás. Mesmo assim, Deus continua sendo o mesmo, e eles serão guardados pelo poder de Deus, com toda certeza, até a salvação final, quando entrarão no gozo da possessão que lhes foi comprada; pois eles estão gravados nas palmas das mãos de seu Senhor, e os seus nomes estão escritos no Livro da Vida, desde toda eternidade.

É importante observar que nessas confissões a perseverança dos santos não é atribuída ao homem, mas à fidelidade de Deus, resguardando também para ele a glória nessa matéria. Ele mesmo é quem nos guarda por uma providência especial, gerando e nutrindo continuamente em nós a fé, o arrependimento, o amor, a alegria, a esperança e todas as graças que conduzem à vida eterna.

Se Deus estiver incondicionalmente comprometido a fazer isso — e ele está — então não há perigo em cancelar *para sempre* os nossos pecados. Essa verdade nos é ensinada no próprio texto de Hebreus no qual lemos que Deus porá suas leis no coração e mente de seu povo. Por isso pode acrescentar que de forma alguma Deus se lembrará dos nossos pecados.

Na prática da canonização católica, como bem se sabe, uma pessoa só pode se tornar um santo após sua morte, quando a Igreja não corre mais risco de sofrer algum embaraço por canonizar alguém que venha a lhes trazer vexame. Mas não devemos pensar em Deus tendo que agir assim. Deus conhece todas as coisas e ainda governa sobre tudo soberanamente.

Deus não teme o futuro. Ele não precisa ter receio de conceder salvação eterna aos seus enquanto ainda vivemos neste mundo. Não há perigo que ele venha a nos perder mais tarde e se arrependa do que falou, por nos ter declarado justos.

É um fato evidente que ainda existem condições que precisam ser cumpridas para que sejamos glorificados, mas Deus é poderoso para nos guardar de tropeços e para nos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória (Judas 1.24). O ensino bíblico sobre a maneira como Deus nos guarda será examinado a partir do próximo capítulo.

---

1. John Chrysostom, *Homilies on the Philippians 12 3:7-9*, *Galatians, Ephesians, Philippians: Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 8, ed. Mark J. Edwards (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), p. 270.

2. Fulgentius, *On the Incarnation 1*, *Galatians, Ephesians, Philippians: Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 8, ed. Mark J. Edwards (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), pp. 133-134.

3. Veja no apêndice uma documentação da crença dos pais da igreja sobre justificação.

4. H. J. Schroeder, trans., *Canons and Decrees of the Council of Trent: Original Text with English Translation* (London: Herder, 1941), p. 39.

5. *Catechism of the Catholic Church* (Liguori, MO: Liguori, 1994), p. 486.

6. Apud Joel Beeke, *A Busca da Plena Segurança* (Recife, PE: Editora Os Puritanos, 2003), p. 32.

7. Francis Turretin, *Institutes of Elenctic Theology*, Vol 2, Eleventh Through Seventeenth Topics, traduzida por George Musgrave Giger (Phillisburg, NJ: P&R, 1994), p. 634.

8. D. Martyn Lloyd-Jones, *Deus o Espírito Santo* (São Paulo: PES, 1998), p. 219.

9. A palavra grega na Septuaginta é a mesma que autores do Novo Testamento usam para justificação.

10. John Murray, *Romanos* (São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2003), p. 615.

11. H. J. Schroeder, trans., *Canons and Decrees of the Council of Trent: Original Text with English Translation* (London: Herder, 1941), pp. 34-35.

12. Ibid., p. 45.

13. Concílio Vaticano II, Documento 3, *LUMEN GENTIUM*, I:25: "Os Bispos [...] proclamam a doutrina de Cristo infalivelmente [...] quando, reunidos em um concílio ecumênico, são mestres e juízes da fé e moralidade para a Igreja universalmente, fazendo-se obrigatório aderir-se a suas definições com a submissão da fé."

14. John MacArthur, *Justificados Pela Fé Somente* (São Paulo: Cultura Cristã, 1995), p. 16.

15. D. Martyn Lloyd-Jones, *Deus o Espírito Santo* (São Paulo: PES, 1998), p. 227.

16. John Murray, *Romanos* (São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2003), pp. 623-624.

17. D. Martyn Lloyd-Jones, *Deus o Espírito Santo* (São Paulo: PES, 1998), pp. 227-228.

18. Obadiah Grew, *The Lord Our Righteousness* (Morgan, PA: Soli Deo Gloria Publications, 2005), p. 20.

19. Ibid., p. 74.

20. Francis Turretin, *Justification* (Phillipsburg, NJ: P & R, 2004), p. 76.

21. Ibid., p. 79.

22. Ibid., p. 75.

23. Na verdade, a motivação para obediência que flui do amor e gratidão é muito mais forte que a que vem da ambição (1 Coríntios 15.10; 2 Coríntios 5.14; Lucas 7.41-43). Além disso, a crença em salvação por obras macula o caráter nobre de todas as ações praticadas com o interesse pelo benefício próprio.

24. H. J. Schroeder, trans., *Canons and Decrees of the Council of Trent: Original Text with English Translation* (London: Herder, 1941), p. 40.

25. Sproul, *Faith Alone* (Grand Rapids: Baker Books, 2006), p. 123.

26. Francis Turretin, *Justification* (Phillipsburg, NJ: P & R, 2004), p. 111.

27. John Owen, *The Doctrine of the Saints' Perseverance Explained and Confirmed*, vol. 11 of *The Works of John Owen* (Rio, WI: Ages Software, 2000), p. 202.

28. A palavra "incredulidade" nesse texto não se refere à apostasia da fé ou ausência de fé em Cristo como Salvador, e sim a lapsos de fé que crentes experimentam em momentos que sofrem com dúvidas.

3
O PODER TRANSFORMADOR DA REGENERAÇÃO

> Nenhum que crê vive pecando, nem os que têm obtido amor odeiam. A árvore é conhecida por seu fruto, de modo que quantos professam ser Cristãos serão provados no que fazem. Nada prova fazer uma profissão, a menos que pelo poder da fé permanecem até o fim.[1] (Inácio, 110 d.C.)
>
> O poder da fé é tal que excede tudo que se lhe opõe, mesmo que seja o mundo inteiro. [...] Instrução divina é uma posse que permanece para sempre. [...] A virtude não pode ser perdida naquele que a pratica como fruto desse conhecimento. A vida virtuosa se torna natural para tal pessoa, e não como o peso de uma pedra. Assim, seu conhecimento não pode ser perdido, nem involuntariamente, nem voluntariamente, pois pela razão, pelo conhecimento e pela providência é estabelecido de tal modo que nunca poderá ser perdido. Através de um temor piedoso, a virtude se torna irreversível. Portanto, a maior das posses é conhecer a Deus, pois isso nunca pode ser perdido, sendo assim preservado. [...] Não cairemos na corrupção, nós que fomos feitos incorruptíveis, porque ele nos sustêm. Ele o promete, e ele o fará.[2] (Clemente de Alexandria, 190 d.C.)

Nos capítulos anteriores, dois aspectos da doutrina reformada foram considerados: (1) a verdade que para se chegar à glória eterna, todo o crente em Cristo precisa perseverar até o fim em fé e santificação, e (2) o fato que a justificação é algo permanente e irrevogável que Deus pronuncia no momento em que um indivíduo é trazido à fé genuína em Cristo. Já procuramos dar algumas razões bíblicas para essas conclusões.

À primeira vista, porém, alguns poderão imaginar que essas duas propostas sejam contraditórias. Se apenas um dos salvos caísse pelo caminho e falhassem em perseverar até o fim, isso já bastaria para expor a contradição. De duas uma: ou a pessoa voltaria a achar-se perdida por não perseverar, provando que a justificação pode ser revertida, ou permaneceria justificada, provando que a perseverança não é realmente necessária.

O paradoxo é resolvido quando compreendemos que temos um motivo seguro para crer que todos os salvos, de fato, perseveram. A perseverança dos santos é certa porque o próprio Deus Todo-Poderoso, que é imutável em seus propósitos, toma medidas para infalivelmente guardar a todos quantos salva, para que nenhum deles se perca.

Em sua curta epístola, Judas nos lembra que Deus é quem nos guarda, sendo perfeitamente capaz de assim fazer:

> Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago, aos chamados, amados em Deus Pai e *guardados* em Jesus Cristo. (Judas 1.1)
>
> Ora, àquele que *é poderoso para vos guardar de tropeços* e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória, ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém! (Judas 1.24-25)

Semelhantemente, Pedro tem a dizer o seguinte:

> Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros que *sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé*, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo. (1 Pedro 1.3-5)

Essas passagens não estão falando de Deus nos guardar de acidentes ou doenças, nem ainda do mal que as pessoas nos podem causar. Judas está falando de Deus nos guardar de tropeços para nos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória. Pedro está falando de sermos guardados para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, que nos está reservada nos céus. O que eles estão dizendo é que somos guardados por Deus para chegarmos até a glória e recebermos a herança que nos aguarda nos céus.

A perseverança resulta da preservação divina

Alguns têm conduzido seu raciocínio sobre a segurança dos salvos e a possibilidade de perda de salvação como se fosse uma opção entre crer em

perseverança ou em preservação. Pergunta-se: "Nós permanecemos salvos porque nós perseveramos ou porque Deus nos guarda?"

Na verdade, isto é um falso dilema. Encontramos ambas essas proposições ensinadas como verdadeiras na Bíblia, de forma que não precisamos, nem podemos fazer uma escolha em favor de uma, rejeitando a outra. Judas, no mesmo contexto, escreve que devemos perseverar, guardando-nos no amor de Deus:

> Vós, porém, amados, edificando-vos na vossa fé santíssima, orando no Espírito Santo, *guardai-vos* no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, para a vida eterna. (Judas 1.20-21)

As mesmas duas verdades são colocadas juntas pelo apóstolo Paulo em sua epístola aos Filipenses:

> Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença, porém, muito mais agora, na minha ausência, *desenvolvei a vossa salvação* com temor e tremor; *porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade*. (Filipenses 2.12-13)

Uma vez que essas duas realidades andam de mãos dadas, o que precisamos fazer é descobrir como elas se harmonizam e estabelecer qual é a relação correta entre elas. A pergunta que devemos fazer é: "A Bíblia ensina que Deus nos guarda *porque perseveramos*, ou ensina que perseveramos *porque Deus nos guarda*?" Ou, em outras palavras, a perseverança é a causa ou o resultado da proteção ativa de Deus?

As passagens acima citadas apontam para o entendimento de que é a obra preservadora de Deus que resulta na perseverança do salvo, e não o contrário. Em primeiro lugar, considere as palavras de Pedro: "sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação". Assim como Judas, Pedro diz que nós somos guardados (voz passiva). É claro que somos retratados como ativos quando se fala de nossa perseverança, mas a proteção de Deus é uma atividade na qual não temos participação nem estamos envolvidos.

Em contraste, quando somos exortados a desenvolver a nossa salvação (aquilo em que somos ativos), Deus ainda é retratado como agindo por detrás, garantindo a nossa perseverança, porque Deus é quem efetua em nós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade (Filipenses 2.12-13).

Deve ser enfatizado que não é Deus quem opera em nós conforme nosso querer. Ele mesmo é quem efetua em nós "o querer". Ou seja, sua ação não depende de nossa disposição, pois é sua ação que gera em nós disposição.

De que forma, então, Deus nos guarda? Pedro diz que ele o faz *mediante* a fé. Novamente encontramos *dia* com o genitivo (διὰ πίστεως), que significa "mediante a fé" ou "por meio da fé", como por meio de um instrumento, e não com o acusativo, que significaria "por causa da fé". A mensagem é que Deus guarda por meio da fé e não conforme a fé.

Esse fato é significante, porque quer dizer que é Deus quem sustenta a nossa fé e desta forma ele nos guarda. Isso é exatamente o contrário que dizer que Deus só nos guarda se nós perseverarmos na fé. Se tivéssemos que sustentar a fé por nós mesmos, para então recebermos a proteção de Deus, certamente cairíamos. "É significativo que seja Pedro quem escreva essas palavras – o mesmo Pedro que aprendeu uma inesquecível lição sobre a fraqueza humana quando negou que conhecia Jesus".[3]

Além disso, Judas nos diz que Deus é "poderoso para nos guardar de tropeços", para nos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória. O que significa nos guardar de tropeços? Certamente não significa que Deus somente nos guarda desde que não tropecemos. Dizer que Deus guarda o crente se ele perseverar reduz a atividade de Deus a nada. Do que é, então, que Deus guardaria? Ora, se aquilo que Deus realiza não nos guardasse de tropeçar, ele só estaria guardando àqueles que não precisam ser guardados. Seria um absurdo dizer que somente quem não tropeçar será qualificado para ser guardado de tropeços.

É verdade que os evangélicos que acreditam na perda da salvação geralmente estão prontos a admitir que seria impossível para o crente perseverar sem que recebesse alguma ajuda da parte de Deus. Porém, esses consideram que aquilo que Deus realiza não é o bastante para tornar a perseverança dos santos certa,

pois acreditam que ainda é possível que os crentes se percam, não obstante a tudo quanto Deus faça por eles. E por isso, em última análise, manter-se salvo depende do que cada cristão faz por si.

A perspectiva correta é que a perseverança de todos os santos é o resultado infalível daquilo que Deus faz para os guardar. É importante manter esta ordem para não pensarmos que continuarmos salvos é uma recompensa por nosso bom desempenho. Não permanecemos salvos como um prêmio por cumprir certas exigências, e sim por um dom de Deus. Quando consideramos esta vida como um período probatório, em que temos que nos provar a Deus para obtermos sua proteção, ainda estamos refletindo aquela tendência persistente de acreditar que a salvação é, em alguma medida, uma conquista nossa. Mas quando entendemos que a causa de nossa perseverança é que Deus nos guarda de cairmos, a salvação, do início ao fim, é compreendida como um dom que recebemos de graça.

Precisamos, então, voltar nossa atenção ao que a própria Bíblia nos declara serem as medidas que Deus toma para guardar os salvos enquanto ainda neste mundo, e se tornará abundantemente claro que elas são suficientes para garantir que eles jamais venham a se apartarem dele. Neste e nos próximos dois capítulos, examinaremos três coisas específicas que Deus faz para evitar que os salvos percam sua salvação, a saber: ele regenera, dá o penhor do Espírito Santo e cuida de nós por meio de sua providência.

O que é regeneração?

A princípio, devemos voltar a nossa atenção ao ensino bíblico sobre a regeneração. A que se refere exatamente o termo "regeneração"? Pedro a menciona duas vezes em sua primeira epístola:

> Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos. (1 Pedro 1.3)
>
> Pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente. (1 Pedro 1.23)

A palavra, em si, e a forma em que é usada por Pedro nos mostram que regeneração é o início de uma nova vida espiritual. Em outras passagens, a Bíblia compara a regeneração com um nascimento espiritual (João 1.13 e 3.3-8) e a uma ressurreição espiritual (João 5.24-25; Efésios 2.1-6).

Alguns cristãos têm falhado em perceber o sentido específico de regeneração, equiparando-a com a justificação, ou associando-a ao batismo. Na realidade, a regeneração é algo diferente da justificação. Enquanto a justificação se refere a ser perdoado e receber a justiça de Cristo por imputação, a regeneração diz respeito à transformação interna de uma pessoa.

O apóstolo Paulo faz distinção entre os dois termos, explicando que fomos regenerados *a fim de que* fôssemos justificados:

> Não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante *o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo*, que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador, *a fim de que, justificados* por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna. (Tito 3.5-7)

A regeneração também não é o mesmo que conversão. Podemos dizer que é Deus quem nos converte, no sentido de que é Deus quem opera em nós e nos leva à conversão; mas o termo "conversão" se refere propriamente ao nosso ato de abandonarmos o erro e nos voltarmos para Deus. Por isso, a Bíblia pode tratar a conversão como algo que nós fazemos (Atos 3.19; 1 Tessalonicenses 1.9; 1 Pedro 2.25).

Mas a regeneração não é algo que nós fazemos, é algo que o Espírito Santo opera em nós, que nos leva a nos convertermos. Nas palavras de Jesus, ser regenerado é nascer de novo, é nascer do Espírito (João 3.3-8). Paulo descreve regeneração como o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo (Tito 3.5). Ou seja, ela é uma obra do Espírito de Deus que limpa e renova o indivíduo, indicando que uma pessoa regenerada já não será mais a mesma.

Essencialmente a regeneração trata-se de uma transformação da natureza e disposição do coração, que leva um pecador, antes endurecido e resistente, a amar e a obedecer a Deus. Martyn Lloyd-Jones nos propõe a seguinte definição:

> É o ato de Deus por meio do qual um princípio de nova vida é implantada num homem ou numa mulher, resultando em que a disposição governante da alma é tornada santa.[4]
>
> Na regeneração, uma mudança acontece, e isso em nosso interior. É muito mais do que uma mera mudança em nossa relação com a verdade ou com uma pessoa. Uma mudança ocorre em nós, e não apenas fora de nós.[5]

Por que motivo é necessário que haja em nós uma mudança desse tipo? A resposta é que o pecado tem corrompido tão profundamente a raça humana que sem essa transformação os homens são escravos voluntários do pecado (João 8.34), amam mais as trevas do que a luz (João 3.19), não fazem o bem e não buscam a Deus (Romanos 3.10-12).

Em sua epístola a Tito, Paulo descreve o estado em que os cristãos se encontravam antes da regeneração: "Pois nós também, outrora, éramos néscios, desobedientes, desgarrados, escravos de toda sorte de paixões e prazeres, vivendo em malícia e inveja, odiosos e odiando-nos uns aos outros" (Tito 3.3).

É exatamente nesse contexto que entra o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo e muda tudo. Este contraste que a Bíblia faz é útil em nos apontar o sentido do termo "regeneração". Assim como o sentido do termo "justificação" pode ser percebido pelo contraste que os autores bíblicos fazem entre "justificar" e "condenar", aqui compreendemos que "regenerar" significa transformar uma pessoa para que não seja mais néscia, desobediente, desgarrada, escrava de toda sorte de paixões, etc.

Semelhantemente, na epístola aos Efésios, Paulo nos lembra de que estávamos mortos nos nossos delitos e pecados, nos quais andávamos outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o diabo, segundo as inclinações da nossa carne; e que éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais (Efésios 2.1-3). Aqui também, tudo isso mudou porque Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, enquanto ainda nos encontrávamos naquele estado de morte espiritual, deu-nos vida (nos regenerou).

Em Romanos encontramos novamente esse contraste entre pessoas regeneradas e não regeneradas:

> Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito. Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz. Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus. Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. (Romanos 8.5-9)

Devemos notar várias coisas nessa passagem. Em primeiro lugar, o que é mais óbvio nessa passagem é que há dois tipos de pessoas: os que se inclinam para a carne e os que se inclinam para o Espírito. No primeiro grupo estão os não regenerados, aqui descritos como aqueles que estão na carne. No segundo grupo temos os regenerados, descritos como aqueles que estão no Espírito.

A segunda coisa que deve chamar a nossa atenção é a nítida diferença na natureza e disposição entre estes dois tipos de pessoas. Os que ainda estão na carne cogitam das coisas da carne, e, por penderem para a carne, se rebelam contra a Lei de Deus, constituindo-se inimigos de Deus. Estes se encontram em uma condição em que não podem agradar a Deus. Isso está fora de sua capacidade exatamente porque estão escravizados por uma inclinação interna ao pecado que, por sua vez, governa sobre todas as suas escolhas.

Em 1 Coríntios 2.14, Paulo diz ainda que o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Pessoas nessa condição estão espiritualmente cegas, tendo sido feitas cativas pelo diabo para cumprirem a sua vontade (2 Timóteo 2.26).

Mas veja como são descritos os que estão no Espírito. Eles se inclinam para as coisas do Espírito, cogitam das coisas do Espírito e se sujeitam à Lei de Deus, cumprindo o preceito da lei; não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito (v. 4). Essa é a mudança provocada pelo lavar regenerador e renovador do Espírito Santo. Esse é o tipo de mudança que uma pessoa precisa ter e, sem a qual, não pode entrar no Reino de Deus (João 3.5).

O que a Bíblia está dizendo aqui é muito profundo. Está nos mostrando que uma pessoa não se torna um cristão verdadeiro do mesmo jeito que alguém se

torna parte de qualquer outra religião. Um ateu, que é ladrão e alcoólatra, pode virar um mórmon, parar de beber e tornar-se uma pessoa honesta. Tudo isso pode acontecer sem que haja regeneração.

Um feiticeiro, idólatra e imoral pode se tornar uma testemunha de Jeová e ter uma mudança de comportamento. Pode, inclusive, se tornar um fervoroso pregador de sua nova religião. Mudanças desse tipo não só podem acontecer, elas acontecem regularmente. Mas sabemos que as pessoas que estão seguindo religiões falsas não são salvas e não foram regeneradas, mesmo que manifestem tais mudanças externas. Esse tipo de conversão não passa de uma decisão humana que acontece sem que Deus tire o coração de pedra e dê um novo coração.

Existe uma diferença entre isso e uma genuína conversão a Deus. A diferença é muito mais do que uma mera questão de credo religioso. Não devemos imaginar que a mesma coisa que se passa no coração de alguém que adere a uma seita seria uma conversão real se apenas ocorresse numa igreja cuja doutrina é ortodoxa. Uma experiência de salvação real tem toda uma dimensão que está ausente nas conversões que acontecem nas religiões falsas.

Para ser salvo, um herege sincero e devoto precisa de mais do que ser persuadido intelectualmente do ensino verdadeiro. Ele precisa de uma transformação que atinja todo o seu ser, que só o Espírito Santo pode realizar. Uma conversão religiosa sem a regeneração pode produzir um novo tipo de religioso, mas seu coração ainda amará o mundo e ainda será hostil para com Deus e sua Lei.

Tornar-se religioso não é o mesmo que experimentar regeneração. Um indivíduo pode fazer muitas coisas boas por motivos puramente carnais. A própria religiosidade pode ser motivada por orgulho ou por um desejo de ser respeitável. Os fariseus, que eram tão zelosos pela lei, receberam de Jesus uma censura severa:

> Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque limpais o exterior do copo e do prato, mas estes, por dentro, estão cheios de rapina e intemperança! Fariseu cego, limpa primeiro o interior do copo, para que também o seu exterior fique limpo! Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que, por fora, se mostram belos, mas

> interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia! Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas, por dentro, estais cheios de hipocrisia e de iniquidade. (Mateus 23.25-28)
>
> Mas Jesus lhes disse: Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece o vosso coração; pois aquilo que é elevado entre homens é abominação diante de Deus. (Lucas 16.15)

Assim como o etíope não pode mudar a sua pele ou o leopardo as suas manchas (Jeremias 13.23), nós não somos capazes de mudar nossa própria natureza e inclinação carnal. Podemos até decidir sermos religiosos, mas só o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo pode mudar uma pessoa por dentro para que realmente venha a deixar de amar o pecado, passando a amar a Deus.

Precisamos reconhecer que falsas conversões (sem que haja a regeneração) também podem acontecer onde o evangelho autêntico é pregado. A conversão de Simão Mago é um exemplo disso na Bíblia (Atos 8.13-23). A parábola do semeador (Mateus 13.18-23) nos fala de pessoas que recebem a mensagem do evangelho, e mais tarde abandonam o caminho. Uns, porque não têm raiz em si e não estão dispostos a suportar perseguição por amor a Cristo, em lhes chegando a angústia ou a perseguição por causa da Palavra, logo se escandalizam. Outros, porque o amor por coisas pecaminosas ainda reinava em seus corações, são envolvidos novamente pelos cuidados do mundo, a fascinação das riquezas e os deleites da vida. Somente "a que caiu na boa terra são os que, tendo ouvido de bom e reto coração, retêm a palavra; estes frutificam com perseverança" (Lucas 8.15).

Pessoas que fazem uma profissão de fé, sem nunca terem nascido de novo, podem enganar os demais na igreja e até a si mesmas, mas só poderão durar até que sejam expostos a provações que revelam a condição real do coração. Às vezes descobrimos coisas que nunca imaginávamos sobre as pessoas quando as vemos confrontadas com circunstâncias adversas, perseguição ou novas tentações. Muitos jovens que eram ativos em suas igrejas em cidades pequenas "se perderam" no mundo quando se mudaram para a cidade grande. A ocasião apenas traz à tona o que se encontra no interior. Cristianismo verdadeiro é

mais do que a falta de uma boa oportunidade para pecar. Uma pessoa regenerada possui uma nova natureza.

> Quando a obra redentora de Cristo é aplicada ao coração dos eleitos pelo Espírito de Deus, a transformação é tão grande, tão radical e profunda, que é descrita na Bíblia como regeneração. O homem nasce de novo, é feito nova criatura. Não se trata de uma transformação superficial, mas essencial (...) Não se trata de mera decisão humana, ou de submissão, mas de uma transformação radical. Um transplante espiritual de coração é realizado: o Espírito Santo retira o corrompido coração de pedra e implanta um coração completamente novo.[6]

O efeito da regeneração na vida de uma pessoa

Qual é, então, o efeito da regeneração? Paulo nos responde em Romanos 6.17: "Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues".

Quando Deus regenera a alguém, ele opera uma transformação que mudará para sempre sua vida. Por isso, em vários lugares a Bíblia afirma categoricamente que regeneração tem o efeito de impedir que alguém venha a abandonar os caminhos de Deus.

Hebreus 8.7 nos lembra que havia um defeito na Velha Aliança. Aquela Aliança prometia muitas coisas para o povo de Israel, mas não prometia que Deus mudaria o coração de todos os indivíduos incluídos no pacto, de tal modo que nunca deixariam de amar e obedecer a Deus. A história de Israel no Velho Testamento é de um povo que repetidamente quebrava sua Aliança com Deus, virando-lhe as costas. A Velha Aliança era de natureza externa. Seus integrantes não eram todos convertidos. Um menino já era circuncidado e incluído no pacto aos oito dias de idade, mas sabemos que muitos deles permaneceram na incredulidade por toda a vida. O resultado foi que eles acabaram anulando a Aliança que tinham com Deus.

Quando, porém, o profeta Jeremias anuncia a instituição da Nova Aliança, ele revela que essa Aliança será de uma ordem diferente. Deus escreverá suas leis sobre as mentes e corações de todos os integrantes desse Pacto, mudando-lhes o centro de raciocínio e de afeto. Ou seja, somente pessoas regeneradas farão parte da Nova Aliança.

Por isso, a Escritura diz que essa é uma Aliança que ninguém jamais quebrará, pois a mudança interior que Deus realiza em todos os membros dessa Aliança garante que todos continuarão a temer a Deus e nenhum deles se apartará dele:

> Eis aí vêm dias, diz o SENHOR, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles anularam a minha aliança, não obstante eu os haver desposado, diz o SENHOR. Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR: Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao SENHOR, porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o SENHOR. Pois perdoarei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei. (Jeremias 31.31-34)

A diferença entre as duas alianças não é que na Nova Aliança Deus se provaria fiel. Ora, Deus fora fiel na Velha Aliança. O problema naquela Aliança foi infidelidade por parte dos homens e é exatamente isso que é evitado na Nova Aliança. Deus promete que realizará essa transformação interna em todos que incluir como membro da Nova Aliança, de sorte que jamais será preciso que um de seus membros seja instruído a conhecer ao Senhor.

O efeito dessa sua obra é descrito com palavras que explicitamente contradizem a possibilidade de qualquer pessoa que venha a ser membro da Nova Aliança apartar-se de Deus posteriormente:

> Dar-lhes-ei um só coração e um só caminho, *para que me temam todos os dias*, para seu bem e bem de seus filhos. Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, *para que nunca se apartem de mim*. (Jeremias 32.39-40)

Precisamos atentar bem para tudo que Deus faz por seu povo, conforme esse texto. Deus mesmo imprime suas leis em suas mentes e corações, dá-lhes um só coração e um só caminho, põe em seus corações o temor de Deus e assume para com eles uma aliança de nunca deixar de lhes fazer o bem. Ora, se Deus fizer tudo isso por alguém, já se torna inconcebível que ela virá a apartar-se

dele, porque toda sua inclinação interna a impelirá a seguir a Cristo com fidelidade. E o objetivo é exatamente esse.

Ao falar por meio do profeta, duas vezes Deus usa as palavras "para que", apontando-nos o resultado que ele visa a obter em tudo isso. Diz que é: "para que me temam *todos os dias*, para seu bem e bem de seus filhos", e "para que *nunca* se apartem de mim". Sendo que Deus tem esse alvo, podemos estar certos de que ele sabe como alcançá-lo, pois nenhum de seus planos pode ser frustrado (Jó 42.2).

Spurgeon, pregando sobre esse texto de Jeremias 32, confirma:

> Como, pois, são preservados? Ora, não conforme alguns dizem falsamente, como se pregássemos "que o homem convertido pode viver como quiser." Nunca dissemos isso; nunca sequer pensamos assim. O homem convertido não pode viver como quer; ou melhor, é tão transformado pelo Espírito Santo, que se pudesse viver como quer, nunca pecaria, mas viveria uma vida absolutamente perfeita. Oh, quão profundamente ansiamos por sermos conservados livres de todo pecado! Não pregamos que os homens podem apartar-se de Deus, e viver, e sim que não se apartam dele.[7]

O profeta Ezequiel nos traz ainda outro texto que mostra ser esse o efeito da regeneração:

> Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis [...] Então, vos lembrareis dos vossos maus caminhos e dos vossos feitos que não foram bons; tereis nojo de vós mesmos por causa das vossas iniquidades e das vossas abominações. (Ezequiel 36.26-31)

Novamente, a Bíblia está nos ensinando que é Deus quem muda a natureza e disposição interna daqueles que salva, tirando o coração de pedra e colocando coração sensível em seu lugar. Além disso, Deus coloca seu Espírito em nós. Por meio dessas medidas, Deus fará com que nós andemos nos seus estatutos e guardemos os seus juízos. Não apenas possivelmente ou provavelmente, nós certamente observaremos os mandamentos de Deus, porque Deus diz que ele fará isso acontecer: "Farei que andeis nos meus estatutos." As palavras não

poderiam ser mais claras para provar que é o que Deus faz que produz em nós esse comportamento, e não o que nós mesmos fazemos.

Conforme as palavras do verso 31, após essa renovação da pessoa não há risco de que ela volte a uma vida de pecado deliberado, porque o ocorrido não foi uma mera reforma externa. O regenerado ainda tem fraquezas, mas o seu novo coração clama por santidade e abomina o pecado. Agora, ele tem uma profunda aversão pelo pecado. Quando ele se lembra dos maus caminhos e dos pecados de que outrora praticava, não olha para trás dizendo: "Ah, aqueles é que foram os bons tempos! Pena que tudo teve que acabar." Pelo contrário, ele tem vergonha da vida que levou longe de Cristo e sente nojo de si só em pensar que tenha um dia sido tão vil.

É fundamental entender que uma mudança superficial de comportamento em um homem que continua apaixonado pelo pecado em seu íntimo não é a definição bíblica de novo nascimento. Todo aquele que se encontra em uma igreja cristã, mas que ama o mundo e que, no fundo, não se conformou em tê-lo deixado, é um falso cristão.

O apóstolo João escreveu que aquele que ama o mundo não tem em si o amor do Pai (1 João 2.15). Não podemos rebaixar o padrão bíblico. Nada podemos considerar como conversão verdadeira, senão a que provém de uma mudança do coração que só Deus pode operar e que leva uma pessoa a se identificar com as palavras inspiradas: "Então, vos lembrareis dos vossos maus caminhos e dos vossos feitos que não foram bons; tereis nojo de vós mesmos por causa das vossas iniquidades e das vossas abominações". Obviamente, ninguém que tenha sido transformado nessas condições está propenso a retroceder a uma vida de pecado.

Mas talvez alguém questione se essa sensibilidade não poderá ser perdida. Será que podemos afirmar categoricamente que alguém que nasceu de novo nunca poderá se endurecer novamente? Não é preciso especular sobre isso, pois a Bíblia traz a resposta. As próprias palavras do profeta Ezequiel nos dão uma forte indicação disso. Expressões como, "dar um novo coração e um novo espírito" e "tirar o coração de pedra" descrevem uma transformação da alma e não uma influência passageira do Espírito Santo.

Mas o fato de que os efeitos da regeneração são permanentes fica explícito na primeira epístola de João. Nessa carta João se empenha em diferenciar as pessoas que realmente foram regeneradas (nascidas de Deus) das que professam ser cristãs, mas nunca conheceram a Deus:

> Ora, sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu o conheço e não guarda os seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade. (1 João 2.3-4)

Em sua preocupação em nos esclarecer sobre esse assunto vital, João nos diz que podemos saber se O *temos conhecido* (no passado) conforme *guardamos os seus mandamentos* (hoje). Isso diz mais do que dizer que quem não guarda os seus mandamentos não conhece a Deus. A mensagem é que nossa relação para com os mandamentos de Deus hoje serve para comprovar ou desacreditar nossa profissão de ter conhecido a Deus em qualquer época.

João volta a essa questão no capítulo 3. No verso 6, ele faz uma declaração ainda mais clara desse mesmo fato:

> Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu. (1 João 3.6)

Primeiramente João nos afirma que não existe nenhuma pessoa sequer que está em Cristo que "vive pecando". O tempo verbal aqui empregado denota uma ação linear e indica um estilo de vida. João não nega que verdadeiros crentes cometem pecados (1 João 1.8-2:1); o que ele nega é que alguém possa *viver* em pecado e, ao mesmo tempo, ser um crente.

Na segunda parte desse verso ele vai mais longe ainda e diz que "todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu". É importante estar atento aos tempos verbais aqui. "Todo aquele que vive pecando" descreve a condição presente de uma pessoa, enquanto "não o viu, nem o conheceu" abrange todo o passado daquela pessoa.

Certamente há muitas pessoas que já foram membros ativos em igrejas evangélicas, mas que hoje estão afastados e vivem pecando. O que devemos

concluir a respeito delas? Que no passado eram verdadeiros crentes? Talvez alguém nos diga que só algumas delas eram crentes de verdade, enquanto outras não conheceram a Cristo realmente.

Mas a Bíblia diz que "*todo* aquele que vive pecando *não o viu, nem o conheceu*". A possibilidade de que *qualquer pessoa* que hoje vive no pecado tenha sido salva algum dia é enfaticamente rejeitada pelo apóstolo.

Encontramos a mesma mensagem na terceira epístola de João: "Aquele que pratica o bem procede de Deus; *aquele que pratica o mal jamais viu a Deus*" (*3* João 1.11).

"Jamais"! diz a Bíblia. Houve um tempo em que aquele que hoje pratica o mal conheceu a Deus? A resposta é "Jamais".

À medida que prossegue, João explica o motivo pelo qual pode afirmar isso com tanta certeza:

> Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém; aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo. Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo. Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus. Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo aquele que não pratica justiça não procede de Deus, nem aquele que não ama a seu irmão. (1 João *3*.7-10)

Em primeiro lugar ele nos lembra de que nem todo que professa crer é, de fato, convertido. Para não sermos enganados por ninguém, João salienta que os salvos praticam a justiça (v.*7*). Pessoas que praticam o pecado (ação linear) procedem do diabo (v. 8). E então ele chega a um ponto crucial. "*Todo aquele* que é nascido de Deus não vive na prática de pecado" (v.9). Pessoas nascidas de Deus (regeneradas), não apenas em geral, mas *todas elas* individualmente, são modificadas de tal maneira que não vivem na prática do pecado.

A seguir, João nos diz por quê. "Pois o que permanece nele é a divina semente; ora, *esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus*" (v.9). A nova natureza implantada por obra divina e o Espírito Santo residente tornam impossível um retorno a uma vida de pecado. "Esse não pode", isto é, não é

capaz de viver pecando (ação habitual no presente), "porque é nascido de Deus" (ὅτι ἐκ τοῦ θεοῦ γεγέννηται — perfeito passivo do indicativo, que denota uma ação *concluída no passado*, com resultados que permanecem no presente).

E assim podemos discernir quem é e quem não é um verdadeiro filho de Deus; porque, "*Nisto são manifestos* os filhos de Deus e os filhos do diabo" (v. 10).

O que João está nos dizendo é que se alguém realmente nasceu de novo no passado, os efeitos disso em sua vida não podem ser revertidos. Esse conceito é reforçado várias vezes na epístola. Não há pessoa convertida que não progrida em santificação porque, "a si mesmo se purifica *todo* o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro" (1 João 3.3).

Para o verdadeiro cristão, viver conforme os mandamentos de Deus não é penoso, "porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo" (1 João 5.4).

> Sabemos que *todo* aquele que é nascido de Deus não vive em pecado; antes, Aquele que nasceu de Deus (referindo-se a Cristo) o guarda, e o Maligno não lhe toca. (1 João 5.18)

Esses versículos fazem desabar por completo o conceito popular de que é possível deixar o caminho de santificação e retroceder a uma vida de pecado, após o novo nascimento. Visto que isso necessariamente teria que acontecer, caso um crente verdadeiro viesse a se perder, simplesmente não há como harmonizar 1 João com a possibilidade de perda de salvação.

> Falar de um filho de Deus se apaixonar de novo pelo pecado é o mesmo que dizer que não há diferença entre alguém que não é regenerado e alguém que passou da morte para a vida, que recebeu o princípio de santidade, que é o templo do Espírito Santo. Concordamos, prontamente, que é possível que retorne à sua vida anterior aquele que foi apenas impressionado intelectualmente ou movido emocionalmente à uma reforma externa de sua conduta. Mas negamos enfaticamente que alguém possa perder seu gosto pelas coisas espirituais e tornar-se satisfeito com as alfarrobas de que se alimentam os porcos, após ter experimentado a obra sobrenatural da graça que transforma em "*nova criatura*" em Cristo Jesus.[8]

A regeneração evita que a segurança venha a tornar-se uma licença para pecar

Frequentemente ouvimos alardes de que se os crentes forem ensinados que não há perda da salvação eles poderão abusar desse ensino e transformá-lo numa licença para pecar. Dizem que essa ideia induz o crente a um relaxamento de sua conduta e estimula o descaso para com o serviço cristão.

Na realidade, palavras como essas apenas demonstram que não está havendo compreensão do que significa ser regenerado. Por acaso devemos crer que a índole de verdadeiros santos é a de mergulharem no pecado, tão logo obtenham de Deus uma garantia de que estão salvos para sempre? Não seria antes o caso de reagirem com gratidão ainda maior por receberem tal conforto? Será que eles não têm interesse algum em servir a Deus, senão para obterem para si a salvação? Podemos considerar isso amor real?

Encontramos na Bíblia a resposta para esse tipo de objeção. O apóstolo Paulo sabia que seu ensino de salvação pela graça, independentemente de obras, enfrentaria essa objeção. Ele sabia que pessoas retrucariam que essa doutrina poderia ser prejudicial à santidade. Ele antecipa às objeções de seus oponentes e pergunta: "Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?" (Romanos 6.1).

Se Paulo acreditasse na perda da salvação ele poderia simplesmente ter respondido, como muitos hoje fazem, que permanecer no pecado após a justificação faz cair novamente em condenação. Mas o que foi sua resposta? "De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?" (Romanos 6.2).

De modo nenhum, diz ele, permaneceremos no pecado. E por que não? Porque é impossível vivermos ainda no pecado, nós os que para ele morremos. Ao perguntar como poderia isso acontecer, ele induz que não pode. Prosseguindo, ele nos lembra das implicações da regeneração: "Sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos" (Romanos 6.6).

No verso 15 ele volta a citar o tipo de objeção que prevê levantando-se contra seu ensino: "E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça?" (v. 15) Outra vez sua resposta não é recorrer para ameaças e, sim,

demonstrar que esse tipo de pergunta simplesmente não está levando em conta o que significa uma conversão real:

> De modo nenhum! Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça? Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues; e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça. (Romanos 6.15b-18)

Como uma pessoa é serva a quem obedece, conversão real significa parar de obedecer ao pecado e se oferecer como servo para a obediência da justiça. Já é uma realidade consumada que todos os salvos não são mais servis ao pecado. Outrora nós fomos escravos do pecado, contudo, graças a Deus, viemos a obedecer de coração (mudança interna) à forma de doutrina a que fomos entregues, e uma vez libertados do pecado, fomos transformados em servos da justiça (*v.* 17). Onde isso aconteceu, há perigo de que a graça de Deus vire uma desculpa para se pecar mais? De modo nenhum! Aquele que teme isso precisa compreender melhor a natureza da regeneração.

Não há justificativa alguma para se dizer que os santos se tornarão indolentes e displicentes, ou que não serão fiéis até a morte, a menos que creiam na doutrina da perda da salvação. A verdade é que esse temor não passa de um alarme falso. Acaso os crentes que creem na perda da salvação são os únicos que mortificam a carne? O que dizer dos puritanos? Eles criam na doutrina que estamos apresentando nesta obra, e a prática de devoção e piedade das comunidades puritanas jamais foi superada por qualquer outro movimento evangélico de que temos conhecimento na história! É simplesmente um fato irrefutável que a doutrina da perseverança dos santos tem andado de mãos dadas com o mais alto nível de santidade de vida que encontramos na igreja em qualquer época, e nenhuma outra doutrina foi, até hoje, selada com o sangue de tantos mártires.

Em contrapartida, ignorar o ensino bíblico sobre regeneração pode sim causar prejuízos às almas dos homens. Isso não só pode, como tem sido responsável por muitas apresentações superficiais do evangelho. Muitos dão a

entender ao pecador que, para ser salvo, basta fazer uma profissão de fé e se unir a uma igreja evangélica. Quando a dimensão interna da salvação não é apresentada de forma adequada, até os não regenerados se convencem de que são salvos.

> Nessa base, o homem pode fazer profissão de fé sem nunca ter prejudicada a sua confiança em sua própria capacidade; nada lhe é dito sobre sua necessidade de mudança da natureza que não está dentro do seu poder, e, consequentemente, se ele não experimentar essa mudança radical, ele não sofrerá consternação. Nunca lhe foi dito que isso é essencial, e por isso ele não vê razão para duvidar de que é cristão. Na verdade, o ensino sob cuja influência ele se colocou milita coerentemente contra o surgimento de tais dúvidas. Frequentemente se diz que o homem que tomou uma decisão com pouca evidência de uma vida transformada pode ser um cristão "carnal", necessitado de instrução sobre a santidade, ou, se o mesmo indivíduo for perdendo aos poucos os seus interesses recém-encontrados, frequentemente a culpa é atribuída à falta de "aconselhamento", ou de oração, ou a alguma outra deficiência por parte da igreja. A possibilidade de que esses sinais de mundanismo e de extravio sejam decorrentes da ausência de uma experiência salvadora no começo raramente é considerada.[9]

Podemos observar esse perigo na mensagem que é comunicada para quem fez uma profissão de fé externamente convincente, mas que, após algum tempo, retrocedeu a uma vida de pecado. O que é dito a alguém nessa condição? Somente os que compreendem um retorno a uma vida de pecado como uma prova definitiva de que aquela pessoa nunca nasceu de novo dirão para tal pessoa que ela certamente nunca foi salva. Os que partem do pressuposto de que é possível que ela tenha sido salva terão outro recado a transmitir, que, dependendo de qual for sua doutrina, poderá ser algo assim:

1. "Enquanto você vive assim você está perdendo uma dimensão mais profunda em sua vida espiritual. Você continua salvo, é claro, mas seria mais feliz se fosse mais consagrado, e sua vida não seria desperdiçada em coisas que não são de valor eterno."
2. "Você ainda é salvo, mas vivendo assim você está correndo risco de se perder. Antes que isso aconteça, você precisa voltar para a igreja e voltar a ser *como era antes*."

3. "Enquanto você viver assim, você está perdido. Você precisa voltar para a igreja e voltar a ser *como era antes*."

Nenhuma dessas abordagens é adequada. Elas simplesmente não dizem o que tal pessoa precisa ouvir. Ela não deve ser exortada a "re-consagrar" sua vida ao Senhor. Antes, precisa compreender que nunca foi salva. Enquanto ela crer que já foi salva, entenderá que basta retornar à condição em que esteve na sua suposta conversão, para que tudo fique bem entre ela e Deus.

Mas o que ocorreu naquele tempo não foi conversão autêntica. O fato que ela pôde voltar a viver em pecado prova isso. Não basta simplesmente repetir aquele tipo de experiência e retornar àquela condição; ela precisa de uma mudança mais profunda. Do contrário, a pessoa pode bem voltar para a igreja e passar a se comportar melhor por mais algum tempo, sem ter recebido de Deus um novo coração, e a exortação pode ser um fracasso mesmo que pareça um sucesso. E, se isso acontecer, será assegurada de que está preparada para partir deste mundo, quando na realidade não estará, pois ela ainda precisa nascer de novo por uma obra divina que muda seu coração para sempre.

No entanto, quero deixar bem claro que essa é a mensagem para aqueles que *vivem no pecado*. Conforme as diretrizes que João nos dá, para identificarmos quem é nascido de Deus e quem é filho do diabo, devemos diferenciar entre cometer pecados e viver pecando, entregando-se, por assim dizer, ao pecado.

Os santos podem cair em pecados sérios, mesmo do tipo que tornam a disciplina eclesiástica necessária. A Bíblia não nega isso. Pelo contrário, ela nos relata exemplos dessa realidade, como os casos de Davi e Pedro. No entanto, também não devemos nos esquecer de que eles não puderam persistir no pecado. Sendo pessoas transformadas, não eram capazes de viver em contradição com o princípio de vida que Deus havia implantado neles e, quando confrontados com seu erro, ambos se quebrantaram e se arrependeram. Não poderia ter sido de outra forma.

Davi confessou que seu conflito era assim: "Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todo o dia. Porque

a tua mão pesava dia e noite sobre mim, e o meu vigor se tornou em sequidão de estio" (Salmos 32.3-4).

Isso está em perfeita harmonia com o que a Bíblia afirma sobre a impossibilidade de alguém que é nascido de Deus viver pecando. A regeneração torna impossível para o crente voltar a ser como era antes. Um santo ficará angustiado e aflito por seu pecado, e seu arrependimento será inevitável.

A doutrina reformada reconhece que crentes verdadeiros podem ter uma queda séria, mas não uma queda total e definitiva.[10] "Usando a figura de um barco, em alto mar, podemos dizer que o crente pode cair no convés; mas nunca para fora do barco onde pereceria."[11]

Davi e Pedro estão hoje no céu. Eles são modelos do fato de que os santos sempre se levantam e perseveram até chegarem na posse da herança.

---

1. Ignatius: *Epistle of Ignatius to the Ephesians*, ed. A. Roberts and J. Donaldson, Volume 1 of *The Ante-Nicene Fathers*, The Master Christian Library (Rio, WI: AGES Software, 2000) pp. 110-111.

2. Apud John Gill, *The Cause of God and of Truth*, Part 4, Chapter 5, Section 6, The Ultimate Christian Library (Rio, WI: AGES Software, 2000), pp. 814-815.

3. Anthony A. Hoekema, *Salvos Pela Graça* (São Paulo: Cultura Cristã, 1997), p. 251.

4. D. Martyn Lloyd-Jones, *Deus o Espírito Santo* (São Paulo: PES, 1998), p. 101.

5. Ibid., p. 112.

6. Paulo Anglada, *Calvinismo: As Antigas Doutrinas da Graça* (São Paulo: Editora Os Puritanos, 2000), p. 87.

7. Charles Spurgeon, *A Perseverança na Santidade* (São Paulo: PES, 1988), pp. 19-20.

8. A. W. Pink, *Eternal Security* (Grand Rapids: Baker Book House, 1979), p. 99.

9. Iain Murray, *O Spurgeon que Foi Esquecido* (São Paulo: PES, 2004), pp. 133-134.

10. A *Confissão de Westminster* (WCF 17.3) declara essa verdade nos seguintes termos:

> Eles, porém, pelas tentações de Satanás e do mundo, pela força da corrupção neles restante e pela negligência dos meios de preservação, podem cair em graves pecados e por algum tempo continuar neles; incorrem assim no desagrado de Deus, entristecem o seu Santo Espírito e de algum modo vêm a ser privados das suas graças e confortos; têm os seus corações endurecidos e as suas consciências feridas; prejudicam e escandalizam os outros e atraem sobre si juízos temporais.
>
> Com isso em mente, não devemos nos precipitar em concluir que alguém nunca foi salvo porque experimentou uma queda notória. Para com essas pessoas devemos mostrar cautela, nem afirmando que são salvas nem que não são. Porém, persistir deliberadamente no erro é totalmente diferente.

Sabemos que uma pessoa que é nascida de Deus nunca fará isso. Jesus reconheceu isso em seu ensino sobre excomunhão quando disse: "E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano" (Mateus 18.17). Com essas palavras, Jesus estava essencialmente dizendo que devemos passar a considerar como um descrente a pessoa que prefere permanecer no pecado, mesmo quando confrontado e sujeito a ser excluído da igreja. Um crente verdadeiro não mostrará indiferença ou desprezo por ser membro da igreja, e a repreensão acelerará seu arrependimento. No caso de um cristão falso, a repreensão pode ser a ocasião de uma conversão real, ou pode servir para expor e remover da igreja um descrente.

11. Paulo Anglada, *Calvinismo: As Antigas Doutrinas da Graça* (São Paulo: Editora Os Puritanos, 2000), p. 93.

4
O PENHOR DO ESPÍRITO SANTO

> Portanto, dizer que alguém que é templo de Deus, no qual habita o Espírito do Pai, e que é membro de Cristo, não participará na salvação, mas sofrerá destruição, não seria porventura a maior blasfêmia?[1] (Irineu [180 d.C.] comentando sobre 1Coríntios 3.17 "Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá".)
>
> No caso dos santos predestinados ao Reino de Deus pela graça divina, a ajuda concedida para que perseverem não é como aquela [dada a Adão], mas uma ajuda especial comportando forçosamente a perseverança de fato. Não é apenas algo sem o qual os santos seriam incapazes de perseverar. Muito mais que isso, é um dom de tal maneira forte e eficaz que os santos não podem fazer outra coisa, a não ser perseverar.[2] (Agostinho, 430 d.C.)

O apóstolo Pedro nos escreveu que os salvos são guardados pelo poder de Deus, mediante a fé (1 Pedro 1.5) e que pelo seu divino poder, têm-nos sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade (2 Pedro 1.3). Uma das coisas doadas por Deus que conduzem à vida e à piedade é o "novo coração", efeito da regeneração, quando Deus tira o coração de pedra, dá coração de carne (Ezequiel 36.26) e põe o temor de Deus no coração, para que nunca nos apartemos dele (Jeremias 32.40). Outra é a dádiva divina do Espírito Santo, conforme nos ensina Ezequiel 36.27: "Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis".

O Espírito Santo está eminentemente envolvido na salvação de uma alma. Ele é quem convence do pecado, da justiça e do juízo (João 16.8). A regeneração é o lavar renovador do Espírito Santo (Tito 3.5). Seu envolvimento conosco se torna ainda mais próximo, pois Deus coloca o seu Espírito naqueles que salva para em nós habitar, a fim de que esteja para sempre conosco (João 14.16), e isso também torna-se uma garantia de que permaneceremos salvos para sempre.

Em várias ocasiões, o apóstolo Paulo compara a residência do Espírito Santo no crente com um selo e um penhor:

> Em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, *fostes selados* com o Santo Espírito da promessa; o qual é *o penhor da nossa herança*, ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória. (Efésios 1.13-14)
>
> E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes *selados para o dia da redenção*. (Efésios 4.30)
>
> Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo e nos ungiu é Deus, que também *nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nosso coração*. (2 Coríntios 1.21-22)
>
> Pois, na verdade, os que estamos neste tabernáculo gememos angustiados, não por querermos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos *o penhor do Espírito*. (2 Coríntios 5.4-5)

O que nos comunicam essas comparações? A imagem que assemelha o Espírito Santo com um penhor (o penhor de nossa herança) visa a ensinar que o Espírito Santo nos é dado como uma garantia de que, sem falta, entraremos na herança que nos aguarda nos céus.

A palavra aqui traduzida como "penhor" significa a parte do preço pago de entrada ou algo entregue no início de uma transação como garantia de que ela será completada. Em termos de nossa salvação, isso significa que embora não entramos de imediato na herança quando cremos, um dia certamente entraremos; e, para remover de nossos corações qualquer insegurança quanto à sua concretização futura, Deus nos dá, desde já, o Espírito Santo como penhor ou garantia antecipada de que o trato já vigora e não poderá ser anulado.

Paulo também busca comunicar que o futuro daqueles que recebem o Espírito Santo está garantido quando emprega a figura de um selo para retratar o significado da presença do Espírito de Deus em nós. No mundo antigo, selos eram usados principalmente para duas finalidades, a saber, proteger e autenticar:

> A palavra usada aqui (derivada de σφραγιζω) significa fechar com um selo, lacrar, proteger por meio de um selo, como, por exemplo, livros ou cartas podem ser selados para não serem lidos. É também usado no sentido de marcar ou selar algo como genuíno, autêntico, confirmado ou aprovado, como se faz com uma escritura, um contrato ou um acordo.[3]

Há uma aplicação legítima do segundo sentido de selar no fato de que receber o Espírito Santo comprova que um indivíduo é um cristão genuíno. A presença do Espírito Santo produz santificação, mortificação da carne, o fruto do Espírito (Gálatas 5.22-23) e discernimento da verdade (1 Coríntios 2.10-12). Essas coisas são as marcas de um cristão autêntico, pois todos os que, neste sentido, são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus (Romanos 8.13-14).

Entretanto, é claramente a intenção do autor indicar o primeiro significado associado a selar, quando liga a ideia de selar com o dia da redenção ("o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção" [Efésios 4.30]). Selar para o dia da redenção traz à mente a ideia de que aquilo que foi selado está protegido para que não seja violado até aquele dia.

O elo entre o selo e as coisas que estão no futuro também é claro quando Paulo diz, "fostes selados com o Santo Espírito da promessa" (Efésios 1.13). Portanto, a aplicação primária de ser selado com o Espírito Santo é que ele nos é dado para nos "lacrar", ou proteger, contra qualquer violação até o dia em que receberemos a redenção do nosso corpo (Romanos 8.23).

A Bíblia nos dá uma ilustração de como esse tipo de selo funcionava. Quando Daniel foi lançado na cova dos leões, a entrada da cova foi selada pelo rei. Esse gesto significava que a cova estava sob proteção real e qualquer pessoa que se atrevesse a romper o lacre seria executada. "Foi trazida uma pedra e posta sobre a boca da cova; selou-a o rei com o seu próprio anel e com o dos seus grandes, para que nada se mudasse a respeito de Daniel" (Daniel 6.17).

Da mesma forma, Deus nos sela com o Espírito Santo quando nos salva, para assegurar nossa guarda neste mundo de perigos espirituais. A maneira pela qual a residência do Espírito de Deus garante nossa salvação futura torna-se mais clara quando investigamos qual é a obra maravilhosa que ele realiza em nós. A Bíblia ensina que sua missão é nos guiar, promovendo nossa santificação, produzindo em nós o fruto do Espírito e impedindo apostasia por desvio doutrinário.

A proteção do Espírito Santo contra heresia

Conforme o ensino apostólico, a santificação progressiva na vida cristã é fruto da obra contínua do Espírito Santo. Os que cumprem o preceito da lei o fazem segundo o Espírito (Romanos 8.4). Estamos envolvidos nesse processo, mas é por meio do Espírito que somos capazes de mortificar a carne, sendo por ele conduzidos. Como está escrito: "Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis. Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus." (Romanos 8.13-14)

São filhos de Deus aqueles que são guiados pelo Espírito de Deus a mortificar as obras da carne. Andar conforme o Espírito nos guia significa não satisfazermos à concupiscência da carne (Gálatas 5.16). A direção do Espírito não é algo místico que nos revela que direção devemos tomar ao andar pela rua, é uma direção moral que faz mortificar os desejos de nossa natureza pecaminosa.

Onde isso não estiver acontecendo, não há evidência da presença do Espírito de Deus. Viver segundo a carne é caminhar para a morte eterna, é demonstrar a ausência do Espírito de Deus. Mas onde o Espírito do Senhor se encontra, ele milita contra a carne, produzindo o fruto do Espírito (amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio). Assim, o Espírito Santo faz com que andemos nos estatutos de Deus (Ezequiel 36.27) e nos transforma progressivamente na imagem de Cristo.

> Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade. E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito. (2 Coríntios 3.17-18)

O contexto desse texto sinaliza que a liberdade que o Espírito do Senhor traz é a liberdade do engano religioso que cega pessoas para que não creiam em Cristo. Paulo estivera falando daqueles que têm como que um véu sobre o coração quando leem as Escrituras, de forma que não as entendem suficientemente para serem salvos pela fé em Cristo. Quando algum deles se converte ao Senhor, esse véu é retirado (2 Coríntios 3.15-16).

Há uma profusão de doutrinas falsas no mundo. Todas elas têm sua origem no engano que o diabo, pai da mentira, tem espalhado no mundo. Há erros doutrinários que podem confundir o povo de Deus e perturbar a união no corpo de Cristo, mas que não são impedimentos à fé salvadora em Cristo. É evidente que nenhum novo convertido compreende tudo que Deus nos revelou em sua Palavra. Ao tornar-se um crente em Cristo, cada convertido já compreende as verdades básicas do evangelho e está salvo, mas certamente ainda terá que aprender muito sobre a doutrina bíblica. Toda sua vida como cristão será um processo de crescimento no conhecimento de Deus e das Escrituras.

Nem todo cristão experimenta o mesmo progresso. As doutrinas essenciais do cristianismo à parte, existem muitas doutrinas divergentes sobre questões secundárias entre as diversas igrejas cristãs, e reconhecemos que crentes fiéis chegam a conclusões diferentes sobre numerosas questões. Isso não se deve a algum defeito na Revelação divina que nos foi outorgada, pois Deus não é de confusão. Todo erro procede de nossa imperfeição e da sutileza de Satanás que semeia confusão e divisão, até mesmo entre o povo de Deus. Por isso, todo crente precisa se empenhar arduamente para compreender as Escrituras e interpretá-las corretamente.

Embora Timóteo já fosse um ministro do evangelho consagrado, Paulo lhe deu instruções a esse respeito: "Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade" (2 Timóteo 2.15).

Manejar bem a palavra da verdade não acontece automaticamente e não podemos negligenciar os meios que Deus deixou para nosso crescimento, ou acabaremos tendo do que nos envergonhar. Juntamente com a Bíblia, Deus mesmo colocou na igreja pessoas dotadas e qualificadas para ensinar, e devemos nos valer também de suas contribuições para chegarmos à unidade da fé e não sejamos como meninos, carregados por todo vento de doutrina (Efésios 4.11-14).

Obviamente, é possível ser salvo sem compreender bem as doutrinas da Bíblia, mas nem por isso alguém almejaria crer naquilo que é errado. Se como

igreja utilizássemos fielmente os recursos que Deus nos disponibiliza, poderíamos corrigir muitos erros presentes nas comunidades cristãs, ainda que, neste mundo, nunca teremos conhecimento perfeito.

Mas há também ensinos falsos que são contraditórios às verdades essenciais da fé cristã. Refiro-me agora a crenças heréticas que uma pessoa jamais poderia adotar e, ao mesmo tempo, ser salva. Por exemplo, Pedro advertiu contra "falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição" (2 Pedro 2.1).

Judas, referindo-se aos mesmos hereges, diz que "certos indivíduos se introduziram com dissimulação, os quais, desde muito, foram antecipadamente pronunciados para esta condenação, homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo" (Judas 1.4).

Muitos há, como as testemunhas de Jeová e os mórmons, que negam que o Senhor Jesus Cristo seja o único Soberano e Senhor, e isso é uma heresia destruidora da alma. Como João expressou: "Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai" (1 João 2.23).

Outra heresia igualmente perniciosa é ensinar salvação por obras (veja capítulo 2). Abraçar uma doutrina como essas é apostatar da fé. Permanecer em Cristo necessariamente significa guardar a fé. Paulo deixou claro que alguns apostatariam da fé por seguirem ensinos de demônios: "Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios" (1 Timóteo 4.1).

Para apostatar da fé, não é necessário que a pessoa tenha sido salva, como alguns erroneamente alegam. Apostatar da "fé", nesse contexto, não se refere a um abandono do ato de crer (deixar de crer em Cristo) e, sim, ao repudiar o conteúdo da mensagem cristã, a qual chamamos de nossa "fé".

O texto está dizendo que indivíduos virarão as costas para "a fé cristã", que é a verdade, para abraçarem outras doutrinas. Isso acontece toda vez que uma pessoa instruída na verdade vem a rejeitá-la, e não diz nada quanto ao ter ela possuído fé pessoal em Cristo ou não.

De qualquer forma, fica claro que abandonar a doutrina verdadeira e obedecer aos ensinos de demônios, a que Paulo se refere, é um caminho certo para a perdição eterna. Portanto, se os salvos hão de permanecer salvos, é necessário que eles também sejam guardados do engano das heresias letais. Mais uma vez, encontramos na Bíblia a garantia de que os salvos não poderão ser enlaçados para sua perdição, porque ela testifica que o Espírito Santo guarda os salvos também desse perigo, não permitindo que sejam enganados por heresias destruidoras.

Desde o início, o Espírito Santo está intimamente ligado com nossa compreensão e aceitação da verdade, pois compete ao Espírito de Deus iluminar e abrir o entendimento para que uma pessoa compreenda o evangelho, creia e se converta. Paulo claramente atribui esse efeito à operação do Espírito:

> Mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória; sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória; mas, como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam. *Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito* (...) Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente. Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais. Ora, *o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura*; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. (1 Coríntios 2.7-14)

Visto que em seu estado natural o homem não aceita as coisas do Espírito de Deus, somente uma operação do Espírito Santo pode abrir o entendimento e o coração dos homens para crerem no evangelho. Por isso, temos recebido o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente (v. 12).

Quando Pedro demonstrou um entendimento correto sobre a pessoa de Cristo, foi-lhe dito: "Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus" (Mateus 16.17).

Paulo está dizendo o mesmo aos coríntios. O entendimento da verdade só pode acontecer quando Deus no-lo revela pelo Espírito. Ao mesmo tempo, Paulo reconhece que isso é um privilégio que nem todos recebem. É uma "sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória" (v. 8).

Jesus expressou essa verdade em sua oração: "Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos" (Mateus 11.25). Portanto, uma operação sobrenatural é necessária para que alguém creia na verdade e se converta.

Mas a obra iluminadora do Espírito não termina aí, pois ele passa a residir nos salvos para os salvaguardar contra alguma corrupção daquela fé (crença) por meio da qual estão justificados em Cristo. Isso é ensinado de forma inequívoca em 1 João:

> Filhinhos, já é a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também, agora, muitos anticristos têm surgido; pelo que conhecemos que é a última hora. Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos. E vós possuís unção que vem do Santo e todos tendes conhecimento. Não vos escrevi porque não saibais a verdade; antes, porque a sabeis, e porque mentira alguma jamais procede da verdade. Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo, o que nega o Pai e o Filho [...] Isto que vos acabo de escrever é acerca dos que vos procuram enganar. Quanto a vós outros, *a unção que dele recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine*; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é falsa, permanecei nele, como também ela vos ensinou. (1João 2.18-27)

A essa altura, em sua epístola, João está tratando de falsos mestres e seus ensinos heréticos. Ele diz que muitos "anticristos" têm surgido; isto é, muitos que integravam igrejas cristãs saíram, por se tornarem vítimas de ensinos falsos, enganando e sendo enganados. Essa é uma marca dos últimos dias, nos quais já estamos, desde a primeira vinda de Cristo.

De lá para cá, todas as gerações de cristãos têm observado o mesmo. Pessoas ignorantes e instáveis rejeitam a autoridade exclusiva da Bíblia, ou desprezam a instrução daqueles que poderiam orientá-los quanto ao sentido correto das

Escrituras, isolam-se do bom ensino numa ilusão de autossuficiência, e acabam interpretando o Texto Sagrado de maneira inovadora e deturpada, para a sua própria destruição (2 Pedro 3.16). Ensinos falsos aparecem, ou reaparecem, e conseguem enganar pessoas que estavam nas igrejas cristãs. Alguns se levantam dentro de igrejas ortodoxas ensinando heresias e acabam saindo para fundarem seitas levando alguns membros das igrejas consigo. Paulo avisou de que isso aconteceria:

> Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles. Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um. (Atos 20.29-31)

Os falsos mestres não se cansam de procurar novos adeptos para suas seitas entre aqueles que estão recebendo o ensino da verdade em igrejas bíblicas. Por sua influência, alguns se desviam da verdade, como Jesus mesmo predisse: "Levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos" (Mateus 24.11).

Doutrinas diabólicas têm muitas faces. Paulo advertiu a Timóteo para guardar aquilo que havia recebido, evitando falatórios inúteis e as oposições daquilo que é falsamente chamado ciência, pois que alguns, professando-o, desviaram-se da fé (1 Timóteo 6.20-21). Devemos reconhecer que todos que fazem oposição ao ensino da verdade bíblica são falsos mestres religiosos, mesmo que pretendam apresentar seus dogmas religiosos como ensino científico ou filosófico.

Muitos procuram minar a fé nas verdades centrais do cristianismo através do que ensinam em salas de aula ou em publicações seculares, propagando ensinos como o humanismo, a evolução ou o ateísmo, que nada mais são do que doutrinas de demônios. Os ataques do modernismo e do liberalismo teológico têm levado muitos a desacreditarem da inspiração das Escrituras, da punição eterna, da justificação pela fé em Cristo, de sua ressurreição física, da sua segunda vinda e do Juízo final. Podemos discernir a atuação de Satanás e sua oposição à mensagem salvadora de Cristo por todos esses meios.

Não resta dúvida de que falsos mestres levam muitos a desviarem-se do caminho, mas diante dessa dura realidade, João assevera que duas coisas são absolutamente certas: 1) Os crentes verdadeiros nunca poderão se tornar vítimas desse tipo de ensino falso; e 2) Os que saíram nunca haviam sido salvos. Esses dois fatos são dignos de nossa atenção.

Os crentes verdadeiros não poderão se tornar vítimas de heresias destruidoras

Ao mesmo tempo em que João alerta contra os falsos mestres, ele se mostra confiante de que os santos, *todos* eles, possuem uma unção e têm conhecimento que os protege. Ele escreve: "E vós possuís unção que vem do Santo e todos tendes conhecimento. Não vos escrevi porque não saibais a verdade; antes, porque a sabeis, e porque mentira alguma jamais procede da verdade" (1 João 2.20-21).

A unção aqui mencionada é o Espírito Santo que foi derramado sobre a igreja (Atos 2.16-18; Atos 10.45). Todos os crentes têm esta unção (Romanos 8.9; 1 Coríntios 12.13) e ela se prova suficiente para os ensinar a identificar e rejeitar as heresias dos que os procuram enganar. Aliás, isso é tão seguro que João afirma nem haver necessidade de que alguém ensine aos crentes para que não sejam enganados:

> Isto que vos acabo de escrever é acerca dos que vos procuram enganar. Quanto a vós outros, a unção que dele recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é falsa, permanecei nele, como também ela vos ensinou. (1 João 2.26-27)

É verdade que o ensino de outros é essencial para os crentes crescerem no conhecimento da verdade e chegarem à plena maturidade e à unidade da fé. Porém, aqui estamos tratando de ensinos que corrompem a própria essência da fé cristã, e em questões dessa natureza o Espírito Santo, que em nós habita, ensina-nos "todas as coisas". Ou seja, quando algum falso mestre procura desviar da verdade alguém que já está salvo, o Espírito Santo dentro dele não deixará que seja enganado, mesmo que ninguém mais esteja presente para adverti-lo sobre o erro. A unção do Espírito Santo simplesmente não o

permitirá. Dentro de si, o crente saberá que essa não é a voz do seu Senhor, e de todo a rejeitará. Isto é o que foi prometido na profecia de Isaías:

> [...] não se esconderão mais os teus mestres; os teus olhos verão os teus mestres. Quando te desviares para a direita e quando te desviares para a esquerda, os teus ouvidos ouvirão atrás de ti uma palavra, dizendo: Este é o caminho, andai por ele. E terás por contaminados a prata que recobre as imagens esculpidas e o ouro que reveste as tuas imagens de fundição; lançá-las-ás fora como coisa imunda e a cada uma dirás: Fora daqui! (Isaías 30.20-22)

João volta a reforçar esse ensino no capítulo 4, declarando confiantemente nossa vitória sobre os falsos profetas e atribuindo-a ao fato de que em nós habita Um, a saber, o Espírito Santo, que é maior que o diabo e todos os seus instrumentos de engano:

> Filhinhos, vós sois de Deus e tendes vencido os falsos profetas, porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo. Eles procedem do mundo; por essa razão, falam da parte do mundo, e o mundo os ouve. Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus nos ouve; aquele que não é da parte de Deus não nos ouve. Nisto reconhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro. (1 João 4.4-6)

Os falsos mestres ganham adeptos, sim, mas apenas dentre os que são do mundo. Se o Espírito Santo estivera neles, eles nunca poderiam ter sido levados por ensinos heréticos. Não é sem motivo que Judas diz: "São estes os que promovem divisões, sensuais, que não têm o Espírito" (Judas 1.19). Os que são de Deus, diz João, ouvem a mensagem apostólica. A maneira pela qual uma pessoa responde a ensinos de falsos mestres torna manifesto se ela é realmente de Deus, ou não.

Os que saíram nunca haviam sido salvos

Totalmente convicto de que verdadeiros crentes nunca caem vítimas da heresia, o apóstolo ousa fazer uma avaliação irrestrita daqueles que saíram da igreja. A ideia de que eles eram crentes, mas perderam a salvação, não é a explicação correta. Pelo contrário:

> Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos. (1 João 2.19)

A verdade é que eles estiveram na igreja por um tempo e aparentavam serem crentes durante esse período. Porém, mesmo naquele tempo eles "não *eram* dos nossos".

Aqueles que acham possível que um crente venha a perder sua fé não tem como harmonizar esse texto com sua doutrina. Mesmo que reconheçam que alguns desertores não eram salvos, admitir que todos eles eram incrédulos seria devastador à sua posição. Todavia, não há escapatória. Se disserem que o texto bíblico não prova que os crentes reais necessariamente permanecem na verdade, não estarão lidando seriamente com o verso.

João não disse apenas que alguns dentre os que saíram "não eram dos nossos". Ele vai muito além e fecha totalmente a porta para especulação quanto à possibilidade de verdadeiros santos se desviarem quando afirma, "se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido".

Será que sentimos o peso dessas palavras? O texto não admite outra possibilidade! Ele não diz que se tivessem sido dos nossos *talvez* teriam permanecido, nem *provavelmente* teriam permanecido. A afirmação não está condicionada em qualquer medida. Conforme esse texto, nenhum daqueles que saíram da igreja teriam se desviado se tivessem sido cristãos autênticos, e essa afirmação só pode ser justificada se crentes verdadeiros *nunca* apostatam da fé.

Devemos observar, em especial, a função da palavra "porquê" no versículo. Ela nos diz o motivo pelo qual João chega à conclusão de que os que saíram não eram dos nossos. Alguém poderia questionar sua conclusão, indagando: "Por quê? Como podemos saber que eles não eram dos nossos?"

Mas antes mesmo que alguém lhe pergunte, João já se antecipa e nos diz o motivo de tanta certeza: "Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; *porque* se tivessem sido dos nossos teriam permanecido conosco". João está baseando sua conclusão de que eles nunca foram crentes naquilo que ele

sabe por certo, a saber, que se eles tivessem sido dos nossos, eles nunca teriam se desviado.

Totalmente persuadido dessa premissa, ele não hesita em fazer essa avaliação de todos os apóstatas. Cientes de que João está escrevendo uma epístola geral, que não é dirigida a uma única igreja local, reconhecemos que, ao referir-se a "muitos" que saíram, ele não está falando de algumas pessoas específicas em uma localidade e, sim, do que tem acontecido em igrejas por toda parte.

Seria justo concluir que João nem conheceria pessoalmente a todos os que haviam saído das igrejas, nem sequer estaria familiarizado com todos os casos específicos que viriam à mente de seus leitores em cada lugar onde sua carta seria lida. No entanto, ele não precisava estar informado de cada caso para falar nesses termos absolutos. Ele não baseia sua avaliação dos indivíduos em um conhecimento pessoal de cada caso. A partir de sua apostasia, sem necessidade de maiores informações, João nos ensina que podemos declarar taxativamente que eles nunca haviam sido crentes verdadeiros, porque sabemos que "se tivessem sido dos nossos teriam permanecido conosco".

Tendo dito isso, ele acrescenta: "Todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos".[4] Essas palavras deixam ainda mais claro que, para João, o problema não é que eles se foram, pois quando isso acontece meramente traz à tona um problema já presente, mas até então ignorado. Antes de seu desvio, eram tidos por cristãos nas igrejas onde eram aceitos como membros. Porém agora, pelo fato de que eles se foram, Deus deixou "manifesto que nenhum deles é dos nossos", *nenhum* sequer.

Não é só em 1 João que encontramos esse ensino de que é impossível que um falso profeta consiga levar os salvos a apartar-se do evangelho verdadeiro. Quando Jesus profetizou a multiplicação de falsos mestres ele disse: "Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos" (Mateus 24.24).

Querendo indicar que o poder de persuasão dos mestres do engano é muito grande, Jesus usa "os eleitos" como referencial do que há de mais difícil de

enganar e diz que até eles seriam enganados, "se possível". Fica subentendido que aos eleitos é impossível enganar.

O ensino de Jesus a esse respeito encontra uma expressão mais clara em João 10:

> Em verdade, em verdade vos digo: o que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, esse é ladrão e salteador. Aquele, porém, que entra pela porta, esse é o pastor das ovelhas. Para este o porteiro abre, as ovelhas ouvem a sua voz, ele chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora. Depois de fazer sair todas as que lhe pertencem, vai adiante delas, e elas o seguem, porque lhe reconhecem a voz; mas de modo nenhum seguirão o estranho; antes, fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos.
>
> Jesus lhes propôs esta parábola, mas eles não compreenderam o sentido daquilo que lhes falava. Jesus, pois, lhes afirmou de novo: Em verdade, em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas. Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não lhes deram ouvido. Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará, e sairá, e achará pastagem. (João 10.1-9)

Nessa passagem, Jesus chama de suas "ovelhas" aqueles que são chamados "os eleitos" em Mateus 24. Jesus faz "sair todas as que lhe pertencem, vai adiante delas, e elas o seguem, porque lhe reconhecem a voz" (v.4).

Mas além de Jesus, o Bom Pastor, há neste mundo ladrões e salteadores, significando falsos mestres. Existe a possibilidade de que eles venham a confundir as ovelhas de Cristo? Será possível que alguma das ovelhas venha a se desviar de seguir o Bom Pastor, enganada por estranhos? Não, não é possível.

Usando a experiência de pastores que conduzem seus rebanhos pela voz, Jesus ilustra a maneira pela qual aqueles que lhe pertencem jamais serão iludidos pelos que contradizem o evangelho. "*Mas de modo nenhum seguirão o estranho*; antes, fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos" (v. 5).

Dizer que eles "de modo algum seguirão o estranho" equivale a dizer que é impossível que eles sigam o enganador, que isso simplesmente não acontecerá, nunca, jamais! Mesmo antes da vinda de Cristo ao mundo, muitos falsos mestres haviam surgido, "mas as ovelhas não lhes deram ouvido" (v. 8). Até aquele tempo, Jesus tinha um histórico perfeito. Nunca havia acontecido de

uma de suas ovelhas se perder, vítima de um falso mestre, e Jesus nos assegura que assim as coisas continuarão.

Arthur Pink faz um comentário muito útil sobre João 10.5:

> Isso é muito importante, pois descreve a marca encontrada em todas as ovelhas de Cristo. A um pastor estranho elas não ouvirão [...] Pelo contrário, falando caracteristicamente, eles *fugirão* de tais enganadores. Não é possível enganar aos eleitos (Mateus 24.24). Permita a um homem deste mundo ouvir dois pregadores, um proclamando a verdade e o outro o erro, e ele poderá não discernir entre os dois. Mas é muito diferente com um filho de Deus. Mesmo que ele seja um infante em Cristo, sem perícia em controvérsias teológicas, instintivamente ele detectará heresia mortal quando a ouvir. E por qual motivo? Porque o Espírito Santo habita nele, e ele tem recebido uma "unção" do Santo (1 João 2.20). Como deveríamos ser gratos por isso. Como o Senhor é gracioso por ter nos dado essa capacidade de separar o precioso do vil![5]

Importa lembrar que é a apostasia que comprova que uma pessoa nunca foi salva, e não um momento de confusão. Como pastor em uma igreja local, sou às vezes procurado por crentes que ouviram algum falso ensino e ficaram encabulados. Uma heresia pode ser apresentada de forma tão convincente que cause questionamentos para um filho de Deus. Pode ser que seja impelido por seus questionamentos a consultar irmãos em Cristo ou bons livros, procurando respostas para suas dúvidas.

Porém, se é realmente um crente, ele não chegará a ser persuadido da heresia, nem virá a se aliar com ela. Mesmo que não encontre ninguém que lhe possa orientar satisfatoriamente, dentro de si, ele discernirá aquela mensagem como não vinda de Deus. Um exemplo disso pode ser visto no caso dos muitos crentes que têm rejeitado a teoria da evolução, sem terem recursos de cunho científico para refutarem-na. O mesmo se dá em relação a muitos falsos ensinos. Um crente pode não ter todas as respostas para refutar um herege, mas terá luz o bastante para que não o siga.

Vigiando contra heresias

À luz deste ensino bíblico, como devemos lidar com a ameaça da doutrina falsa? A compreensão de que aquele que tem o Espírito Santo vence os falsos profetas não significa que podemos ser relapsos em ensinar e advertir sobre as

heresias. Pelo contrário, após ter dito a Timóteo que alguns apostatarão da fé, Paulo o instrui a labutar intensamente contra o erro:

> Expondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Cristo Jesus (...) Até à minha chegada, aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino (...) Não te faças negligente para com o dom que há em ti (...) Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes. (1 Timóteo 4.6-16)

Em suas epístolas às igrejas, Paulo sempre advertiu sobre os erros dos enganadores.

Conquanto seja verdade que os santos não poderão ser levados para a perdição por falso ensino, também devemos reconhecer que sempre há pessoas que estão sob o ensino da verdade, mas que ainda não a têm por convicção pessoal. São "aqueles que estavam prestes a fugir dos que andam no erro" (2 Pedro 2.18), que os falsos mestres ainda podem iludir e desencaminhar.

Sendo que há sempre desses em nosso meio, é necessário pregar e prevenir contra o falso ensino, tanto quanto é necessário pregar o próprio evangelho. A fé vem pela pregação, e a pregação, pela Palavra de Cristo. Enquanto tivermos oportunidade, devemos ensinar a verdade e alertar do perigo de apostasia, pois é esse o meio que Deus usa para trazer pessoas à fé real, fé inabalável.

Caso alguma igreja ou algum membro de uma igreja comece a se deixar influenciar por falsos mestres, devemos usar todo recurso ao nosso alcance para combater o erro, imediatamente. Assim foi que Paulo reagiu à investida dos judaizantes entre os gálatas. Tão logo soube do que se passava, despachou uma carta urgente para as igrejas afetadas. Em sua epístola, ele se diz admirado de que as igrejas que havia plantado estavam passando tão depressa para outro evangelho (Gálatas 1.6). Paulo queria acreditar que os judaizantes estavam sendo tolerados apenas porque muitos não haviam percebido as implicações reais da doutrina que estavam ensinando, e que, uma vez expostos por sua carta, eles não mais teriam liberdade de atuar entre as igrejas da Galácia.

Ele expressa essa sua expectativa quando escreve: "Confio de vós, no Senhor, que não alimentareis nenhum outro sentimento; mas aquele que vos perturba, seja ele quem for, sofrerá a condenação" Gálatas 5.10). Mas, ao mesmo tempo,

ele não descarta a possibilidade de que seu trabalho missionário naquela região poderia ter resultado em bem menos conversões reais do que a princípio ele havia acreditado.

Seu receio ganha expressão ao admitir: "Receio de vós tenha eu trabalhado em vão para convosco [...] Meus filhos, por quem, de novo, sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós; pudera eu estar presente, agora, convosco e falar-vos em outro tom de voz; porque me vejo perplexo a vosso respeito" (Gálatas 4.11; 19-20).

Paulo se mostra cauteloso e não tira conclusões precipitadas quanto à condição espiritual dos gálatas. Ele se diz perplexo. Estando longe, ele não sabia detalhes de como os gálatas estavam reagindo ao falso ensino. De qualquer forma, ele agora procura refutar o erro e manter a todos na doutrina correta. Ele combate o erro com todas as forças, pois não estava disposto a deixar para lá uma alma sequer.

Caso alguém ainda estivesse sem convicção interna da verdade pelo Espírito Santo, Paulo demonstra claramente que sua intenção é de ganhá-los agora, de uma vez por todas. Se for preciso, ele voltará a enfrentar "as dores do parto", até que Cristo seja neles formado!

Paulo serve para nós como um modelo. Se um dia encontrarmos aqueles que julgávamos serem irmãos em uma situação semelhante, devemos adverti-los a não apostatarem, confiantes de que os salvos certamente nos ouvirão e esperançosos de que os superficiais ainda sejam ganhos pela pregação da Palavra de Cristo. É também assim a instrução de Judas sobre aqueles que vacilam em face ao falso ensino: "E compadecei-vos de alguns que estão na dúvida; salvai-os, arrebatando-os do fogo" (Judas 1.22-23).

---

1. Apud John Gill, *The Cause of God and of Truth*, Part 4, Chapter 5, Section 4, The Ultimate Christian Library (Rio, WI: AGES Software, 2000), p. 810.

2. Augustine, *Augustin: Anti-Pelagian Writings, Treatise on Rebuke and Grace*, ed. Philip Schaff, Volume 5 of *The Nicene and Post-Nicene Fathers*, *Series 1*, The Master Christian Library (Rio, WI: Ages Software, 2000), p. 1156.

3. Albert Barnes, *Barnes' Notes on the Bible, Volume 14-1 Corinthians–Galatians*, The Master Christian Library (Rio, WI: Ages Software, 2000), p. 583.

4. A edição Almeida Revista e Corrigida e a *King James Version*, no inglês, não traduzem corretamente o final deste verso. (Revista e Corrigida: "Mas isto é para que se manifestasse que não são todos de nós." *King James Version*: "*That they might be made manifest that they were not all of us*." Essa construção não transmite o sentido correto do grego original, como fazem as demais traduções, inclusive a *New King James Version*, onde esse erro foi corrigido.

Alguns que seguiram a tradução imperfeita, sem o cuidado de conferir a língua original, têm ensinado que alguns dos que saíram da igreja eram crentes e outros não.

Por exemplo, o comentarista metodista Adam Clarke escreveu: "Esses falsos mestres provavelmente levaram consigo muitas almas sinceras; e é a isso que o apóstolo faz alusão quando diz: 'eles não eram TODOS de nós'. Alguns o eram, outros não." (Adam Clarke, *Clarke's Commentary of the New Testament, Volume 8*, The Master Christian Library, [Rio, WI: AGES Software, 2000], p. 892.)

Na realidade, o sentido do texto é exatamente o contrário disso. O original literalmente diz que eles se foram para que se manifestasse que todos eles não são dos nossos, ou seja, que nenhum deles é dos nossos.

5. Arthur W. Pink, *Exposition of the Gospel of John* (Grand Rapids: Zondervan, 1975), p. 517.

5
O CUIDADO DA PROVIDÊNCIA DIVINA

> O amor nunca falha; portanto, a posse e lar dos santos nunca falham, nunca lhes são tirados, nunca deixam de lhes pertencer por direito. Como poderia a casa construída sob a fundação dos apóstolos e profetas ser separada do Sacerdote, que é Jesus, a pedra angular? [...] A igreja é construída por Cristo. Ele edifica sua casa sabiamente sobre uma rocha. Não se pode admitir que as portas do inferno prevalecerão contra ela, como de fato prevalecerá contra todo homem que não é parte da igreja. Mas contra a igreja nada prevalece. [...] Mesmo um infante na fé não poderá se escandalizar ou perecer, pois grande paz tem os que amam o nome de Deus, e para eles não há tropeço. Mesmo o mais fraco de todos os discípulos de Cristo não poderá se perder. Porquanto, ele também é grande, e pode também dizer, Quem nos separará do amor de Cristo?[1] (Orígenes de Alexandria, 230 d.C.)
>
> Tantos quanto Deus conheceu de antemão para lhe serem devotos, ele escolheu para receberem as recompensas prometidas. Assim sendo, quantos aparentam crer, mas não perseveram na fé, podemos negar que estavam entre os eleitos de Deus; pois os escolhidos de Deus continuam com ele. [...] Os que Deus conheceu de antemão para si, continuam a crer. Não pode ser de outra forma. Antes, aos que de antemão conheceu, estes ele também justifica, e também os glorifica, para que se tornem como o Filho de Deus. Mas Deus não cuida, em sua graça, dos demais, que não foram por Deus conhecidos de antemão, [...] não continuam para que sejam glorificados, como Judas Iscariotes [...] o qual, tendo sido selecionado, veio a se escandalizar e abandonar o Salvador. [...] Os que por Deus são chamados, estes perseveram na fé. Estes são os que ele escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, para serem irrepreensíveis em sua presença.[2] (Hilário Diácono, 380 d.C.)

Já examinamos como Deus regenera e dá o penhor do Espírito visando guardar os que lhe pertencem e assegurar que nunca se apartem dele. Além dessas proteções internas, que Deus implanta no crente ao convertê-lo, a Bíblia ensina que Deus governa soberanamente sobre toda a sua criação para proporcionar segurança aos seus e tornar a perseverança dos santos certa.

Tanto em João 6.35-40 e em Romanos 8.28-39, a possibilidade de Cristo perder um dos que lhe pertencem é contraditada diretamente, e ambos esses

textos ensinam que isso não poderá acontecer devido aos cuidados providenciais de Deus para com os seus.

Deus não é um mero observador da história humana. Ele atua em todo o seu desenrolar para conduzi-la conforme seu plano eterno, de modo que nada escapa ao seu controle:

> Deus não está [...] deixando as coisas acontecendo por si mesmas. Ao contrário, em sua sabedoria infinita e em seu poder absoluto, Deus exerce o seu poder [...] para sustentar, dirigir, prover e governar todas as criaturas e circunstâncias, fazendo com que todas as coisas cooperem para a execução plena dos seus propósitos eternos. Isso é o que chamamos de providência divina.[3]

A missão de Cristo inclui nunca perder nenhum dos que lhe pertencem

A realidade da providência divina traz implicações para a doutrina que estamos estudando. Se Deus é soberano e se nada foge ao seu controle, está em suas mãos sustentar a fé de um crente, desde que queira fazê-lo. Mais do que qualquer determinação de nossa parte, é a determinação de Deus em jamais perder um dos que lhe pertencem que aparece nas Escrituras como a garantia da perseverança dos santos:

> Declarou-lhes, pois, Jesus: Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede. Porém eu já vos disse que, embora me tenhais visto, não credes. Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora. Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou. E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia. De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. (João 6.35-40)

Jesus aqui fala de "vir a Cristo", referindo-se à conversão, a crer em Cristo para a salvação da alma, e promete, "O que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora" (v. 37). O que exatamente é prometido por Cristo aqui? Não se trata de uma promessa de que ninguém será rejeitado por Cristo ao achegar-se a ele em verdadeira contrição. Sua promessa é uma garantia específica de que o convertido jamais perderá a salvação. Jesus não está falando de barrar a entrada e, sim, de lançar fora. A.W. Pink explica:

> A última cláusula, "de modo nenhum o lançarei fora" assegura a preservação eterna de todo aquele que verdadeiramente vem a Cristo. Essas palavras do Salvador não significam (como geralmente se supõe) que ele promete não rejeitar a nenhum que realmente vem até ele, *embora isso também seja verdade*; mas o que elas declaram é que em nenhuma circunstância concebível ele expelirá a qualquer um *após* que tenha vindo.[4]

Ninguém pode ser lançado *fora* a menos que já tenha sido acolhido. O sentido intencionado por Jesus é mostrar que quem ele converte não será *posteriormente* rejeitado e cortado:

> A segunda parte do verso ("o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora") muda do todo coletivo para o indivíduo, e do 'vir' (como consequência de ser um que é dado a Jesus) para a preservação. Essa interpretação é indicada pelo verbo *ekballō*, "expelir" ou "lançar fora". Em quase todo caso paralelo em que esse verbo ocorre, é pressuposto que aquilo que é expelido ou lançado fora já estava "dentro". "Eu nunca expelirei" significa, portanto, "Eu certamente manterei dentro". Essa interpretação, que recebe forte apoio do verbo, é *exigida* pelo contexto, os próximos três versos.[5]

De fato, fica perfeitamente claro pelo contexto (versos 38-40) que o sentido das palavras de Jesus é esse. O verso 38 começa com a palavra "Porquê". Jesus irá agora nos explicar por que ele não lançará a nenhum fora. E qual é o motivo? É porque a vontade do Pai é que *nenhum ele perca* de todos os que lhe foram dados, sendo eles os mesmos que chegam a vir a ele. Por essa razão, Jesus irá preservar perfeitamente todos quantos se converterem a ele.

A mudança do coletivo para o individual, observada por Carson, também é significativa. A missão que Jesus declara lhe pertencer não é apenas de salvar aqueles que fazem parte de um grupo cujo número pode aumentar ou diminuir. Sua missão é de fazer com que nenhum (ou seja, nem um indivíduo sequer) que se converter a ele venha a se perder, mas que cada um desses chegue, são e salvo, até o dia da ressurreição, porque essa é a vontade do Pai.

Então, qual é a possibilidade de alguém vir a Cristo hoje e ser rejeitado posteriormente por ele? Jesus disse: "O que vem a mim, *de modo nenhum* o lançarei fora" (*v.* 37). O texto grego original emprega sua forma mais enfática

de negação: "de modo nenhum" (οὐ μὴ). Não precisamos especular se Jesus seria ou não levado a lançar algum fora, conforme o que possa acontecer, porque Jesus disse que não o fará "de modo nenhum".

É claro que essa declaração tem por pressuposto que algumas coisas são impossíveis e, portanto, simplesmente não acontecerão. Jesus não está dizendo que um crente estará seguro, mesmo se vier a abandonar a Cristo. Por detrás dessa declaração está o entendimento que Jesus não falhará em sua missão de guardar todos aqueles que a ele se achegarem, e consequentemente nenhum dos santos se apartará dele, de forma que isso não precisa ser levado em conta como algo que *poderá* acontecer. Mas em face das coisas que de fato poderão acontecer, aconteça o que acontecer, Jesus não lançará fora a nenhum sequer.

> Todo o propósito da encarnação, de sua *descida do céu*, foi não para fazer sua própria vontade, mas a vontade do Pai que o enviou (v. 38), e essa vontade é que o Filho não perca nenhum (ou seja, nem um indivíduo) de todos que o Pai lhe dera [...] Em outras palavras, se qualquer um deles falhasse em relação a essa meta, seria para a vergonha eterna do Filho: Significaria ou que ele foi incapaz de realizar o que o Pai quis que fizesse, ou que ele flagrantemente desobedeceu ao seu Pai.[6]

Quando nós consideramos o assunto em pauta, nossa tendência é pensar sobre a questão de nossa perspectiva, em termos do que implica para nós a possibilidade de um crente justificado vir a se perder. Mas é curioso que quando lemos o que Jesus diz a esse respeito, percebemos que, em sua ótica, a questão real é se *Deus irá perder algum dos seus*. Caso isso acontecesse, veria seus planos de salvá-los sendo frustrados.

O que isso implicaria sobre sua honra e soberania? Embora aconteçam coisas que, em si, desagradam a Deus, sabemos que até mesmo essas coisas se encaixam com seus propósitos, pois que nenhum de seus planos pode ser frustrado (Jó 42.2). Se Deus começasse a salvar uma pessoa, com intenção de que ela nunca se perdesse, mas fosse detido e frustrado pelo homem ou pelo diabo, ele não mais poderia dizer: "Eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a

antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; *que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade*" (Isaías 46.10).

Os oponentes da doutrina da perseverança dos santos são obrigados a contender que o plano de Deus em relação à salvação final desses indivíduos pode ser frustrado. Por exemplo, Robert Shank diminui João 6.39 a nada mais que uma indicação de boa vontade da parte de Deus por algo que poderá tanto acontecer, como deixar de acontecer:

> Não é a vontade do Pai que qualquer um que venha a Cristo seja perdido subsequentemente. Mas também não é de sua vontade que qualquer um pereça (2 Pedro 3.9) ou deixe de obter o conhecimento da verdade e seja salvo (1 Timóteo 2.4). Mas há uma vasta diferença entre a vontade perfeita de Deus e sua vontade permissiva.[7]

Esse argumento, em si, envolve dificuldades que não estão no escopo deste estudo, mas, ainda assim, devemos notar como ele é inadequado. Shank parece ignorar que é atribuída ao Filho a tarefa de não perder nenhum dos que lhe são encaminhados. Isso significa que se a vontade do Pai a esse respeito deixasse de se cumprir, seria devido a um fracasso do próprio Senhor Jesus em realizar o que ele mesmo assume ser uma missão sua.

Além disso, seu argumento nem leva em conta tudo o que Jesus diz, pois só procura lidar com a primeira parte do verso 39. Observe que tendo dito que a vontade do Pai é que nenhum ele perca, Jesus conclui com uma profecia no verso 40, onde Jesus disse: "e eu o ressuscitarei (futuro indicativo ativo, primeira pessoa singular) no último dia".

Isso vai muito além de dizer que Deus gostaria que as coisas acontecessem dessa forma. A mudança na estrutura gramatical do subjuntivo para o indicativo revela que o final da declaração não está explicando qual é a vontade do Pai. É, antes, uma profecia de Cristo do que acontecerá no último dia; a saber, que cada indivíduo que veio a Cristo será ressuscitado para usufruir vida eterna.

Como um todo, a força do que Jesus diz no verso é que de forma alguma um indivíduo dos que são entregues a Cristo poderá se perder, porque isso seria contrário à vontade do Pai. Antes, o que infalivelmente acontecerá é que cada

um deles será ressuscitado no último dia. Ora, se um único indivíduo vier a Cristo e for subsequentemente lançado fora, essa profecia de Jesus terá falhado. Mas sabemos que a predição de Jesus não falhará. Passará o céu e a terra, porém as suas palavras não passarão (Mateus 24.35).

Não serão os seres humanos que impedirão as palavras de Jesus de se cumprirem. Deus tem feito centenas de profecias que envolvem decisões e ações humanas, e jamais alguma delas deixou de se cumprir conforme predito, a despeito dos homens terem livre agência. Isso nunca impediu e nunca impedirá a realização de toda a vontade daquele que vive para sempre, cujo domínio é sempiterno, e cujo reino é de geração em geração; pois, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes? (Deuteronômio 4.34-35) Acaso, para o SENHOR há coisa demasiadamente difícil? (Gênesis 18.14)

A providência de Cristo protege o seu povo

Então de que forma Jesus guarda os seus para não perder a nenhum deles? Outras passagens no quarto evangelho ajudam a responder a esta pergunta. Mais adiante no Evangelho de João lemos:

> Sabendo, pois, Jesus todas as coisas que sobre ele haviam de vir, adiantou-se e perguntou-lhes: A quem buscais? Responderam-lhe: A Jesus, o Nazareno. Então, Jesus lhes disse: Sou eu. Ora, Judas, o traidor, estava também com eles. Quando, pois, Jesus lhes disse: Sou eu, recuaram e caíram por terra. Jesus, de novo, lhes perguntou: A quem buscais? Responderam: A Jesus, o Nazareno. Então, lhes disse Jesus: Já vos declarei que sou eu; se é a mim, pois, que buscais, deixai ir estes; *para se cumprir a palavra que dissera: Não perdi nenhum dos que me deste*. (João 18.4-9)

Quando Jesus foi preso, ele sabia que seus discípulos ainda não estavam espiritualmente preparados para o tipo de provação que viria sobre eles, caso fossem presos. Jesus já havia lhes predito que todos se escandalizariam e que Pedro o negaria três vezes, e isso sem que fossem presos.

Mais tarde na vida, os apóstolos seriam mártires por Cristo, mas Jesus sabia exatamente o quanto eles já eram capazes de suportar e sabia quais seriam as consequências para sua fé, se fossem provados assim severamente, tão cedo,

antes de compreenderem sua morte e testemunharem sua ressurreição. Por isso, ele interferiu e os poupou, cumprindo a palavra que dissera: "Não perdi nenhum dos que me deste".

Esse texto nos mostra que, entre outras coisas, o cuidado providencial de Jesus para com os seus é uma forma pela qual cumpre sua missão de não perder a nenhum de nós. Ele controla as circunstâncias em que nos encontramos para impedir que sejamos sujeitos a provas que estão além de nossas forças. Ele dosa a intensidade das tentações para que não soframos uma queda definitiva, mas para que sempre nos levantemos de nossas quedas, renovados em nosso compromisso para com ele.

O caso específico de Pedro pode nos ensinar muito. Ele negou três vezes que fosse um seguidor de Cristo, chegando até a praguejar. Mas Deus, em sua graça, transformou até mesmo essa queda em uma experiência de crescimento, tornando-o mais do que nunca grato e determinado a servir ao Senhor.

> Isso não se deu por acaso. A mão de Jesus estava em tudo que transcorreu. Na verdade, Jesus confidenciou a Pedro que ele ficaria de pé, mas não graças a si mesmo. Foi-lhe dito pelo Senhor: "Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! *Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça*; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos" (Lucas 22.31-32).

Jesus disse a Pedro que Satanás, querendo o peneirar como trigo, havia pedido a Deus que o deixasse derrubar a fé de Pedro. O diabo queria mais do que fazer a Pedro cair em uma tentação. Ele queria derrubá-lo completamente da fé, mas isso não lhe foi concedido. Devemos observar duas coisas nesse *insight* que Jesus nos dá.

Em primeiro lugar, Jesus mostra a Pedro sua própria fragilidade e sua dependência completa da graça divina, porque ele certamente perderia sua fé, se Satanás o assaltasse com toda sua força e astúcia. Aliás, a indicação é que seria até fácil para o diabo efetuar a ruína de Pedro. Jesus disse que Satanás o havia reclamado para o peneirar como trigo. Peneirar trigo não é algo difícil de se fazer. Arruinar a fé de Pedro seria, para Satanás, uma tarefa facílima, como algo que até uma criança pode fazer para ajudar os adultos na roça.

Mas a segunda coisa que devemos notar é que para fazer isso o diabo teria que pedir autorização de Deus. Jesus aqui retrata o diabo tendo que pedir a Deus, antes que possa armar qualquer tentação ou cilada. Essa verdade é um tanto chocante para muitos hoje que adotaram uma visão quase que dualista sobre o conflito espiritual no mundo, mas é o ensino claro das Escrituras que o diabo e seus demônios não podem agir no mundo conforme desejam. Todas as atividades que eles desenvolvem no mundo — seja na área de tentações, do engano, de doutrinas falsas ou qualquer outra coisa — estão limitadas por Deus que demarca o que poderão realizar ou não.

A história de Jó nos ensina essa mesma verdade. Satanás não estaria livre para introduzir qualquer prova da fé de Jó sem receber a autorização de Deus, e as provas a que Jó foi submetido foram administradas por Deus, que, sabendo de antemão tudo sobre Jó e quanto suportaria, estipulou os limites exatos do que o inimigo poderia lhe fazer. Por fim, o resultado de todo o seu sofrimento foi que Jó saiu triunfante, fortalecido, mais perto de Deus e rumo a um galardão celeste, eterno peso de glória, acima de toda comparação. Já no caso de Pedro, o diabo desejou autorização para usar de ciladas que poderiam lhe arruinar a fé, mas isso não foi concedido porque Cristo intercedeu junto ao Pai por ele. Foi Deus quem determinou a intensidade da provação de Pedro e, de fato, em sua fraqueza, ele negou a Cristo, mas sua fé não desfaleceu e ele tornou a levantar-se.

Consideradas em conjunto, as implicações dessas duas verdades são enormes. Nós não somos melhores do que Pedro. Se o diabo estivesse livre para fazer tudo que quisesse, tirar nossa salvação seria como tomar doce de criança. Por mais que determinemos que seremos valentes e vigilantes, não poderemos vencer o diabo, a menos que isso do alto nos seja concedido. Isso verdadeiramente não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia.

A intercessão de Cristo por nós

Para quem é convertido, tal reconhecimento deve trazer grande encorajamento. Se nem uma ave cai por terra sem o consentimento de nosso

Pai, certamente nenhum crente poderá cair do estado de graça, contrariando o propósito expresso de Deus. No entanto, não há dúvida de que muitos cristãos sinceros sofrem com temores do que poderá lhes sobrevir no futuro.

Você é um deles? Você tem justificativa bíblica para ter certeza de que está salvo hoje, mas teme que sua fé poderá desfalecer? Quem sabe esse temor já o tem levado muitas vezes a orar e a pedir oração aos irmãos da igreja, sem, contudo, obter paz no coração. Talvez lhe daria consolo se o Senhor Jesus orasse especificamente por você, assim como orou por Pedro.

Não seria ótimo se o próprio Jesus orasse para que a sua fé não fracassasse? Tenha bom ânimo! Ele orou por todos que viriam a crer nele e continua a interceder por nós junto ao Pai! Veja o testemunho das Escrituras:

> É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus; ora, todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas; e, neles, eu sou glorificado. Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti. Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós. Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura. Mas, agora, vou para junto de ti e isto falo no mundo para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos. Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou. Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como também eu não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade. Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. (João 17.9-21)

A oração sacerdotal de Cristo é profundamente tocante. Jesus está a apenas algumas horas da cruz. Chegando ao fim de sua missão na terra, ele pede ao Pai em favor dos seus discípulos que continuariam neste mundo tão perigoso e roga ao Pai que os proteja, de modo que nenhum deles se perca. Essa oração de Jesus não é em favor de todos os homens, mas por pessoas bem específicas: "É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus" (*v.* 9).

Em vista do fato de que estes permanecerão ainda por algum tempo neste mundo de pecado e perigos espirituais, Jesus pede ao Pai por eles, para que sejam guardados e protegidos: "Já não estou no mundo, mas *eles continuam no mundo*, ao passo que eu vou para junto de ti. *Pai santo, guarda-os* em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós" (v. 11).

O sentido exato em que Jesus pede ao Pai que sejam guardados nos é revelado nas palavras "para que sejam um" e no verso 12 onde diz, "Quando eu estava com eles, guardava-os [...] e protegi-os, e nenhum deles se perdeu".

Fica evidente que Jesus está pedindo ao Pai que os proteja contra se perderem. Os crentes são "um" através de Cristo. Unidos a Cristo pela fé, todos os cristãos verdadeiros são um corpo espiritual. E é importante notar que Jesus não pede que eles sejam guardados *desde que* eles permaneçam em Cristo e, portanto, unidos. Suas palavras são, "guarda-os [...] *para que* eles sejam um". Jesus está convicto de que eles permanecerão "um", desde que o Pai atenda sua oração e os guarde.

Através de seu ensino, suas advertências contra o pecado e através de atos de proteção (como aqueles relatados em João 18.4-9 e Lucas 22.31-32), Jesus mesmo os protegia enquanto esteve com eles. O resultado de sua proteção foi que nenhum se perdeu, senão Judas, que na verdade não chega a ser propriamente uma exceção, visto que ele nunca fora um crente verdadeiro e nunca esteve sob a guarda de Jesus.[8]

Assim como sua proteção foi totalmente eficiente, Jesus está seguro de que sob a guarda do Pai o resultado será o mesmo, e diz: "Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal" (v. 15). Se Jesus não estivesse totalmente certo de que nessas condições nenhum deles se perderia, talvez ele teria pedido que fossem tirados do mundo.

Mas, para que estivessem a salvo, isso não seria necessário. Permanecer neste mundo não representaria um risco, desde que pelo Pai fossem guardados do mal e santificados (v. 17). Assim, cada um deles poderia permanecer no mundo até que cumprisse sua missão aqui, conforme indica o verso 18: "Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo".

E tudo isso não foi apenas para aqueles seguidores de Cristo daquela geração, porque Jesus não pediu tudo isso apenas por eles. No verso 20 ele diz: "Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra". Naquele dia, Jesus orou por cada pessoa que, no decorrer dos anos, viria a crer nele através do testemunho apostólico.

Ora, isso nos é algo precioso e bem pessoal. Naquele dia, bem antes de ir para a cruz, Jesus rogou ao Pai também por mim, sim, até por mim, para que eu não me perca, para que minha fé não desfaleça!

É isso que João quer impressionar sobre a mente de todos nós que cremos no Senhor e Salvador Jesus. Ele mesmo orou a nosso favor. Aliás, Paulo nos diz que ele *continua* orando a nosso favor: "Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós". (Romanos 8.34).

Será que isso não nos revigora a alma? Quantas vezes somos confortados ao saber que algum irmão está orando por nós? Quanto mais pensar que Jesus intercede por nós. Quantas vezes não terá o diabo desejado destruir a nossa fé, espreitando-nos e tragando-nos para o abismo no qual ele encontrará seu próprio destino?

Mas, assim como rogou por Pedro, Jesus tem intercedido também por nós. Se alguém há que tenha vencido o Maligno, é porque Jesus, em misericórdia, não deixa o diabo tocar em sua alma: "Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado; antes, Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o Maligno não lhe toca" (1 João 5.18).

A essa proteção divina se deve nossa segurança, e é nela que devemos depositar toda a nossa fé. Sarah Kalley expressou essa verdade tão profunda de forma maravilhosa nas palavras de um hino:

As Tuas mãos dirigem meu destino.
Por mim cravadas na sangrenta Cruz,
Por meus pecados foram transpassadas.
Bem posso nelas descansar Jesus!
Nos céus erguidas, sempre intercedendo,
As santas mãos não pedirão em vão;

Ao seu cuidado, em plena confiança,
Entrego a minha eterna salvação.[9]

Encontramos essa mesma certeza na igreja primitiva que vivia sob intensas perseguições e provas de fé. Entre muitos testemunhos que nos deixaram a esse respeito, temos as seguintes palavras que Tertuliano escreveu por volta do ano 200 d.C.:

> Satanás nada pode fazer contra os servos do Deus vivo, a não ser que Deus o permita. O que Deus permite, ou tem como objetivo arruinar o diabo, demonstrando a constância da fé dos eleitos, que triunfam sobre toda provação, ou intenta abertamente demonstrar que o homem em questão era, na verdade, do diabo e por isso lhe foi entregue. Temos um exemplo em Jó. Do mesmo modo, o diabo quis poder para tentar aos apóstolos, mas só poderia por permissão divina, como mostram as palavras do Senhor no evangelho quando ele diz a Pedro, "Satanás te desejou para te peneirar como trigo; mas eu orei por ti, para que tua fé não fracasse". E ninguém pense que seria dado ao diabo colocar nossa fé em risco. É manifesto que tanto abalar nossa fé ou proteger nossa fé está sob controle de Deus. Sendo assim, se o diabo pede poder com o qual poderá destruir nossa fé, e o Filho de Deus pede que ela seja protegida, Deus concede ao seu Filho o poder de proteger nossa fé, pois lhe concede tudo o que pede, ao ponto de dar-lhe toda autoridade no céu e na terra. Então como jamais poderia o diabo ter em seu poder destruir nossa fé?
>
> Que diremos, pois se um bispo, um diácono, uma viúva, uma virgem, um mestre, sim, e até um mártir abandonar a fé? Isso comprovaria heresias? Afinal, avaliamos nossa doutrina pelas pessoas, ou avaliamos as pessoas pela doutrina? Não concluímos que alguém seja sábio a menos que seja um crente; não concluímos que alguém seja grande a menos que seja um cristão; e não devemos concluir que alguém seja cristão a menos que isso se prove perseverando ele até o fim.[10]

Deus faz com que todas as coisas cooperem para o nosso bem

Não é sem razão que a intercessão de Cristo por nós inspire tanta convicção. Em sua epístola aos Romanos, Paulo faz sua referência a essa realidade, justamente ao desenvolver, detalhadamente, a doutrina da impossibilidade de nossa separação de Cristo. No oitavo capítulo de Romanos, Paulo focaliza nossa glorificação, o aspecto futuro de nossa salvação. Esse é o destino daqueles que são justificados, pois "se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também *com ele seremos glorificados*" (Romanos 8.17).

E embora o caminho para a glória seja uma senda de sofrimento, Paulo está certo de "que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós" (v. 18). Toda a história está caminhando rumo ao dia em que esse destino se realizará. Visto que desde a queda do homem e a consequente maldição divina a "criação está sujeita à vaidade" (v. 20), Paulo trata a chegada desse dia glorioso como algo ansiosamente antecipado pela própria criação.

Por causa da transformação maravilhosa que esse dia trará, a "revelação dos filhos de Deus" é aguardada com ardente expectativa pela criação "na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus" (v. 21).

A essa altura, Paulo faz a transição de volta para nós cristãos e o fato de que nosso anseio também é por chegar à glória eterna, tanto que gememos em nosso íntimo e aguardamos com paciência por aquele dia em que nossa esperança se cumprirá:

> Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente *gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo*. Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera? Mas, *se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos*. (Romanos 8.22-25)

Esse é o contexto em que Paulo lembra que somos acometidos de fraquezas e que nem sabemos orar como convém. Todavia, inabalável em sua confiança, ele imediatamente redireciona o nosso pensamento para longe de nossas fraquezas e focaliza a assistência que recebemos de Deus, o Espírito Santo:

> Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos. (Romanos 8.26-27)

Então, tanto o Filho como o Espírito Santo estão intercedendo para que os salvos completem sua carreira e cheguem até a glorificação. E temos certeza de

que o Pai concede o que é pedido, porque é segundo a vontade de Deus que o Espírito intercede pelos santos (v.27). Tudo isso leva o apóstolo a sua belíssima declaração: "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (v. 28).

Esse verso é frequentemente citado fora de seu contexto, gerando confusão na mente de muitos. Paulo está dizendo muito mais do que o ditado popular: "Há males que vêm para bem". É verdade que muitas vezes passamos por momentos desagradáveis e em retrospectiva percebemos que eles contribuíram para nos livrar de acidentes, prejuízos financeiros ou coisas semelhantes. Isso acontece tanto na vida dos santos como daqueles que não amam a Deus.

Mas é manifesto que outras vezes Deus sujeita seus filhos a tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo ou espada — coisas que claramente não promovem o seu bem estar neste mundo. Nem todas as coisas cooperam para o bem-estar temporal daqueles que amam a Deus. Porém, o "bem" que Paulo tem em vista não é saúde, vida longa, boa condição financeira, nem felicidade neste mundo. O "bem" de que ele está falando é o bem eterno, a salvação final, a mesma glorificação de que vem falando no contexto imediato.

O que Paulo está ensinando é que, em resposta à intercessão do Espírito pelos santos, Deus faz com que todas as coisas cooperem para o bem eterno deles — daqueles que verdadeiramente amam a Deus e que são chamados segundo seu propósito imutável. Isso significa que nada pode acontecer que, em última análise, resulte em mal para os salvos, porque Deus governa tudo e não admite que aconteça uma única coisa sequer que não contribua para a glorificação daqueles que o amam:

> O pensamento central é que, no soberano amor e sabedoria de Deus, tudo é levado a convergir e contribuir para esse alvo. Muitas das coisas envolvidas são más em si mesmas; e a maravilha da sabedoria e da graça divina está no fato de que elas, quando consideradas em harmonia com o todo, são colocadas a trabalhar para o bem. Nem um único detalhe opera finalmente para o mal do povo de Deus; no fim, somente o bem será o quinhão deles.[11]

Que pensamento sublime! Que ponderação! Se Deus faz com que todas as coisas cooperem para o bem daqueles que o amam, poderá suceder que um dos

salvos perca sua saúde ou seus bens? Sim, se isso cooperar para o seu bem. Poderá ele enfrentar perseguição e martírio por sua fé? Poderá sim, mas somente se isso for cooperar para o seu bem. Poderá acontecer que o diabo o assalte com terríveis tentações? Mais uma vez, sim, mas somente se, em última análise, isso também cooperar para o seu bem eterno.

Mas agora vem a pergunta inevitável: poderá um crente perder sua salvação? Absolutamente não! É óbvio que isso não poderá suceder, pois tal coisa nunca poderia cooperar para o seu bem eterno. Isso seria exatamente o oposto daquilo para o qual Deus faz com que todas as coisas cooperem.

Alguns têm resistido a essa conclusão, argumentando que a promessa é somente para aqueles que amam a Deus e, por isso, um crente deixaria de ser por ela contemplado se deixasse de amar a Deus. Porém, esse raciocínio não muda coisa alguma; ele apenas nos conduz de volta à mesma questão: Contribuiria para o seu bem se o amor que um dos santos tem por Deus esfriasse até que já não o amasse mais? Certo que não! Pois de forma alguma tal desenvolvimento poderia cooperar para o seu bem. Portanto, crer que *todas as coisas* cooperam para o bem daqueles que amam a Deus necessariamente significa crer que Deus nunca permite que o amor dos salvos definhe e morra.

> *Todas as coisas* é totalmente abrangente, não tendo quaisquer qualificações ou limites. Nem esse verso, nem seu contexto, permitem restrições ou condições. *Todas as coisas* é inclusivo, no sentido mais amplo possível. Nada existe ou acontece, no céu ou na terra, que 'poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor' (8.39).
>
> Paulo não está dizendo que Deus previne seus filhos de passar por coisas que podem feri-los. Está antes atestando o fato de que o Senhor toma tudo quanto ele admite que aconteça a seus filhos amados, até mesmo as piores coisas, e transforma essas coisas, por fim, em bênçãos [...]
>
> Não importa qual for nossa situação, nosso sofrimento, nossa perseguição, nossa falha pecaminosa, nossa dor, nossa falta de fé — nessas coisas, assim como em *todas* as demais *coisas*, nosso Pai celestial operará nossa vitória e bênção final.[12]

Os que amam a Deus, diz Paulo, são "aqueles que são chamados segundo o seu propósito". Com isso, ele está nos lembrando de que Deus tem um propósito, ou objetivo, para a história humana e, de acordo com esse plano, ele chama (converte) alguém. Não devemos supor que algo poderá interferir no pleno

cumprimento do plano divino. Afinal, nada existe que poderá pegar a Deus de surpresa ou desandar a execução do seu plano eterno.

O Deus sempiterno é o único Ser autoexistente. Todas as coisas criadas foram feitas por ele, e sem ele, nada do que foi feito se fez (João 1.3). Conforme proclamado pelos vinte e quatro anciãos do Apocalipse: "Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas" (Apocalipse 4.11). Ora, se Deus criou tudo que existe por causa da sua vontade, e se antes de criar ele sabia todas as implicações e ramificações em longo prazo da criação de cada coisa, somos forçados a concluir que não há uma coisa sequer em existência que não se enquadrará perfeitamente ao plano divino, inclusive os anjos e homens réprobos.

Provérbios 16.4 diz: "O SENHOR fez todas as coisas para determinados fins e até o perverso, para o dia da calamidade". Pode ser incômodo pensar sobre essa verdade, mas não podemos fugir dela.

Deus antevê toda a história e em sua providência dispôs todas as coisas de forma que seus alvos são atingidos, sem que nada venha a faltar nem sobrar. Essa compreensão permeia toda a Bíblia.

Pela providência divina, havia um carneiro preso pelos chifres entre os arbustos para Abraão sacrificar em lugar de Isaque (Gênesis 22.13). Quando Hamã determinou exterminar os judeus, Mordecai deduziu, corretamente, que para tal conjuntura Deus havia elevado Ester a rainha (Ester 4.14). Pela mesma providência, nos dias em que Jesus estava para nascer, foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do Império Romano para recensear-se (Lucas 2.1), cumprindo a Escritura de que Jesus nasceria em Belém.

Conforme a Bíblia, até os anjos que existem são preparados por Deus para entrarem em cena no momento exato para realizarem os propósitos de Deus: "Foram, então, soltos os quatro anjos que se achavam preparados para a hora, o dia, o mês e o ano, para que matassem a terça parte dos homens" (Apocalipse 9.15).

Sendo assim, todo propósito de Deus se materializa. Saul nunca foi capaz de matar a Davi, não obstante a ser o rei, com todas as vantagens do ponto de vista humano, porque na providência de Deus era sempre impedido, quer tenha sido pela intervenção de Jônatas, quer pelo constrangimento de cair nas mãos de Davi e ser poupado, ou ainda porque os filisteus invadiram Israel no momento exato em que finalmente o teria capturado.

É como nos diz Provérbios 21.30, "Não há sabedoria, nem inteligência, nem mesmo conselho contra o SENHOR". Se era o plano de Deus que Davi viesse a ser rei de Israel, quem o poderia impedir? Saul sabia que lutava contra Deus (1 Samuel 24.20) e mesmo assim se empenhou futilmente em matar Davi. Da mesma forma, se Deus nos chamou segundo o seu propósito de nos levar à glória eterna, quem o poderá impedir? Ou nas palavras do próprio apóstolo: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Romanos 8.31).

Deus ativamente intervém no curso da história humana, governando sobre toda a sua criação, movendo todas as coisas conforme lhe apraz, para fazer com que os desenvolvimentos sigam o rumo por ele determinado. "É ele quem muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis; ele dá sabedoria aos sábios e entendimento aos inteligentes" (Deuteronômio 2.21).

Não há autoridade humana que não tenha sido por ele instituída (Romanos 13.1). "O SENHOR é o que tira a vida e a dá [...] O SENHOR empobrece e enriquece; abaixa e também exalta" (1 Samuel 2.6-7). Ele é quem faz haver paz e quem faz vir a calamidade (Isaías 45.7).

Reconhecendo a sua soberania, o profeta Amós indaga: "Sucederá algum mal à cidade, sem que o SENHOR o tenha feito?" (Amós 3.6). Por essa razão, Jó reagiu às calamidades em sua vida dizendo: "O SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!" (Jó 1.21).

A mão de Deus está presente em tudo que ocorre, e podemos ter certeza de que, através de tudo, ele está assegurando o nosso bem, e somente nosso bem, como seus eleitos. Essa é uma certeza que podemos ter. "*Sabemos* que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Romanos 8.28).

O Senhor Jesus nos mostra um instante claro de como isso opera em Mateus 24.22: "Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo; mas, por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados". É maravilhoso reconhecer que Deus soberanamente conduz tudo o que acontece para resultar no bem daqueles que salva. Isso nos dá outra percepção da história, como um todo, desde os grandes eventos, até os acontecimentos de nossas vidas individuais.

Há momentos na vida de cada crente quando ele seria arrebatado pelo erro e pela tentação, se as forças nessa direção se intensificassem mais, mas Deus estabelece limites, simplesmente porque ele nos ama e protege. Ele deixa que Satanás vá somente até certo ponto, mas não mais que isso.

Juntamente com as provações, Deus dispensa graça em medida suficiente para que jamais perca os que são chamados segundo o seu propósito. Deus impede tudo que causaria a perdição de um dos santos. Porque Deus é soberano, não precisamos temer o dia de amanhã. Considerações como essas nos ajudam a entender as palavras triunfantes de Paulo no verso 31: "Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?"

Mas antes de chegar ao verso 31, Paulo ainda tem uma explicação importante a fazer. O verso 29 inicia com a palavra "porquanto", pois o que Paulo diz agora está ligado ao verso anterior. Os versos 29 e 30 nos explicam o motivo pelo qual "todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito". O motivo é o seguinte:

> Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou. (Romanos 8.29-30)

Embora um estudo detalhado do ensino bíblico sobre a eleição esteja além do objetivo desta obra, podemos observar, de passagem, que o texto divinamente inspirado fundamenta na doutrina da predestinação o fato de que nada pode trabalhar contra o bem eterno daqueles que são convertidos.

Consequentemente, podemos concluir que está errada qualquer tentativa de explicar o significado do termo predestinação na Bíblia que não requeira a crença na infalível perseverança dos santos como um corolário. Conforme Paulo, aqueles que são justificados são também glorificados, porque são aqueles

que, antes de tudo isso, já haviam sido predestinados a serem conformes à imagem de Cristo.

Encontramos nos versos 29 e 30 o que o teólogo de Cambridge William Perkins (1558-1602) chamou "a corrente de ouro da salvação". Essa expressão se refere ao fato de que nesses versos temos cinco elos de uma corrente (conheceu de antemão, predestinou, chamou, justificou e glorificou), e são as mesmas pessoas que experimentam todas essas coisas. Ou seja, todos os que Deus conheceu de antemão são também predestinados — nenhum a mais, nenhum a menos. Igualmente, os que são predestinados e os que são chamados são os mesmos. Assim também, os chamados são os justificados e os que são justificados são, enfim, glorificados. Ninguém se perde no meio do caminho.

Essa afirmativa bíblica, "aos que justificou, *a esses* também glorificou", nunca poderá fazer as pazes com a ideia de que algumas pessoas são justificadas, mas depois fracassam e perdem a glória eterna. Isso necessariamente significaria que existe uma diferença entre os que Deus justifica e os que ele glorifica.

Isso poderia se harmonizar com frases do tipo: "aos que justificou, *nem todos* glorificou", ou "a uma boa parte dos que justificou, também glorificou", mas nunca com as palavras tal como se encontram na Bíblia. Se tão somente um dos que receberem a justificação não for também glorificado, a Escritura terá falhado e não se poderá mais dizer: "aos que justificou, *a esses* também glorificou". Mas como a Escritura não pode falhar (João 10.35), esses versos já bastam para provar que nenhum que foi um dia justificado deixará de participar na glória eterna.

Nada jamais poderá nos separar do amor de Cristo

Só de refletir sobre essa corrente inviolável, o apóstolo Paulo rompe em vitoriosa exultação:

> Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas? Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem

> ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito: Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro. Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor. (Romanos 8.31-39)

Esse texto fala por si mesmo para qualquer leitor imparcial. Sendo verdade que Deus também glorifica aos que justifica, e sendo que todas as coisas cooperam para o bem dos salvos, Paulo agora celebra o que isso significa para nós como cristãos. Significa que jamais podemos ser condenados (v. 34) ou separados do amor de Cristo (v. 35):

> Nesse contexto, "o amor de Cristo" representa a salvação. Portanto, Paulo está perguntando, de forma retórica, se qualquer circunstância é poderosa o suficiente para fazer um verdadeiro crente voltar-se contra Cristo de forma que causaria Cristo a rejeitá-lo.[13]

"Que diremos, pois, à vista destas coisas?" (v. 31), pergunta Paulo. Já que ninguém é chamado senão aqueles que foram antes predestinados a serem conformes à imagem de Cristo, sabemos que a condição final dos que são convertidos será esse estado de glória que foi por Deus predeterminado. Se Deus o predeterminou, quem o poderá impedir? Que oposição poderá impedir que se realize o que está nos decretos de Deus? "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (v. 31).

Se a determinação de Deus em nos salvar fez com que ele nem mesmo poupasse "o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?" (v. 32) Deus já pagou o preço supremo por nossa salvação. Seria inconcebível imaginar que agora ele estaria indisposto a fazer coisas menos custosas para assegurar nosso bem eterno.

Além disso, não poderemos ser condenados por nossos pecados, porque, afinal, uma vez justificados, nada mais consta em nossas "fichas". "Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem

os condenará?" (vv. *33-34*a). Ninguém há que esteja acima de Deus para anular seu pronunciamento a nosso favor. Ninguém poderá nos condenar porque "é Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós" (*v. 34*b). A morte vicária de Cristo em nosso lugar expia nossos pecados e sua ressurreição confirma isso. Nossos pecados estão, portanto, pagos e um segundo pagamento não será exigido.

A intercessão contínua de Cristo a nosso favor assegura-nos que sempre teremos a graça de prevalecer, quaisquer que sejam as provações que tenhamos que atravessar. Enfim, nenhuma conjuntura poderá levar um dos salvos a sucumbir e ser separado de Cristo. Certamente perseguições e adversidades não poderiam desencadear nossa ruína espiritual, pois quer nos sobrevenha tribulação, quer angústia, quer perseguição, quer fome, quer nudez, quer perigo, quer espada, os verdadeiros cristãos são mais que vencedores em todas essas coisas (vv. *35-37*).

Nada, absolutamente nada, pode fazer com que alguém que foi chamado segundo o propósito de Deus venha a ser desligado de Cristo. Esta é a convicção do apóstolo que conclui com uma doxologia, proclamando:

> Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor. (Romanos *8.38-39*)

A lista de coisas que não podem nos separar do amor eletivo de Deus é digna de nossa consideração. Em primeiro lugar, "nem a morte, nem a vida" podem ser instrumentos em separar um crente do seu Senhor. Não precisamos temer o que poderá nos suceder na morte, como se o tipo de morte ou a hora da morte pudessem nos abalar a fé e demover de Cristo, pois nossa morte também está sujeita ao governo de Deus que, em sua providência, dá graça sustentadora a cada um de seus filhos, conforme a senda que lhes faz trilhar.

Tampouco é de se temer que a vida se torne uma armadilha fatal para nossas almas. Sabemos que uns vivem mais que outros. Uns são levados deste mundo para se unirem à Igreja Triunfante no céu logo que são chamados (como o

malfeitor em Lucas 23.39-43 que se arrependeu na cruz), enquanto as vidas de outros são prolongadas para servirem a Cristo neste mundo perverso.

Cá em baixo, alguns membros da Igreja Militante passam perseguições assustadoras, enquanto outros bebem de um cálice muito mais brando. Uns são expostos a pressões e tentações mais intensas e mais longas que outros; certamente poucos tanto quanto Jó.

Mas nada disso acontece por acaso ou aleatoriamente, senão segundo a providência divina. Assim creu o salmista que escreveu: "Os teus olhos me viram a substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda" (Salmos 139.16). Por isso, nem a morte, nem a vida representam um risco para aqueles que Deus intenta salvar.

Os seres angelicais, tanto os anjos eleitos como os caídos, misteriosamente exercem influência sobre o mundo. Quando pessoas apostatam da fé, abraçando ensinos falsos, elas são levadas pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro (Efésios 4.14), e pela hipocrisia dos que falam mentiras e que têm cauterizada a própria consciência (1 Timóteo 4.2). Mas sabemos que por detrás do instrumento humano, a operação do erro tem sua origem nos demônios, em espíritos enganadores (1 Timóteo 4.1).

Paulo nos lembra de que "se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus" (2 Coríntios 4.3-4). O diabo também atua na área de tentações. Aqueles que não têm vencido o Maligno desviam-se, seguindo a Satanás (1 Timóteo 5.15).

Será que com essas táticas o diabo e os demônios não seriam capazes de derrubar alguns dos santos? Paulo nos garante que não, porque nada, "nem os anjos, nem os principados" poderão nos separar de Cristo.

De fato, "nem as coisas do presente, nem do porvir" poderão fazê-lo. Ou seja, nem acontecimentos no presente, nem no futuro, serão capazes de desarraigar da Rocha Eterna alguém que ali foi edificado. Não há a menor chance para isso, nem agora nem nunca. Tal êxito contra os propósitos de Deus não poderá ser

obtido por coisa alguma que está hoje em existência, nem ainda por qualquer coisa que venha a existir algum dia.

"Nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade" constituem uma ameaça. Com essas palavras, Paulo procura estender sua lista para incluir tudo que possa vir a mente dos seus leitores, em toda esfera, daqui para cima ou daqui para baixo, mesmo em todo o universo. E por fim, não querendo deixar margem para alguém alegar que a lista chegou ao fim sem mencionar algo específico e que essa coisa omitida é o que poderá nos separar de Cristo, Paulo acrescenta, "nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus".

As palavras "qualquer outra criatura" (ou "qualquer outra coisa criada") não estão falando de qualquer coisa além de nós mesmos, conforme alguns têm postulado. Interpretada em seu contexto, a palavra "outra" só pode significar qualquer outra coisa além das coisas que Paulo acabou de citar (morte, vida, anjos, principados, coisas do presente, coisas do porvir, poderes, a altura e a profundidade).

Sendo assim, a declaração de Paulo é toda abrangente e antecipadamente previne contra o argumento de que nós mesmos poderíamos nos separar de Cristo. Nós também, como parte da criação, somos necessariamente incluídos. O plano de Deus de nos manter unidos a Cristo não poderá ser frustrado, nem por nós mesmos.

Que segurança a nossa! As palavras inspiradas são absolutamente inequívocas: *nada* poderá separar os salvos de Cristo; pelo contrário, "Sabemos que *todas as coisas* cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (*v. 28*). Essa certeza de Paulo, que brota de sua doutrina de eleição, deve ser nossa também.

Compreender nossa segurança inspira confiança e serviço

Em seu livro *Remarkable Work of Grace* (A *notável obra da Graça*) Jonathan Edwards nos dá um relato curioso de uma índia que foi convertida sob a pregação de David Brainerd. Essa mulher esteve durante longo tempo sob profunda convicção de pecado. Estava arrependida de seus pecados e clamara

muitas vezes a Deus por perdão. Mas, desconsolada, rompia frequentemente em lágrimas, acreditando que não podia estar salva, duvidando que fosse capaz de amar a Cristo sinceramente. Após descrever como relutava com dúvidas e lágrimas, Edwards diz:

> Essa havia sido sua condição contínua por várias semanas consecutivas, e embora a operação da graça em sua vida fosse aparente a outros, ela mesma parecia estar totalmente inconsciente disso, e nunca tivera algum conforto ou tranquilidade de alma até essa noite.[14]

Essa luta prolongada continuou até que, enfim, lhe raiou na alma a certeza de salvação. Ela sentiu tanta alegria que, em meio ao culto, teve uma reação bastante peculiar:

> (Ela) não pode se conter, levantando a voz em oração e louvores a Deus perante nós todos, clamando, às vezes em inglês e às vezes em sua língua indígena, "Oh, Senhor Bendito, venha, venha! Oh, me leve para junto de Ti, permita-me morrer e ir até a Jesus Cristo! Temo que se viver voltarei ao pecado! Permita que eu morra agora! Oh, Querido Jesus, venha! Não posso ficar aqui, não posso! Oh, como poderei viver nesse mundo? Leve minha alma embora desse lugar de pecado! Permita que eu nunca peque novamente! Oh, que farei, que farei Jesus, Jesus Querido!" Ela permaneceu nessa condição por um bom prazo, repetindo tais expressões incessantemente, sempre usando como argumento para que Deus a levasse daqui imediatamente que ela poderia pecar contra ele se continuasse viva.[15]

Como podemos ajudar a alguém nessa angústia de alma? Será legítimo esse temor? Se a doutrina que diz que alguns dos salvos se perdem estivesse certa, não poderíamos tirar-lhe a razão. Certamente seria preferível morrer hoje e morrer salvo, a viver mais um dia e correr o risco de cair na perdição.

Se tudo aquilo que Deus faz por nós não é o bastante para garantir nossa perseverança, se ela depende de nossa própria constância também, que pessoa sensata desejaria permanecer nesse mundo e servir a Cristo? Pensando dessa forma, talvez a melhor reação fosse nos sentarmos juntos a essa pessoa e pedir pela morte também.

Mas se estivermos esclarecidos quanto às garantias que a Bíblia nos dá de nossa segurança sob a guarda divina, não teremos motivo para tais temores. Quando nossa confiança está totalmente em Deus, quando aprendemos a

descansar em suas promessas, sem voltar o olhar para nós mesmos, tornamo-nos ousados e destemidos, estando prontos a enfrentar décadas de labuta em meio a tentações, oposição e perseguição, certos de que todo aquele que é nascido de Deus vence o mundo.

Crendo assim, podemos tomar por nosso lema as palavras de Paulo, "Para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro" (Filipenses 1.21), confiantes de que permanecer na carne não poderá resultar em perda da salvação, e sim em mais fruto para nosso trabalho. Ora, essa perspectiva otimista não nos deixará contemplar a morte imediata como a única prospectiva desejável, mas nos colocará no mesmo dilema em que o apóstolo se achava: "Já não sei o que hei de escolher. Ora, de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor. Mas, por vossa causa, é mais necessário permanecer na carne" (Filipenses 1.22b-24).

A doutrina da perseverança dos santos tem fortalecido muitos para abrirem mão da segurança e os benefícios espirituais de congregarem em uma igreja estruturada e, por amor aos perdidos, deslocarem-se para o campo missionário, onde todo o ambiente parece militar contra seu crescimento espiritual, sem temerem por sua própria segurança. A certeza de nossa salvação final, pela guarda de Deus, nos capacita a olhar para além de nós mesmos e trabalhar com alegria para ganhar ainda outros para o reino de Deus, para sua glória. Essa, afinal, é nossa missão neste mundo, e Deus nos guardará durante o tempo em que estivermos aqui para fazê-lo.

Não devemos duvidar do propósito nem do poder de Deus em tornar em realidade a salvação final de todos os que converte. Alegar que Deus desconhece o futuro é contrário à Bíblia e herético. Também seria blasfemo insinuar que Deus fica no céu desconsolado, lamentando que nada pode fazer, embora saiba que a tal hora, de tal dia, um dos seus redimidos perderá sua fé.

É igualmente inaceitável sugerir que Deus tem o poder para interferir, mas que se recusa porque cabe ao homem se provar digno, se quiser alcançar a vida eterna. Além de deixar implícito que Deus não tem compromisso nem compaixão para com aqueles que um dia em amor justificou, essa lógica reduz a salvação a uma recompensa por mérito.

A salvação é um dom de Deus. Temos que expurgar de nossas mentes qualquer vestígio da impressão carnal de que a salvação é uma conquista humana. É preciso rejeitar a perspectiva em que Deus nada mais faz do que tornar a salvação *possível* para todos e então deixa que cada homem se prove digno, recompensando com a vida eterna os que conseguem. Tal perspectiva é profundamente antievangélica. Que possamos fugir dessa linha de raciocínio e voltar para uma orientação bíblica.

Biblicamente, entendemos que a salvação é certamente o "prêmio" daqueles que creem e perseveram, mas tanto a fé como a perseverança são dons que Deus, em sua graça, concede a quem quiser, de forma que a vida eterna é um prêmio recebido pela graça e não por mérito pessoal. Nada temos que não tenhamos recebido. Todos quantos chegarmos a herdar a vida seremos obrigados a reconhecer que foi só pela graça de Deus que não permanecemos na incredulidade, que só pela graça não retrocedemos para a perdição, e que somente por motivo dessa graça não nos tornamos como Judas ou os habitantes de Sodoma.

Sabedores disso, ao invés de fitarmos aterrorizados as nossas fraquezas, não fiquemos amedrontados nem inseguros em relação ao futuro, mas voltemos nosso olhar para Aquele que é o nosso Salvador, pois se sabemos que em benignidade ele nos atraiu para si, é porque nos amou com amor eterno (Jeremias 31.3). Confiemos naquele que nos chamou e justificou, pois ele nos fará chegar ao nosso lar. Seu cuidado providencial não falhará. Ah, que nossos corações possam aprender a descansar no Senhor e ecoar com convicção as palavras do salmista: "Sustenta-me, e serei salvo e sempre atentarei para os teus decretos" (Salmos 119.117).

---

1. Apud John Gill, *The Cause of God and of Truth*, Part 4, Chapter 5, Section 8, The Ultimate Christian Library (Rio, WI: AGES Software, 2000), pp. 819-820.

2. Apud John Gill, *The Cause of God and of Truth*, Part 4, Chapter 5, Section 19, The Ultimate Christian Library (Rio, WI: AGES Software, 2000), p. 841.

3. Heber Carlos de Campos, *A Providência e a sua realização histórica* (São Paulo: Cultura Cristã, 2001), pp. 13-14.

4. Arthur W. Pink, *Exposition of the Gospel of John* (Grand Rapids: Zondervan, 1975), pp. 330-331.

5. D. A. Carson, *The Gospel According to John* (William B. Eerdmans Publishing Company, 1991), p. 290.

6. Ibid., pp. 290-291.

7. Robert Shank, *Life in the Son* (Bloomington: Bethany House Publishers, 1989), p. 360.

8. A frase no verso 12: "exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura", será examinada em detalhe no próximo capítulo juntamente com as provas de que Judas nunca foi salvo.

9. Sarah Poulton Kalley, segunda estrofe do hino 163 in *Novo Cântico Hinário Presbiteriano*, ed. Claudio Antonio Batista Marra (São Paulo: Cultura Cristã, 2003), pp. 254-255.

10. Apud John Gill, *The Cause of God and of Truth*, Part 4, Chapter 5, Section 7, The Ultimate Christian Library (Rio, WI: AGES Software, 2000), pp. 816-817.

11. John Murray, *Romanos* (São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2003), p. 342.

12. John MacArthur, *The MacArthur New Testament Commentary Romans 1-8* (Chicago: Moody Press, 1991), pp. 472-473.

13. MacArthur, *The MacArthur New Testament Commentary Romans 1-8*, p. 510.

14. Jonathan Edwards, *Remarkable Work of Grace*, *The Works of Jonathan Edwards*, *Volume 5*, The Master Christian Library (Rio, WI: Ages Software, 2000), p. 439.

15. Ibid., pp. 437-438.

6
E OS APÓSTATAS?

> O Senhor, protetor e defensor de seu povo não permitirá que o trigo seja arrebatado de seu celeiro. Só a palha pode ser separada da igreja [...] Aquele que não foi plantado nos preceitos e na admoestação de Deus Pai, só este pode se desviar da igreja [...] A igreja que crê em Cristo e retém aquilo que uma vez recebeu, nunca jamais se aparta dele. São a igreja os que permanecem na casa de Deus. Mas existe uma plantação que não foi plantada por Deus Pai, que vemos não se tornando firmes e sólidos com a estabilidade do trigo. Estes são espalhados como palha pelo sopro do inimigo, dos quais João nos diz em sua epístola que saíram do nosso meio.[1] (Cipriano, 250 d.C.)
>
> Este grande e bom homem (Cipriano) não apenas sustentou a doutrina, mas também teve a graça de perseverar até o fim. Quando o procônsul romano (dando uma última chance de negar a fé, antes de o entregar para a morte) o interrogou: "Vais persistir neste pensamento e recusar fazer o sacrifício?" Respondeu: "Uma mente boa que conhece ao Senhor não pode ser mudada". [...] [Pôntio, seu diácono, registrou e concluiu:] "Ninguém pense que homens bons podem apostatar da igreja. O vento não arrebata o trigo. Nem mesmo uma tempestade pode desarraigar a árvore que tem raiz sólida. Só palha vazia é carregada pela tempestade."[2]

Até aqui este estudo tem procurado apresentar razões positivas para se crer na certa perseverança dos santos, mas não seria justo tratar do assunto sem examinar as passagens bíblicas que alguns acreditam entrar em contradição com essa doutrina.

A razão principal pela qual alguns crentes resistem à doutrina da perseverança dos santos é porque eles estão convencidos de que há textos na Bíblia que são incompatíveis com esse ensino. É claro que uma doutrina só é satisfatória se ela se harmoniza com a Bíblia como um todo. Não podemos pregar uma mensagem em Romanos e desmenti-la em Hebreus, ou vice-versa.

A verdadeira prova de que uma doutrina é bíblica encontra-se em sua capacidade de ser confrontada com cada passagem das Escrituras Sagradas e

sair intacta, pois sabemos que não há contradições ou incoerências na Palavra inspirada. Essa tem sido minha tese ao rejeitar as doutrinas que assumem ser possível que crentes verdadeiros possam voltar a viver no pecado ou perder a fé, procurando demonstrar que todas essas doutrinas são incompatíveis com diversos textos bíblicos.

Mas será que não há também textos bíblicos que são incompatíveis com a doutrina da perseverança dos santos, como alguns alegam? Passaremos agora a examinar os textos a partir dos quais tem sido argumentado que a perseverança e a salvação final de todos os que são justificados não é certa. Esse desafio é bem-vindo.

De forma alguma é impossível demonstrar que a perseverança dos santos é ensinada consistentemente através da Bíblia toda. Não que não possa haver passagens que se apresentem como dificuldades à primeira vista. De fato, isso acontece até em relação às doutrinas mais incontestáveis da Bíblia (como, por exemplo, a onisciência de Deus, a divindade de Cristo e a imortalidade da alma). Entretanto, um exame cuidadoso revela que não há motivo algum para desconfiar de sua veracidade.

Os argumentos exegéticos levantados contra a doutrina da perseverança dos santos podem ser classificados em duas categorias: (1) tentativas de provar a possibilidade de perda da salvação como uma dedução necessária das passagens que advertem contra a apostasia, e (2) tentativas de apresentar casos concretos de indivíduos que foram salvos e posteriormente pereceram.

Por que avisos contra a apostasia são necessários?

Quando passagens que advertem contra a apostasia são utilizadas, o argumento é que deve existir a possibilidade de apostasia de verdadeiros crentes, pois, do contrário, não faz sentido avisar aos crentes desse perigo. Esse tipo de argumento é um tanto precário. Não restam dúvidas de que a doutrina da perseverança infalível dos santos seria contraditada pela Bíblia se as Escrituras contivessem afirmações claras de que algumas pessoas foram salvas, mas vieram a perder a salvação.

Porém, é preciso manter em mente que a necessidade de perseverança até o fim não está em oposição à doutrina aqui defendida; é antes parte dessa doutrina. Então nada seria menos razoável do que insistir que uma doutrina não pode ser verdade porque encontramos na Bíblia um elemento que lhe é integral.

O simples fato de que os crentes são advertidos a perseverarem não constitui uma prova de que alguns deles não perseveram. Isso nada mais é que uma inferência, não, porém, uma inferência necessária, a menos que se demonstre também que alguns dos santos desprezam as advertências divinas.

Se, porém, as ovelhas de Cristo ouvem a voz do Bom Pastor e o seguem, temos motivo para crer que todos os santos dão ouvidos aos avisos, de forma que eles sempre cumprem seu devido fim de impulsionar os santos adiante na fé.

Podemos considerar a questão sob a seguinte ótica: É fato que somente aqueles que perseveram até o fim herdam a vida eterna. Também é fato que Deus está determinado a conduzir infalivelmente cada um de seus filhos até a glória. Sendo assim, é de se esperar que Deus fará o que for preciso para assegurar esse fim. Ele os transforma internamente para que se apeguem a ele, concede-lhes o dom do Espírito Santo e cuida deles por meio de sua providência.

Entre as muitas obras de sua providência, ele emprega advertências solenes para lhes fazer compreender que serão eternamente perdidos, caso não perseverem. Todos aqueles que receberam ouvidos para ouvir — ou seja, tantos quantos foram regenerados — são movidos por esse conhecimento a se tornarem ainda mais determinados a perseverarem até o fim, e assim Deus alcança seu propósito. A questão não é se as advertências são sérias, ou se desacatá-las representa um perigo real. A questão real é se a Palavra de Deus fará o que lhe apraz e prosperará naquilo para que a designou, ou se a Palavra que saiu da sua boca lhe voltará vazia (Isaías 55.11).

Tome, por exemplo, as palavras de Paulo, "Se perseveramos, também com ele reinaremos; se o negamos, ele, por sua vez, nos negará" (2 Timóteo 2.12).[3] Outro exemplo é a exortação em Hebreus: "Não abandoneis, portanto, a vossa

confiança; ela tem grande galardão. Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa" (Hebreus 10.35-36).

Falar assim é jogar palavras fora? De forma alguma. A Bíblia nunca prometeu salvação para pessoas que não perseveram. Mas de que forma os santos perseveram? Eles o fazem mecanicamente ou racionalmente? Sem qualquer conhecimento de qual seja a vontade de Deus ou através do entendimento que advém da Palavra de Deus?

É evidente que Deus usa sua Palavra para nos instruir no caminho da santidade. Deverá, então, Deus nos ordenar a não adorarmos outros deuses e nos guardarmos dos ídolos? Deverá nos ensinar que não podemos viver na desonestidade ou na imoralidade? É claro que sim! Encontraremos na Bíblia lições desse tipo dirigidas aos salvos, pois é esse o meio pelo qual Deus comunica a sua vontade ao seu povo, fazendo com que andemos de conformidade a ela.

Portanto, se de fato é preciso perseverar até o fim, é de se esperar que o registro sagrado conterá diversas exortações nesse sentido também. Elas reiteram e reforçam a mensagem que foi pregada desde o princípio, de que a salvação é para aqueles que seguem a Cristo até o fim. Elas são usadas por Deus precisamente para assegurar a perseverança daqueles a quem ele tem dado ouvidos para ouvir.

A Bíblia contém vários relatos que ilustram como não existe nenhuma incompatibilidade entre uma promessa infalível de Deus e uma advertência urgente. Talvez o melhor exemplo seja encontrado no relato do naufrágio na viagem de Paulo a Roma. Após ter profetizado a sobrevivência de todos no navio, Paulo advertiu que os marinheiros deveriam permanecer a bordo, pois, do contrário, os demais não sobreviveriam:

> Havendo todos estado muito tempo sem comer, Paulo, pondo-se em pé no meio deles, disse: Senhores, na verdade, era preciso terem-me atendido e não partir de Creta, para evitar este dano e perda. Mas, já agora, vos aconselho bom ânimo, porque *nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o navio*. Porque, esta mesma noite, um anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas! *É preciso que compareças perante César, e eis que*

Deus, por sua graça, te deu todos quantos navegam contigo. Portanto, senhores, tende bom ânimo! Pois eu confio em Deus que sucederá do modo por que me foi dito. Porém é necessário que vamos dar a uma ilha.

Quando chegou a décima quarta noite, sendo nós batidos de um lado para outro no mar Adriático, por volta da meia-noite, pressentiram os marinheiros que se aproximavam de alguma terra. E, lançando o prumo, acharam vinte braças; passando um pouco mais adiante, tornando a lançar o prumo, acharam quinze braças. E, receosos de que fôssemos atirados contra lugares rochosos, lançaram da popa quatro âncoras e oravam para que rompesse o dia. Procurando os marinheiros fugir do navio, e, tendo arriado o bote no mar, a pretexto de que estavam para largar âncoras da proa, disse Paulo ao centurião e aos soldados: *Se estes não permanecerem a bordo, vós não podereis salvar-vos*. Então, os soldados cortaram os cabos do bote e o deixaram afastar-se.

Enquanto amanhecia, Paulo rogava a todos que se alimentassem, dizendo: Hoje, é o décimo quarto dia em que, esperando, estais sem comer, nada tendo provado. Eu vos rogo que comais alguma coisa; *porque disto depende a vossa segurança*; pois nenhum de vós perderá nem mesmo um fio de cabelo. Tendo dito isto, tomando um pão, deu graças a Deus na presença de todos e, depois de o partir, começou a comer. Todos cobraram ânimo e se puseram também a comer. Estávamos no navio duzentas e setenta e seis pessoas ao todo. Refeitos com a comida, aliviaram o navio, lançando o trigo ao mar.

Quando amanheceu, não reconheceram a terra, mas avistaram uma enseada, onde havia praia; então, consultaram entre si se não podiam encalhar ali o navio. Levantando as âncoras, deixaram-no ir ao mar, largando também as amarras do leme; e, alçando a vela de proa ao vento, dirigiram-se para a praia. Dando, porém, num lugar onde duas correntes se encontravam, encalharam ali o navio; a proa encravou-se e ficou imóvel, mas a popa se abria pela violência do mar.

O parecer dos soldados era que matassem os presos, para que nenhum deles, nadando, fugisse; mas o centurião, querendo salvar a Paulo, impediu-os de o fazer; e ordenou que os que soubessem nadar fossem os primeiros a lançar-se ao mar e alcançar a terra. Quanto aos demais, que se salvassem, uns, em tábuas, e outros, em destroços do navio. *E foi assim que todos se salvaram em terra*. (Atos 27.21-44)

A relação entre uma profecia infalível e uma advertência urgente nessa história é precisamente a correlação que encontramos nas promessas bíblicas que asseguram nossa salvação final e as advertências bíblicas para perseverarmos. A narrativa de Lucas não deixa dúvidas de que Paulo profetizou que todos ali sobreviveriam. As palavras exatas de Paulo foram: "Nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o navio" (*v. 22*).

Sua profecia estava pautada em cima de uma revelação divina, transmitida pelas palavras do anjo: "Eis que Deus, por sua graça, te deu todos quantos

navegam contigo" (v. 24). A conclusão, "e foi assim que todos se salvaram em terra" (v. 44), serve de testemunho de seu cumprimento. Mas, ao mesmo tempo, não podemos negar que Paulo se dirigiu com franqueza e urgência quando advertiu, "Se estes não permanecerem a bordo, vós não podereis salvar-vos" (v. 31).

Já que estava infalivelmente predito que todos sobreviveriam, alguém poderia argumentar que os avisos de Paulo eram descabidos? Eram inúteis? Poderiam ser descartados? Absolutamente não! De fato, não podemos concluir outra coisa, senão que vidas se perderiam entre os que permaneceriam no barco com Paulo caso os marinheiros se fossem.

Qual foi, então, o papel das advertências? A resposta é que elas desempenharam um papel vital no cumprimento da profecia divina, sendo usadas pela providência de Deus na hora certa para assegurar o resultado predito. Até o fato de Paulo ter percebido a tentativa de fuga dos marinheiros foi providência de Deus, como também o fato de o apóstolo Paulo já ter ganhado o respeito do centurião. Não poderia ter sido de outra forma, pois assim aprouve a Deus cumprir sua Palavra.

Esse texto exemplifica a falácia de tentar usar as advertências a perseverar como prova de que outras passagens não podem significar que a perseverança dos santos é infalivelmente garantida por Deus. Isso seria como apontar para as advertências de Paulo como prova de que a sobrevivência de todos na viagem não fora realmente predito. A realidade é que a promessa de proteção divina não elimina a responsabilidade de agir com prudência, assim como a responsabilidade de agir com prudência não pode se tornar um argumento contra o sentido claro da profecia.

Temos dificuldade em entender como Deus faz uso de meios para cumprir seus decretos. Tendemos a pensar que se algo está infalivelmente determinado por Deus, isso significa que o fim será alcançado à parte de quaisquer meios. Nada ilustra isso melhor que a objeção que alguns levantam contra a doutrina da predestinação quando protestam que se determinadas pessoas são predestinadas para a vida, isso significa que elas acabarão salvas, mesmo se nunca crerem no evangelho.

É claro que as coisas não são assim, pois isso ignora que a predestinação para a vida está inseparavelmente associada aos meios pelos quais Deus a cumpre. A Bíblia diz que Deus escolheu pessoas desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade, e que, para isso, ele também as chama mediante o evangelho, para alcançarem a glória de nosso Senhor Jesus Cristo (2 Tessalonicenses 2.13-14).

O mesmo é verdade sobre as profecias messiânicas. Elas eram infalíveis e, de fato, se cumpriram à risca. Mas Jesus reconheceu que elas falhariam, se ele recusasse a cruz: "Acaso, pensas que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos? Como, pois, se cumpririam as Escrituras, segundo as quais assim deve suceder?" (Mateus 26.53-54).

Encontramos na vida de Jesus outros casos em que Deus utilizou advertências para assegurar um fim predeterminado. Sabemos que nada poderia acontecer a Cristo para lhe tirar a vida antes que chegasse a hora determinada pelo Pai (João 7.30; 8.20). No entanto, Deus usou de advertências para mover José a proteger o menino Jesus, salvando-lhe, assim, a vida:

> Tendo eles partido, eis que apareceu um anjo do Senhor a José, em sonho, e disse: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito e permanece lá até que eu te avise; porque Herodes há de procurar o menino para o matar. (Mateus 2.13)
>
> Tendo, porém, ouvido que Arquelau reinava na Judéia em lugar de seu pai Herodes, temeu ir para lá; e, por divina advertência prevenido em sonho, retirou-se para as regiões da Galiléia. (Mateus 2.22)

O que teria acontecido se José tivesse ignorado as advertências? Deus teria salvado a vida de Jesus por outro meio? Deus tinha um "plano B", por via das dúvidas? Ou seguramente podemos crer que ele usou um sonho para advertir a José, sabendo que esse método seria eficaz, tendo, em sua providência, feito José o tipo de homem que lhe atenderia a voz?

Temos que enfatizar que Deus sempre assegura o cumprimento dos seus decretos por meio de sua providência, conforme tem sido consistentemente

ensinado na tradição reformada. Cito, para averiguação, alguns dentre muitos testemunhos dessa compreensão que são particularmente úteis:

A *Segunda Confissão Helvética*, elaborada em 1562 por Heinrich Bullinger e adotada pelas igrejas reformadas da Suíça, França, Escócia, Hungria e Polônia, rege, com perfeita clareza, no capítulo 6, da providência de Deus:

> TODAS AS COISAS SÃO GOVERNADAS PELA PROVIDÊNCIA DE DEUS. Cremos que tudo o que há no céu e na terra, e em todas as criaturas, é preservado e governado pela providência deste Deus sábio, eterno e onipotente [...] Eis por que desaprovamos as afirmações temerárias daqueles que dizem que, se todas as coisas são geridas pela providência de Deus, então nossos esforços e diligências são inúteis. Seria o bastante deixarmos tudo ao governo da divina providência e não nos preocuparmos nem fazermos coisa alguma [...] Deus, que destinou a cada coisa o seu fim, ordenou o começo e os meios pelos quais a coisa atinge seu alvo.

Semelhantemente, Spurgeon censura a tolice de ignorar os meios pelos quais Deus cumpre seus decretos:

> Os decretos de Deus serão cumpridos. Há, no entanto, pessoas que argumentam a partir daí, que, portanto, nós podemos nos sentar de braços cruzados e simplesmente não fazer nada para a salvação dos perdidos. Tal pessoa é muito tola, porque ela precisa estar ciente de que essa mesma lógica, que a levaria a uma completa inatividade espiritual, também requereria dela uma inatividade em todas as outras áreas, de forma que ela não poderia mais comer, nem beber, nem pensar, nem respirar, nem fazer coisa alguma, a não ser ficar largada como um pedaço de pau, sob os fortes ventos do destino. Isso é absurdo demais para precisar de uma resposta.[4]

Como Arthur Pink observa, a maneira como a providência de Deus vela para que sua Palavra se cumpra pode ser percebida no cumprimento da profecia de que Davi seria rei de Israel:

> Deus prometeu o reino de Israel a Davi e o ungiu, ainda jovem, como rei (1 Samuel 16.13). Verdade? Apesar de todos os obstáculos? Sim, pois o Senhor o disse e ele mesmo o fará! Portanto, se, sem aviso, Saul lhe atira a lança, a fim de pregá-lo na parede, lhe são dados olhos atentos e corpo ágil para percebê-lo e para se esquivar (18.11). Se Saul determina o mal contra Davi, Jônatas é movido a informá-lo (19.7). Se ele envia mensageiros para prendê-lo, eles terão que cair profetizando e falham em sua missão (20.24). Se ele se encontra numa cidade que o trairá, não tendo amigo ali que o proteja, o Senhor mesmo o prediz e o instrui a fugir (23.12). Se o exército de Saul o cerca, cortando toda possibilidade de escape, os Filisteus invadem Israel e o

> rei se retira para enfrentá-los (*vv. 26-27*). Mesmo que na terra não haja quem o livre, Davi diz: "Ele enviará do céu e me salvará" (Salmos *57.3*). Pouco tempo depois, Saul foi morto e Davi veio ao trono![5]

O caso de Davi também nos fornece ainda outro exemplo de como Deus utiliza avisos como um dos meios para cumprir sua Palavra. Em 1 Samuel *23.7-13* temos o relato de como Davi foi divinamente advertido a sair de Queila para que não fosse capturado por Saul. Podemos concluir que se ele ignorasse a advertência divina, teria morrido nas mãos de Saul, mas Deus o preveniu por meio do aviso justamente porque sabia que isso seria um meio adequado para protegê-lo.

O mesmo princípio se aplica em relação às advertências contra a apostasia:

> Ainda assim, essa é uma das inferências frívolas que os arminianos gostam de fazer. Eles dizem: "Se é absolutamente certo que Deus preservará o seu povo de apostasia total, então não há necessidade real de sua perseverança". Poderíamos então argumentar que é desnecessário respirarmos, visto que é Deus quem nos concede respiração. Ou, então, que Ezequias não precisava mais comer e beber porque Deus lhe havia prometido que viveria mais quinze anos.[6]

Não há justificativa alguma para se argumentar que as advertências bíblicas dirigidas a crentes seriam completamente sem razão, se o crente não pudesse cair. A forma correta de se compreender tais avisos tem sido abundantemente esclarecida por teólogos reformados:

> Elas incitam os crentes ao exame de si mesmos e servem de instrumento para mantê-los no caminho da perseverança. Não provam que alguns dos seus destinatários irão apostatar da fé, mas simplesmente que o uso dos meios é necessário para impedi-los de cometer este pecado [...] Elas não provam que quaisquer dos crentes exortados não perseverarão, mas somente que Deus utiliza meios morais para a realização de fins morais.[7]
>
> A razão dessas passagens é que nós precisamos de advertências da parte de Deus para perseverarmos. Ou, falando de outro modo, é por meio de tais avisos que Deus assegura nossa perseverança. A prova disso é vista na maneira oposta em que incrédulos e crentes reagem a tais advertências. Será que descrentes se incomodam com os versos que temos estudado nesse capítulo? Nem um pouco. Ou tomam-nos como bobagem, algo que nem é preciso levar em conta, ou admitem o que os versos dizem, sem preocupar que possam se aplicar a eles. São os crentes que ficam alarmados, porque se preocupam em ter um bom relacionamento com Deus e não querem presumir que tudo está bem com suas almas quando pode não estar.[8]

> Qual é, então o propósito das advertências bíblicas contra a apostasia, se o salvo não pode apostatar da fé? Por um lado, são meios que Deus usa para fazer com que os salvos perseverem (...) Assim como o arrependimento e a fé são os meios pelos quais a salvação é aplicada ao coração dos eleitos, pela ação soberana do Espírito Santo – daí as exortações ao arrependimento e fé –, assim também, as exortações alertando o homem para que não se aparte de Deus (ou não caia), são o meio (a graça, o livramento) que o Espírito Santo usa poderosamente para fazer com que o eleito persevere na salvação (...) É claro que os não eleitos que se incluíram de algum modo entre os eleitos, enganados pelo diabo, não lançarão mão do livramento, e cairão (da profissão de fé; não da salvação). Para estes, as advertências bíblicas servem para deixá-los indesculpáveis.[9]

Não encontraremos palavras melhores que essas para expressarem a razão de ser dos avisos na Bíblia. Quando dizemos que estamos seguros na graça de Deus, não estamos dizendo que a graça divina nos promete salvação final independente de nossa perseverança. O que queremos dizer é que a graça de Deus garante a nossa salvação final *através* de nossa perseverança. Afinal, Deus não nos concede sua graça para tornar desnecessários nossos esforços, e sim para torná-los bem-sucedidos.

Análise das advertências contra a apostasia

Com isso em mente, vamos agora examinar os textos que advertem contra abandono da fé. É um fato surpreendente que aqueles que buscam na Bíblia provas de que os que estão salvos agora podem se perder no futuro invariavelmente citam textos que dizem exatamente o contrário. Todas as obras padrão que ensinam a perda da salvação apelam, ingenuamente, para textos que dizem que só é um cristão verdadeiro hoje aquele que permanece fiel até o fim.

Ora, o que são declarações dessa natureza, senão uma afirmação da doutrina da perseverança dos santos? Aqueles que creem possuir um arsenal de provas de que crentes genuínos podem se perder precisam examinar essas passagens bíblicas novamente.

> Cristo, porém, como Filho, em sua casa; a qual casa somos nós, se guardarmos firme, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança. (Hebreus 3.6)
>
> Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos. (Hebreus 3.14)

Somente uma leitura desatenta desses versos fará alguém concluir que eles ensinam a perda da salvação. Em seu livro *Os Perigos da Interpretação Bíblica*, Donald Carson expõe o erro de I. Howard Marshall ao apelar para esses versos como prova da possibilidade de perda da salvação, mostrando que isso é um exemplo clássico de erro de interpretação por ignorar a relação entre tempos verbais:

> Falácias exegéticas e teológicas surgem nesta área quando são tiradas conclusões sem se prestar a devida atenção às relações entre uma oração e outra, estabelecidas (em geral) pelas formas verbais. Por exemplo, I. Howard Marshall interpreta Hebreus 3.6b ("[...] a qual casa somos nós, se guardamos firme até ao fim a ousadia e a exultação da esperança") e Hebreus 3.14 ("porque nos temos tornado participantes de Cristo, se de fato guardamos firme até ao fim a confiança que desde o princípio tivemos") como se expressassem exatamente a mesma coisa, a saber, que "o fato de sermos membros da família de Deus está condicionado à perseverança". De certa forma, claro, isto está correto; mas um exame cuidadoso dos tempos verbais em Hebreus 3.14 revela um aspecto a mais nesse versículo. Tornamo-nos (*gegonamen*) — no passado! — participantes de Cristo se agora, no presente, guardamos firme a nossa confiança que tínhamos no princípio. A partir deste versículo, concluímos que, embora a perseverança seja ordenada, é também a evidência do que aconteceu no passado. Em outras palavras, a perseverança torna-se um dos ingredientes essenciais daquilo que significa ser um cristão, daquilo que um participante de Cristo é e faz. Se perseverar mostra que (já) nos temos tornado participantes de Cristo, só pode ser porque o fato de participar de Cristo tem a perseverança como fruto inevitável.[10]

O que Carson está destacando é que a devida atenção para os tempos verbais nesses textos mostrará que nunca pode haver perda da salvação. Conforme Hebreus 3.6, só é verdade que *somos* (hoje) a casa de Deus, *se* guardarmos firme, até o fim (futuro). Inversamente, isso quer dizer que ficará provado que hoje não somos a casa de Deus, se no futuro não guardarmos firme nossa esperança.

Hebreus 3.14 aplica esse mesmo conceito ao passado, quando diz que só é um fato que nos *temos tornado*[11] (no passado) participantes de Cristo se continuarmos a guardar firme a nossa confiança até o fim. Tal afirmação nos obriga a concluir que os que não guardam sua confiança até o fim nunca haviam, de fato, se tornado participantes de Cristo. Mas o que é a doutrina da perda da salvação senão a crença de que alguns têm se tornado participantes de

Cristo e, no entanto, não guardam firme até o fim a confiança que desde o princípio tiveram? Acontece que é precisamente essa noção que o texto sob nossa consideração refuta.

A mensagem que o autor de Hebreus quer impressionar na mente de seus leitores é que os apóstatas perecerão, mas o modo pelo qual ele transmite seu recado deixa claro que os verdadeiros crentes não apostatarão. Sua percepção é que os que vierem a abandonar sua profissão de fé serão as pessoas que não têm verdadeiramente se tornado participantes de Cristo e que, portanto, não constituem hoje a casa de Deus.

Usamos esse tipo de linguagem quando falamos de testes que revelam se algo é genuíno. Por exemplo, alguém que procura uma joalheria para descobrir se um objeto encontrado é de valor poderá ouvir a seguinte explicação: "Você tem aí um diamante se ele cortar este vidro". É óbvio que isso não dá a entender que uma falha em cortar vidro transforma um diamante legítimo em outra coisa.

Outra ilustração seria alguém dizer, "Se o brinco é de ouro ele nunca irá enferrujar". Isso não significa que o brinco deixará de ser ouro, se vier a enferrujar, e sim que tal conjuntura demonstrará que não se tratava de ouro desde o início.

Essa mesma observação se aplica a outros textos que são usados indevidamente para defender a perda da salvação.

> E a vós outros também que, outrora, éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas, agora, porém, vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis, se é que permaneceis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro. (Colossenses 1.21-23)

Deve-se notar que Paulo qualifica sua asseveração de que os Colossenses já foram, de fato, convertidos por dizer que só é admissível afirmar que Deus os reconciliou (no passado), com vistas a glorificá-los (no futuro), se é que eles permanecem na fé (no presente), alicerçados e firmes, não se deixando afastar

da esperança do evangelho. As regras da lógica nos obrigam a dizer que tal colocação significa que Deus *não reconciliou* (no passado) aqueles que atualmente não permanecem na fé.

> Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais; por ele também sois salvos, se retiverdes[12] a palavra tal como vo-la preguei, a menos que tenhais crido em vão. (1 Coríntios 15.1-2)

Novamente nesse texto, o leitor que estiver atento à gramática observará que Paulo não diz coisa alguma sobre alguém ter perdido sua salvação. O que ele diz é que somente são salvos hoje (*sois salvos*) aqueles que retiverem a Palavra. Isso sendo verdade, a conclusão inevitável é que aqueles que abandonam a fé não são salvos. Não há nada que indique que tais pessoas teriam sido salvas em algum momento do passado. O certo é que elas teriam "crido em vão"; isto é, crido sem efeito. "Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos" (João 8.31).

Nessa passagem, Jesus não está tratando como incerto se as pessoas referidas *continuarão* a ser seus discípulos, mas se eles *verdadeiramente são* seus discípulos hoje. O teste, que Jesus afirma constituirá a prova de eles serem realmente convertidos, é se, daí para frente, eles permanecerem em suas palavras. Sem isso, ele não admite que eles tenham verdadeiramente se tornado seus discípulos. Mais uma vez, a Bíblia mostra que uma falha em perseverar no futuro revela que não há fé autêntica no presente.

Não há nada nesses textos que indique que um crente verdadeiro possa perder a salvação. Pelo contrário, eles todos militam contra essa doutrina. A confusão só acontece porque a abordagem típica desses textos trabalha em cima de um falso dilema, como se houvesse apenas duas alternativas: (1) ou a Bíblia ensina que cristãos podem apostatar da fé sem prejuízo para suas almas; (2) ou então a Bíblia ensina que cristãos perdem a salvação.

Quando apenas essas duas opções são consideradas, sem dúvida, o que salta à vista nos textos é que os apóstatas perecerão. Daí, quando encarados sob essa

ótica, é compreensível a escolha pela segunda proposição.

Mas não somos forçados a optar entre crer em segurança incondicional para gente que abandona a Cristo ou crer em perda da salvação. Na verdade, ambas essas interpretações falham, pois nem uma nem outra levam em conta o que realmente está sendo afirmado. Essas passagens bíblicas de fato provam que não se pode apostatar e ser salvo, mas, ao mesmo tempo, eles provam que quem é realmente salvo jamais apostatará, eliminando a possibilidade de perda da salvação.

Análise dos casos de apostasia nas Escrituras

Vamos agora examinar o segundo argumento levantado contra a doutrina da perseverança dos santos. Este é o argumento que alega que a Bíblia relata casos concretos de pessoas que foram genuinamente salvas, mas apostataram e perderam a salvação. Temos, em primeiro lugar, relatos repetidos na Bíblia de que "os filhos de Israel fizeram o que era mau perante o SENHOR e se esqueceram do SENHOR, seu Deus" (Juízes 3.7).

Houve perda de salvação nesses casos de apostasia? Na realidade, não houve, porque os indivíduos que se apartaram do Senhor foram aqueles que não o haviam conhecido. O próprio livro de Juízes nos dá testemunho explícito de como a apostasia de Israel sucedia:

> Serviu o povo ao SENHOR todos os dias de Josué e todos os dias dos anciãos que ainda sobreviveram por muito tempo depois de Josué e que viram todas as grandes obras feitas pelo SENHOR a Israel. Faleceu Josué, filho de Num, servo do SENHOR, com a idade de cento e dez anos; sepultaram-no no limite da sua herança, em Timnate-Heres, na região montanhosa de Efraim, ao norte do monte Gaás. Foi também congregada a seus pais toda aquela geração; e *outra geração após eles se levantou, que não conhecia o SENHOR*, nem tampouco as obras que fizera a Israel. Então, fizeram os filhos de Israel o que era mau perante o SENHOR; pois serviram aos baalins. (Juízes 2.7-10)

Os relatos de apostasia do povo de Israel na Bíblia são desta natureza. Nunca encontramos os fiéis se apartando do Senhor. Pelo contrário, os que foram, de fato, convertidos serviram ao Senhor todos os seus dias. Foram aqueles que nunca tiveram a circuncisão do coração que se esqueceram do Senhor.

É isso que ensina o livro do Profeta Jeremias, quando Deus denunciou os pecados daquela geração, declarando que seu povo o havia abandonado, a ele que os havia desposado e seguido após deuses falsos: "Porque dois males cometeu o meu povo: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas" (Jeremias 2.13).

Mas isso aconteceu justamente porque toda a casa de Israel era "incircuncisa de coração" (Jeremias 9.26). Devemos lembrar que a Velha Aliança era de uma natureza externa e pessoas que nunca foram convertidas eram incluídas no Pacto. Foi por esse motivo que eles anularam a Aliança (Jeremias 31.32).

Paulo entende que as falhas dos filhos de Israel servem como lição para a igreja: "Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado" (1 Coríntios 10.11).

Em Romanos 11, ele aplica à igreja o que podemos aprender da apostasia de Israel:

> Se, porém, alguns dos ramos foram quebrados, e tu, sendo oliveira brava, foste enxertado em meio deles e te tornaste participante da raiz e da seiva da oliveira, não te glories contra os ramos; porém, se te gloriares, sabe que não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz, a ti. Dirás, pois: Alguns ramos foram quebrados, para que eu fosse enxertado. Bem! Pela sua incredulidade, foram quebrados; tu, porém, mediante a fé, estás firme. Não te ensoberbeças, mas teme. Porque, se Deus não poupou os ramos naturais, também não te poupará. Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para contigo, a bondade de Deus, se nela permaneceres; doutra sorte, também tu serás cortado. (Romanos 11.17-22)

O que esse texto ensina sobre apostasia? Paulo está, sim, alertando aos cristãos de que existe perigo de apostasia. Mas, para compreendermos sua palavra de alerta, precisamos manter em mente quem eram os ramos naturais que foram cortados. É um fato incontestável que quando Paulo menciona "ramos naturais" e diz que alguns deles foram quebrados, ele se refere aos judeus que rejeitaram a Cristo. Entre esses temos Caifás e Anás, assim como toda a multidão de Israel que rejeitou o evangelho.

Estaria Paulo declarando que a totalidade dos judeus era convertida, até que muitos deles perderam sua salvação por rejeitarem o Messias? De forma

alguma. Sabemos que a grande maioria dos judeus no tempo de Cristo nunca havia nascido de novo. Naquela geração, assim como ao longo de sua história, apenas um remanescente era salvo, segundo a eleição da graça (Romanos 11.5).

Consequentemente, aqueles que foram "cortados" ou "quebrados" são aqueles de Israel que nunca foram convertidos. Eles estiveram em meio à comunidade da Aliança, liam as Escrituras e cantavam os Salmos, mas, pela sua incredulidade, foram cortados. Não devemos, portanto, imaginar que a linguagem, "participante da raiz e da seiva da oliveira" (v. 17), denota possuir salvação espiritual individual. A queda descrita por Paulo não era de indivíduos salvos. Se o fosse, teríamos que admitir a doutrina da regeneração repetitiva, pois Paulo nos diz que seria possível para essas pessoas crerem e serem enxertadas novamente na oliveira (Romanos 11.23).

Como, então, se aplicam a nós as palavras de Paulo? Elas estão nos avisando que a mesma coisa que aconteceu a judeus incrédulos pode acontecer entre os cristãos professos. Ele *não* está dizendo que pode acontecer na igreja algo *diferente* do que aconteceu em Israel, mas a *mesma* coisa. Pode se levantar, na igreja, outra geração que não conhece ao Senhor.

Pessoas podem estar em meio à comunidade dos fiéis, mas serem cortadas por sua incredulidade. De fato, isso tem acontecido inúmeras vezes e é motivo de alertarmos constantemente nossas igrejas. Muitas igrejas têm apostatado ao longo da história, mas isso se deu sem que sequer um indivíduo regenerado e justificado perdesse sua salvação.

Isso tipicamente acontece quando o evangelho gradualmente perde sua centralidade na igreja, fazendo com que sua proporção de incrédulos aumente. Eventualmente, a igreja é tomada por uma nova geração que não conhece ao Senhor e não há mais uma igreja autêntica. Assim como os judeus que nunca conheceram a salvação foram cortados, serão cortados os cristãos professos que não permanecem firmes, mediante a fé evangélica. Essa é a aplicação que devemos fazer dessa passagem, mas não podemos encontrar nela apoio algum para a doutrina da perda da salvação individual.

Mas o que dizer daqueles indivíduos que seguiram na igreja por algum tempo e depois largaram o caminho? Muitos de nós conhecemos pessoas que

acreditávamos serem convertidas, mas que abandonaram a fé. Além disso, a própria Bíblia nos dá exemplos de pessoas que parecem começar bem, mas que não terminam bem. Paulo escreveu a Timóteo, "nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé" (1 Timóteo 4.1). O que dizer dessas pessoas?

Como notamos em capítulos anteriores, a resposta bíblica é que tais pessoas nunca foram convertidas. Há falsas conversões. Por fora, elas parecem autênticas, mas não têm vida real por dentro. Por exemplo, Jesus se dirigiu à igreja em Sardes censurando: "Conheço as tuas obras, que tens nome de que vives e estás morto" (Apocalipse 3.1). Apesar das aparências, havia naquela igreja apenas algumas poucas pessoas que não haviam contaminado as suas vestiduras e que poderiam andar de branco junto ao Senhor (Apocalipse 3.4). O Senhor Jesus também advertiu:

> Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: *nunca vos conheci*. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade. (Mateus 7.22-23)

Aqui o Senhor nos fala sobre pessoas que estiveram ativas em suas igrejas, até mesmo estando à frente, ocupando posições visíveis. Eles eram considerados crentes pelos outros e até por si mesmos, mas, no Dia do Juízo, o Senhor Jesus os mandará para o fogo eterno. É muito importante notar que Jesus não deixa margem alguma para acreditarmos que as pessoas que se encontrarão nesta condição naquele dia serão ex-crentes que perderam a salvação, pois ele não lhes dirá: "Não vos conheço mais". Suas palavras serão: "Nunca vos conheci". Que estamos tratando de pessoas que nunca foram salvas fica cristalino.

Um exemplo claro de falsa conversão na Bíblia é a conversão de Simão mago. A Bíblia descreve sua aceitação do evangelho em termos que parecem indicar uma conversão autêntica, mas logo em seguida torna-se claro que sua fé era falsa:

> O próprio Simão abraçou a fé; e, tendo sido batizado, acompanhava a Filipe de perto, observando extasiado os sinais e grandes milagres praticados [...] Vendo, porém, Simão que, pelo fato de

> imporem os apóstolos as mãos, era concedido o Espírito Santo, ofereceu-lhes dinheiro, propondo: Concedei-me também a mim este poder, para que aquele sobre quem eu impuser as mãos receba o Espírito Santo. Pedro, porém, lhe respondeu: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois julgaste adquirir, por meio dele, o dom de Deus. Não tens parte nem sorte neste ministério, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Arrepende-te, pois, da tua maldade e roga ao Senhor; talvez te seja perdoado o intento do coração; pois vejo que estás em fel de amargura e laço de iniquidade. (Atos 8.13-23)

Nessas circunstâncias, Filipe agiu correto em batizar a Simão, sem questionar sua profissão de fé. Devemos tratar um cristão professo como um irmão, a menos que tenhamos motivo razoável para duvidar de sua fé. Não nos é dado conhecer o coração das pessoas.

Podemos aprender isso na própria maneira em que Jesus manteve em sigilo a hipocrisia de Judas. Embora ele soubesse que Judas seria o traidor, Jesus agiu de modo que levou os outros apóstolos a tratarem-no como um igual. Tudo isso nos faz compreender que Deus não impede de haver em nosso meio pessoas que julgamos equivocadamente serem convertidas.

Assim como em Atos 8, a Bíblia às vezes descreve falsas conversões com um linguajar que parece falar de conversão real. Simão "abraçou a fé" (Atos 8.13). O Evangelho de João nos relata que certas pessoas "creram" em Jesus, mas não com fé salvadora:

> Estando ele em Jerusalém, durante a Festa da Páscoa, muitos, vendo os sinais que ele fazia, *creram no seu nome*; mas o próprio Jesus não se confiava a eles, porque os conhecia a todos. (João 2.23-24)
>
> Disse, pois, Jesus *aos judeus que haviam crido nele*: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos. (João 8.31)
>
> Contudo, muitos dentre as próprias autoridades *creram nele*, mas, por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga; porque amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus. (João 12.42-43)

Em cada um desses textos não devemos concluir que as pessoas foram necessariamente convertidas só porque o texto diz que elas "creram", pois essa colocação é qualificada de alguma forma. No primeiro caso João nos diz que Jesus não cria na fé das pessoas e, pela forma em que o Evangelho prossegue,

pode bem ser que Nicodemos é apresentado como uma dessas pessoas que "creram", mas que não havia nascido de novo.

No contexto do segundo texto, Jesus estabelece o critério de permanência para diferenciar os que eram *verdadeiramente* seus discípulos dos demais que haviam, em algum sentido, "crido". Na terceira passagem João qualifica a fé das pessoas referidas como uma fé secreta e explica que eles amavam mais a aprovação dos homens do que a aprovação de Deus.

Fica evidente, portanto, que existe fé que não é fé salvadora porque ela não está disposta a sofrer perseguição por Cristo e fé que não constitui a alguém um verdadeiro discípulo, visto que ela não dura.

A parábola do semeador

Uma lição importante que devemos lembrar quando lemos na parábola do semeador é que há daqueles que "não têm raiz, creem apenas por algum tempo e, na hora da provação, se desviam" (Lucas 8.13).

É um erro considerar que essa parábola retrata pessoas que experimentaram conversão autêntica e depois caíram. Muitos que pregam a perda da salvação cometem esse erro recorrendo a essa parábola para provar sua doutrina. É curioso que eles preferem utilizar a versão da parábola que encontramos em Lucas porque serve melhor a seus propósitos, uma vez que só ela contém qualquer expressão que poderia ser manipulada para dar a impressão que houve salvação real entre os que não chegaram a dar fruto. A palavra sobre a qual eles constroem todo o seu argumento é justamente a palavra "creem" na frase: "estes não têm raiz, creem apenas por algum tempo" (Lucas 8.13).

Robert Shank procura, de todos os modos, utilizar ao máximo essa palavra no relato de Lucas para convencer seus leitores de que o texto só pode estar descrevendo salvação real:

> O uso da palavra (crer) no verso 12 estabelece seu sentido, conforme empregada na parábola. É claramente um crer para a salvação: "Para não suceder que, crendo, sejam salvos". Nenhuma justificativa está presente para atribuir um significado diferente à palavra conforme ela aparece no verso 13, e qualquer exegese que o requer é obviamente tendenciosa. Os que "creem apenas por algum tempo", são retratados por Jesus como tendo um início sincero na vida da fé.

> Linguagem e contexto proíbem qualquer outra conclusão. A queda subsequente não anula o fato de que sua fé, enquanto durou, era realmente fé salvadora.[13]

Há, porém, diversos motivos que nos obrigam a descartar a interpretação de Shank. Em primeiro lugar, seu argumento é, em si, muito frágil. Acabamos de notar como a linguagem que encontramos nesse texto ("creem") pode significar outra coisa do que fé salvadora na Bíblia.

Tampouco fica provado que "crer" tem que significar crer para a salvação toda vez que aparecer nessa parábola, só porque existe essa associação no verso 12. A forma como o verso 13 qualifica a crença daqueles representados procura esclarecer que eles "creem" sem serem salvos.

O "crer" deles é qualificado de duas maneiras. Sua crença é meramente uma empolgação passageira de quem logo recebe a palavra com alegria, mas creem "apenas por algum tempo". Além disso, eles não têm raiz, isto é, não têm profundidade ou convicção que resulta em perseverança. Pelo contrário, "quando surge alguma tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo a abandonam" (Marcos 4.17, NVI).

Em segundo lugar, a interpretação de Shank ignora que nessa parábola a meta não é brotar do chão, e sim produzir fruto que seja útil. Um semeador não obtém resultado algum de seu trabalho até que recolha frutos.

Lendo toda a explicação que Jesus nos deu da parábola, torna-se claro que, em seu simbolismo, chegar a ter vida espiritual real é representado por chegar a ser uma planta produtiva que dá fruto proveitoso:

> Este é o sentido da parábola: a semente é a palavra de Deus. A que caiu à beira do caminho são os que a ouviram; vem, a seguir, o diabo e arrebata-lhes do coração a palavra, para não suceder que, crendo, sejam salvos. A que caiu sobre a pedra são os que, ouvindo a palavra, a recebem com alegria; estes não têm raiz, creem apenas por algum tempo e, na hora da provação, se desviam. A que caiu entre espinhos são os que ouviram e, no decorrer dos dias, foram sufocados com os cuidados, riquezas e deleites da vida; os seus frutos não chegam a amadurecer. A que caiu na boa terra são os que, tendo ouvido de bom e reto coração, retêm a palavra; estes frutificam com perseverança. (Lucas 8.11-15)

Somente aqueles representados pela boa terra chegam a produzir fruto útil, e todos os que frutificam o fazem "com perseverança" (*v.* 15). Nas palavras de Marcos, foi só a semente a que caiu em boa terra que vingou: "Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto, que vingou e cresceu, produzindo a trinta, a sessenta e a cem por um" (Marcos 4.8).

Produzir a cem, a sessenta e mesmo a trinta por um é produzir de forma extraordinária. A parábola visa ensinar que todos os crentes dão muito fruto, embora nem todos dão tanto fruto quanto outros, mas nenhum crente produz a zero por um.

Em terceiro lugar, a interpretação de Shank faz com que os ouvintes do evangelho, retratados como solo rochoso e solo cheio de espinhos, sejam considerados ouvintes que a princípio ouvem a Palavra "de bom e reto coração", sendo que essa é uma descrição reservada por Lucas para contrastar o último grupo com os demais (Lucas 8.15).

A parábola não representa três tipos de pessoas que começam bem. Nos dois casos onde houve falha, não vemos os problemas desenvolvendo-se mais tarde. Em ambos esses casos, as plantas já estavam condenadas desde o princípio a nunca darem fruto, porque não tiveram um começo adequado.

Jesus explica que o que foi semeado em solo rochoso "é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria" (Mateus 13.20). Ou seja, ela professa seguir a Cristo de uma forma inconsequente, sem refletir o bastante, e sem ter no coração um compromisso real de seguir a Cristo, mesmo que haja um preço a se pagar.

Quando Jesus diz que "estes não têm raiz" (Lucas 8.13) ele está expondo o fato de que nunca chegaram a ter convicção o bastante para permanecerem leais a Cristo, caso tenham que sofrer por serem cristãos. São pessoas superficiais que *logo* se escandalizam em lhes chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra (Mateus 13.21).

A semente que caiu entre os espinhos Jesus diz ser "os que ouviram e, no decorrer dos dias, foram sufocados com os cuidados, riquezas e deleites da vida" (Lucas 8.14). Assim como no caso anterior, a palavra caiu em uma terra que não havia sido preparada para plantio. Para que fosse terra produtiva, uma obra

anterior teria que ser realizada para remover as pedras e os espinhos, mas não houve essa obra nesse solo.

Esse solo representa alguém cujo coração está tomado pelo amor às riquezas, pelos cuidados do mundo e os deleites da vida. Ainda apegado a essas coisas, sem delas se arrepender, tal pessoa manifesta interesse pelo evangelho e declara que seguirá a Cristo, acreditando que a boa semente poderá coexistir e crescer em meio aos espinhos.

Mas sua tentativa de conciliar mundanismo e cristianismo se prova abortiva, e é só uma questão de tempo até que os interesses concorrentes sufoquem sua empolgação pelas coisas de Deus. Como resultado, nenhum fruto dela é colhido, visto que "seus frutos não chegam a amadurecer" (Lucas 8.14).

Insistir que o solo rochoso representa pessoas que experimentam salvação e, em seguida, a perdem traz implicações inaceitáveis, pois, nesse caso, a parábola nos ensina que pessoas podem ser salvas sem estarem dispostas a sofrer por amor a Cristo. Fica subentendido ainda que tais pessoas poderão continuar salvas assim como estão, desde que nunca enfrentem perseguição, apesar de que se perderiam no momento em que tivessem que enfrentar qualquer provação.

Da mesma forma, se o que foi semeado entre os espinhos retrata alguém que foi salvo e se perdeu, a mensagem da parábola acaba sendo que pessoas podem ser salvas por uma associação com o evangelho, sem jamais renunciarem seu amor pelo pecado, e que continuarão salvas até que sua realidade interior culmine em seu abandono da igreja, como, inevitavelmente, acabará por acontecer.

Tais implicações de forma alguma se harmonizariam com os ensinos de Jesus de que uma pessoa não poderia ser seu discípulo, sem que estivesse disposta a negar-se a si mesma, sofrer hostilidades por amor a ele e tomar a cruz (referência ao martírio). Ele até comparou a caminhada cristã com a construção de uma torre ou com uma decisão de ir à guerra, por serem projetos nos quais não se deve embarcar precipitadamente (Lucas 14.25-33).

À semelhança de empreendimentos dessa natureza, Jesus quer que compreendamos que segui-lo requer que se faça cálculos anteriormente para

verificar se haverá meios para concluir, com sucesso, o que foi iniciado. Alguém que só está disposto a seguir a Cristo desde que jamais tenha que sofrer por isso não é um discípulo real. Mesmo que se encontre em circunstancias favoráveis, que lhe permitam permanecer na igreja, seu cristianismo não passa de autoengano.

Deus o sabe quando outros amores controlam o coração humano. Nem todo cristão é chamado a passar pelas mesmas provas, mas todos são chamados à mesma fé, e ninguém pode ser um discípulo de Cristo, sem que esteja disposto a contrariar pai e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda sua própria vida (Lucas 14.26).

Em último lugar, convém observar que a parábola do semeador encontra-se nos três evangelhos sinóticos, e a interpretação que Shank advoga depende totalmente da frase "creem apenas por algum tempo" que é peculiar a Lucas. Como resultado, além de sua tese não satisfazer a evidência maior do próprio texto de Lucas, ela cria um conflito entre Lucas, de um lado, e Mateus e Marcos do outro.

É extremamente difícil convencer de que a mesma parábola tenha um sentido diferente em Lucas que nos outros evangelhos. O leitor de Marcos e Mateus não encontrará nada que poderia dar a impressão de que o solo rochoso e o solo infestado de espinhos tencionam representar gente que experimenta salvação genuína. Na explicação de Mateus, aqueles representados pela boa terra são diferenciados dos demais como sendo os únicos que ouvem a mensagem de Cristo *e a compreendem* (Mateus 13.23).

Portanto, a evidência aponta que a intenção da parábola é mostrar que aqueles que por esses motivos caem e não duram são os que nunca tiveram um bom começo. Nas palavras de Gregório Nazianzeno (escritas por volta do ano 350 d.C.), são

> aqueles que nunca foram semeados sobre a Rocha Inabalável e, sim, sobre terra seca e estéril. Eles são os que se aproximam da Palavra de forma superficial, sendo de fé deficiente. E visto não terem terra profunda, brotam de repente e, preocupados em agradar a outros, após breve ataque do maligno, e após um pouco de tentação e calor, estão secos e mortos.[14]

Há vários personagens bíblicos cujas vidas foram assim. Parecem começar bem, mas, em seguida, perdemos toda esperança de que eles morreram salvos. É claro que esses casos são também apresentados por alguns como evidência bíblica de que santos podem cair. Mas, conforme já notamos, há pessoas que, sem terem nascido de novo, professam a fé. Eles são, por isso, agregados à igreja (como Simão mago) e, em alguns casos, são até mesmo admitidos ao ministério (como foi o caso de Judas).

Por isso, Berkhof observa o que seria necessário para se provar a doutrina da perda da salvação a partir dos casos de apóstatas relatados na Bíblia:

> Dizem ainda que a Escritura registra diversos casos de apostasia concretizada [...] Mas estes exemplos não provam a alegação de que crentes verdadeiros, de posse da verdadeira fé salvadora, podem cair da graça, a não ser que se demonstre primeiro que as pessoas indicadas nestas passagens tinham a verdadeira fé em Cristo, e não uma simples fé temporal, não arraigada na regeneração. A Bíblia nos ensina que há pessoas que professam a fé verdadeira e que, todavia, não pertencem à fé.[15]

Arthur Pink ressalta essa mesma verdade:

> Para tornar válida sua objeção, o arminiano precisa fazer mais que demonstrar que alguém tenha feito uma profissão de fé convincente e depois a renunciado. Ele precisa provar que alguém foi realmente regenerado, nascido do alto e feito nova criatura em Cristo, mas veio posteriormente a apostatar-se.[16]

Há de se convir que o desafio de Berkhof e Pink é razoável. Que eu saiba, ninguém apela para o caso de Simão mago como prova contra a doutrina da perseverança dos santos. Antes que pudéssemos deduzir que a Bíblia intenta ensinar a perda de salvação por meio de exemplos históricos, precisaríamos ter evidência suficiente para concluirmos que a Escritura realmente apresenta as pessoas em questão como tendo sido regeneradas antes de sua saída.

Haveria esse tipo de evidência em algum caso? Muito embora não se tente convencer que haja evidência desse tipo com respeito a Simão mago, muitos acreditam que o há em alguns outros casos. Precisamos, portanto, investigar esses casos.

O rei Saul

Vários autores argumentam que é possível demonstrar biblicamente que o rei Saul teve uma conversão real. Saul chega a um fim trágico, mas ele parece começar muito bem. No princípio Saul demonstra humildade (1 Samuel 15.17) e tem respeito pelo profeta Samuel. Ele incentivou em Israel a religião de Iavé e eliminou da terra os médiuns e adivinhos (1 Samuel 28.9).

Além da impressão positiva que nos dão esses indicadores externos, o que é apresentado como prova de retidão interna do coração é o que encontramos em 1 Samuel 10.9-10:

> Sucedeu, pois, que, virando-se ele para despedir-se de Samuel, Deus lhe mudou o coração; e todos esses sinais se deram naquele mesmo dia. Chegando eles a Gibeá, eis que um grupo de profetas lhes saiu ao encontro; o Espírito de Deus se apossou de Saul, e ele profetizou no meio deles.

O argumento é que essa passagem prova que Saul foi realmente convertido porque diz que Deus mudou o coração de Saul e que o Espírito de Deus se apossou dele, fazendo-o profetizar. Entretanto, essas frases não provam tanto assim. Quando a Bíblia diz que Deus mudou o coração de Saul, não define em que respeito ele o mudou e seria mera conjectura dizer que Deus o mudou no sentido de regenerá-lo.

A Bíblia mostra Deus mudando o coração das pessoas de diversas maneiras que não estão relacionadas com a conversão. Deus moveu o coração do chefe dos eunucos para que fosse favorável a Daniel (Daniel 1.9). Deus operou nos corações das nações vizinhas para que não cobiçassem as terras de Israel enquanto os israelitas celebravam suas festas religiosas três vezes no ano (Êxodo 34.24).

Em algumas ocasiões, a Bíblia até mesmo ousa dizer que Deus mudou o coração de pessoas em um sentido negativo. Em Salmos 105.25, com referência aos egípcios, a Bíblia diz que Deus "mudou-lhes o coração para que odiassem o seu povo e usassem de astúcia para com os seus servos". Semelhantemente, Deus mudou o coração de Faraó para que ele decidisse novamente perseguir os filhos de Israel, após ter ele se quebrantado e os deixado partir:

> Endurecerei o coração de Faraó, para que os persiga, e serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército; e saberão os egípcios que eu sou o SENHOR. Eles assim o fizeram. Sendo, pois, anunciado ao rei do Egito que o povo fugia, mudou-se o coração de Faraó e dos seus oficiais contra o povo, e disseram: Que é isto que fizemos, permitindo que Israel nos deixasse de servir? E aprontou Faraó o seu carro e tomou consigo o seu povo; e tomou também seiscentos carros escolhidos e todos os carros do Egito com capitães sobre todos eles. Porque o SENHOR endureceu o coração de Faraó, rei do Egito, para que perseguisse os filhos de Israel; porém os filhos de Israel saíram afoitamente. (Êxodo 14.4-8)

Nessas duas últimas ocasiões em que a Bíblia ousa dizer que Deus mudou o coração de pessoas, a mudança nem foi para que fizessem o bem.[17] Portanto, não podemos lançar mão dessa frase como uma prova de regeneração. Mas, então, que tipo de mudança foi efetuado por Deus em Saul? O texto não responde a essa pergunta, mas o mais provável é que seja uma referência à atuação de Deus sobre ele para torná-lo o tipo de homem que serviria a Israel como um líder enérgico e hábil.

Logo no próximo capítulo de 1 Samuel, vemos o Espírito de Deus agindo em Saul para que reagisse à agressão amonita contra Israel:

> E o Espírito de Deus se apossou de Saul, quando ouviu estas palavras, e acendeu-se sobremodo a sua ira. Tomou uma junta de bois, cortou-os em pedaços e os enviou a todos os territórios de Israel por intermédio de mensageiros que dissessem: Assim se fará aos bois de todo aquele que não seguir a Saul e a Samuel. Então, caiu o temor do SENHOR sobre o povo, e saíram como um só homem. (1 Samuel 11.6-7)

A Bíblia ensina que "Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do SENHOR; este, segundo o seu querer, o inclina" (Provérbios 21.1). O certo é que Deus molda e muda o coração de reis, todos eles, sejam eles convertidos ou não.

Se Saul fora um santo, quando, então, foi que ele caiu? Já em 1 Samuel 13 ouvimos Samuel reprová-lo severamente:

> Porém, agora, não subsistirá o teu reino; já tem buscado o SENHOR para si um homem segundo o seu coração e já lhe tem ordenado o SENHOR que seja chefe sobre o seu povo, porquanto não guardaste o que o SENHOR te ordenou. (1 Samuel 13.14, ARC)

E se Saul tivesse sido um homem justo, então por que lhe foi dito que seria substituído e que, desta vez, Deus escolhera um homem segundo o seu coração?

A segunda frase importante em relação a Saul é a que o "Espírito de Deus se apossou de Saul, e ele profetizou no meio deles" (1 Samuel 10.10). Mais tarde lemos que o Espírito do Senhor se retirou de Saul, e que da parte deste um espírito maligno o atormentava (1 Samuel 16.14).

Entretanto, seria um equívoco enorme compreender essas palavras como se Saul tivesse recebido o Espírito Santo no mesmo sentido de Atos 2 e 10, ou de 1 Coríntios 12 e Romanos 8. É fácil perceber que a atuação do Espírito de Deus em Saul não pode ser equiparada com o batismo no Espírito Santo, pelo próprio fato de que o Espírito do Senhor "se apossou de Saul" em várias ocasiões (1 Samuel 10.10 e 11.6).

O fato é que essa linguagem exata é empregada na Bíblia para descrever uma atuação completamente diferente do Espírito do Senhor. Em três ocasiões, é dito que o Espírito do Senhor "se apossou" de Sansão, concedendo-lhe força extraordinária para vencer um leão e combater os filisteus (Juízes 14.6; 14.19; 15.14).

No caso de Sansão, podemos constatar que o Espírito se apossou dele em duas ocasiões em que ele estava em desobediência flagrante aos mandamentos de Deus. Por outro lado, temos bons motivos para crer que Davi já era convertido antes de ser ungido como rei de Israel, mas a Bíblia nos diz que foi essa a ocasião em que o Espírito do Senhor "se apossou" dele: "Tomou Samuel o chifre do azeite e o ungiu no meio de seus irmãos; e, daquele dia em diante, o Espírito do SENHOR se apossou de Davi. Então, Samuel se levantou e foi para Ramá" (1 Samuel 16.13).

Isso sucede a Davi quando o Espírito de Deus se retira de Saul (1 Samuel 16.14), o que também fortalece a noção de que essa expressão está relacionada à capacitação para uma missão. Não pode estar tratando de salvação.

O fato de Saul profetizar não prova sua conversão mais do que prova a conversão de Balaão ou Caifás. Sabemos que eles eram homens ímpios, todavia eles profetizaram pelo Espírito Santo:

> Levantando Balaão os olhos e vendo Israel acampado segundo as suas tribos, veio sobre ele o Espírito de Deus. Proferiu a sua palavra e disse: Palavra de Balaão, filho de Beor, palavra do homem de olhos abertos. (Números 24.2-3)
>
> Caifás, porém, um dentre eles, sumo sacerdote naquele ano, advertiu-os, dizendo: Vós nada sabeis, nem considerais que vos convém que morra um só homem pelo povo e que não venha a perecer toda a nação. Ora, ele não disse isto de si mesmo; mas, sendo sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus estava para morrer pela nação. (João 11.49-51)

Além disso, em certa ocasião Saul enviou vários grupos de soldados para capturarem a Davi, mas não puderam porque o Espírito do Senhor veio sobre eles e profetizaram. Não seria razoável postular que eles eram todos convertidos, ou que se converteram ali. Logo em seguida, o próprio Saul, que estava agora obcecado por matar Davi, foi lá pessoalmente, mas ele também foi apossado pelo Espírito de Deus e profetizou:

> Então, enviou Saul mensageiros para trazerem Davi, os quais viram um grupo de profetas profetizando, onde estava Samuel, que lhes presidia; e o Espírito de Deus veio sobre os mensageiros de Saul, e também eles profetizaram. Avisado disto, Saul enviou outros mensageiros, e também estes profetizaram; então, enviou Saul ainda uns terceiros, os quais também profetizaram. Então, foi também ele mesmo a Ramá e, chegando ao poço grande que estava em Seco, perguntou: Onde estão Samuel e Davi? Responderam-lhe: Eis que estão na casa dos profetas, em Ramá. Então, foi para a casa dos profetas, em Ramá; e o mesmo Espírito de Deus veio sobre ele, que, caminhando, profetizava até chegar à casa dos profetas, em Ramá. Também ele despiu a sua túnica, e profetizou diante de Samuel, e, sem ela, esteve deitado em terra todo aquele dia e toda aquela noite; pelo que se diz: Está também Saul entre os profetas? (1 Samuel 19.20-24)

Aqui fica provado, conclusivamente, que o fato de Saul ter profetizado não pode servir como indicação de um coração reto perante o Senhor. Isso aconteceu mesmo enquanto procurava matar a Davi, estando seu coração longe de Deus. “Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino; ora, vós sabeis que todo assassino não tem a vida eterna permanente em si” (1 João 3.15).

Um conhecimento bíblico adequado deixa totalmente desmantelada a teoria de que houve evidências de conversão real na vida de Saul. Por isso, é impróprio pensar que esses detalhes de sua vida foram incluídos na Bíblia com

a intenção de nos fornecer uma lição sobre a perda da salvação. Usá-los para esse fim é totalmente indevido.

Judas Iscariotes

Quando se busca um exemplo bíblico de alguém que perdeu sua salvação, Judas Iscariotes é quem acaba sendo citado mais que qualquer outro. Por exemplo, em sua *Teologia Sistemática*, publicada originalmente em 1893, o teólogo arminiano John Miley admite que as provas a favor da doutrina da perseverança dos santos são plausíveis e que a interpretação mais natural de alguns textos bíblicos levaria a abraçá-la; todavia, ele se sente constrangido a rejeitá-la em razão do que sabemos sobre a queda de Judas:

> Alguns textos das Escrituras parecem, à primeira vista, favorecê-la [a doutrina da perseverança dos santos], mas através de uma percepção mais profunda podemos encontrá-los totalmente consistentes com a natureza condicional da perseverança final. "As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão" (João 10.27-28). Tal nos é assegurado do lado divino; mas é inteiramente consistente com uma condicional fidelidade no lado humano. O caso de Judas é uma ilustração. Do lado divino, essas palavras prometiam a ele tudo que elas prometiam aos demais que foram dados ao Filho pelo Pai. Entretanto, houve nele a possibilidade de apostasia e, portanto, também o há para os demais.[18]

Ele prossegue citando mais três textos usados para sustentar a doutrina da perseverança dos santos (Romanos 11.29; Filipenses 1.6; e 1 Pedro 1.5) e volta a dizer, "Judas, um daqueles que foram dados ao Filho, se perdeu".[19]

Convencido de que Judas fora salvo e se perdeu, Miley transporta essa informação para dentro de sua interpretação de todo texto na Bíblia em que ele vê sustentação para a doutrina da perseverança infalível dos santos. Tendo feito essa imposição, ele procura por outra forma de interpretar os quatro textos que se dá o trabalho de considerar e arrazoa que não podem constituir provas conclusivas da perseverança dos santos.

Assim como Miley, muitos outros interpretam tudo que encontram na Bíblia por esse crivo. Mas será que estão corretos em adequar tudo à sua

premissa de que Judas foi um dia convertido? Que evidências há para essa conclusão?

Aqueles que alegam que Judas experimentou salvação genuína e a perdeu constroem seu argumento utilizando dois textos. Em Mateus 10.1-4, o evangelista nos declara que Jesus deu aos doze apóstolos, a Judas inclusive, autoridade sobre espíritos imundos para os expelir e para curar toda sorte de doenças e enfermidades. Sem dúvida, Judas não se destacava entre os doze como o único incapaz de realizar milagres. Do contrário, quando Jesus anunciou que seria traído por um dos doze, podemos presumir que os olhos de todos teriam se voltado a Judas, ao invés de começarem a entristecer-se e a dizer-lhe, um após outro: "Porventura, sou eu?" (Marcos 14.19).

Tudo indica que Jesus não tratou a Judas diferentemente dos demais apóstolos durante seu ministério terreno. Ele também foi enviado a pregar, operar milagres e administrar o batismo. Isso faz alguns concluírem que Judas deve ter sido um crente, pelo menos durante algum tempo, pois julgam que Jesus não daria a um homem insincero esse tipo de poder e participação em coisas santas.

Não é verdade que a Bíblia estabelece critérios de santidade para ministros? Podemos crer que o próprio Jesus colocou no ofício de apóstolo alguém que estava desqualificado?

O segundo texto utilizado como evidência de conversão real em Judas (o texto a que Miley faz alusão) é João 17.12: "Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura" (João 17.12).

Picirilli aduz desse versículo que Judas claramente esteve entre aqueles que Jesus recebeu do Pai:

> O pronome "eles" (na frase "nenhum deles") não pode ter outro antecedente senão "aqueles que me deste". Isso contribui muito para demonstrar (1) que "dá-los" a Jesus não garante sua perseverança, visto que o filho da perdição está claramente entre "eles" ("aqueles que me deste") e, mesmo assim, está agora perdido, e (2) que as orações de Jesus por eles não eram incondicionalmente eficazes.[20]

Porém, na realidade, esse verso não prova nada do tipo. Picirilli está enxergando nessa frase uma conotação que ela não teria em seu uso corrente no primeiro século. Essa mesma estrutura gramatical, "nenhum deles se perdeu, senão (εἰ μὴ) o filho da perdição" (ARC), aparece em vários outros textos no Novo Testamento. Basta uma comparação para confirmar que, na verdade, isso não é argumento algum:

> Na verdade vos digo que muitas viúvas havia em Israel no tempo de Elias, quando o céu se fechou por três anos e seis meses, reinando grande fome em toda a terra; e a nenhuma delas foi Elias enviado, senão (εἰ μὴ) a uma viúva de Sarepta de Sidom. Havia também muitos leprosos em Israel nos dias do profeta Eliseu, e nenhum deles foi purificado, senão (εἰ μὴ) Naamã, o siro. (Lucas 4.25-27)

Ninguém tomaria esses versos para provar que a viúva de Sidom era uma das viúvas de Israel, nem tampouco que Naamã era um dos leprosos em Israel! O que eles mostram é exatamente o contrário. Quando o texto diz que Elias não foi enviado a nenhuma viúva de Israel, "senão (εἰ μὴ) a uma viúva de Sarepta de Sidom", o sentido é que a única exceção foi alguém que estava fora do grupo anteriormente referido; isto é, alguém que não era uma das muitas viúvas em Israel.

E quando Jesus disse que nos dias de Eliseu nenhum dos leprosos em Israel foi purificado, "senão (εἰ μὴ) Naamã, o siro", novamente ele quer mostrar que a única exceção se encontra em alguém que não faz parte do grupo referido.

Temos muitos outros exemplos dessa estrutura no Novo Testamento. Paulo disse: "e não vi outro dos apóstolos, senão (εἰ μὴ) Tiago, o irmão do Senhor" (Gálatas 1.19), e Tiago, o irmão do Senhor, não era um apóstolo.

Em Filipenses 3.9 Paulo declara que deseja "ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé".

Ora, nós sabemos muito bem que a justiça que é mediante a fé em Cristo não é uma justiça própria. Ainda outros exemplos dessa forma de se expressar são encontrados em Mateus 12.24, Atos 27.22, e Apocalipse 21.27.

Por conseguinte, ensinar que a gramática de João 17.12 indica que Judas esteve entre aqueles dados pelo Pai a Jesus é totalmente infundado. Pelo contrário, a referência que Jesus faz a Judas nesse contexto tem intenção de esclarecer que ele *não* era um dos que Jesus guardava. Jesus acabara de dizer que não perdeu a nenhum dos que lhe foram dados pelo Pai; e, caso alguém queira o contradizer apontando para Judas, Jesus já o antecipa mostrando que a sua queda não foi uma falha de sua parte, mas se deu "para que se cumprisse a Escritura".

Jesus está esclarecendo que Judas nunca esteve naquele grupo dos que lhe foram dados, e essa interpretação é reforçada ainda mais pelo fato de Cristo referir-se a Judas como o Filho da Perdição. Esse título que Jesus confere a Judas é uma expressão que, naquela cultura, carregava o sentido de ser ele alguém destinado para a perdição, tanto que os tradutores da NVI se sentem em liberdade para transmitir o sentido desse título para o português como: "aquele que estava destinado à perdição".

Isso não significa que Judas não fosse responsável por suas ações. É certo que Judas agiu voluntariamente e não coagido, mas sua traição foi o plano de Deus e, desde o início. Foi justamente para essa finalidade que ele, um incrédulo, foi escolhido para estar entre os apóstolos. Ele tinha um papel a desempenhar no cumprimento das Escrituras.

Isso nos traz de volta ao primeiro argumento usado na tentativa de convencer que Judas foi temporariamente salvo. "Se Judas não era sincero", dizem, "então por que Jesus o escolheu e o capacitou como um apóstolo?"

A resposta é simples: "Para que se cumprisse a Escritura". O fato de Judas exercer o apostolado e realizar milagres não serve como evidência de que ele teve uma conversão genuína. O Senhor já predisse que muitos naquele dia lhe dirão: "Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?" Porém, a resposta que ouvirão será: "Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade." (Mateus 7.22-23)

A verdade é que não há nenhuma evidência a favor da tese de que Judas fora salvo um dia. Além disso, essa teoria se choca contra textos bíblicos que provam

cabalmente que Judas nunca teve uma conversão real. Em João 6 (que narra eventos ocorridos ainda bem antes da traição), Jesus revela que Judas era um descrente:

> Contudo, há descrentes entre vós. Pois Jesus sabia, desde o princípio, quais eram os que não criam e quem o havia de trair. E prosseguiu: Por causa disto, é que vos tenho dito: ninguém poderá vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido [...] Replicou-lhes Jesus: Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo, um de vós é diabo. Referia-se ele a Judas, filho de Simão Iscariotes; porque era quem estava para traí-lo, sendo um dos doze. (João 6.64-71)

Deve-se observar que, na declaração de Jesus, o verbo está no presente: "Contudo, há [agora] descrentes entre vós" (v. 64). João acrescenta uma explicação de que, entre outros, Jesus tinha Judas em mente. Judas era um dos que "não criam", e Jesus o sabia. Aliás, ele "sabia, desde o princípio, quais eram os que não criam" (v. 64). Essa frase indica que as pessoas referidas não criam desde o princípio, e que Jesus sempre o soube. Afinal, o texto não diz que Jesus sabia, desde o princípio, quais eram os que deixariam de crer.

Essa conclusão se torna inescapável quando Jesus acrescenta que havia descrentes entre eles exatamente porque "ninguém poderá vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido" (v. 65). Jesus explica que essa frase tanto se aplica ao caso, que foi "por causa disto" que ele havia dito: "ninguém poderá vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido". Tais palavras não admitem outra interpretação, senão que os descrentes que havia entre eles não tinham vindo a Cristo, nunca havendo isso lhes sido concedido pelo Pai.

Logo em baixo, referindo-se diretamente a Judas, Jesus declara: "Não vos escolhi eu em número de doze? Contudo, um de vós *é* diabo" (v. 70). Novamente, o tempo verbal está no presente ("*é* diabo"). Aqui desaba também o argumento que Jesus não poderia permitir que Judas exercesse o cargo de apóstolo, a menos que ele fosse um crente. O testemunho é conclusivo de que Judas era um incrédulo e que Jesus, nessa altura, o sabia, assim como sempre soube, mesmo quando fez a escolha dos doze.

Jesus volta a se referir a esse fato em João 13:

> Declarou-lhe Jesus: Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos. Pois ele sabia quem era o traidor. Foi por isso que disse: Nem todos estais limpos (...) Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também (...) Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes. Não falo a respeito de todos vós, pois *eu conheço aqueles que escolhi*; é, antes, para que se cumpra a Escritura: Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar. (João 13.10-18)

Aqui Jesus se refere a Judas como um que, diferentemente dos onze, não estava limpo espiritualmente. Em seguida ele explica que não pronunciava a bem-aventurança sobre todos, por conhecer muito bem àqueles que havia escolhido. Novamente, a indicação é que Judas era descrente desde quando foi escolhido e que sua escolha foi para o cumprimento da Escritura.

Em outra passagem, João novamente se dá ao trabalho de denunciar a hipocrisia de Judas, mesmo durante o tempo em que acompanhou Jesus sem levantar suspeitas nos demais:

> Mas Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, o que estava para traí-lo, disse: Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários e não se deu aos pobres? Isto disse ele, não porque tivesse cuidado dos pobres; mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava. (João 12.4-6)

A declaração de João de que Judas "era ladrão" e *tirava* o que nela se *lançava* é muito forte. O tempo verbal de "tirava" e "lançava" carrega um sentido prolongado, significando que era seu costume roubar de Jesus.

Com toda essa informação bíblica sobre Judas, vem a ser incrível que ainda há pessoas que acreditam que ele é um exemplo de alguém que foi genuinamente convertido e apostatou. Esses depoimentos contra Judas não estão no Evangelho de João por acaso. Seu propósito é tornar conhecido o fato de que Judas nunca foi um seguidor real dos ensinos de Cristo. João está nos dando uma lição sobre a natureza daqueles que abandonam o caminho. É verdade que os problemas de Judas passaram despercebidos aos onze enquanto conviviam com ele, mas João quer nos mostrar que eles já estavam presentes e que o Senhor Jesus não foi enganado, nem por um momento.

Outros apóstatas

A aplicação dessa lição não se limita ao caso de Judas. Assim como ele, outros poderão infiltrar a comunidade dos santos e nela permanecer por algum tempo sem um novo nascimento; todavia, os pecadores não prevalecerão na congregação dos justos.

É por esse mesmo motivo que temos outros casos de apostasia, como Himeneu, Alexandre, Fileto e Demas. Sabemos muito pouco sobre esses homens. A única coisa que consta na Escritura sobre Demas é que ele foi um companheiro do apóstolo Paulo (Filemom 1.24) que o abandonou "tendo amado o presente século" (2 Timóteo 4.10). Tais palavras caberiam perfeitamente em uma descrição de Judas Iscariotes.

Quanto aos outros, Paulo escreveu a Timóteo:

> Mantendo fé e boa consciência, porquanto alguns, tendo rejeitado a boa consciência, vieram a naufragar na fé. E dentre esses se contam Himeneu e Alexandre, os quais entreguei a Satanás, para serem castigados, a fim de não mais blasfemarem. (1 Timóteo 1.19-20)

Aprendemos aqui que esses, "tendo rejeitado a boa consciência, vieram a naufragar na fé". Em 2 Timóteo há outra referência a Himeneu:

> Além disso, a linguagem deles corrói como câncer; entre os quais se incluem Himeneu e Fileto. Estes se desviaram da verdade, asseverando que a ressurreição já se realizou, e estão pervertendo a fé a alguns. Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem. E mais: Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor. (2 Timóteo 2.17-19)

Com mais essas informações, podemos reconstruir que Himeneu, Alexandre e Fileto foram por algum tempo parte da igreja e que possivelmente cooperaram com o apóstolo Paulo, mas estavam agora excluídos da igreja, por iniciativa de Paulo, por motivo de desvio doutrinário.

Nada há nesses textos que sirva como prova de que eles foram, anteriormente, crentes genuínos. Isso certamente não pode ser deduzido das palavras "tendo rejeitado a boa consciência, vieram a naufragar na fé" (1 Timóteo 1.19). Com isso Paulo não está declarando que eles haviam possuído fé

genuína. Ele está meramente dizendo que eles estão desviados porque rejeitaram a boa consciência e repudiaram as doutrinas da fé cristã.

Ao contrário do que alguns argumentam, a frase "tendo rejeitado a boa consciência" não pode provar que antes tivessem uma. A mesma palavra no grego é empregada em Atos 13.46, onde Paulo e Barnabé censuraram os judeus incrédulos por não abraçarem o evangelho de Cristo:

> Cumpria que a vós outros, em primeiro lugar, fosse pregada a palavra de Deus; mas, *posto que a rejeitais* e a vós mesmos vos julgais indignos da vida eterna, eis aí que nos volvemos para os gentios. (Atos 13.46)

Himeneu e Alexandre certamente ouviram muitas vezes que deveriam viver diante de Deus em boa consciência, mas eles rejeitaram essa mensagem e se desviaram da fé ortodoxa na qual foram instruídos.

Agora Paulo diz que esses homens estão ativamente combatendo a verdade pela propagação do erro, "e estão pervertendo a fé a alguns" (2 Timóteo 2.18). Mas Paulo quer deixar claro que, com tais palavras, ele não está sugerindo que seja possível que eles venham a efetivamente perverter a fé de algum dos eleitos. Por isso, ele se apressa em acrescentar: "Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem" (v.19).

Aqueles que pertencem ao Senhor, e é Deus quem sabe quais são, não são corrompidos, pois o fundamento de Deus, vinculado a seu propósito eterno, não pode ser abalado. Não podemos nos esquecer desse fato. Quando analisamos os outros casos de apostasia na Bíblia, nos encontramos lidando com pessoas sobre os quais sabemos muito pouco. Certamente nada nos é apresentado que nos obrigaria concluir que eles foram crentes reais. Por sinal, a Bíblia também não chega a nos dar tanta informação negativa sobre esses outros casos, quanto nos dá sobre Judas. De qualquer forma, à vista do que Paulo nos diz nesse texto, e considerando o ensino bíblico como um todo, podemos afirmar seguramente que se tivéssemos mais informações sobre cada

caso, o que viria à tona é que eles também foram falsos seguidores desde o princípio, como Judas.

O mesmo se aplica a pessoas que conhecemos pessoalmente que, porventura, abandonarem a fé. Devemos interpretar o que observamos à luz do ensino bíblico, e não o ensino bíblico conforme nossas impressões a respeito de nossas experiências. Não podemos ler o coração de outra pessoa e não estamos aptos para fazer pronunciamentos categóricos a seu respeito.

Temos que nos lembrar disso toda vez que vemos alguém que professava a fé e parecia ter uma conversão real, mas que abandonou sua profissão ou seu compromisso com Cristo. Sempre há pessoas prontas a protestar contra a doutrina da perseverança dos santos dizendo: "Eu conheço alguém que abandonou a fé e eu *sei* que ele era realmente convertido".

Mas, se posso perguntar, esse conhecimento está dentro do nosso alcance? Podemos realmente saber, ao certo, que nosso próximo foi convertido porque ele apresentou sinais externos de uma nova vida? São, de fato, provas infalíveis de salvação o frequentar assiduamente uma igreja, fazer longas orações, conhecer a Bíblia, detestar a desonestidade, ser dizimista, evitar a imoralidade, largar vícios e coisas do gênero? Por acaso não havia fariseus que apresentavam estas mesmas marcas? Devemos refletir sobre a preocupação bíblica de desmascarar Judas e lembrar que, até o momento da traição, os discípulos não suspeitavam que ele fosse um descrente.

Ninguém, a não ser o Senhor, conhece o coração humano. "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá?" (Jeremias 17.9). Só Deus esquadrinha o coração e prova os pensamentos. Não nos cabe declarar certezas sobre a condição espiritual alheia.

O perigo sutil do autoengano é um tema recorrente no Novo Testamento. Há pessoas que não são cristãs que integram igrejas cristãs. Jesus ensinou muitas vezes sobre isso. Em uma dessas ocasiões, ele transmitiu a realidade desse perigo por meio de uma parábola:

> O reino dos céus é semelhante a um rei que celebrou as bodas de seu filho. Então, enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas; mas estes não quiseram vir. Enviou ainda

> outros servos, com esta ordem: Dizei aos convidados: Eis que já preparei o meu banquete; os meus bois e cevados já foram abatidos, e tudo está pronto; vinde para as bodas. Eles, porém, não se importaram e se foram, um para o seu campo, outro para o seu negócio; e os outros, agarrando os servos, os maltrataram e mataram. O rei ficou irado e, enviando as suas tropas, exterminou aqueles assassinos e lhes incendiou a cidade. Então, disse aos seus servos: Está pronta a festa, mas os convidados não eram dignos. Ide, pois, para as encruzilhadas dos caminhos e convidai para as bodas a quantos encontrardes. E, saindo aqueles servos pelas estradas, reuniram todos os que encontraram, maus e bons; e a sala do banquete ficou repleta de convidados. Entrando, porém, o rei para ver os que estavam à mesa, notou ali um homem que não trazia veste nupcial e perguntou-lhe: Amigo, como entraste aqui sem veste nupcial? E ele emudeceu. Então, ordenou o rei aos serventes: Amarrai-o de pés e mãos e lançai-o para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes. Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos. (Mateus 22.2-14)

A parábola de Cristo ensina que há mais pessoas perdidas do que somente aquelas que demonstram nenhum interesse pelo convite do evangelho. Além dessas, há também pessoas que se infiltram no meio do povo de Deus, sem estarem revestidas de veste nupcial (isto é, sem terem sido revestidas com a justiça de Cristo). A Bíblia não ensina que alguém está salvo pelo simples fato de se unir a uma igreja cristã. De forma inconfundível, apóstolo João disse: "Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos" (1 João 2.19).

Se as pessoas de quem ele falava não tivessem apresentado um testemunho externamente convincente de conversão, elas não teriam sido aceitas na comunhão da igreja apostólica.

Em suas mensagens à comunidade cristã, os escritores do Novo Testamento tratam seus leitores como cristãos baseados em sua profissão de fé, mas seria um erro concluir, com base nisso, que eles querem dar a entender que seus leitores são todos inquestionavelmente verdadeiros crentes. Eles frequentemente chamam os endereçados a uma autoavaliação para confirmar se estão realmente na fé. Por exemplo, após chamar os membros da igreja em Corinto de santos (2 Coríntios 1.1), Paulo os exortou a um autoexame espiritual, para confirmarem a autenticidade de sua profissão de fé: "Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não

reconheceis que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados" (2 Coríntios 13.5).

Não foi aos "afastados" ou aos "desviados" que Paulo abordou nesses termos. Seu desafio foi para membros ativos de uma igreja que ele mesmo havia fundado.

Confirmando nossa vocação e eleição

Em sua segunda epístola, o apóstolo Pedro nos convoca a confirmar nossa vocação e eleição:

> Por isso mesmo, vós, reunindo toda a vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor. Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Pois aquele a quem estas coisas não estão presentes é cego, vendo só o que está perto, esquecido da purificação dos seus pecados de outrora. Por isso, irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição; porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum. Pois desta maneira é que vos será amplamente suprida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. (2 Pedro 1.5-11)

Essas palavras também almejam despertar o leitor a um autoexame. A preocupação de Pedro é que haja crescimento espiritual nas áreas da fé, da virtude, do conhecimento, do domínio próprio, da perseverança, da piedade, da fraternidade e do amor. Ele se mostra bastante preocupado com pessoas que não apresentam esse tipo de crescimento. Mas, ao invés de articular um temor de que crentes poderão acabar perdendo a salvação por negligenciarem essas coisas, o que ele diz logo em seguida revela que seu temor é que haja nas igrejas alguns que não sejam verdadeiramente convertidos. Por isso, ele nos convoca a procurar, "com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição" (v. 10).

Essa é uma colocação importante. Ele não está questionando se a salvação irá durar naqueles que foram chamados; o que ele está questionando é a vocação e eleição de todos aqueles que professam serem cristãos. Ou seja, ele questiona se

todos os seus leitores foram, de fato, chamados. "Vocação" é um termo técnico para a conversão efetuada por Deus (cf. 1 Coríntios 1.26; Efésios 4.1-4; 2 Timóteo 1.9). Assim, essas palavras nos convocam a confirmarmos a realidade de conversão no passado. E quem confirma sua vocação, confirma, por extensão, sua eleição (que é um dos eleitos), pois a Bíblia diz "aos que predestinou, a esses também chamou" (Romanos 8.30).

Mas como é que podemos confirmar nossa vocação e eleição? Pedro, por meio dessa exortação, aponta-nos o caminho. Alguém que professa ser convertido confirma que o é por manifestar que as características citadas em 2 Pedro 1.5-6 estão presentes e aumentando em sua vida. Portanto, vemos que, na concepção de Pedro, dão evidências de terem sido realmente chamados aqueles que perseveram em fazer o bem, procurando diligentemente crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. São os que assim procedem que não tropeçam em tempo algum, tendo, antes, amplamente suprida sua entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo (v. 11).

Entretanto, aqueles que se provarem indiferentes a tais deveres espirituais ficam sem a confirmação de vocação e eleição. Não nos é dito que eles perdem a salvação. O que se dá, no caso deles, é que sua confiança de que foram chamados e de que estão entre os eleitos de Deus é exposta como mera pretensão.

Pedro considera essa mensagem pertinente, especialmente porque a igreja vivia um momento em que algumas pessoas estavam sendo corrompidas pelo ensino de falsos mestres. Suas palavras finais resumem o teor da carta:

> Vós, pois, amados, prevenidos como estais de antemão, acautelai-vos; não suceda que, arrastados pelo erro desses insubordinados, descaiais da vossa própria firmeza; antes, crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno. (2 Pedro 3.17)

Os falsos profetas que haviam se levantado na igreja são descritos por Pedro com linguagem fortíssima. Ele diz que eles são "como brutos irracionais, naturalmente feitos para presa e destruição" (2 Pedro 2.12). São denunciados como sendo movidos por avareza (2 Pedro 2.3), andando em imundas paixões,

menosprezando qualquer governo (2 Pedro 2.10), regalando-se nas suas próprias mistificações (2 Pedro 2.13), "tendo os olhos cheios de adultério e insaciáveis no pecado, engodando almas inconstantes, tendo coração exercitado na avareza, filhos malditos; abandonando o reto caminho, se extraviaram, seguindo pelo caminho de Balaão, filho de Beor" (2 Pedro 2.14-15).

Sabemos que por meio de seu ensino eles promoviam práticas libertinas (2.2). É universalmente reconhecido que 2 Pedro e Judas abordam o mesmo problema, desmascarando os mesmos enganadores. Judas os caracteriza como "homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo" (Judas 1.4). De alguma forma eles distorciam o conceito de graça em uma licença para pecar, aparentemente deturpando trechos das epístolas do apóstolo Paulo (2 Pedro 3.16).

Os que ensinam a possibilidade de apostasia de verdadeiros crentes apontam também para esses falsos mestres e suas vítimas como exemplos na Bíblia que comprovariam sua doutrina. Entretanto, Pedro e Judas não compartilham da opinião que aqueles que se desencaminharam haviam sido anteriormente salvos.

Pedro identifica para nós quais são aqueles que eram arrastados pelo erro dos insubordinados. Ele alerta que: "proferindo palavras jactanciosas de vaidade, engodam com paixões carnais, por suas libertinagens, *aqueles que estavam prestes a fugir dos que andam no erro*" (2 Pedro 2.18). Outras versões traduzem o perfil dessas vítimas como "aqueles que se estavam afastando dos que andam em erro" (ARC), e "os que estão quase conseguindo fugir daqueles que vivem no erro" (NVI).

Ou seja, conforme Pedro, o sucesso dos falsos profetas era tão somente o de enganar aqueles que estavam no convívio da comunidade cristã e se encontravam próximos do Reino de Deus, mas que ainda não haviam de fato rompido com o erro. Eram "almas inconstantes" (2 Pedro 2.14) que se deixavam enlaçar pela mensagem libertina.

No que diz respeito aos próprios falsos mestres, apesar de estarem violando abertamente a Lei de Deus quando as epístolas de Pedro e Judas foram escritas,

Pedro reconhece que, por algum tempo, eles se comportaram conforme as normas do cristianismo:

> Portanto, se, depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, se deixam enredar de novo e são vencidos, tornou-se o seu último estado pior que o primeiro. Pois melhor lhes fora nunca tivessem conhecido o caminho da justiça do que, após conhecê-lo, volverem para trás, apartando-se do santo mandamento que lhes fora dado. Com eles aconteceu o que diz certo adágio verdadeiro: O cão voltou ao seu próprio vômito; e: A porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal. (2 Pedro 2.20-22)

É claro que eles haviam temporariamente se abstido das práticas imorais a que haviam se entregado novamente, pois, do contrário, eles não teriam alcançado posições de ensino dentro da igreja. Resta saber, porém, se eles haviam experimentado uma mudança interna do coração ou se a mudança era apenas externa.

As palavras de Pedro afirmam que eles haviam "escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo" (v. 20), e que eles haviam "conhecido o caminho da verdade" (v. 21). Essas palavras são tomadas por alguns como prova de que eles haviam tido fé salvadora e arrependimento sincero.

Entretanto, não podemos concordar com essa interpretação, primeiramente porque se essa descrição da recaída em 2 Pedro significasse isso, ela estaria em desacordo com a avaliação, igualmente inspirada, feita por Judas em sua epístola, onde é declarado que esses mesmos falsos profetas eram réprobos que se introduziram na igreja "com dissimulação" (isto é, com insinceridade ou fingimento):

> Pois certos indivíduos *se introduziram com dissimulação*, os quais, desde muito, foram antecipadamente pronunciados para esta condenação, homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo. (Judas 1.4)

Além disso, a ideia de que Pedro deseja caracterizar esses falsos profetas como que tendo conhecido a Cristo de forma salvadora e subsequentemente

retrocedendo a um estado de perdição não atende ao que o próprio Pedro diz.

Pedro conclui suas observações sobre os falsos mestres com uma analogia: "Com eles aconteceu o que diz certo adágio verdadeiro: O cão voltou ao seu próprio vômito; e: A porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal" (*v.* 22). Não obstante a ser lavada, a porca volta para o lamaçal porque essa é sua natureza. Para manter um porco limpo, seria preciso uma transformação do porco em uma nova criatura com uma nova natureza que tivesse nojo do lamaçal. Feito isso, não haveria retorno para o lamaçal. Mas tal nunca ocorrera em relação a esses descritos como sendo ainda porcos e cães.

Tanto o cão como o porco eram vistos como animais vis e desprezíveis nas culturas mediterrâneas do primeiro século. Pedro caracteriza os falsos profetas como nunca tendo sido outra coisa senão seres imundos e detestáveis, mesmo enquanto externamente lavados, tendo interrompido a prática de seus pecados mais grosseiros. O interprete fará bem se não ignorar essa avaliação do apóstolo Pedro.

Uma explicação melhor da afirmação de que eles haviam "escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo" (*v.* 20) é que essas palavras referem-se ao fato de que seu contato com a mensagem de Cristo inicialmente os afastou de praticarem a imoralidade e outros pecados de maneira desavergonhada, conforme seu costume anterior, no paganismo. Mas, descontentes com as limitações impostas pelos padrões morais do cristianismo, eles foram atraídos e seduzidos pela ideia de que poderiam ser cristãos, sem guardarem a Lei moral de Deus e rapidamente tornaram-se os campeões dessa falsificação do cristianismo, "apartando-se do santo mandamento que lhes fora dado" (*v.* 21).

Descartando qualquer esforço por observarem os mandamentos bíblicos, eles voltaram a praticar o mal abertamente e encorajavam outros a fazer o mesmo. Por fim, o último estado desses homens tornou-se pior que o primeiro (*v.* 20), visto que eles agora são ainda mais indesculpáveis por sua conduta do que quando eram pagãos sem conhecimento. Agrava-se a culpa de todos que ouvem a mensagem de Jesus e permanecem incrédulos (cf. Mateus 10.14-15; 11.21-24 e Lucas 12.48).

Sabemos que o conhecimento de Cristo e seus ensinos sobre justiça e juízo vindouro têm inibido a pratica de muitas coisas erradas entre pessoas que nunca se convertem. O puritano Matthew Henry, comentando sobre este texto, faz uma observação muito perspicaz:

> Alguns homens que não são renovados de forma salvadora em seus espíritos e mentes são, por um tempo, "resguardados das poluições do mundo através do conhecimento de Cristo". Uma educação religiosa tem restringido muitos que não foram regenerados pela graça de Deus. Se nos for entregue a luz da verdade, e tivermos em nossas mentes um conhecimento factual de Cristo, isso pode ser de benefício no presente; mas precisamos receber o amor da verdade e esconder a Palavra de Deus em nossos corações, ou ela não nos santificará nem salvará.[21]

As observações de Albert Barnes sobre esse texto são, igualmente, esclarecedoras:

> O significado dos provérbios aqui citados é que eles retornaram a seu anterior estilo de vida vil. Por debaixo das aparências de reforma, ainda persistia sua natureza perversa, assim como no cão ou na porca, e essa natureza, enfim, prevaleceu. Não houve neles mudança interna profunda. Nada mais houve neles do que se dá na porca quando é lavada, ou no cão. Portanto, essa passagem demonstra que nunca houve neles qualquer mudança real do coração, nem, tampouco, uma queda após uma conversão verdadeira [...]
>
> Não importa quanto se lave uma porca, isso não a previne contra rolar novamente na sujeira. Ela externará sua natureza. Igualmente fará o pecador. Nenhuma reforma externa servirá como prevenção certa contra um retorno a seus hábitos anteriores [...]
>
> Essa passagem é frequentemente citada para provar "a possibilidade de cair do estado de graça e mesmo de uma posição elevada na graça". Mas é uma das últimas passagens na Bíblia que deveria ser buscada para provar essa doutrina. A verdadeira mensagem da passagem é mostrar que os indivíduos referidos nunca "foram mudados"; que suas naturezas permaneciam as mesmas, apesar de qualquer reforma externa que lhes poderá ter ocorrido; e que quando eles apostataram da fé que externamente professavam, eles meramente agiram conforme suas naturezas e revelaram que, na realidade, não houvera neles "nenhuma" mudança real. Essa passagem provará — aquilo que é abundantemente confirmado por fatos — que pessoas podem se reformar externamente e recair em seus hábitos corruptos de outrora, mas ela jamais pode ser usada para provar que um cristão *verdadeiro* irá cair e perecer.[22]

Há ainda mais uma passagem bíblica apresentada pelos oponentes da doutrina reformada que exige nossa atenção. Esta passagem é Hebreus 6.4-12, onde muitos acreditam encontrar-se uma prova de que verdadeiros crentes tenham

caído. Ela será tratada no próximo capítulo como parte de uma análise maior da mensagem do livro de Hebreus.

---

1. Apud John Gill, *The Cause of God and of Truth*, Part 4, Chapter 5, Section 9, The Ultimate Christian Library (Rio, WI: AGES Software, 2000), p. 822.

2. John Gill, *The Cause of God and of Truth*, Part 4, Chapter 5, Section 9, The Ultimate Christian Library (Rio, WI: AGES Software, 2000), p. 823.

3. Veja também Atos 11.23; 13.43; 14.22.

4. Charles H. Spurgeon, *The Light of the World*, Sermon No. 1109, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit Vol. 19*, The Master Christian Library (Rio, WI: Ages Software, 2000), pp. 303-304.

5. A. W. Pink, *Eternal Security* (Grand Rapids: Baker Book House, 1979), p. 19.

6. Ibid., p. 25.

7. Louis Berkhof, *Teologia Sistemática* (Campinas, SP: Luz Para o Caminho, 1998), pp. 552-553.

8. James Montgomery Boice e Philip Graham Ryken, *The Doctines of Grace* (Wheaton, Illinois: Crossway Books, 2002), pp. 173-174.

9. Paulo Anglada, *Calvinismo: As Antigas Doutrinas da Graça* (São Paulo, Brasil: Editora Os Puritanos, 2000), pp. 98-99.

10. D. A. Carson, *Os Perigos da Interpretação Bíblica* (São Paulo: Vida Nova, 1992), pp. 81-82.

11. Perfeito ativo do indicativo no grego original, o que denota ação completa no passado.

12. Aqui encontramos um "condicional de primeira classe" no grego com o verbo no indicativo. Isso significa que presume-se que a condição a ser cumprida seja um fato.

13. Robert Shank, *Life in the Son* (Bloomington: Bethany House Publishers, 1989), pp. 32-33.

14. Apud John Gill, *The Cause of God and of Truth*, Part 4, Chapter 5, Section 17, The Ultimate Christian Library (Rio, WI: AGES Software, 2000), p. 837.

15. Louis Berkhof, *Teologia Sistemática*, p. 553.

16. A. W. Pink, *Eternal Security* (Grand Rapids: Luz Para o Caminho, 1979), p. 101.

17. Veja também Zacarias 8.10 e 2 Samuel 24.1.

18. John Miley, *Systematic Theology*, Volume II (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1989), p. 269.

19. Ibid., p. 270.

20. Robert E. Picirilli, *Grace, Faith, and Free Will* (Nashville: Randall House, 2002), p. 190.

21. Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible, Vol. 10, Galatians to Revelation*, The Master Christian Library (Rio, WI: Ages Software, 2000), p. 930.

22. Albert Barnes, *Barnes' Notes on the Bible, Volume 17 — James–Jude*, The Master Christian Library (Rio, WI: Ages Software, 2000), pp. 413-415.

7
A MENSAGEM DE HEBREUS

> Evita os ímpios que produzem fruto mortífero, fruto que mata os que dela se alimentam; pois eles não são plantados pelo Pai Celeste. Caso fossem, os ramos da cruz nela apareceriam, e seu fruto seria incorruptível. Visto que ele vos chamou para sofrerdes, e sois seus membros, sabeis que a cabeça não poderá ficar sem seus membros.[1] Ignatius (110 d.C.)
>
> Vede, caem aqueles que foram iluminados e provaram o dom celestial [...] Aquele que tiver estas coisas poderá cair; mas, aquele que tiver o amor não poderá cair.[2] Macarius Aegyptus (350 d.C.)

O livro de Hebreus contribui ricamente para nosso entendimento da relação entre fé, perseverança e salvação. Há fortes indicações de que ele foi escrito durante um período turbulento, quando a pressão para se largar o cristianismo se intensificava. Aparentemente, alguns judeus que integravam a comunidade cristã estavam contemplando a ideia de voltar ao judaísmo como uma forma de driblar a perseguição e, ao mesmo tempo, continuar servindo ao Deus de Abraão.

A epístola aos Hebreus tem como propósito demonstrar a superioridade da Nova Aliança e provar que, com a vinda de Cristo, a forma de culto prescrito na Velha Aliança caducou e já não é mais uma forma aceitável de se servir a Deus. À vista dessa verdade, o autor exorta os hebreus a perseverarem na fé cristã, apesar das dificuldades, e expõe francamente que apostatar da fé e abandonar a igreja cristã implica em perdição eterna.

Escrita como uma palavra de exortação (Hebreus 13.22), essa epístola serve como um exemplo para todos os tempos da maneira bíblica de abordar pessoas que professam a fé cristã em tempos de provação. Quando a perseguição sobrevém à igreja, ela revela crentes professos que não possuem fé real, assim

como o sol quente expõe as plantas sem raiz na parábola do semeador. Para algumas pessoas que nunca experimentaram uma conversão real, essa é a hora da verdade, e torna-se uma hora crucial para se dirigir francamente a estas pessoas sobre a condição de suas almas e seu destino eterno:

> Então por que é que o Autor (de Hebreus) se dá ao trabalho de advertir seus leitores? Ele quer que eles deem atenção ao perigo de apostasia, em casos em que homens acreditam que são verdadeiramente salvos quando não o são. A consequência disso é que eles eventualmente caem, apesar de terem feito uma boa profissão de fé. Tais pessoas precisam ser advertidas de sua real condição, enquanto ainda estão receptivas às coisas espirituais, para que elas se voltem para Cristo em arrependimento real e fé genuína, antes que seja tarde demais.[3]

Ao mesmo tempo, também é verdade que os crentes reais não são imunes a tentações. O desejo de escapar de sofrimentos continua sendo algo natural naqueles que são nascidos de novo e que possuem um compromisso sincero de fidelidade a Cristo a qualquer custo. Em momentos de provação, eles também precisam de encorajamento.

Conforme já observamos no capítulo anterior, avisar contra o perigo de apostasia é um dos meios pelos quais Deus, por sua providência, preserva as almas dos seus santos. Por isso, ao interpretar Hebreus, não precisamos optar entre fazer com que os avisos contra apostasia se apliquem exclusivamente a crentes reais ou somente a crentes nominais. Essas palavras podem ser de benefício espiritual para pessoas em ambas essas posições. Afinal, o fato de alguém se ver tentado a abandonar a Cristo não é sinal certo de que nunca houve um novo nascimento.

Portanto, desde que ambos os tipos de pessoas poderão estar em nosso meio, é perfeitamente válido que nos consideremos uns aos outros para nos estimularmos mutuamente a seguirmos em frente sem vacilar (Hebreus 10.23-24). Também é verdade que os próprios santos se perderiam, caso deixassem de perseverar, o que faz com que seja legítimo lembrar-lhes desse fato, para impulsioná-los para frente.

Não há justificação em concluir, como fazem alguns comentaristas de Hebreus, que as pessoas endereçadas nos avisos necessariamente são

convertidas, só porque são tratadas como tais. Conquanto sejam chamados de "santos irmãos, que participais da vocação celestial" (3.1) e de outros termos parecidos, é simplesmente um erro argumentar que os hebreus advertidos eram, sem dúvida, todos crentes verdadeiros. Falar assim nada mais prova senão que eles professavam ser crentes e que, por esse motivo, deveriam ser assim tratados. Sem dúvida muitos deles eram realmente salvos, mas a presença de falsos crentes entre eles é também quase que certa.

Os autores bíblicos, sob inspiração divina, não eram oniscientes,[4] nem sabiam a condição das almas de seus leitores. Cabia-lhes tratar como irmãos todos aqueles que haviam feito uma profissão de fé crível.

Assim como Felipe inocentemente batizou o descrente Simão mago (Atos 8.13), não devemos impugnar a conversão de alguém, a menos que haja motivo para isso; e constatar que alguém está encontrando lutas pelo caminho certamente não seria motivo o bastante. Podemos nos dirigir aos que parecem estar vacilando com um tom de preocupação e convocá-los a examinarem se estão realmente na fé (2 Coríntios 13.5), mas não devemos nos precipitar em julgar quais cristãos professos têm uma fé espúria, a menos que alguém já tenha de fato apostatado.

Da mesma forma, o autor de Hebreus, querendo crer o melhor, mostra-se disposto a dar o benefício da dúvida a seus leitores. Ele os chama de irmãos, mesmo não sabendo quais e quantos deles são realmente convertidos. Mas, ao mesmo tempo, ele os conclama a confirmarem sua vocação e eleição.

Ele mesmo admite que escreve com essa tensão em mente: "Quanto a vós outros, todavia, ó amados, estamos persuadidos das coisas que são melhores e pertencentes à salvação, ainda que falamos desta maneira" (Hebreus 6.9).

A primeira passagem de advertência

Levando esse fato em conta, estamos prontos para examinar as passagens de advertências em Hebreus e suas implicações para a doutrina da perseverança dos santos. Desde sua abertura, a epístola não perde tempo. Ela imediatamente embarca em sua missão de persuadir os leitores a reterem seu elo com o cristianismo, lembrando-nos quem Jesus é. É-nos declarado que Jesus é o Filho

de Deus, herdeiro de todas as coisas, Criador do universo (Hebreus 1.2). Ele é aquele que sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder, sendo a expressão exata do Ser de Deus, o resplendor de sua glória (Hebreus 1.3).

Em seguida, o autor passa a demonstrar, por meio de contraste, a superioridade de Jesus em relação aos anjos, pelo fato de ser ele o próprio Filho do Pai (Hebreus 1.5), de ser o objeto de adoração dos anjos (Hebreus 1.6) e de ser o próprio Deus Criador que fundou e reinará sobre a criação eternamente (Hebreus 1.8-12).

Em razão disso, a epístola argumenta que rebelar contra a liderança do próprio Senhor Jesus Cristo e desprezar a Nova Aliança estabelecida por sua mediação é ainda mais grave do que rejeitar o que foi anteriormente transmitido por intermédio de Moisés, por anjos ou pelos profetas. Sua lógica trabalha do menor para o maior:

> Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos. Se, pois, se tornou firme a palavra falada por meio de anjos, e toda transgressão ou desobediência recebeu justo castigo, como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram; dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo, segundo a sua vontade. (Hebreus 2.1-4)

Nessa primeira passagem onde o autor exorta seus leitores, é importante notar o nível de compromisso com a fé cristã que ele busca. Seu desejo é ver em cada leitor um compromisso inabalável de fidelidade a toda prova, pois sabe que aqueles que ainda não possuem esse tipo de compromisso estão em grande risco. Eles estão negligenciando tão grande salvação, ao passo que "importa que nos apeguemos, *com mais firmeza*, às verdades ouvidas, *para que delas jamais nos desviemos*" (Hebreus 2.1).

Não podemos estar na postura de quem diz, "Por enquanto estou dentro, e conforme for eu fico". Temos que definir de uma vez por todas: "Vou ficar, custe o que custar!" Essa não é a única passagem em que encontramos a epístola expressando insatisfação pela falta de compromisso que percebe entre

os endereçados. Mais adiante (Hebreus 5.11-14), o escritor protesta contra a sua indiferença espiritual. Diante do tempo decorrido, havia leitores que já deveriam estar muito mais inteirados das verdades bíblicas. Infelizmente, eles evidenciavam pouco crescimento, falta de dedicação e desinteresse pelas verdades bíblicas mais profundas.

Essas repreensões nos ajudam a compreender a preocupação do livro. Existe um receio de que nem todos os que professam crer em Cristo possuem suficiente apego às verdades do evangelho, para não virem a se desviar delas em face à crescente oposição.

Por isso, o autor convoca todos na comunidade cristã a fazerem um levantamento sobre o seu grau de determinação e exorta os irresolutos a se posicionarem de modo definitivo ao lado de Cristo. Sua palavra é uma espécie de "Até quando coxeareis entre dois pensamentos?" (1 Reis 18.21) Se Jesus é o Messias, siga-o de todo o coração e nem pense em voltar atrás! Ele insiste em que seus leitores estejam assim resolutos, porque menos lealdade que isso é inaceitável a Deus e seria um erro alimentar esperança de vida eterna naqueles que professam a fé, mas ainda querem manter em aberto a opção de cair fora.

A segunda passagem de advertência

O capítulo 3 apresenta-nos a segunda passagem de aviso da epístola. Esse capítulo explora a superioridade de Cristo, contrastando-o com Moisés. Somos convocados a considerar atentamente a Jesus, o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão (Hebreus 3.1), e notar que ele "tem sido considerado digno de tanto maior glória do que Moisés, quanto maior honra do que a casa tem aquele que a estabeleceu" (Hebreus 3.3).

Essa identificação de Jesus como o Deus Criador que "estabeleceu todas as coisas" (Hebreus 3.4) é transformada em um forte argumento para que sejamos fiéis a ele. Afinal, qual foi o exemplo de Moisés, senão de fidelidade a Deus em tudo, servindo como testemunha das coisas que haviam de ser anunciadas (Hebreus 3.5)? No entanto, as Escrituras narram como, em seus dias, muitos dos hebreus resistiram à liderança de Moisés.

A partir daí o escritor passa a traçar um paralelo entre o êxodo liderado por Moisés e a Nova Aliança em Cristo, destacando que algo parecido ao que transcorreu nos dias de Moisés estava acontecendo novamente, em sua geração. Sob liderança de Jesus, está em andamento uma espécie de novo êxodo, no qual ele conduz seu povo à terra prometida celestial.

Mas, tragicamente, nos dias de Moisés, nem todos os que saíram sob a direção do legislador e profeta divinamente designado chegaram a entrar na terra prometida. Do mesmo modo, nem todos que saíram sob a liderança de Cristo chegarão ao Lar Eterno, e pelo mesmo motivo: incredulidade.

Essa abordagem possui força devastadora. Os hebreus viviam repreendendo seus ancestrais por terem questionado e se rebelado contra a liderança de Moisés. Será que agora eles próprios vacilariam em seguir aquele de quem Moisés profetizou, aquele que é maior que Moisés?

Escrevendo à igreja de Corinto (composta em sua maior parte de gentios), Paulo segue uma linha de argumentação semelhante, extraindo dos erros dos israelitas uma lição para os cristãos:

> Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos sob a nuvem, e todos passaram pelo mar, tendo sido todos batizados, assim na nuvem como no mar, com respeito a Moisés. Todos eles comeram de um só manjar espiritual e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo. Entretanto, Deus não se agradou da maioria deles, razão por que ficaram prostrados no deserto. Ora, estas coisas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram. Não vos façais, pois, idólatras, como alguns deles; porquanto está escrito: O povo assentou-se para comer e beber e levantou-se para divertir-se. E não pratiquemos imoralidade, como alguns deles o fizeram, e caíram, num só dia, vinte e três mil. Não ponhamos o Senhor à prova, como alguns deles já fizeram e pereceram pelas mordeduras das serpentes. Nem murmureis, como alguns deles murmuraram e foram destruídos pelo exterminador. Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado. Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia. (1 Coríntios 10.1-12)

O que Paulo procura demonstrar é que, apesar de todos os benefícios recebidos e de todas as identificações externas com Cristo (1 Coríntios 10.1-4), ainda assim, a maioria dos que saíram do Egito com Moisés não agradava a Deus (1 Coríntios 10.5). O problema deles foi que, não obstante a tudo que haviam

presenciado do poder de Deus, eles ainda eram incrédulos revoltosos em seus corações.

Não resta dúvida de que os indivíduos referidos nunca haviam recebido graça salvadora. O autor de Hebreus recorda a triste avaliação que Deus pronunciou sobre aqueles rebeldes: "Estes sempre erram no coração; eles também não conheceram os meus caminhos" (Hebreus 3.10). O fato lamentável é que muitos israelitas que ficaram felizes em serem libertos da escravidão dos egípcios não queriam ficar livres da escravidão do pecado, e morreram no deserto por incredulidade e desobediência a Deus.

Paulo intima que isso deve servir como um alerta à igreja. "Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia" (1 Coríntios 10.12). Ou seja, se alguém pensa que é um seguidor de Cristo, deve então cuidar que não caia, conforme o mau exemplo dos israelitas.

Tanto em 1 Coríntios 10 como em Hebreus 3, encontramos a mesma preocupação. Na comunidade cristã poderá, igualmente, haver pessoas que se revelam incrédulas, apesar das associações externas com o povo de Deus. Para o leitor atento, fica evidente que é isso que está sendo contemplado no capítulo 3 de Hebreus, especialmente nos versos 6 e 14. Conforme observamos no capítulo anterior, esses versos nos obrigam a descartar qualquer hipótese de que um crente verdadeiro possa vir a apostatar. Atentar mais uma vez ao que eles dizem nos será útil:

> Cristo, porém, como Filho, em sua casa; a qual casa somos nós, se guardarmos firme, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança (...) Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos. (Hebreus 3.6-14)

O primeiro desses versos estabelece que nossa identidade como casa de Deus no presente só é uma realidade para aqueles dentre nós que "guardarmos firme, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança". O segundo verso nega que tenham algum dia se tornado participantes de Cristo aqueles que não guardam firme, até o fim, sua confiança.

Uma vez que em Hebreus a legitimidade da conversão só é admitida sob condição de perseverança, não há margem para a tese que seus avisos deixam a possibilidade da apostasia de santos implícita. O perigo não é tanto o de *desenvolver* um coração incrédulo. As exortações são, antes, um alerta contra a possibilidade, bem real, de se *possuir* um coração incrédulo, à semelhança dos hebreus no êxodo, apesar de uma profissão de fé e uma identificação externa com Cristo.

Tal condição interior é que acabará afastando um indivíduo de Deus, pelo que a advertência diz:

> Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo; pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado. Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a confiança que, desde o princípio, tivemos. (Hebreus 3.12-14)

A grande questão do livro de Hebreus é se possuímos verdadeira fé ou não. Fé real se comprova em frutos de santidade e na perseverança. O contrário revela incredulidade. Na época de Moisés, os que criam obedeceram. A causa de exclusão da terra prometida foi incredulidade. A palavra que eles ouviram "não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé naqueles que a ouviram" (Hebreus 4.2). "Vemos, pois, que não puderam entrar por causa da incredulidade" (Hebreus 3.19).

Isso continua sendo verdade hoje. Os que se rebelam são os incrédulos em nosso meio. Tais foram os que saíram do Egito por intermédio de Moisés, cujos cadáveres caíram no deserto (Hebreus 3.16-17). Mas todos os que creem entram na terra prometida. A pergunta que fica para cada leitor é: "E você, que tipo de pessoa é?"

Entrar no paraíso eterno é prometido a todo cristão. Porém, a epístola adverte: "Temamos, portanto, que, sendo-nos deixada a promessa de entrar no descanso de Deus, suceda parecer que algum de vós tenha falhado" (Hebreus 4.1).

Pois bem, o que determina se alguém entra no descanso ou se tem falhado? Encontramos, à medida que a epístola prossegue, a mesma verdade sendo reafirmada; a saber, que assim como se deu nos dias de Moisés, aqueles que não possuem fé real são os que acabam fracassando, ao passo que os que de fato creem entram no descanso:

> Porque também a nós foram anunciadas as boas-novas, como se deu com eles; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé naqueles que a ouviram. Nós, porém, que cremos, entramos no descanso [...] Esforcemo-nos, pois, por entrar naquele descanso, a fim de que ninguém caia, segundo o mesmo exemplo de desobediência. (Hebreus 4.2-11)

Essas palavras constituem uma convocação ao autoexame, do tipo, "Examinai-vos se realmente estais na fé" (2 Coríntios 13.5), além de uma exortação a perseverar, não desfalecendo em face à oposição. A fórmula é simples: a palavra não aproveita àqueles que a ouvem sem possuírem fé; aqueles, porém, que creem, entram no descanso.

Em resumo, essa passagem de aviso não só ensina que apóstatas não participarão da vida eterna, como também ensina que somente apostatam aqueles que nunca foram participantes de Cristo pela fé.

A terceira passagem de advertência

O capítulo 5 retoma a apologia pela superioridade de Cristo, detalhando a maneira em que Jesus atende a todos os requisitos para ser nosso sumo sacerdote, sendo o cumprimento da profecia encontrada no Salmo 110 de um sacerdote imutável, segundo a ordem de Melquisedeque.

Porém, antes de se aprofundar no assunto, receoso de que seus leitores terão dificuldade em compreendê-lo, o autor se lança em ainda outra digressão exortativa, censurando a maneira pela qual alguns dentre eles estavam desperdiçando suas oportunidades de conhecer bem as doutrinas do cristianismo, fato evidente pela lentidão com que as assimilavam (Hebreus 5.11-14). Seu desejo é de vê-los progredindo, indo além de uma compreensão dos

princípios elementares da doutrina de Cristo (Hebreus 6.1), mas revela um temor de que talvez isso não seja mais possível no caso de todos.

"Isso faremos", diz, "se Deus permitir" (Hebreus 6.3). Suas palavras indicam que possivelmente o próprio Senhor Deus se oporá a que eles progridam na direção certa. A causa desse temor nos é desvendada nos versos seguintes (Hebreus 6.4-6), onde nos deparamos com o aviso mais assustador de todo o livro.

Seu grave pronunciamento nos faz compreender que para certas pessoas ainda vivas nesse mundo jamais poderá haver perdão ou segunda chance. Trata-se de pessoas que chegam a cair, mesmo após serem agraciadas com alguns privilégios especiais que o autor se dá ao trabalho de especificar cuidadosamente:

> É impossível, pois,[5] que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia. (Hebreus 6.4-6)

Esses versos solenes têm sido a causa de muitos debates ao longo da história, chegando até a fazer com que a canonicidade da Epístola aos Hebreus fosse temporariamente impugnada por alguns cristãos. É fácil discernir que o texto aponta um risco de cair e encontrar-se numa condição em que o arrependimento é impossível, excluindo toda possibilidade de perdão. A realidade desse perigo é reforçada no capítulo 12, onde lemos:

> Nem haja algum impuro ou profano, como foi Esaú, o qual, por um repasto, vendeu o seu direito de primogenitura. Pois sabeis também que, *posteriormente*, querendo herdar a bênção, foi rejeitado, pois *não achou lugar de arrependimento*, embora, com lágrimas, o tivesse buscado. (Hebreus 12.16-17)

Ambrósio, Aquino, Erasmo e alguns outros têm tentado escapar dessa conclusão sugerindo que a palavra "impossível" nesse verso denota apenas uma

improbabilidade. Porém, não há evidência linguística alguma para apoiar essa noção.

Outros têm procurado uma saída propondo que seria melhor traduzir a palavra "crucificando" no verso 6 num sentido temporal, de maneira que o texto significaria que a impossibilidade de renová-los outra vez para arrependimento se aplicaria *enquanto estivessem* de novo crucificando para si mesmos o Filho de Deus. Todavia, não há justificativa para essa tradução, em primeiro lugar por ser altamente improvável em consideração à gramática, e em segundo lugar por ser uma óbvia subversão do sentido do texto.

F.F. Bruce observa, com razão, que:

> Dizer que eles não podem ser trazidos ao arrependimento enquanto persistirem em renunciar a Cristo seria uma verdade tão auto-evidente que nem valeria a pena ser dita. A palavra "crucificando" (no grego um particípio) é entendido apropriadamente no sentido causal e não temporal: ele indica *o motivo pelo qual* é impossível para tais pessoas se arrependerem e recomeçar.[6]

Esse elemento do texto pode ser desagradável, mas é inevitável.

Entretanto, provará ser ainda mais difícil alcançar um consenso sobre o significado dos privilégios citados e sobre a natureza da queda que o autor tem em mente. As controvérsias datam desde o período patrístico, quando houve a chamada "controvérsia novatiana", em que uma facção da igreja entendeu esse texto como uma declaração de que não há perdão para pessoas que caem após serem batizadas, especialmente identificando a expressão "foram iluminados" com o recebimento do batismo.

Owen nos informa que, em algumas igrejas, a definição adotada para as palavras, "e caíram", chegou a ser bem ampla, tornando a readmissão à igreja impossível para qualquer pessoa que, após receber o batismo, se tornasse culpada de qualquer queda em um pecado notório:

> Mas em casos de ofensas escandalosas e flagrantes (tais como assassinato, adultério ou idolatria), quem deles fosse culpado nunca seria readmitido à comunhão em muitas igrejas. O maior e mais importante teste era no que diz respeito aos que, por medo da morte, cediam às pressões dos pagãos de participarem de adoração idólatra em tempos de perseguição.[7]

Outras igrejas e seus respectivos líderes, reconhecendo o mal em tal prática, mas incertos se seriam capazes de refutar essa interpretação, optaram por rejeitar a autoridade da epístola inteira, antes que correr o risco de prejuízo em seu meio por conta do mau uso dessa passagem.

O comentarista reformado Kistemaker explica que isso fez com que a inspiração e canonicidade de Hebreus só viesse a ser plenamente aceita na igreja ocidental no século IV:[8]

> Novatiano, natural da Frígia, na Ásia Menor, usou Hebreus 6:4-6 contra todos os cristãos que tinham caído por causa dessas perseguições. Novatiano era da opinião de que era impossível que eles se arrependessem; eles foram excluídos da igreja e tiveram sua readmissão negada. A aplicação dessa passagem da Escritura no rigoroso modo dos Montanistas e Novatianos não foi aprovada pela igreja. Por causa desses movimentos cismáticos e o seu abuso dessa passagem em particular, a Epístola aos Hebreus não foi colocada entre os livros canônicos do Novo Testamento no Ocidente.[9]

Em retrospectiva, é fácil ver que não era a crença na inspiração e canonicidade da epístola aos Hebreus que estava errada. O que estava errado era a interpretação falha que os Novatianos faziam de Hebreus 6.4-6. A natureza injustificada de seu rigor pode ser observada no fato de que, em outros lugares, a Bíblia relata casos de cristãos já batizados que caíram em pecados graves e foram recebidos novamente na igreja quando arrependidos (1 Coríntios 5.1-13; 2 Coríntios 2.5-11; Lucas 22.32-34).

Como Owen mesmo observa,

> Infelizmente, isso geralmente sucede com homens que pensam encontrar prova para alguma opinião ou persuasão peculiar em uma *única* passagem das Escrituras, recusando trazer sua interpretação à analogia da fé, onde poderiam enxergar a maneira em que ela é contrária a todo o desígnio e corrente da Palavra.[10]

Se, ao invés de insistirem nessa posição, embasados unicamente em sua interpretação dessa passagem obscura, eles tivessem o cuidado de rejeitar qualquer postura que estivesse em conflito evidente com o resto da mensagem

bíblica, teriam reconhecido a sabedoria cristalizada no adágio que diz que quem prega uma doutrina que só pode sustentar por meio de uma passagem bíblica, investigando bem, poderá descobrir que não a pode sustentar por meio de nenhuma.

Esse princípio deve ser lembrado também hoje. Não podemos pautar uma doutrina em cima desse texto que a coloca na contramão do ensino da Bíblia como um todo e tentar esconder o problema por meio de um maremoto global de reinterpretação bíblica para que tudo se harmonize.

Seria esse o efeito de usar essa passagem como uma prova de que crentes verdadeiros se perdem e forçar todos os claros testemunhos escriturísticos ao contrário a se adequarem a esse conceito.

Qual é, então, o real sentido da passagem de advertência? Atualmente, há quatro interpretações populares desse texto polêmico. A interpretação que tem recebido maior apoio entre os reformados sustenta que a descrição no texto é de pessoas que recebem um enorme grau de revelação da verdade, mas que, aquém de uma conversão genuína, acabam virando as costas para a luz que lhes foi concedida.

De acordo com este ponto de vista, as pessoas que estariam sujeitas a cair nunca teriam sido regeneradas, mesmo que tenham professado a fé cristã por algum tempo antes de chegarem a repudiar o cristianismo abertamente. Essa interpretação entende o texto como uma advertência contra uma possibilidade real de queda que é pertinente a integrantes da igreja visível que estão cogitando abandonar sua profissão de fé. Eles são avisados de que fica irremediavelmente condenado o indivíduo que apostatar após ter recebido o grau de iluminação e privilégio descrito.

Dentre os que concordam com essa interpretação, alguns acreditam que somente pessoas que viveram nos dias de Jesus e apóstolos, presenciando os milagres daquele período, poderiam atender a esse perfil.

Ainda entre os reformados, uma minoria acredita que de fato crentes genuínos são descritos no texto, mas que de forma alguma isso fornece alguma sustentação para a doutrina da perda de salvação, pois acreditam que o texto é

apenas de natureza hipotética, tencionando mostrar o que aconteceria caso um crente caísse, embora isso não seja possível.

Conforme sua interpretação, a função do texto seria de reforçar ainda mais a determinação dos crentes a perseverarem, por levá-los a considerar no que apostasia implicaria, a saber, em um afastamento irreversível da graça de Deus.

No campo arminiano, a interpretação mais popular é que o texto visa alertar crentes verdadeiros contra a apostasia, exatamente por haver uma possibilidade real dos salvos caírem e se encontrarem eternamente perdidos. Os defensores desse ponto de vista chegam a essa conclusão porque estão convencidos de que as palavras descritivas desse texto não podem ser outra coisa senão uma identificação de crentes autênticos e, ao mesmo tempo, consideram o tom e a linguagem da exortação incompatível com uma mera suposição sobre algo impossível.

A última das interpretações para Hebreus 6 em voga hoje, que é também a mais recente, é a dos arminianos que consideram a perseverança desnecessária para entrar na glória eterna. Esses também acreditam que o texto se refere a indivíduos salvos que caem por apostatar, mas alegam que o fazem sem prejuízo de sua salvação, sofrendo dano apenas no que diz respeito ao seu crescimento espiritual e ao patamar de honraria que poderão usufruir no paraíso eterno.

Devemos reconhecer prontamente que nenhuma dessas interpretações está livre de dificuldades. Todas elas estão sujeitas a objeções, como veremos. Entretanto, examinando o texto cuidadosa e objetivamente, observaremos qual delas é capaz de responder às críticas satisfatoriamente, além de se manter fiel à analogia da fé.

Para isso, é preciso responder a três perguntas cruciais em torno das quais giram os debates:

1. O que está em jogo é a própria salvação ou apenas recompensas e galardões?
2. Existe uma possibilidade real de queda ou a passagem apenas levanta uma hipótese?

3. A descrição é de crentes verdadeiros ou não?

O que está em jogo é a própria salvação ou apenas recompensas e galardões?

Claramente, a mais fraca das quatro posições é a que alega que é possível que os salvos sofram o tipo de queda em discussão nessa passagem, e ainda assim continuarem salvos. Essa interpretação faz parte do sistema doutrinário errôneo que foi rejeitado no capítulo 1 deste livro. De acordo com essa corrente, o livro de Hebreus, como um todo, adverte os crentes a perseverarem, não porque perseverar é preciso no plano de salvação, mas para alcançarem um número maior de "coroas" e recompensas no Reino de Deus. Já observamos no capítulo 1 como essa abordagem não faz justiça ao que encontramos nas passagens de advertência dos capítulos 2, 3, 4 e 10 de Hebreus.

O mesmo se dá no capítulo 6 de Hebreus. Conforme esse capítulo, a consequência para quem cair é estar sob a maldição de Deus, tendo como fim o ser queimado (Hebreus 6.8). A figura é a mesma empregada por João Batista quando disse: "Já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo" (Mateus 3.10).

É inconcebível falar de pessoas que entram na bem-aventurança eterna nesses termos. Além do mais, uma distinção nítida é feita entre esse fim (ser queimado) e salvação, pois o autor expressa que, quanto aos seus leitores, está confiante "das coisas que são melhores e pertencentes à salvação" (Hebreus 6.9), ainda que fale desta maneira.

Devemos, portanto, rejeitar essa interpretação por ignorar a natureza e gravidade da condenação que o texto pronuncia sobre os que caem, além de estar em conflito patente com o restante das Escrituras.

Existe uma possibilidade real de queda ou a passagem apenas levanta uma hipótese?

A principal dificuldade na leitura desse texto como sendo apenas uma suposição encontra-se no fato de que, embora o autor esteja confiante das coisas melhores (Hebreus 6.9), ele também parece expressar incerteza quanto ao progresso futuro de seus leitores. Seu modo de falar parece indicar que

ainda está em aberto, em sua mente, se os leitores irão perseverar ou não. Ele diz, "Isso faremos, se Deus permitir" (Hebreus 6.3), e em seguida nos diz que o motivo de sua reserva é porque é impossível que sejam renovados para o arrependimento aqueles que foram uma vez iluminados, etc. e caíram (Hebreus 6.4-6).

A gramática pode não ser conclusiva, mas o uso de particípios aoristos, que ocorre nos versos 4-6, não seria uma escolha natural para indicar uma hipótese. Isso parece favorecer a ideia de que já houve, no passado, casos concretos de pessoas que atenderam a essa descrição e caíram, encontrando-se além de qualquer oportunidade para arrependimento.

Se for esse o pensamento do autor, então quedas de pessoas assim como descritas realmente acontecem, mesmo que não corriqueiramente, e já há motivo legítimo de se temer que ainda outros possam seguir pelo mesmo caminho sem volta.

A descrição é de crentes verdadeiros ou não?

A interpretação mais amplamente aceita entre os reformados é criticada, por seus adversários, por negar que as características citadas nos versos 4 e 5 sejam marcas exclusivas de crentes verdadeiros. Conforme lemos nesses versos, o arrependimento está fora de questão para alguém que, antes de cair, tenha sido uma vez iluminado, e tenha provado o dom celestial, e se tornado participante do Espírito Santo, e provado a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro.

Muitos estão persuadidos de que estas coisas estão inseparavelmente ligadas a uma conversão real. Por exemplo, Homer Kent se sente à vontade defendendo que o texto apresenta uma hipótese que jamais poderia se concretizar, mas encontra dificuldade nos argumentos contra a conclusão de que crentes reais estão em vista. Ele considera "duvidoso se essa mesma descrição seria algum dia explicada por esses intérpretes como sendo qualquer outra coisa senão plena regeneração se fosse encontrada em outro contexto".[11]

Naturalmente, aqueles que acreditam encontrar nesse texto evidência de que os santos podem apostatar compartilham dessa opinião. Na verdade, sua

doutrina depende totalmente dessa identificação dos que estão sujeitos a cair como pessoas que inquestionavelmente foram regeneradas e justificadas. Afinal, o fato de pessoas abandonarem sua profissão de fé no cristianismo não pode provar a perda da salvação, a menos que esteja comprovado que os indivíduos em questão foram realmente salvos. Mas, nesse caso, os arminianos se mostram bem seguros.

Após apresentar sua interpretação de cada uma das atribuições mencionadas nos versos 4 e 5, Picirilli conclui:

> Portanto, podemos dizer que seria uma tarefa difícil encontrar uma descrição melhor de regeneração e conversão genuína do que essas quatro cláusulas em conjunto. Qualquer uma delas ficaria de pé por si só, para esse fim. Juntas, as quatro providenciam uma das melhores afirmações sobre salvação, do ponto de vista experimental, que surge em qualquer lugar das Escrituras.[12]

Conforme essa perspectiva, o sentido dos versos seria, essencialmente, que é impossível renovar para arrependimento aqueles que foram salvos e caíram. Supondo que essa interpretação esteja correta, e se a queda de pessoas assim como descritas de fato ocorre, então o texto realmente estaria ensinando que crentes verdadeiros podem perder a salvação.

Entretanto, nesse caso o texto também estaria ensinando que nunca mais haveria perdão ou uma segunda chance para o crente que chegasse a cair, um detalhe que os arminianos raramente estarão dispostos a incorporar em seu credo. Com pouquíssimas exceções, o conceito de perda da salvação ensinado nas igrejas arminianas é que a salvação perdida pode ser recuperada. Isso acaba tratando a salvação como uma porta giratória e a regeneração como uma experiência repetitiva.

Hebreus 6 não admite tal coisa. Ele restringe as opções. De duas, uma: (1) ou esse texto não ensina a perda da salvação ou então (2) ele ensina que a salvação pode ser perdida, mas somente *uma* vez e de forma irreversível, contradizendo a vasta maioria daqueles que buscam nessa passagem apoio para essa mesma doutrina.

Mas antes de nos apressarmos a uma conclusão, é preciso identificar o sentido das palavras usadas para descrever aqueles que caíram. O arrependimento é impossibilitado para aqueles que caem após (1) terem sido iluminados, e (2) terem provado o dom celestial, e (3) terem se tornado participantes do Espírito Santo, e (4) terem provado a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro (Hebreus 6.4-5).

Alguns insistem que essas palavras nos obrigam a concluir que estamos tratando, nessa passagem, de pessoas que chegaram a possuir vida eterna. Eles estariam certos?

Apesar da confiança com que essa tese é afirmada, uma pesquisa objetiva revela que ela carece de provas. E ainda mais importante, encontramos no contexto imediato, e em outras passagens, fortes motivos para concluirmos o contrário. Analisemos, portanto, em primeiro lugar, as palavras encontradas nesse texto.

Tornou-se popular na igreja primitiva interpretar a cláusula "*uma vez foram iluminados*" como uma referência ao batismo. Isso se deve ao fato que, de Justinho Mártir em diante, o batismo passou a ser chamado de iluminação. Mas não há motivo convincente para esse entendimento em Hebreus, uma vez que o batismo nunca foi assim chamado no primeiro século.

O que encontramos, tanto no Novo Testamento como no Velho, é o termo "iluminar" associado à ideia de transmitir ensino espiritual. Consequentemente, os que "uma vez foram iluminados" são os que foram instruídos no evangelho, compreenderam-no e se tornaram persuadidos de sua veracidade. Que se tem uma iluminação plena em mente aqui é indicado pelo uso da palavra ἅπαξ, traduzida "uma vez" ou "definitivamente".

No entanto, as palavras "uma vez foram iluminados" nada indicam sobre a maneira em que alguém reage para com a luz, se a aceita de coração ou não. Ter os olhos abertos a esse respeito não é o mesmo que ser salvo, apesar de ser algo necessário para que a salvação aconteça.

Em segundo lugar, é-nos dito que aqueles que não podem se arrepender são pessoas que também "*provaram o dom celestial*". Várias propostas surgem para explicar que "dom celestial" é esse: o próprio Senhor Jesus (João 6.32-35), a

salvação ou o perdão de pecados (Romanos 6.23), a Ceia do Senhor (1 Coríntios 11.23), ou ainda o ensino da verdade (Efésios 4.7-11). Kistemaker sugere que seria impróprio limitar o sentido a uma ideia somente, visto que o Novo Testamento faz um uso abrangente da palavra "dom":

> Suponha que alguém tenha frequentado os cultos da igreja, tenha feito profissão de fé, tenha sido batizado e tenha participado na vida ativa da igreja; essa pessoa comeu do pão partido e tomou do cálice que lhe foi oferecido na celebração da Ceia do Senhor. Então esse novo convertido provou o dom celestial.[13]

Mas mesmo se definirmos "o dom celestial" como Jesus ou a salvação, não teremos ainda motivo para concluir que estamos falando de pessoas que foram salvas. Vários comentaristas destacam o fato que "provar" não é o mesmo que "receber". Quando Jesus se declarou o verdadeiro pão do céu, dado pelo Pai, sua mensagem foi incisiva: "Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne" (João 6.51).

O que nós encontramos em Hebreus, porém, não chega a ser tanto assim. A palavra "provar" frequentemente não significa mais que *sentir o sabor*, ou *sentir o gosto*, sem se comprometer a ponto de ingerir:

> A expressão "provar" é uma metáfora que não significa nada mais que fazer um teste ou experiência com alguma coisa. É "experimentar" algo. É o que acontece quando colocamos um pouco de alguma coisa em nossa boca para examinar pelo paladar e decidir se vamos ou não comê-la. Provar, portanto, não inclui engolir e digerir, de modo que nos possa nutrir. Quando provamos, buscamos discernir se algo nos agrada ou não, sendo ainda possível rejeitá-lo e cuspi-lo fora [...] Trata-se, propriamente, de realizar um teste com alguma coisa, quer venha a ser recebida ou não. Em alguns casos, significa o oposto de receber e ingerir, como em Mateus 27.34 (quando Cristo, na cruz, foi oferecido vinho com fel e "provando-o, não o quis beber").[14]
>
> Esse grande dom, porém, não foi recebido. Não foi banqueteado, foi somente *provado*, sondado. Ele não foi aceito ou vivido, apenas examinado.[15]

Aqueles que estão determinados a equiparar "provaram o dom celestial" com receber a salvação costumam apresentar textos onde "provar" indica mais do que fazer uma avaliação ou experiência. Por exemplo, em Hebreus 2.9, nós

lemos: “Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, *provasse* a morte por todo homem.”

Quando Jesus “provou” a morte por todo homem, é manifesto que ele não apenas sentiu um gostinho da morte. Ele bebeu até a última gota do cálice. É verdade que “provar” *pode* ter esse sentido mais completo, mas seria insincero e arbitrário omitir o fato que essa mesma palavra grega também pode ter o sentido de analisar “sem compromisso”, como o tem em Mateus 27.34:

> A palavra ‘provaram’, que é repetida, pode significar ‘perceber o sabor de, tomar parte de, apreciar, sentir, fazer um teste com, experimentar’. Apesar de ser possível usar a palavra referindo-se a uma experiência espiritual genuína (Salmos 34.8; 1 Pedro 2.3), ela também pode significar algo temporário ou superficial.[16]

Isso, em si, já basta para jogar por terra as tentativas de encontrar nessa atribuição provas de que os descritos *só podem ser* pessoas regeneradas. O máximo que podemos dizer ao certo é que eles sentiram o gosto do dom celestial. Não podemos ir além do que o texto inspirado realmente diz. Portanto, já examinamos duas características e ainda não encontramos nada que não possa se aplicar a alguém que nunca foi salvo.

As palavras “*e se tornaram participantes do Espírito Santo*” são às vezes tomadas como se estivessem dizendo que essas pessoas receberam o Espírito Santo para neles habitar, transformando-os em templos do Espírito Santo. Essa conclusão não é necessária, nem provável. O termo “participantes” nunca é usado nesse sentido. Ele tem mais a ideia de associação. Kenneth Wuest, autoridade de grego, explica:

> Aqueles Hebreus descrentes haviam se tornado participantes ou associados do Espírito Santo pelo fato de terem voluntariamente cooperado com ele em receber sua obra pré-salvadora que os conduzia passo a passo em direção ao ato de fé no Messias [...] A palavra *metechos* não indica, de forma alguma, que esses Hebreus possuíam o Espírito Santo no sentido de habitação permanente, tal como numa pessoa salva.[17]

Podemos ver bem como esse termo é usado em 1 Coríntios 10:

> Considerai o Israel segundo a carne; não é certo que aqueles que se alimentam dos sacrifícios são *participantes* do altar? Que digo, pois? Que o sacrificado ao ídolo é alguma coisa? Ou que o próprio ídolo tem algum valor? Antes, digo que as coisas que eles sacrificam, é a demônios que as sacrificam e não a Deus; e eu não quero que vos torneis *associados* aos demônios. Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios; não podeis ser *participantes* da mesa do Senhor e da mesa dos demônios. (1 Coríntios 10.18-21)

Conforme esse texto, não se deve ir ao templo pagão e participar de seus rituais, porque isso torna alguém participante ou associado dos demônios. Assim será, quer seja o ato fervoroso de um pagão devoto ou não, quer participe "de coração", quer seja cético, ou até mesmo cínico. Igualmente, o ato externo de beber o cálice do Senhor e tomar parte da sua mesa faz com que alguém se torne associado ao Senhor, mesmo se participar indevidamente, o que expõe o participante a juízo (1 Coríntios 11.29-33).

Então o que seria preciso para que alguém se tornasse participante do Espírito Santo?

> A palavra "*participantes*" (no grego, *metochos*) tem a ver com associação, não posse. Esses judeus nunca haviam possuído o *Espírito Santo*, eles simplesmente estavam presentes onde ele agiu [...] É possível ter uma associação com o Espírito Santo e participar no que ele realiza, sem ser convertido.[18]
>
> Compartilhar do Espírito Santo implica que isso acontece na comunhão com outros crentes. E o Espírito de Deus se manifesta em vários dons espirituais dados aos membros da igreja (1 Coríntios 12.7-11).[19]

"Em termos simples, isso significa que o Espírito 'habita' no verdadeiro crente, mas pode meramente 'agir' sobre o não-regenerado".[20] O Espírito Santo agiu por meio de homens ímpios, como Balaão, Saul, e Caifás, fazendo com que profetizassem, ou curassem e expulsassem demônios, como no caso de Judas (Lucas 9.1). E se entendermos a obra do Espírito Santo na história da redenção compreenderemos ainda mais que, desde a vinda de Cristo, um envolvimento íntimo com a igreja cristã seria uma forma pela qual alguém se tornaria participante do Espírito Santo.

Por fim, o Texto Sagrado descreve os indivíduos que caem de forma irremediável como pessoas que "*provaram a boa palavra de Deus e os poderes do*

mundo vindouro". As experiências são, novamente, de ordem externa, mas de grande importância. Eles tiveram uma medida suficiente de contato com a boa Palavra de Deus e com os poderes do mundo vindouro para tornar sua rejeição do cristianismo, a esta altura, um erro consciente e indesculpável. Não poderiam alegar, como atenuante, que lhes faltavam provas objetivas da veracidade da mensagem cristã.

"Os poderes do mundo vindouro" pode fazer referência aos "sinais, prodígios e vários milagres" (Hebreus 2.4) por meio dos quais Deus deu testemunho do evangelho. Esses eventos miraculosos anunciavam a chegada da era messiânica e serviam como uma amostra do poder que efetuará a ressurreição do último dia e a inauguração de novos céus e nova terra.

Quem participou do movimento cristão naqueles primeiros dias teve uma oportunidade singular de presenciar essa evidência dramática de que Jesus e os apóstolos falavam da parte de Deus. Aqueles que testemunharam pessoalmente esses fenômenos não podiam mais ignorar que Deus havia operado em seu meio. Portanto, repudiar publicamente a doutrina cristã, depois que essa lhes havia sido comprovada de maneira tão incontestável pelo poder do Espírito Santo, redundaria em blasfêmia contra ele, o que tornaria impossível sua recuperação.

Aqueles que foram convencidos da verdade intelectualmente são os que estão em risco de fazer assim. Pode ser que, ouvindo a Palavra, logo a recebem com alegria, mas não tendo raiz em si mesmos, provaram-se, antes, de pouca duração. Por isso, em lhes chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandalizam (Marcos 4.16-17).

O uso repetido da palavra "provaram" pode bem ser deliberado, como um reconhecimento da falta de um compromisso pleno:

> É dito que "provaram" a Palavra, do mesmo modo como "provaram" o dom celestial. O escritor dessa epístola insiste nessa palavra de propósito para mostrar que esses apóstatas não eram daqueles que realmente recebem, se alimentam e vivem de Jesus Cristo conforme ele lhes é oferecido no evangelho (João 6.35, 49-51, 54-56). É como se tivesse dito: "Não falo daqueles que receberam e digeriram o alimento espiritual de suas almas, e assim o tornaram em nutrimento espiritual, mas falo daqueles que provaram a Palavra de Deus de tal modo que deveriam tê-la

> desejado como leite sincero para seu crescimento e saúde espiritual. Mas em vez disso eles negligenciaram aquela boa Palavra e recusaram-na como crianças que desprezam o alimento que lhes é oferecido."[21]

Recordando todos esses privilégios espirituais, podemos entender quem são as pessoas que o escritor dessa epístola tinha em mente: são aqueles que ouviram e avaliaram de perto a pregação do evangelho, compreenderam sua mensagem, receberam confirmação incontestável do evangelho (possivelmente incluindo sinais miraculosos) e tiveram persuasão plena de que o evangelho é a verdade e, mesmo assim, caíram. Agrava-se imensamente o pecado de repudiar o evangelho de Cristo após tanto privilégio.

Tendo chegado ao fim de nossa análise, percebemos que Hebreus 6.4-6 não inclui nenhum dos termos técnicos do Novo Testamento para se referir aos salvos, tais como: *nascidos de novo*, *regenerados*, *redimidos*, *justificados*, *santificados*, *adotados*, *perdoados*, *selados*, etc. Todos os termos que identificam salvação foram cuidadosamente evitados.

Por isso, deve ser enfatizado que nada do que encontramos nos compele a concluir que os sujeitos descritos foram verdadeiros crentes. As palavras selecionadas pelo Espírito Santo nessa descrição nem são do tipo que esperaríamos encontrar se o intuito fosse identificar crentes. Uma lista tão comprida não seria necessária para isso.

Por outro lado, se a intenção é identificar o grau de revelação que um não-convertido precisaria receber para tornar sua rejeição a Cristo um ato imperdoável, nesse caso uma lista assim faz todo sentido. Trata-se de um assunto que deve ser abordado com muito cuidado. Sabemos que maior privilégio traz maior responsabilidade. Àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido (Lucas 12.48).

Agora, conforme o texto de Hebreus 6, é possível que o juízo de Deus recaia definitivamente sobre uma pessoa, tornando o seu arrependimento impossível. Fazer aqui uma declaração inconsequente poderia causar muitos males. Por exemplo, imagine as implicações de dizer: "É impossível renovar para arrependimento aqueles que compreenderam o evangelho e caíram". Ou, "É

impossível renovar para arrependimento aqueles que foram batizados e caíram".

A interpretação novatiana foi essencialmente essa, e a história nos testifica de quanta confusão pode ser gerada por um entendimento tão raso do que está descrito no texto. Portanto, ao mesmo tempo em que o autor visa alertar contra um pecado imperdoável, ele também zela por evitar uma impressão errada de que não há mais segunda chance para todas as pessoas que caem, em geral. A queda só é imperdoável no caso daqueles que caem após terem recebido o enorme grau de luz que o autor se dá ao trabalho de especificar em tanto detalhe.

Não deve nos surpreender o fato de ele faz questão de mencionar uma série de privilégios, nem o fato dos privilégios citados serem tão grandiosos. Seu cuidado é para não incluir mais gente do que deveria e levar muitos a se desesperarem sem motivo. É fundamental esclarecer que só é irremediável a condição daqueles que caem após receberem essa iluminação plena e essa convivência profunda com a atuação do Espírito Santo.

Mas ele também tem o cuidado de não fazer uso de qualquer termo técnico para salvação ou qualquer termo que somente poderia se referir a pessoas regeneradas, porque não devemos supor que é preciso ser regenerado para tornar a oposição ao evangelho o pecado deliberado e consciente do qual não se pode ser perdoado.

Pensemos na questão de forma prática. Sabemos que muitos têm ouvido a pregação do evangelho por anos sem se converterem. Eles podem ter compreendido a mensagem tão bem que seriam capazes de evangelizar a outros, mas não se converteram. Pode, inclusive, ser verdade que eles estão sob profunda convicção de pecado e que já foram persuadidos da veracidade da fé cristã, mas continuam endurecidos.

Todos esses fatores agravam seu pecado de impenitência, mas alguém se atreveria a declarar que eles já estão além do alcance da graça de Deus? Não se poderia fazê-lo apelando para Hebreus 6.4-6, exatamente porque os privilégios ali descritos são tão ricos que não poderíamos ainda afirmar que todos foram recebidos por tais pessoas. Na verdade, os privilégios mencionados no texto

apontam um grau tão profundo de experiência e iluminação que não estaríamos aptos para asseverar categoricamente que foram todos experimentados, mesmo por alguém que abandonasse a igreja após algum tempo como membro ativo.

A utilidade dessa lista tão detalhada é exatamente essa. Ela não nos permite fechar a porta do arrependimento precipitadamente para ninguém. Mas, ao mesmo tempo, ela tem uma mensagem seríssima para aqueles que estão sendo tentados a apostatar. Ela expõe o quanto é perigoso rejeitar conscientemente a verdade, mostrando que, conforme o nível de iluminação recebido, isso pode ser um caminho sem volta.

Ao mesmo tempo, quem, dentre os que professam a fé em Cristo, ousaria desconsiderar o aviso? Quem na igreja visível pode se assegurar de que certamente não tenha recebido os privilégios enumerados?

Houve um tempo em que o apóstolo Paulo fora perseguidor da igreja. Ele rejeitava e combatia a fé cristã. No entanto, embora ele tenha, anteriormente, sido um blasfemo e perseguidor insolente, ele obteve misericórdia, pois o fez na ignorância, na incredulidade (1 Timóteo 1.13).

Paulo reconheceu que seu pecado de outrora teria sido agravado caso ele estivesse se opondo à luz de Deus conscientemente. Mas ele não estava vivendo deliberadamente em pecado, depois de ter recebido o pleno conhecimento da verdade (Hebreus 10.26). Ele acreditava estar servindo a Deus quando se opunha a Cristo. Certamente ele conhecia algo do evangelho cristão, mas sua mente estava convicta de que era uma mensagem falsa. Da mesma forma, há muitos outros inimigos da verdade que não sabem o que estão fazendo. Isso não os inocenta do seu erro, mas deixa aberta uma porta para arrependimento e misericórdia.

O contraste é justamente nesse ponto. Em geral, há para incrédulos uma oportunidade para arrependimento. Mas depois que uma pessoa tenha recebido tudo que é detalhado em Hebreus 6.4-5, se ela cair no pecado de se opor abertamente à mensagem de Cristo, ela não mais poderá ser renovada para arrependimento.

O texto declara, sobre tais, ser impossível "renová-los para arrependimento". Não diz: "renovar seu arrependimento", o que seria muito diferente. Não há afirmação de que eles chegaram a se arrepender algum dia:

> "RENOVADOS PARA O ARREPENDIMENTO" quer dizer retornar ao anterior estado de interesse quando chegaram à beira da conversão. Revela frisar que eles, conquanto atingidos por tantas bênçãos e se aproximando do Reino, não haviam chegado ao arrependimento. Estiveram naquela situação de "tão perto do Reino, mas sem salvação". Com a apostasia o autor sagrado assegura a impossibilidade de renovarem a situação espiritual anterior que os propicie a luz suficiente para o arrependimento, a fim de que mudem sua atitude mental. Jamais se renovarão para que se arrependam.[22]

Essa é a realidade trágica dessas pessoas. Anteriormente estiveram numa condição em que poderiam ter se arrependido. Como não o fizeram e caíram, agora se tornou impossível restaurá-los ao estado anterior. Tornou-se impossível renová-los para arrependimento.

Mais uma vez, antes de prosseguir, precisa ser enfatizado que a linha de onde não há mais possibilidade de retorno pode ser cruzada aquém da conversão real, pois esse é um ponto realmente muito importante.

Se o texto que estamos examinando ensina qualquer coisa, seu ensino é que quem cai após participar no grau de privilégio que ele estabelece não poderá ser perdoado posteriormente. O perdão se torna impossível para tais pessoas, porque esses privilégios aumentam a responsabilidade e agravam o erro de rejeitar o senhorio de Cristo sobre suas vidas. Portanto, ao ensinar que tais pessoas não podem ser perdoadas, a Bíblia aqui também nos ensina *quais* pessoas não podem ser perdoadas. Seria uma contradição direta do texto dizer que já não haveria mais oportunidade para arrependimento daqueles que nunca chegaram a desfrutar de tanta revelação, conforme aqui nos é definido minuciosamente.

A blasfêmia contra o Espirito Santo

Pois bem, então a pergunta que precisamos fazer é se há, em alguma outra passagem da Bíblia, algum caso onde alguém cometeu esse mesmo pecado, para que possamos comparar texto com texto e interpretar a Bíblia pela própria

Bíblia. A verdade é que há, sim. Um paralelo é encontrado na blasfêmia contra o Espírito Santo, cometida pelos inimigos de Cristo.

Podemos demonstrar, de forma incontrovertível, que aquele ato foi o mesmo pecado de que estamos lendo em Hebreus 6 e, no entanto, é abundantemente claro que aqueles que o cometeram nunca haviam se convertido. Sendo assim, a interpretação que diz que essas marcas necessariamente acompanham a salvação não pode estar certa.

Vamos passo a passo. O pecado imperdoável foi identificado por Jesus:

> Por isso, vos declaro: todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á isso perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir. (Mateus 12.31-32)

A declaração de Jesus é categórica de que o pecado cometido pelos fariseus (Mateus 12.22-24) jamais poderia ser perdoado, por toda a eternidade. Mas, além disso, ele enfatizou que esse pecado é o *único* pecado que não pode ser perdoado. Examinando também o relato de Marcos, o que Jesus quis dizer fica ainda mais claro:

> Em verdade vos digo que tudo será perdoado aos filhos dos homens: os pecados e as blasfêmias que proferirem. Mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão para sempre, visto que é réu de pecado eterno. Isto, porque diziam: Está possesso de um espírito imundo. (Marcos 3.28-30)

Se esse pecado é o único que não pode ser perdoado, e se o pecado de Hebreus 6 não pode ser perdoado, por força de lógica irresistível os dois são o mesmo pecado. Essa ligação é reconhecida por comentaristas bíblicos de todos os pontos de vista, mas nem todos percebem que essa associação estabelece que esses fariseus necessariamente chegaram a receber o grau de iluminação descrito em Hebreus 6, apesar de sempre terem sido inimigos acirrados de Cristo. Se assim não fosse, ainda haveria para eles esperança, assim como há para todos que repudiam a Cristo antes de terem recebido todos os privilégios que temos estudado.

Por exemplo, Stanley Outlaw, que argumenta que Hebreus 6.4-6 prova a perda da salvação, comenta:

> Já que há só um pecado que não pode ser perdoado, o pecado contra o Espírito Santo, então esse tem que ser, no mínimo, uma manifestação desse pecado horrível [...] Portanto, o pecado contra o Espírito Santo pode ser cometido tanto por incrédulos, que constante e deliberadamente rejeitam a verdade óbvia do Evangelho, como também por crentes que igualmente viram as costas para Cristo de maneira constante e deliberada, até que isso culmine em apostasia final.[23]

Mas se esse pecado pode ser cometido até por incrédulos, como Outlaw admite, então é inescapável a conclusão que mesmo na incredulidade pessoas podem receber os privilégios necessários para constituir de sua traição da verdade um pecado "eterno". Isso joga por terra todo seu argumento de que os privilégios descritos em Hebreus 6 são marcas exclusivas de crentes verdadeiros.

Não é difícil ver a semelhança entre o pecado cometido por aqueles fariseus e o pecado que cometeriam os hebreus, caso apostatassem. O pecado dos fariseus se consumou quando, movidos por ciúme, disseram que o Espírito operante em Jesus era demoníaco. Jesus distingue entre essa blasfêmia contra o Espírito Santo e uma blasfêmia contra o Filho do Homem, que poderia ser perdoada.

O motivo é que a divindade do Filho estava, em alguma medida, velada por sua encarnação. Mas eles não podiam ignorar, nem por um momento, que o poder pelo qual Jesus fazia sinais e expulsava demônios era divino. Eles conheciam suficientemente a boa Palavra de Deus para saber que ninguém poderia fazer esses sinais que Jesus fazia se Deus não estivesse com ele (João 3.2). Em momento algum eles puderam negar que os milagres de Jesus eram autênticos (João 9.18; 11.47-48; Atos 4.16).

Mas, ao invés de temerem, como Nicodemos (João 7.50), eles se atreveram a blasfemar. Pecaram contra a luz. Reprimiram o clamor de suas consciências. Desejando afastar outros de seguirem a Cristo, eles disseram palavras de blasfêmia contra Deus em plena consciência do que estavam fazendo. Foi o fato de terem recebido o benefício de tamanha luz que tornou esse pecado "eterno". Uma vez cometido, esse pecado jamais seria perdoado.

Não é qualquer pessoa que está em condições de cometer esse pecado imperdoável. Proferir as mesmas palavras que os fariseus, sem o mesmo grau de entendimento, seria um pecado qualitativamente diferente. Mas quando pensamos nos hebreus que são advertidos contra a apostasia, reconhecemos que muitos deles poderiam estar em uma condição de privilégio que nem a dos fariseus. E para quem o caso fosse esse, abandonar o cristianismo, após tudo o que haviam experimentado, não seria o mesmo que desprezar a Cristo e rejeitar seu evangelho como fazem os demais incrédulos.

Antes, seria essencialmente o mesmo pecado que foi cometido pelos fariseus. Eles presenciaram a atuação do Espírito que vindicava Cristo e seu evangelho. Por consequência disso, eles receberam a plena convicção da verdade. A esta altura, eles não podiam mais repudiar a Cristo sem conscientemente tratar a verdade como mentira, sem atribuir a operação do Espírito Santo à atividade do diabo, pai da mentira.

O autor de Hebreus destaca que, agindo assim, tais pessoas estariam "crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia" (Hebreus 6.6). Owen explica:

> "Eles o crucificam de novo para si mesmos." Eles não podem crucificar a Cristo de novo fisicamente, mas o fazem moralmente [...] Crucificaram Cristo novamente ao aprovarem e justificarem aquele ato dos judeus que haviam crucificado Cristo como malfeitor.
>
> O Senhor Jesus Cristo deve ser aceito e recebido como Filho de Deus, e seu evangelho deve ser obedecido, ou caso contrário ele precisa ser visto como crucificado com justiça como enganador, blasfemo e malfeitor.
>
> Jesus Cristo reivindicava ser o Filho de Deus e defendeu essa afirmação mesmo até a morte na cruz. Portanto, ou ele tem de ser aceito como sendo o Filho de Deus ou deve ser rejeitado como malfeitor. Esses apóstatas rejeitaram Cristo como Filho de Deus e declararam que ele era um malfeitor, e assim renunciaram ao cristianismo e voltaram ao judaísmo.
>
> Também crucificaram Cristo de novo declarando que tendo julgado sua pessoa, seu Evangelho e seu proceder, nenhuma verdade ou nenhum bem encontraram nele. O lema de Juliano o apóstata era: 'Eu li, conheci e condenei' seu evangelho.
>
> Ora, ninguém no mundo pode apresentar maior desonra contra Jesus Cristo, em sua pessoa ou em qualquer de seus procederes, do que a de declarar abertamente que tendo julgado sua pessoa e seu evangelho, nada encontraram neles que fosse desejável. Com essas palavras declaram que se Cristo voltasse à terra em carne novamente, eles o crucificariam de novo.[24]

Com esses fatos em mente, voltemos nosso foco para as controvérsias interpretativas de Hebreus 6. Enquanto o vocabulário que descreve os privilégios recebidos pelos apóstatas não fornece provas de que eles foram, um dia, salvos, encontramos no que Jesus disse sobre a blasfêmia dos fariseus prova conclusiva de que não é preciso experimentar regeneração para estar em condições de cometer esse pecado.

A mensagem de advertência ilustrada

Mas há ainda outra prova de que Hebreus 6.4-6 não está se referindo a crentes verdadeiros que caem. Quando lemos essa passagem em seu contexto, notamos que ela é imediatamente seguida por uma ilustração:

> Porque a terra que absorve a chuva que frequentemente cai sobre ela e produz erva útil para aqueles por quem é também cultivada recebe bênção da parte de Deus; mas, se produz espinhos e abrolhos, é rejeitada e perto está da maldição; e o seu fim é ser queimada. (Hebreus 6.7-8)

Que ilustração perfeita! Ou será que é mesmo? Na realidade, é um exemplo totalmente inadequado para ilustrar que crentes verdadeiros podem perder a salvação. Se o autor estivesse falando de crentes se perderem, ele certamente empregaria um exemplo apto para ilustrar esse conceito.

Porém, ele não fala de uma terra que, por algum tempo, produziu fruto e depois parou. Fala antes de uma terra que foi cercada de todas as condições externas que deveriam contribuir para que se tornasse produtiva, mas que, na época da colheita, não rendeu fruto. Somente espinhos e abrolhos brotaram dessa terra.

Estamos diante de uma ilustração perfeita para o que se dá no caso de pessoas que tiveram imensos privilégios, mas falharam em fazer deles bom uso, frustrando qualquer expectativa de que viriam a se converter. Podemos notar ainda que analogias desse tipo são sempre usadas na Bíblia para censurar aqueles que não se convertem, apesar de receberem bênçãos externas que deveriam movê-los ao arrependimento (Isaías 5.1-7; Mateus 3.10 e Lucas 13.6-9). Daí, podemos perceber que a ilustração dos versos 7-8 só faz sentido se for sobre isso que o contexto (versos 4-6) está falando.

Essa interpretação é ainda mais uma vez confirmada no verso seguinte: "Quanto a vós outros, todavia, ó amados, estamos persuadidos das *coisas que são melhores e pertencentes à salvação*, ainda que falamos desta maneira" (Hebreus 6.9).

Nesse verso, o escritor da epístola se diz confiante de que seus leitores não são daqueles que acabam amaldiçoados, tendo como destino o ser queimado. A seu respeito, diz que está persuadido "das coisas que são melhores e pertencentes à salvação"; ou seja, das "coisas que acompanham a salvação" (ARC):

> Esse verso (...) torna ainda mais claro que as diversas experiências espirituais narradas em 6.4-5 não "acompanham a salvação", necessariamente. Embora essas experiências *pareçam* com aquilo que é genuíno, elas não implicam necessariamente na presença de fé salvadora.[25]

Novamente, o contexto milita contra a interpretação arminiana. Se as coisas que acompanham a salvação são coisas melhores, é porque nenhum dos elementos anteriormente citados é inseparável da salvação. Tudo isso mostra que não há, em Hebreus 6, suporte para a doutrina da apostasia dos santos.

A quarta passagem de advertência

Por fim, vamos examinar Hebreus 10.23-39, onde encontramos a última das passagens de advertência que requer nossa atenção:

> Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel. Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima. Porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectação horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários.
>
> Sem misericórdia morre pelo depoimento de duas ou três testemunhas quem tiver rejeitado a lei de Moisés. De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça? Ora, nós conhecemos aquele que disse: A mim pertence a vingança; eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo. Horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo.

> Lembrai-vos, porém, dos dias anteriores, em que, depois de iluminados, sustentastes grande luta e sofrimentos; ora expostos como em espetáculo, tanto de opróbrio quanto de tribulações, ora tornando-vos co-participantes com aqueles que desse modo foram tratados. Porque não somente vos compadecestes dos encarcerados, como também aceitastes com alegria o espólio dos vossos bens, tendo ciência de possuirdes vós mesmos patrimônio superior e durável. Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão.
>
> Com efeito, tendes necessidade de perseverança, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa. Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará; todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma. Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma.

A semelhança entre essa exortação e as anteriores do livro é grande. Seu objetivo é obviamente o de reforçar ainda mais o que já vem sendo dito, e isso nos ajuda a ter uma compreensão ainda melhor da mensagem do livro como um todo.

Inicialmente, podemos notar que os versos 26 e 27 soam muito parecidos com o que acabamos de analisar em 6.4-6. As palavras "deliberadamente" e "depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade" parecem corresponder a ser uma vez iluminado, provar o dom celestial, tornar-se participante do Espírito Santo e provar a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro.

Se essa correlação for legítima, então temos aqui ainda mais uma comprovação de que os privilégios referidos no capítulo 6 não apontam para conversão, senão para um grau completo de entendimento. "Pleno conhecimento" é a tradução da palavra ἐπίγνωσιν, do grego, o que é mais forte do que γνῶσις (conhecimento), pois significa um conhecimento profundo e completo. Esse tipo de conhecimento aumenta muitíssimo a responsabilidade de quem a recebe.

Calvino chama atenção a esse detalhe:

> A frase, "depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade", destaca o grau de ingratidão. Aquele que de modo consciente e deliberado extingue a luz de Deus que foi acesa em seu coração não tem desculpa para sua condição diante de Deus. Aprendamos, portanto, a prontamente receber com reverência e mente submissa a verdade que nos é oferecida. Mas não

somente isso, aprendamos também a perseverar nesse conhecimento para que não soframos a terrível punição daqueles que a desprezam.[26]

Também importa entender que "viver deliberadamente em pecado" não é o mesmo que cometer um pecado deliberado. Esse texto tem sido horrivelmente abusado por aqueles que o usam para ensinar que os santos se perdem ao cometerem um pecado deliberado. Isso vai de encontro com todo o ensino bíblico de justificação e está longe do que o autor de Hebreus tem em mente.

Se fosse esse o caso, todos se perderiam. Visto que todos nós pecamos, logo estaríamos todos sem salvação, não restando para nós sacrifício pelos pecados. Porém, as palavras "*viver* deliberadamente em pecado" carregam a ideia de prolongada persistência no erro e só podem se referir à rebeldia obstinada e contínua.

Sem dúvida, aqui, como em toda a epístola, é a apostasia do evangelho que está em vista. Os hebreus são exortados a não deixarem de congregar com a igreja, como alguns acabam fazendo (Hebreus 10.25). Abandonar a igreja, viver sem compromisso com a comunidade cristã e sem se sujeitar à sua disciplina é desobediência flagrante ao mandamento de Cristo que instituiu sua igreja no mundo.

Quem teima nessa indiferença e rebelião contra a Lei de Deus está *vivendo* em pecado. Quem o faz "deliberadamente", depois de "ter recebido o pleno conhecimento da verdade", tem culpa ainda maior:

> Há um mundo de diferença entre momentos de queda e um abandono completo, do tipo aqui descrito, pelo qual caímos completamente da graça de Cristo. E isso não pode suceder com alguém, a menos que antes tenha sido iluminado, como diz, "Se vivermos deliberadamente no pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade"; é como se dissesse, "Se consciente e deliberadamente renunciarmos a graça que temos recebido."
>
> Fica evidente, em toda a passagem, que o apóstolo se refere somente a apóstatas [...] Ele nega, portanto, que resta qualquer sacrifício para aqueles que renunciam a morte de Cristo, o que não é feito por qualquer ofensa, senão por uma total renúncia da fé.[27]

A exortação do capítulo 10 e as anteriores se assemelham de várias maneiras. Elas sempre mantêm uma tensão entre cautela e otimismo de que os

endereçados são crentes reais. Lembramo-nos de como, no capítulo 6, o autor segue imediatamente sua advertência contra apostasia assegurando aos seus leitores que, apesar de estar falando dessa maneira, ele está persuadido de coisas melhores a seu respeito; isto é, coisas que acompanham a salvação (Hebreus 6.9).

Ele nos declara seus motivos para essa persuasão, a saber, o amor que eles haviam evidenciado para com o Senhor, no fato de terem servido e ainda estarem servindo aos santos (Hebreus 6.10). Esses elementos são parte do comportamento externo e são indicações – e não provas conclusivas – de conversão. Mais do que todas essas coisas, conversão genuína se comprova pela continuação no caminho até o fim.

Se houver falha nesse critério, se houver desistência em meio à jornada, então ficará provado que não houve regeneração, não obstante a tudo que se pode observar externamente que alimentava esperança (Hebreus 3.14). Sabendo disso, ele diz:

> Desejamos, porém, continue cada um de vós mostrando, até ao fim, a mesma diligência para a plena certeza da esperança; para que não vos torneis indolentes, mas imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdam as promessas. (Hebreus 6.11-12)

Isso equivale a confirmar a nossa vocação e eleição.

Agora, quando chegamos ao capítulo 10, encontramos o autor mais uma vez reconhecendo que há aspectos do comportamento externo daqueles a quem se dirige que convencem que eles devem mesmo ser crentes. Por exemplo, ele faz menção de como eles vinham sustentando grande luta e sofrimentos, desde que foram iluminados (Hebreus 10.32), aceitando, inclusive, o espólio de seus bens por estarem confiantes de terem, como cristãos, um patrimônio superior e durável (Hebreus 10.34).

Mas novamente ele se mostra cauteloso, consciente de que só pode observar o que é externo em suas vidas. Por isso, ele continua a enfatizar que é perseverando que confirmamos que fomos realmente chamados (Hebreus 10.38-39):

> Todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma. Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma. (Hebreus 10.38-39)

Podemos captar a essência dessa passagem analisando-a por meio de três perguntas:

1. O que somos instruídos a fazer?
2. O que acontecerá com quem não o fizer?
3. Por que alguns perseveram e outros não?

O que somos instruídos a fazer em Hebreus 10.23-39?

Há uma série de imperativos nesse texto. Somos ordenados a guardar firme, sem vacilar, a confissão de nossa esperança (Hebreus 10.23), a não deixarmos de nos congregar (Hebreus 10.25) e a não abandonarmos nossa confiança (Hebreus 10.35). Além dessas medidas individuais, somos também instruídos a considerar uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras (Hebreus 10.24), fazendo admoestações (Hebreus 10.25).

Todas essas ordens apontam em uma mesma direção: precisamos perseverar na fé (Hebreus 10.36); jamais podemos retroceder, isto é, apostatar (Hebreus 10.38). Devemos perseverar individualmente e devemos nos esforçar por promover a perseverança dos demais cristãos. Tratam-se de instruções válidas para todo cristão e nos lembram de que a perseverança dos santos, conquanto certa, por causa da graça divina, envolve o empenho consciente dos próprios santos para esse fim.

O que acontecerá com quem desobedecer à instrução divina?

Algumas das mais fortes condenações na Bíblia são pronunciadas sobre aqueles que não perseverarem na fé. Eles são avisados de que apostatando não encontrarão remissão de pecados, quer no judaísmo, quer em nenhum outro lugar, pois sem Cristo não haverá para eles sacrifício pelos pecados (Hebreus

10.26). Ao invés de perdão, eles terão apenas certa expectação horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumi-los como adversários de Deus (Hebreus 10.27).

Professar fé em Cristo por algum tempo e depois repudiá-lo constitui uma grave ofensa, comparável a pisotear e tratar com desdém o Filho de Deus (Hebreus 10.29). Tal afronta, somos garantidos, requer castigo muito mais severo do que a sentença de morte aplicada a quem rejeitava a lei de Moisés (Hebreus 10.28-29). A mensagem é deveras enfática: quem retrocede o faz para sua própria perdição (Hebreus 10.39).

Conforme essa passagem, por que alguns perseveram enquanto outros não?

Essa é uma pergunta muito importante que nem todos consideram. Não há dúvida que esse texto ensina a necessidade de perseverança e a condenação dos apóstatas. Mas, lado a lado com esses ensinos, encontramos aqui a certeza de que todos os que possuem fé real perseverarão. Essa verdade pode ser vista nos versos 37 a 39:

> Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará; todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma. Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma. (Hebreus 10.37-39)

Ao concluir sua admoestação, o escritor recorre a uma citação da profecia de Habacuque. Sua fonte evidentemente não é o hebraico original e, sim, a tradução Septuaginta para o grego. No lugar da frase: "Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele", a Septuaginta introduz a explicação: "se retroceder, nele não se compraz a minha alma".

Percebendo a relevância dessa frase para a mensagem de sua epístola, o autor de Hebreus a utiliza, reorganizando o versículo na ordem que mais chama a nossa atenção para o que ele busca destacar:

> Se tardar, espera-o, porque, certamente, virá, não tardará. Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé. (Habacuque 2.3b-4)
>
> Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará; todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma. (Hebreus 10.37-38)

Essa citação pressupõe familiaridade com o texto de Habacuque em que um contraste é feito entre dois tipos de pessoas: (1) o justo, que viverá pela fé, e (2) o soberbo, cuja alma não é reta. Para o autor de Hebreus, essa divisão da humanidade em duas categorias tem tudo a ver com os que professam o cristianismo. Há dois tipos de seguidores em nosso meio:

1. Há o justo que *viverá*, isto é, que não perecerá, pois viverá por meio da fé. Mas infelizmente, nem todo seguidor é assim.
2. Há também um tipo de seguidor que retrocede, em quem Deus não se compraz.

Qual, então, é a diferença vital entre os que viverão e os que retrocedem? A diferença é se há ou não na pessoa a presença da fé. Por isso o escritor diz: "Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma" (Hebreus 10.39).

Essa declaração acaba sendo muito importante. "Nós não somos dos que retrocedem", ele diz. Não somos esse tipo de seguidor! De que tipo, então? "Somos, entretanto, *da fé* para a conservação da alma". Nessa separação em categorias, nosso autor torna claro que os "da fé" não retrocedem. Não são do tipo que o fariam.

Em harmonia com o restante das Escrituras, mais uma vez acaba que os que retrocedem para a perdição são somente aqueles que não são "da fé". Quando esses retrocedem, dão prova de sua incredulidade, pois em quem houver fé genuína, o resultado será a conservação da alma.

No embalo desse pensamento, entramos no capítulo 11 de Hebreus, no qual a história do povo de Deus é recordada para fornecer exemplos e mais exemplos de como a fé é a marca distintiva dos vencedores. Os que tiveram fé foram fiéis. Foi pela fé que os antigos obtiveram bom testemunho (Hebreus 11.2).

A fé foi a diferença entre Caim e Abel. Pela fé, Abel. Pela fé, Enoque. Pela fé, Noé. Pela fé, Abraão. Pela fé, Sara. Pela fé, Isaque. Pela fé, Jacó. Pela fé, José. Pela fé, Moisés. Pela fé, Raabe.

Também Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi, Samuel e os profetas, todos esses pela fé viveram, e todos morreram na fé (Hebreus 11.13). E como foi que a fé desses se tornou evidente? Assim como o caráter genuíno da fé de Abraão se comprovou em sua obediência a Deus (Tiago 2.23), da mesma forma, a realidade da fé desses outros se tornou manifesta por meio de suas vidas.

Fé real sempre produz frutos. A fé de Moisés se revelou no preferir ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado (Hebreus 11.25) e pelo fato de considerar o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros deste mundo (Hebreus 11.26). Outros tiveram sua fé manifesta pelo fato de sofrerem tortura, não aceitando o resgate, para obterem superior ressurreição (Hebreus 11.35).

Também outros demonstraram que eram "da fé" ao passarem pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões (Hebreus 11.36); por serem apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos ao fio de espada; por estarem dispostos a andar como peregrinos neste mundo, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados (Hebreus 11.37), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra (Hebreus 11.38). Tudo isso preferiram a retroceder!

Fé bíblica faz isso. Fé que é real se comprovará da mesma maneira novamente, se preciso for. Portanto, os "da fé" não são dos que "retrocedem para a perdição." (Hebreus 10.39).

Tudo isso tenciona nos fazer pensar sobre que tipo de seguidor somos nós. Somos dos que retrocedem para a perdição ou somos da fé, para a conservação da alma? Sejamos da fé, como Abraão e Moisés! Que nós nunca sejamos incrédulos, como Esaú (Hebreus 12.16). Que Deus nos livre de sermos como aqueles descrentes que se rebelaram no deserto. Que possamos nos provar imitadores daqueles que, pela fé e pela perseverança, herdam as promessas (Hebreus 6.12), pois são os "da fé" que se tornam herdeiros da justiça que vem da fé. Esta é a mensagem de Hebreus.

1. Apud John Gill, *The Cause of God and of Truth*, Part 4, Chapter 5, Section 3, The Ultimate Christian Library (Rio, WI: AGES Software, 2000), p. 809.

2. Apud John Gill, *The Cause of God and of Truth*, Part 4, Chapter 5, Section 14, The Ultimate Christian Library (Rio, WI: AGES Software, 2000), p. 832.

3. Edgar Andrews, *A Glorious High Throne: Hebrews Simply Explained* (Darlington, England: Evangelical Press, 2003), p. 105.

4. Veja 1 Coríntios 1.16, Gálatas 4.20; 2 Coríntios 12.2-3; Colossesnes 1.23; 1 Tessalonicenses 3.8.

5. A edição Almeida Revista e Corrigida se mantém mais próxima ao grego original na sequência de palavras no início do verso 4: "Porque [é] impossível [...]" Essa ordem é preferível, pois indica, corretamente, que o que segue constitui a razão pela qual pode ser que Deus não permita o progresso de alguém (Hebreus 6.3).

6. F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1981), p. 124.

7. John Owen, *Exposition on Hebrews*, vol. 21 of *The Works of John Owen* (Rio, WI: Ages Software, 2000), pp. 82-83.

8. Simon Kistemaker, *Hebreus* (São Paulo: Cultura Cristã, 2003), pp. 27-28.

9. Ibid., p. 27.

10. John Owen, *Exposition on Hebrews*, vol. 21 of *The Works of John Owen* (Rio, WI: Ages Software, 2000), pp. 83-84.

11. Homer A. Kent, *The Epistle to the Hebrews: A Commentary* (Grand Rapids: Baker Book House, 1972), p. 112.

12. Robert E. Picirilli, *Grace, Faith, and Free Will* (Nashville: Randall House, 2002), p. 219.

13. Simon Kistemaker, *Hebrews New Testament Commentary* (Grand Rapids: Baker Book House, 1989), p. 158.

14. John Owen, *The Nature and Causes of Apostasy from the Gospel,* vol. 7 of *The Works of John Owen* (Rio, WI: Ages Software, 2000), pp. 39-41.

15. John F. MacArthur, *The MacArthur New Testament Commentary: Hebrews* (Chicago: Moody Press, 1983), p. 143.

16. Edgar Andrews, *A Glorious High Throne: Hebrews Simply Explained* (Darlington, England: Evangelical Press, 2003), p. 166.

17. Kenneth S. Wuest, "Hebrews Six in the Greek New Testament," *Bibliotheca Sacra* 119, January 1962, p. 48.

18. John F. MacArthur, *The MacArthur New Testament Commentary: Hebrews* (Chicago: Moody Press, 1983), p. 144.

19. Simon Kistemaker, *Hebreus* (São Paulo: Cultura Cristã, 2003), p. 226.

20. Edgar Andrews, *A Glorious High Throne: Hebrews Simply Explained* (Darlington, England: Evangelical Press, 2003), p. 166.

21. John Owen, *Apostasia do Evangelho* (São Paulo: Editora Os Puritanos, 2000), pp. 26-27.

22. Aníbal Pereira dos Reis, *Pode o Crente Perder a Salvação?* (São Paulo, Brasil, Edições Caminho de Damasco, 1978), p. 213.

23. W. Stanley Outlaw, *The Book of Hebrews* (Nashville: Randall House Publications, 2005), p. 125.

24. John Owen, *Apostasia do Evangelho* (São Paulo: Editora Os Puritanos, 2002), pp. 43-44.

25. Edgar Andrews, *A Glorious High Throne: Hebrews Simply Explained* (Darlington, England: Evangelical Press, 2003), p. 171.

26. John Calvin, *The Commentaries on the Epistle of Paul the Apostle to the Hebrews*, *The John Calvin Collection* (Rio, WI: Ages Software, 2000), p. 214.

27. Ibid., p. 213.

8
A DEUS TODA A GLÓRIA

> Visto que Deus deseja que todos os seus amados cheguem ao arrependimento para que não pereçam com os incrédulos e impenitentes, ele estabeleceu, por sua vontade onipotente, que assim sucederá. Mas se suceder que qualquer um dos que Deus determinou participará da graça de arrependimento vier, posteriormente, a perecer, onde está sua vontade onipotente? E como diremos que algo é determinado e confirmado por sua vontade?[1] (Clemente de Roma, 69 d.C.)
>
> Veja que são preservados, não pelo poder de livre arbítrio, mas pela misericórdia de Deus.[2] (Gerônimo, 390 d.C.)
>
> A perseverança não é de quem deseja ou de quem corre, pois não é do poder do homem. Antes, é de Deus que mostra misericórdia, para completar o que começou. (Ambrósio, 380 d.C.)[3]

Um dos desafios que todo estudante da Bíblia enfrenta é manter a objetividade e não permitir que seus conceitos e preconceitos governem sua interpretação. Consciente ou inconscientemente, todos trazemos ideias preconcebidas à nossa leitura do Texto Sagrado. Nosso modo de pensar, moldado pela cultura e tempos em que vivemos, às vezes nos dificulta "enxergar" o que está escrito na Bíblia. Essa é uma das causas das diferenças doutrinárias que dividem cristãos e até mesmo igrejas e denominações.

A Bíblia certamente contém conceitos que são contrários ao nosso pensamento natural. Entre eles, o conceito de salvação pela graça parece ser um dos mais difíceis de assimilar plenamente. O que poderia ser mais natural que acreditar em salvação pelas obras? A voz de nossa cultura se expressa no ditado popular que diz: "Faça tua parte que Deus te ajudará". Sem a luz da revelação divina, quem questionaria esse pensamento tão natural? Quem jamais postularia uma doutrina que atribuísse a salvação, em sua totalidade, à graça de Deus?

Nosso bloqueio contra o conceito de salvação pela graça é tão grande que ainda o resistimos mesmo quando confrontados com ele nas Escrituras as quais admitimos serem a autoridade suprema em questões de fé. Assim que nos damos conta de que a Bíblia ensina salvação pela graça, nossa primeira tendência é procurar uma maneira de relegar à graça de Deus um papel parcial na salvação e resguardar para nós mesmos um papel igualmente importante.

Os sistemas doutrinários que surgem dessa busca sempre representam a salvação como o resultado de uma cooperação entre Deus e o pecador. Enfatiza-se que a graça de Deus é absolutamente necessária para a salvação, já que, a rigor, nenhum pecador poderia merecer a vida eterna. Porém, não se crê que a graça somente seja responsável pela salvação. Ao invés disso, é introduzido um elemento de cooperação do homem na salvação que não é atribuído à graça de Deus.

Podemos constatar esse fato claramente por meio de uma importante observação. Acredita-se, nesse modo de pensar, que o papel desempenhado pela graça de Deus na salvação não é suficiente para garantir a salvação de ninguém. Ao invés de crer que Deus concede aos que salva uma medida especial de graça, a qual lhes assegura a salvação, sustenta-se que a mesma medida de graça é dada a todos os homens, igualmente. Ou seja, Deus faz a sua parte igualmente para salvar a todos.

Mas visto que nem todos são salvos, como a Bíblia ensina categoricamente, logo a diferença entre os que entram na vida e os que perecem não está no que Deus, em sua graça, faz. Onde, então, a diferença? A diferença está no que cada um de nós faz por si mesmo.

Assim, mantemos um papel vital em nossa própria salvação que a graça de Deus não nos concede cumprir. Aliás, a verdade é que tudo acaba dependendo exatamente do nosso desempenho. Se alguém fizer por si mesmo aquilo que a graça não faz, então, nesse caso e somente nesse caso, sua salvação será um sucesso.

Quando se pensa na salvação por essa perspectiva, a obra da graça não salva efetivamente. Ela só vai até certo ponto antes de parar. Seu efeito é apenas o de tornar a salvação possível para todos. Sendo ela, por si só, insuficiente para

tornar a salvação de qualquer indivíduo uma realidade, o papel da graça é meramente o de contribuir para a salvação por colocar a conversão e a perseverança dentro do alcance de cada pessoa.

Mas a graça não assegura nem a conversão nem a perseverança. Cabe a cada um completar a boa obra que Deus começou com sua própria contribuição, fazendo aquilo que a graça de Deus não realiza. Portanto, nos casos em que a salvação se concretiza, isso acontece porque, além de tudo que a graça de Deus fez pela pessoa, ela também fez a *sua* parte.

Encontramos no sistema católico romano esse mesmo conceito de que a graça de Deus exerce na salvação um papel indispensável, mas parcial. O catolicismo se distingue nitidamente do pelagianismo por afirmar o pecado original e a necessidade absoluta da graça na salvação, mas não atribui a salvação à graça somente, porque considera obras e mérito como o meio de alcançar e manter a salvação que a graça tornou possível.

Esse foi o motivo pelo qual os reformadores usaram as palavras *Sola Gratia* (somente graça) como um de seus lemas. Eles reconheceram que não era o bastante afirmar que a salvação é pela graça. A palavra "somente" faz toda a diferença. Assim como o catolicismo admite que a fé seja indispensável na salvação, mas não admite que a salvação seja mediante a fé somente (*Sola Fide*), da mesma forma, muitos grupos religiosos (inclusive o catolicismo) estão prontos a dizer que a graça de Deus é necessária para que sejamos salvos, mas não estão prontos a se unirem com os reformadores em declarar que a salvação é pela graça somente (*Sola Gratia*). Reconhecer que é somente pela graça que a salvação se torna possível não é o mesmo que reconhecer que a graça, por si só, é o que torna a salvação uma realidade pessoal.

Surge oposição à doutrina da perseverança dos santos exatamente pela falta de uma compreensão clara de que a salvação é assim, pela graça somente. Não é de se estranhar que tantas seitas e formas apóstatas de cristianismo pregam a perda da salvação e atacam veementemente a ideia de segurança. Isso não é mera coincidência, é a consequência lógica de uma crença em salvação por obras meritórias.

Acreditando que precisamos de nos salvar a nós mesmos por nossas obras, eles naturalmente concluem que se, em certa altura de sua vida, alguém já se provou digno o bastante para alcançar a salvação, ele ainda deve encarar o resto de sua vida como um período probatório no qual terá que continuar a se provar digno. Para quem pensa nesses termos, nada parece ser mais óbvio que haja a possibilidade de perda da salvação.

O pregador batista, *ex*-padre católico, Aníbal Pereira dos Reis, identificou com precisão o cerne da questão em seu livro intitulado *Pode o Crente Perder a Salvação?* Argumentando que a segurança do crente é eterna porque só Deus é o Salvador, ele escreve:

> A minha salvação não são as minhas obras. Destas jamais poderia decorrer aquela. Seria um efeito muito superior à causa, ocorrência essa do domínio dos impossíveis. Colocar-se-ia a salvação na dependência do próprio homem. Dar-se-ia uma auto-salvação.
>
> As seitas pseudo-cristãs, como o catolicismo, ao suporem a possibilidade do crente perder a salvação estribam-se num plano anti-evangélico porque a fazem depender de obras e não de Deus, Único Salvador. Com efeito, se o crente pode perder-se com os seus pecados quer dizer que essa salvação claudicante depende de suas obras, e isso não é Evangelho. Não é Evangelho Eterno![4]

O que, enfim, se perceberá é que o conceito bíblico de salvação pela graça somente e a doutrina da perseverança dos santos são inseparáveis. Não se pode ter a primeira sem a segunda. Se a salvação é pela graça somente, então a perseverança dos santos segue impreterivelmente, motivo pelo qual essa doutrina é encontrada exclusivamente entre as igrejas que pregam a mensagem bíblica de salvação pela graça somente (*Sola Gratia*).

Há, é claro, evangélicos que falam de salvação pela graça somente, mas que acreditam na perda da salvação. Entretanto, a causa disso é sua inconsistência. Ainda perdura entre eles um pouco do mesmo modo antievangélico de pensar típico do falso cristianismo e do qual precisam se libertar.

Podemos demonstrar que essa não é uma crítica injusta. Os evangélicos que se opõem à doutrina defendida neste livro o fazem porque não percebem a perseverança como algo concedido graciosamente por Deus. Via de regra, os ataques à doutrina aqui apresentada labutam em provar que a salvação é

condicional. Todo esforço é concentrado em demonstrar que o crente não pode estar incondicionalmente seguro.

Ora, nada é mais evidente do que o fato de que há condições para a salvação. Para ser salvo é preciso crer no evangelho, com perseverança. Mas de onde vem essa fé salvadora e perseverança? Qual o papel da graça na salvação? Devemos atribuir a salvação à graça de Deus em parte ou em sua totalidade? Essa é a questão fundamental no debate sobre segurança ou perda da salvação.

A razão do conflito é que muitos pressupõem que quem cumpre as condições para a salvação o faz de si mesmo. Não visionam a graça especial de Deus para com essas pessoas como sendo o fator determinador responsável pelo cumprimento das condições. Acreditam antes que algumas pessoas se sobressaem às demais porque de si mesmas se qualificam para a salvação, cumprindo suas condições divinamente prescritas.

O livro de Guy Duty é um exemplo típico. No decorrer do livro inteiro ele argumenta que a salvação é condicional, apelando, como prova disso, para diversas passagens bíblicas que usam da palavra "se". Porém, ele simplesmente presume que os que cumprem as condições o fazem por si mesmos. Nem por um momento ele questiona essa premissa. Portanto, sem o perceber, ele passa totalmente por cima da questão real.

O debate não é entre os que creem que a salvação é condicional e os que creem que a salvação é incondicional. Os defensores da doutrina da perseverança dos santos jamais disseram que a salvação é incondicional. A questão é que eles, em contraste com os que pregam a perda da salvação, sustentam que as pessoas que cumprem as condições para a salvação o fazem porque isso lhes é concedido pela graça de Deus.

Francamente, Duty revela um entendimento tão superficial do assunto que chega a acusar Arthur Pink de incoerência por declarar, em um de seus livros, que nós não contribuímos nada para nossa própria salvação e, em outro, que o arrependimento é uma condição para a salvação.[5] Obviamente, passa-lhe despercebido que no entendimento de Pink (assim como no de todos os calvinistas) os homens não se arrependem a menos que isso lhes seja *concedido* por Deus (veja Atos 11.18; 2 Timóteo 2.25).

Portanto, presumindo que algumas pessoas cumprem as condições para sua salvação sem que isso lhes seja concedido pela graça de Deus, ele concebe a salvação como se fosse uma grande prova a qual Deus submete os homens para ver quem passa. Algumas de suas declarações são bem reveladoras. Por exemplo, ele diz: "Deus testa a cada um. Todos precisam ser provados para determinar se são dignos de entrar no Reino de Deus."[6]

Não podemos deixar de observar como seu conceito de salvação por mérito vem à tona nessas palavras. O teste é para determinar quem é *digno* de entrar no Reino. E de que modo alguém se prova digno? A resposta de Duty a essa pergunta transparece sem nenhuma ambiguidade: "Deus deu a Abraão uma aliança eterna e um reino eterno "porque" ele obedeceu às condições da aliança de Deus. Deus também nos dá uma aliança de vida eterna se nós 'fizermos as obras de Abraão'".[7]

Declarações assim revelam uma profunda confusão em relação à doutrina bíblica de salvação pela graça mediante a fé. Ao invés de crer que somos de todo indignos, ele crê que temos que nos provar dignos. Ao invés de entender que Deus concede a salvação por meio do dom da fé, o que resulta em obras, ele supõe que obras se tornam o critério pelo qual alguém é incluído na aliança de vida eterna.

Seu raciocínio coloca o mérito no lugar da graça e as obras no lugar da fé. O fato que um livro com declarações dessa natureza seja aclamado em muitas igrejas evangélicas é preocupante. Faz-nos questionar se as palavras "pela graça mediante a fé" já não foram totalmente esvaziadas de seu significado para muitos. A realidade é que há igrejas e seminários onde o livro de Duty é um referencial, leitura recomendada para todos que querem provas de que o crente pode se perder. Notemos ainda outro exemplo de sua mentalidade antievangélica:

> Dois homens perguntaram para Jesus o que eles deveriam fazer para herdar a vida eterna. Um deles perguntou: "Que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna?" Jesus respondeu: "Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos" (Mateus 19.17). O outro inquiridor interrogou: "Mestre, que farei para herdar a vida eterna?" Jesus o direcionou ao mandamento: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o

> teu entendimento"; e: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Em seguida Jesus acrescentou: "Faze isto e viverás (eternamente)".[8]

O modo pelo qual Duty se expressa a essa altura induz que a salvação é pelas obras da lei. Seu erro aqui está em sua falha em reconhecer que Jesus não pregou o evangelho para esses dois homens. O que Jesus fez foi pregar-lhes a Lei. Mas de forma alguma ele estava pregando a Lei como método de salvação. Ele estava fazendo o que chamamos o "uso teológico" da Lei; isto é, Jesus estava confrontando-os com as exigências da Lei com o intuito de fazer-lhes reconhecer que eram incapazes de herdarem a vida por suas próprias justiças.

A Lei precisa ser colocada perante os olhos de todo homem que acredita poder se salvar por meio dos mandamentos, até que reconheça que isso lhe é impossível. Quando isso é feito, a Lei faz com que o pecador se desespere de suas próprias justiças e reconheça que só poderá ser salvo se for pela graça de Deus, à parte de seu próprio mérito.

Assim, a Lei é instrumental em preparar alguém para ouvir o evangelho, fazendo com que compreenda sua culpa (Romanos 3.19-20). Esse é um uso legítimo da Lei. Mas a Lei não é o evangelho, e insinuar que Jesus quis dizer que pecadores poderão herdar a vida eterna por guardarem os mandamentos é oposto a tudo que a Bíblia ensina.

Essa falha em distinguir entre a Lei e o Evangelho é apenas mais um exemplo de como Duty não possui uma compreensão adequada de salvação pela graça. Mas, apesar de tudo isso, ao aproximar-se do fim de seu livro, ele se defende contra qualquer reprovação nesta matéria:

> Tenho enfatizado repetidamente ao longo deste livro que nós não podemos ganhar ou merecer nossa salvação, não importa quantas condições venhamos a cumprir. Somos salvos somente pela graça imerecida de Deus.[9]

Suponho que com essas palavras ele busca silenciar qualquer crítica por deslizes nesta área tão crucial, mas francamente, isso não é o bastante para que nos demos por satisfeitos. Falar assim, depois de tudo que foi escrito antes,

apenas consegue nos convencer que está ocorrendo uma falha seríssima na comunicação.

Embora Duty diga que "Somos salvos somente pela graça imerecida de Deus", ele definitivamente não quer dizer com isso o mesmo que os reformadores. Ele está meramente usando o mesmo vocabulário que eles, sem compreender seu significado. Isso deve nos servir de alerta. Há, na doutrina arminiana, um perigo sutil. Ela ensina as pessoas a repetirem as palavras corretas, porém, não as leva a compreender seu sentido. Sem mesmo o perceber, as pessoas podem acabar falando em termos de graça e pensando em termos de mérito e obras.

A salvação é pela graça somente

Muitos arminianos não percebem nenhum conflito entre seu sistema e o conceito de salvação pela graça somente, mas o conflito existe. Quando um arminiano diz que crê em salvação pela graça, o que ele quer dizer é que considera a salvação impossível sem que haja alguma medida de graça, mas não está dizendo que a salvação, como um todo, é obra da graça divina, incluindo a conversão e a perseverança.[10]

Para o arminiano, é como se a graça abrisse o caminho para o homem e o convidasse, mas não fizesse nada mais que isso. Em contraste, na perspectiva bíblica a graça não só abre o caminho, ela também faz com que alguém que se encontrava espiritualmente morto se levante, entre no caminho e o siga até seu fim. A Bíblia apresenta tudo isso como obra da graça, do início ao fim, de maneira que a salvação resulta da graça somente, e não da graça somada com a colaboração humana.

O ensino bíblico mostra que o ser humano caído está morto no pecado e não tem desejo algum de buscar a Deus: "Como está escrito: Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus" (Romanos 3.10-11). Além disso, ele não tem, em si, recursos para fazer o que agrada a Deus: "Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus" (Romanos 8.8).

Incapaz de agradar a Deus, ao invés de se encontrar livre para escolher entre resistir ou se entregar a Cristo, o homem não regenerado se encontra

escravizado pelo pecado. Foi Jesus mesmo quem disse, "todo o que comete pecado é escravo do pecado" (João 8.34). Nas palavras do profeta Jeremias: "Pode, acaso, o etíope mudar a sua pele ou o leopardo, as suas manchas? Então, poderíeis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal" (Jeremias 13.23).

Sendo assim, para que alguém seja salvo é necessário que Deus faça muito mais que simplesmente providenciar uma oportunidade de salvação e convidar o pecador a recebê-la. Se Deus fizesse tão somente isso, ninguém se converteria, pois que os homens amam mais as trevas do que a luz (João 3.19) e todos, juntamente, desprezariam o convite de Deus.

Mas Deus, em sua graça, faz mais que convidar. Ele mesmo traz algumas pessoas a Cristo; ele mesmo as converte. Deus conquista os pecadores que salva, removendo unilateralmente sua resistência à conversão, tirando-lhes o coração de pedra e colocando um coração de carne no lugar (Ezequiel 36.26). Nós nunca escolheríamos abrir nossos corações para o evangelho; entretanto, Deus mesmo abre os nossos corações para que creiamos. A nossa fé é o resultado garantido.

A narrativa bíblica mostra como Deus age, como no caso de Lídia: "Certa mulher, chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia" (Atos 16.14).

Deus não se limita a bater no lado de fora do coração, como alguns gostam de dizer. Ele é quem abre o coração daqueles que salva. Ele não depende do pecador querer se converter para que possa salvá-lo, "porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Filipenses 2.12). Deus converte o pecador poderosamente, fazendo com que deseje servir a Cristo, e concedendo-lhe fé e arrependimento.

Jesus ensinou que sem essa poderosa obra de conversão, operada por Deus, ninguém se converteria. Em certa ocasião, alguns judeus mostravam-se incrédulos e murmuravam contra Jesus por causa de suas reivindicações, mesmo após terem visto a Cristo e seus milagres. O Evangelho de João relata que Jesus lhes respondeu: "Não murmureis entre vós. Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia." (João 6.43-44)

Nessa passagem, Jesus afirmou nos termos mais claros possíveis a incapacidade total do pecador converter-se e vir a Deus, sem que seja por Deus trazido. Além disso, Jesus deixou igualmente claro que quando Deus assim age, visando trazer um pecador a Cristo, sua conversão é um resultado garantido.

Quando Deus traz alguém, o efeito disso não é apenas o de tornar a conversão possível. Esse é um pormenor do texto que muitos ignoram e, por isso, deve ser enfatizado. Os arminianos procuram lidar com essa passagem dizendo que ela não ensina nada mais do que aquilo que eles chamam de graça preveniente. Ou seja, eles alegam que esse texto apenas aponta ao fato de que a conversão é impossível sem que o Espírito de Deus atue no homem, capacitando-o a se converter.

Mas eles se apressam em dizer que o Espírito de Deus se move igual e indiscriminadamente sobre todos. Dizem que concordam que ninguém pode vir a Cristo se o Pai não o trouxer por meio da obra do Espírito Santo, mas alegam que essa atuação do Pai é operada em todos. Dessa forma, eles reduzem a obra de Deus a um trabalho que pode ser tolhido pelo homem e cujo resultado pode ser um fracasso.

Isso não só representa a Deus como sendo frustrado em alcançar seus objetivos, o que a Bíblia descarta como tolice (Jó 42.2), mas é também uma contradição do que é dito explicitamente no texto de João capítulo 6. Lendo os versos 43-44 em seu contexto, descobrimos que os versos imediatos esclarecem o que Jesus quis dizer: "Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus. Portanto, todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a mim" (João 6.45).

Jesus não está aqui falando de uma operação de Deus que pode ou não resultar em conversão, ele está falando de uma obra eficaz. Ele está ensinando que quando Deus atua dessa maneira para trazer alguém, esse alguém infalivelmente vem a Cristo. Instantes antes, ele já dissera: "Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim" (João 6.37).

Uma vez que "*todo aquele* que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, *esse vem*" a Jesus (João 6.45), não há ninguém que Deus traz que deixa de se converter. Todo aquele em quem Deus opera sua instrução vem a crer em

Cristo, sem nenhuma exceção. De fato, quando Deus realiza sua obra em trazer, o resultado positivo é tão certo que Jesus até mesmo disse que a razão pela qual alguns ainda eram descrentes é porque nem todos haviam recebido essa operação de Deus em suas vidas: "Há descrentes entre vós [...] Por causa disto, é que vos tenho dito: ninguém poderá vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido" (João 6.64-65).

De acordo com o que Jesus disse, os que não criam eram aqueles a quem isso não havia sido concedido pelo Pai, o que torna ainda mais evidente o fato de que essa obra não é feita em todos igualmente.

Vemos, então, que a graça livre e soberana de Deus é responsável pela salvação de um indivíduo, mesmo no que diz respeito à sua conversão. Crer em Cristo é preciso. A Bíblia declara que quem crer será salvo; quem, porém, não crer será condenado (Marcos 16.16). Crer, portanto, é absolutamente uma condição. Mas de que forma o crente obtém sua fé? Recebe-a como um dom ou gera a sua própria fé?

Aníbal dos Reis não teve dúvidas quanto à resposta bíblica:

> O próprio querer a salvação é Graça de Deus. O pecador, de si próprio, é incapaz até de desejar a salvação. O confiar em Cristo, outrossim, depende da Graça: "E é por Cristo que temos tal confiança em Deus; não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus" (II Coríntios 3.4-5). Nessas condições de total incapacidade do pecador, que obras poderia ele praticar no afã de obter salvação? Voltem-se três folhas do volume das Escrituras Sagradas e leiam os adversários da perseverança infalível do salvo: "Porque pela Graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras para que ninguém se glorie" (Efésios 2.8-9). É isso! A própria fé, na conformidade também desse Texto, é dom ou Graça de Deus.[11]

Se a nossa fé, como crentes, viesse de nós mesmos, se ela fosse o resultado de nossa própria decisão, então teríamos de que nos gloriarmos. Poderíamos nos gabar de termos feito a nossa parte para sermos salvos, estabelecendo nós próprios uma diferença entre nós e os pecadores que perecem. Mas quando reconhecemos que nossa fé nos foi concedida pela graça divina, já não temos de que nos gloriar em nós mesmos; pelo contrário, aquele que se gloria, glorie-se no Senhor (1 Coríntios 1.31).

A perseverança é pela graça somente

Esse mesmo princípio se aplica à perseverança. Assim como crer em Cristo, perseverar na fé também é uma condição para a salvação. Mas, quando lemos a Bíblia, descobrimos que a perseverança é igualmente um dom de Deus, concedido a todos os que ele salva, em consideração a nada mais que sua graça. Jesus é o autor e consumador de nossa fé (Hebreus 12.2). Ele, que a cria em nós desde o seu início, é também quem a sustenta e a preserva até sua consumação naquele dia em que, estando com o Senhor, não mais andaremos por fé, e sim pelo que veremos (2 Coríntios 5.1-8)!

> A perseverança é decorrência da preservação divina. Não depende da vontade do homem, mas da Graça Sustentadora de Deus [...] Toda a vida cristã, desde o seu início com a regeneração e seu desenvolvimento, até o momento da partida para a glória Bem-aventurada depende da Graça de Deus. "[...] não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus" (Romanos 9.16). "Pela Graça sois salvos" (Efésios 2.5, 8), é o ensino claro e categórico das Escrituras Sagradas em que se pode incluir a conversão, a salvação progressiva ou santificação e a salvação final. Esta salvação final que é a culminância da perseverança.[12]

Esse é o motivo pelo qual Agostinho intitulou sua obra sobre esse assunto de *Donum Perseverantiae* (*O dom da perseverança*). Ele reconhecia que perseverança não é uma realização propriamente nossa, é um dom de Deus. Não é algo que contribuímos, é algo que recebemos:

> Essa graça Deus colocou em Cristo, do qual nos tornamos participantes, "sendo predestinados de acordo com o propósito daquele que opera todas as coisas". E assim como ele opera nossa conversão a ele, igualmente ele opera que não nos apartemos dele.[13]

Deus faz isso! Só assim o crente persevera até o fim.

John Bunyan ilustrou a perseverança pela graça de modo mui belo em seu livro clássico, *O Peregrino*:

> Então vi no meu sonho que Intérprete tomava Cristão pela mão e o levava a um lugar onde se via uma fogueira ardendo diante de uma parede. Ali havia alguém que não saía de perto, jogando sempre muita água na fogueira com intenção de apagá-la. Mas as chamas aumentavam e ficavam cada vez mais quentes.

> "O que significa isso?" perguntou Cristão.
>
> "Esta fogueira," respondeu Intérprete, "é a obra da graça que se opera no coração. Aquele que joga a água, tentando apagá-la e extingui-la, é o Diabo; mas você pode ver que o fogo, assim mesmo, fica sempre maior e mais quente. Você também verá a razão disso."
>
> Então ele o levou para trás da parede, onde se via um homem com um vaso de óleo nas mãos. Ele, em segredo, derramava continuamente óleo no fogo. Disse Cristão: "O que isso significa?"
>
> "Este é Cristo, que continuamente, com o óleo da sua graça, mantém viva a obra já iniciada no coração, e por meio dessa obra, a despeito de tudo o que pode fazer o Diabo, as almas dos crentes se provam piedosas. Mas você observou também que o homem fica atrás da parede para alimentar o fogo. Isso é para ensinar-lhe que é difícil para aquele que é tentado ver como essa obra graciosa se conserva na alma."[14]

Essa figura maravilhosa capta perfeitamente o conceito bíblico de perseverança. O diabo constantemente arremessa contra os cristãos aquilo que certamente teria o efeito de extinguir sua fé, se não fosse o que Cristo faz por eles. Embora isso não seja facilmente percebido pelo homem, é a graça de Cristo que faz a diferença. A perseverança dos santos é fruto, não daquilo que eles mesmos fazem por si, mas daquilo que Cristo faz por eles, continuamente.

Cristo não cessa de derramar o óleo de sua graça sobre os seus eleitos. Isso não apenas torna a perseverança deles possível, isso garante que eles irão perseverar, que jamais regredirão, pois o efeito da obra da graça em suas vidas prosseguirá intensificando-se cada vez mais.

Bunyan compreendeu claramente que a perseverança dos santos é certa, não por causa deles mesmos, como se dependesse de sua constância, mas por ser o resultado assegurado da obra da graça. Por ser assim, não devemos dizer que nós temos uma parte em nossa própria salvação. Deus, somente Deus, é o Salvador. Ele nos salva sem nossa ajuda.

Certamente, Deus salva de um modo que envolve o homem e suas decisões, mas não em uma capacidade que o torna responsável pelo sucesso de sua própria salvação. Nós nos convertemos voluntariamente, mas é Deus quem opera em nós o querer. Nós cremos e nós perseveramos, de modo que as nossas decisões são consequentes. Entretanto, por detrás de tudo que fazemos está a mão de Deus. Ele, por sua graça, é quem nos converte e nos concede o dom da perseverança.

A Bíblia dá amplo testemunho de que essa perspectiva sobre a perseverança está correta. Vejamos alguns exemplos:

> Sempre dou graças a meu Deus a vosso respeito, a propósito da sua graça, que vos foi dada em Cristo Jesus; porque, em tudo, fostes enriquecidos nele, em toda a palavra e em todo o conhecimento; assim como o testemunho de Cristo tem sido confirmado em vós, de maneira que não vos falte nenhum dom, aguardando vós a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual também vos confirmará até ao fim, para serdes irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor. (1 Coríntios 1.4-9)

Nesse texto, Paulo primeiramente destaca que os coríntios eram cristãos por causa da graça que Deus lhes havia dado. Ao chegar no verso 8, ele vira seu olhar para o futuro e declara confiantemente: O Senhor "também vos confirmará até o fim, para serdes irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo".

Há duas coisas sobre essa declaração que devemos considerar atentamente. Em primeiro lugar, observe que essa é uma obra que Cristo realiza. O Senhor Jesus Cristo é quem os confirmará até o fim. Em segundo lugar, note que o resultado do que Cristo faz é que eles serão irrepreensíveis no Dia do Senhor.

À luz desse fato, não é razoável sustentar que Cristo os confirmará até o fim, desde que eles permaneçam fiéis. Ora, confirmá-los até o fim significa justamente isso, que Cristo fará com que eles permaneçam fiéis até o fim, não por causa da fidelidade deles, mas porque "Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo" (1 Coríntios 1.9). Porque Deus é fiel, ele mantém os salvos fiéis.

Paulo expressa a mesma certeza em relação à salvação final dos tessalonicenses: "Todavia, o Senhor é fiel; ele vos confirmará e guardará do Maligno" (2 Tessalonicenses 3.3).

Nesse verso, como sempre, ele sublinha que a fidelidade de Deus é a chave de nossa salvação final. Porque Deus é fiel, ele nos confirmará (até o fim) e não permitirá que o diabo venha a nos enredar novamente com suas armadilhas e artimanhas.

Em sua primeira epístola aos tessalonicenses, encontramos ainda outra afirmação dessa mesma verdade: "O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará" (1 Tessalonicenses 5.23-24).

Paulo está aqui orando pelos tessalonicenses para que, na ocasião da vinda de Jesus, eles se encontrem íntegros e irrepreensíveis. Naturalmente, isso envolve perseverança até o fim em fé e em santificação. Ele se dirige a Deus rogando que "sejam *conservados* íntegros e irrepreensíveis".

Sua oração é seguida imediatamente com a afirmativa categórica: "Fiel é o que vos chama, *o qual também o fará*" (1 Tessalonicenses 5.24). Suas palavras não deixam margem para qualquer incerteza. Eles certamente serão conservados íntegros e irrepreensíveis, não por conta de sua própria fidelidade, mas por causa da fidelidade de Deus. E ninguém pode objetar que Deus somente os conservará desde que eles permaneçam fiéis, pois o sentido expresso do texto é que Deus os conservará íntegros e irrepreensíveis.

Se os crentes tivessem que se conservar fiéis para que Deus os guardasse, então já não seria Deus quem os conservaria íntegros e irrepreensíveis. A perspectiva é que eles permanecerão fiéis porque Deus os conservará, e não o contrário.

As garantias que Paulo transmitiu aos coríntios e tessalonicenses, ele prometeu aos filipenses também: "Dou graças ao meu Deus por tudo que recordo de vós (...) pela vossa cooperação no evangelho, desde o primeiro dia até agora. Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus" (Filipenses 1.3-6).

Paulo não diz que estava torcendo pela continuação dos filipenses na fé até o fim, nem ainda se diz confiante de que isso era muito provável. Sua convicção é tanta que ele declara estar "plenamente certo" de que a boa obra de salvação iniciada por Deus nos Filipenses seria por ele mesmo completada. Sua certeza era absoluta, pois ele sabia que a obra é de Deus e que não depende da constância humana.

Paulo tinha essa mesma confiança com respeito ao seu próprio futuro. Ele não vivia apreensivo, desconfiado de seu sucesso final por causa de suas próprias fraquezas. Não, ele estava seguro e tranquilo, descansando nos eternos braços do seu Deus:

> E, por isso, estou sofrendo estas coisas; todavia, não me envergonho, porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia. (2 Timóteo 1.12)
>
> O Senhor me livrará também de toda obra maligna e me levará salvo para o seu reino celestial. A ele, glória pelos séculos dos séculos. Amém! (2 Timóteo 4.18)

Essa é uma verdade que encontramos vez após vez, por toda a Bíblia:

> O SENHOR preserva os fiéis. (Salmos 31.23)
> Ele guarda a alma dos seus santos. (Salmos 97.10)
> Pois o SENHOR ama a justiça e não desampara os seus santos; serão preservados para sempre. (Salmos 37.28)

Deus faz isso! Judas nos diz que ele é "aquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória" (Judas 1.24). Por esse motivo, todo crente verdadeiro pode e deve se regozijar juntamente com o apóstolo de que Deus também o livrará de toda obra maligna e o levará salvo para o seu reino celestial.

Tal confiança não é nem orgulho, nem presunção. Não há nela qualquer vestígio de autodependência. Todo seu olhar está voltado a Cristo num espírito que diz, "Eu não tropeçarei, porque ele é poderoso para me guardar de tropeços". Ele não apenas nos guarda desde que nós, com nossos próprios pés, não tropecemos, pois é ele "o que preserva com vida a nossa alma e não permite que nos resvalem os pés" (Salmos 66.9).

Os salmos estão repletos desse reconhecimento. Desde os dias da Velha Aliança, o povo de Deus tem atribuído a Deus todas as suas vitórias. Por meio dos salmos, entoa-se a mais alta expressão de fé na realidade de que somos preservados por Deus. Não apenas preservados desde que nossos pés não vacilem, mas preservados de vacilarem os nossos pés. Não só guardados das

ameaças externas, mas de todo o mal. Não somente protegidos por algum tempo, mas continuamente, desde agora e para sempre, porque não dorme o Protetor de Israel.

> Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do SENHOR, que fez o céu e a terra. Ele não permitirá que os teus pés vacilem; não dormitará aquele que te guarda. É certo que não dormita, nem dorme o guarda de Israel. O SENHOR é quem te guarda; o SENHOR é a tua sombra à tua direita. De dia não te molestará o sol, nem de noite, a lua. O SENHOR te guardará de todo mal; guardará a tua alma. O SENHOR guardará a tua saída e a tua entrada, desde agora e para sempre. (Salmos 121.1-8)

Assim deve ser nosso louvor, tributando a Deus toda a glória por nossa segurança. Isaías profetizou o cântico do povo redimido por Deus, uma celebração da salvação e proteção divina:

> Naquele dia, se entoará este cântico na terra de Judá: Temos uma cidade forte; Deus lhe põe a salvação por muros e baluartes. Abri vós as portas, para que entre a nação justa, que guarda a fidelidade. Tu, SENHOR, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em ti. Confiai no SENHOR perpetuamente, porque o SENHOR Deus é uma rocha eterna. (Isaías 26.1-4)

Alguns, lendo essas palavras, dirão, "Mas aí está. A Bíblia diz que o Senhor conserva em perfeita paz aquele cujo propósito é firme, porque ele confia em Deus". Porém, antes que alguém suponha que Deus conserva os justos conforme eles conservam a si mesmos, deve ler mais adiante onde encontrará as palavras: "A vereda do justo é plana; tu, que és justo, aplanas a vereda do justo" (Isaías 26.7); e "SENHOR, concede-nos a paz, porque todas as nossas obras tu as fazes por nós" (Isaías 26.12).

Esse é o louvor que sobe do seu povo até Deus. Ele recebe a glória por tudo. Foi ele quem os elegeu e os transformou em "nação justa", em povo de sua propriedade exclusiva. Eles, em gratidão, exaltam e proclamam as virtudes daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. E assim como ele os tirou das trevas do pecado e da incredulidade, ele lhes põe a salvação por muros e baluartes de proteção perpétua. Ele lhes firma o propósito e os

conserva em perfeita paz. Por isso, eles depositam toda sua confiança nele, porque o SENHOR Deus é uma rocha eterna!

Seguros na mão de Deus

A todos esses testemunhos soma-se o de nosso Senhor Jesus:

> As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna, e elas jamais perecerão; ninguém as poderá arrancar da minha mão. Meu Pai, que as deu para mim, é maior do que todos; ninguém as pode arrancar da mão de meu Pai. Eu e o Pai somos um. (João 10.27-30; NVI)

Aqui temos um texto das Escrituras que é, em si, conclusivo. Ele afirma a segurança inabalável dos santos sob vários ângulos. Primeiramente diz, "Eu lhes dou a vida eterna". Vida eterna é um dom. Não é algo por eles conquistado, mas algo que lhes é concedido gratuitamente. Eles nada fazem para merecê-la.

Daí, Jesus prossegue dizendo que, em decorrência desse dom no presente, eles "jamais perecerão" no futuro. "Jamais" abrange toda a eternidade à nossa frente. Assim como acontece em duas outras passagens que negam a hipótese de algum dos santos se perderem (Hebreus 10.17 e João 6.37), a construção negativa usada nessa passagem (οὐ μὴ) é a mais forte possível no idioma grego para indicar uma impossibilidade absoluta.

O que isso diz para quem é ovelha de Cristo é que ela, no futuro, não poderá perecer, sob hipótese alguma, aconteça o que acontecer. Assim o Senhor promete: "Porque os montes se retirarão, e os outeiros serão removidos; mas a minha misericórdia não se apartará de ti, e a aliança da minha paz não será removida, diz o SENHOR, que se compadece de ti" (Isaías 54.10).

Tudo isso confirma que a salvação que Cristo concede é irreversível, é para todo o sempre: "Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão". Se nosso Senhor não dissesse mais nada que essas palavras, já seria o bastante para deixar absolutamente claro que é impossível que um dos salvos se perca.

"Faz sentido entender as palavras de Jesus como se fossem as seguintes: 'Minhas ovelhas, algumas das quais, na verdade, perecerão, jamais

perecerão'?"[15] Mesmo assim, desejando tornar sua declaração ainda mais definitiva, Jesus acrescenta: "e ninguém as arrebatará da minha mão".

Esse complemento torna a segurança da salvação ainda mais evidente. Uma vez chamadas, as ovelhas de Cristo não podem novamente ser enredadas pelo diabo. Não há poder maior que o de Cristo. Ele é um com o Pai (João 10.30). Pertencer a Cristo significa estar seguro nas mãos onipotentes de Deus. Não há força no universo que possa forçá-lo a abrir mão das pessoas que toma para si. Ninguém jamais é removido de suas mãos divinas, não importa quem quer que tente os deslocar dali.

Diante de uma declaração tão forte assim na Bíblia, é de se estranhar que ainda haja crentes dispostos a sustentar a doutrina da perda da salvação. Porém, podemos compreender o que se passa em suas mentes. Quando leem esse texto, eles não aceitam prontamente o que ele está ensinando porque foram persuadidos de que outros textos bíblicos ensinam que os santos podem perder a salvação, e porque, em sua concepção, as coisas precisam ser assim, pois, do contrário, pessoas poderiam abandonar a fé, viver no pecado e continuarem salvas do mesmo jeito.

Entretanto, a coisa não funciona dessa maneira. Seguramente, a Bíblia não ensina um conceito libertino de segurança incondicional e não é isso que é defendido neste livro. Mas a confusão resulta do fato que essas pessoas não concebem a graça de Deus como sendo a fonte da perseverança. Eles acreditam que a perseverança seja uma condição que o crente cumpre para permanecer em um estado de graça. Por isso, dizem coisas como: "Eu não tenho dúvidas de que Deus fará a sua parte em me proteger, mas e se eu falhar em fazer a minha parte?" e, "Sei que terceiros não podem me arrebatar da mão de Deus, mas e se eu, por escolha própria, me retirar da mão de Deus?"

Na verdade, quando cristãos falam assim, o que eles estão fazendo é importar para dentro do texto algo que ele mesmo não diz. Eles acreditam que têm o respaldo de outros textos na Bíblia para o fazerem, mas o efeito disso é que as palavras de Jesus perdem seu caráter absoluto. Jesus não qualificou sua declaração, de forma alguma. Ele simplesmente disse que suas ovelhas jamais

perecerão. O que eles acabam dizendo é que algumas das ovelhas de Cristo perecerão, e isso faz violência ao sentido do texto.

No entanto, alguns insistem, "Cristo só promete nos proteger enquanto formos das suas ovelhas, mas se alguém deixar de ser uma de suas ovelhas poderá perecer". Esse argumento também nada mais é que uma tentativa fútil de escapar do que Jesus realmente disse.

Há dois problemas em sua argumentação que devem ser expostos. Em primeiro lugar, eles presumem que uma pessoa se torna ovelha de Cristo, no sentido usado por Jesus em João 10, a partir do momento em que ela é convertida, e não é esse o caso. Há uma indicação nos versos 3 e 4 que as ovelhas de Cristo já são as suas ovelhas antes de serem por ele chamadas. Ser chamado por Cristo é tipicamente um termo técnico no Novo Testamento para a obra poderosa que Deus realiza no interior de uma pessoa, resultando em sua conversão.[16] Parece ser esse o sentido do termo conforme aqui usado por Jesus, especialmente em vista de o texto dizer que as suas ovelhas passam a segui-lo *depois* que ele chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora.

De qualquer forma, no verso 16 há uma prova clara de que quem é ovelha de Cristo já o é mesmo antes de ser por ele convertida. O Senhor disse, "Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor" (João 10.16).

Falando dos gentios, que ainda viriam a ser chamados, Jesus diz: "tenho" (no presente) outras ovelhas. Isso não quer dizer que elas eram salvas antes de serem convertidas pelo Pastor, mas significa que eram eleitas para a salvação. Esse é o motivo pelo qual Jesus disse aos incrédulos: "vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas" (João 10.26). O que ele *não* disse foi: "Vós não sois minhas ovelhas, porque não credes". O ponto é que eles não eram dos eleitos, e por isso não se convertiam.

À medida que o evangelho é pregado, Deus vai revelando quem são os seus eleitos. As ovelhas de Cristo ouvem a sua voz e passam a segui-lo (João 10.27). A Bíblia diz que quando Paulo e Barnabé pregaram o evangelho em Antioquia, "creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna" (Atos 13.48).

A Bíblia torna claro que mesmo antes de serem convertidos, Deus já considera como sendo seus aqueles indivíduos que elegeu para a salvação. Por exemplo, quando Paulo estava em Corinto, as coisas não pareciam ir bem a princípio, mas Deus o encorajou a continuar seu trabalho naquela cidade dizendo-lhe: "Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto eu estou contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade" (Atos 18.9-10).

Deus tinha muito povo ali. Eles ainda não haviam sido convertidos, mas eram eleitos, eram ovelhas de Cristo, e seriam por ele chamados para fora. Saber que Deus tem um povo escolhido ao qual irá converter serviu de grande incentivo e encorajamento para Paulo naquela ocasião e em todo o seu trabalho missionário. Ele nos informa que esse fato o motivou até quando enfrentava algemas e açoites, pois, em meio às dificuldades, lembrava-se de que Deus é soberano sobre tudo e de que de alguma forma usaria até as tribulações pelas quais passava para que outros obtivessem a salvação. "Por esta razão", ele diz, "tudo suporto por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus, com eterna glória" (2 Timóteo 2.10).

A Bíblia ensina que indivíduos específicos são eleitos para a vida eterna desde antes da fundação do mundo (Efésios 1.4; 2 Timóteo 1.9). Conforme aprendemos em Apocalipse 17.8, sua eleição é tão individual e irrevogável que, em contraste com o resto da humanidade, eles tiveram seus *nomes* inscritos no Livro da Vida antes da fundação do mundo. Sendo assim, não é razoável pensar que ovelhas de Cristo poderão deixar de ser suas ovelhas. "Seria um contrassenso estar um nome registrado nesse Livro 'desde a fundação do mundo' se após muitos séculos fosse ele cancelado."[17]

O segundo problema, que é também o mais óbvio, em alegar que as ovelhas de Cristo poderão deixar de ser suas ovelhas e, por fim, perecer é que isso faz com que as palavras de Jesus percam qualquer sentido. A promessa de Cristo é que suas ovelhas serão protegidas para que não sejam tiradas de sua mão. Se essa proteção somente se aplica a elas desde que continuem na mão de Cristo, então Jesus não está lhes prometendo nada.

Afinal, quem gostaria de arrebatar as ovelhas de Cristo de suas mãos mais que o diabo, inimigo de nossas almas. Suas táticas são conhecidas. Por meio de doutrinas de demônios que semeia pelo mundo, ele leva alguns a apostatarem da fé (1 Timóteo 4.1). É ele também o dragão que, na ânsia de levar os cristãos a negarem o Senhor Jesus, suscita perseguição contra o povo de Deus no mundo (Apocalipse 13). Ele é ainda o tentador que, por meio de suas ciladas, tenta tornar inútil o labor dos pregadores do evangelho, mesmo naqueles que vieram à fé (1 Tessalonicenses 3.5).

Foi Satanás que encheu o coração de Ananias para que mentisse ao Espírito Santo (Atos 5.3). Paulo reconheceu que, devido às tentações, algumas viúvas já haviam se desviado, seguindo a Satanás (1 Timóteo 5.15). Por meio dessas táticas, o diabo consegue enlaçar muita gente, mas não as ovelhas de Cristo, pois se alguma dessas suas táticas (doutrina falsa, perseguição e tentação) funcionasse em levar uma única ovelha de Cristo a se retirar das mãos de Deus, ele obteria sucesso em arrebatá-la.

Quem poderia o negar? Se isso não fosse uma vitória do diabo sobre Deus o que mais o seria? Mas ninguém pode arrebatar as ovelhas de Cristo de suas mãos. Pelo contrário, o Senhor livra suas ovelhas de toda obra maligna, levando-as a salvo para o seu reino celestial.

Porém, alguns ensinam que as palavras de Cristo devem ser compreendidas como que dizendo algo assim: "Tenho boas notícias para minhas ovelhas. Sei que vocês temem que o diabo poderá tirar a vida eterna, mesmo daqueles que forem fiéis até a morte. Estão preocupados de que ele cancelará a salvação daqueles que conseguirem vencer todas as suas tentações e superar todos os obstáculos da vida cristã. Não se preocupem mais com isso. Pode muito bem acontecer que, com suas astúcias e enganos, o diabo consiga fazer com que vocês mesmos saiam da mão de Deus, mas nunca deixarei que vocês sejam tirados de mim à força, contra a vontade."

Agora seriamente, quem jamais acreditou que o diabo poderia cancelar a vida eterna de alguém unilateralmente, mesmo sendo ela fiel a Cristo até o fim? Se esse fosse o sentido das palavras de nosso Senhor, elas não trariam conforto algum. Seriam palavras vazias e já não faria a menor diferença se

fossem tiradas da Bíblia. Mas em que tipo de Pastor das ovelhas isso transformaria a Cristo?

> Por acaso haverá mão de obra contratada para pastorear ovelhas que lidaria dessa maneira com elas, isto é, guardá-las caso elas se guardem a si mesmas? E mais, que finalidade haveria em seu trabalho de guardá-las se elas guardam a si mesmas? Cristo se retrata como o Bom Pastor que busca e resgata a ovelha que se extravia pelo deserto, coloca-a sob seus ombros e a traz para seu aprisco em casa. De que forma aquela pobre ovelha se guarda, visto que ela correu para o deserto entre os lobos vorazes? Porém, pelo Bom Pastor ela é protegida.[18]

Temos que protestar contra esse conceito de que quem se preservar será preservado. Isso nada mais é que outro modo de dizer, "Faça tua parte que Deus te ajudará". Falar assim sobre a salvação de pecadores ameaça o conceito central do evangelho de que só Deus é o Salvador. Nós não nos salvamos a nós mesmos, é Deus quem nos salva por sua graça.

Graça, por sua própria definição, não é o que recebemos como recompensa. Nossos feitos nunca podem se tornar a razão pela qual recebemos a graça de Deus. Graça é concedida livremente, ou então já não é graça. Como disse Lutero, "A graça não é a recompensa pelas tentativas do 'livre-arbítrio'. A graça divina é concedida apesar do pecado e de tudo quanto ele merece."[19]

Se pensarmos em termos de cumprir condições para recebermos graça, já invertemos a ordem das coisas. Se dissermos que recebemos uma medida de graça livremente, mas que precisamos cumprir condições para recebermos mais graça, nossa compreensão de graça ainda é deficiente. Dizer que é preciso cumprir condições para se receber graça salvadora não está longe de dizer que precisamos merecer essa graça.

Isso se harmoniza com uma teologia que ensina que Deus desceu com a salvação até certo ponto e que cabe ao homem cobrir o resto da distância, ascendendo até alcançar por si a salvação que Deus tornou possível, mas de forma alguma esse conceito é consistente com o ensino bíblico que Deus é quem nos salva.

Estamos nos esquecendo de que somente Deus salva quando dizemos que Deus torna a salvação possível e que, fazendo nossa parte, nós a tornamos real.

Falando assim estamos apenas admitindo que não podemos nos salvar a nós mesmos sem que Deus remova os obstáculos de nosso caminho.

O que a Bíblia quer dizer quando diz que Deus nos salva? Em linguagem cotidiana, dizer "Eu tornei tal coisa possível" não equivale a dizer "Eu fiz tal coisa". Se Deus não age de um modo que torna a salvação do seu povo certa, se tudo o que faz é torná-la possível, então convém, realmente, dizer que ele os salva? Se Deus faz pelos que se perdem o mesmo que faz pelos que entram na vida eterna, então a diferença entre salvação e perdição se encontra naquilo que as pessoas fazem por si.

O mesmo se aplica à perseverança. Se Deus faz o mesmo para guardar todos os crentes e alguns deles perseveram enquanto outros não, então o que Deus faz não é o bastante para os salvar. Se o livramento dos perigos espirituais que Deus provê para seus redimidos não é o suficiente para garantir que nenhum deles se perca, então continuar salvo depende do que nós fazemos e não da graça de Deus somente.

Porém, o certo é que Deus realiza uma obra de graça na vida de seus eleitos que infalivelmente leva-os a cumprir as condições da salvação. Ele os converte, chamando-os eficazmente, e os guarda seguros, concedendo-lhes perseverar na fé até o fim. Essa é a doutrina de salvação pela graça somente (*Sola Gratia*).

---

1. Apud John Gill, *The Cause of God and of Truth*, Part 4, Chapter 5, Section 1, The Ultimate Christian Library (Rio, WI: AGES Software, 2000), p. 807.

2. Apud John Gill, *The Cause of God and of Truth*, Part 4, Chapter 5, Section 22, The Ultimate Christian Library (Rio, WI: AGES Software, 2000), p. 848.

3. Apud John Gill, The Cause of God and of Truth, Part 4, Chapter 5, Section 20, The Ultimate Christian Library (Rio, WI: AGES Software, 2000), p. 844.

4. Aníbal Pereira dos Reis, *Pode o Crente Perder a Salvação?* (São Paulo: Edições Caminho de Damasco, 1978), p. 59.

5. Guy Duty, *If Ye Continue* (Minneapolis: Bethany House Publishers), p. 64.

6. Ibid., p. 110.

7. Ibid., p. 38.

8. Ibid., p. 73.

9. Ibid., p. 177.

10. A visão arminiana de conversão é que Deus concede graça preveniente a todos os homens para tornar sua conversão possível, mas essa graça não basta para infalivelmente converter ninguém. O arminianismo não crê que o coração é efetivamente aberto para o evangelho pela graça de Deus, nem que a fé, o arrependimento ou a perseverança sejam dons de Deus. Essas coisas são consideradas do âmbito da cooperação humana, como coisas que temos que fazer por nós mesmos, e sem as quais a graça, por si só, é impotente para salvar.

11. Aníbal Pereira dos Reis, *Pode o Crente Perder a Salvação?* (São Paulo: Edições Caminho de Damasco, 1978), p. 240.

12. Ibid., pp. 142-145.

13. Augustine, *Augustin: Anti-Pelagian Writings, The Gift of Perseverance*, ed. Philip Schaff, Volume 5 of *The Nicene and Post-Nicene Fathers*, *Series 1*, The Master Christian Library (Rio, WI: Ages Software, 2000), p. 1240.

14. John Bunyan, *The Pilgrim's Progress* (Grand Rapids: Baker Book House, July 1991), pp. 38-39.

15. Anthony A. Hoekema, *Salvos Pela Graça* (São Paulo: Cultura Cristã, 1997), p. 246.

16. Veja Romanos 8.28-30; 1 Coríntios 1.24 e 26; 1 Coríntios 7.17-18; Gálatas 1.15; 2 Tessalonicenses 2.14; 2 Timóteo 1.9; Hebreus 9.15; Apocalipse 17.14.

17. Aníbal Pereira dos Reis, *Pode o Crente Perder a Salvação?* (São Paulo, Brasil, Edições Caminho de Damasco, 1978), p. 107.

18. John Owen, *The Doctrine of the Saints' Perseverance Explained and Confirmed*, vol. 11 of *The Works of John Owen* (Rio, WI: Ages Software, 2000), p. 267.

19. Martin Luther, *Nascido Escravo* (São José dos Campos, Brasil: Editora Fiel, 2007), p. 91.

CONCLUSÃO

Não devemos subestimar a importância de manter uma compreensão devida do papel da graça na salvação. Isso não é meramente uma questão teórica. Ao longo dos séculos, essa tem sido uma batalha de suma importância.

Durante a Idade Média, foram perdas nessa área mais que em qualquer outra que, por fim, comprometeram a vitalidade da igreja, tornando a Reforma necessária. Desde então, muitos evangélicos têm retrocedido em relação às reconquistas da Reforma e já não atribuem a totalidade da salvação à graça de Deus.

Precisamos alertar quanto a isso, pois quando começamos a enfraquecer a ênfase dada à graça de Deus na salvação enveredamos em um rumo perigoso e corremos o risco de eventualmente abandonar o evangelho da graça por completo. Em termos soteriológicos, só há duas religiões no mundo: a religião de autossalvação e a religião de salvação pela graça. Quanto menos da salvação atribuímos à graça, mais nos aproximamos da herética confiança em justiça própria que tem multiplicado suas vítimas desde os tempos dos fariseus. Portanto, a graça é um aspecto da doutrina cristã em que não se pode mexer.

Esse é o motivo pelo qual o assunto deste livro é tão importante. A perseverança dos santos é uma das chamadas "doutrinas da graça". Não se pode rejeitá-la e manter intacto o conceito de "graça somente" na salvação. Adotar a teoria da possibilidade de perda da salvação é nitidamente um passo em direção a um sistema de autossalvação, porque isso necessariamente implica que uma parte da salvação será considerada como uma realização do próprio ser humano.

Isso inevitavelmente divide a glória da salvação entre Deus e o homem. Dar a glória a Deus por alguma coisa significa agradecer-lhe e declarar: "Isso Deus

fez por mim". Mas falhamos em lhe dar a glória devida quando pensamos: "Isso eu fiz por mim mesmo". Quando nosso credo não aponta claramente para a graça de Deus como a causa suficiente da salvação, acabamos roubando de Deus parte da honra que lhe é devida.

A salvação é, sim, pela graça de Deus somente. Ninguém nunca perseverou até o fim de si mesmo, para que pudesse receber os louros. Todos que até hoje o fizeram e todos os que ainda o farão devem o seu sucesso totalmente ao fato que sua perseverança lhes foi assegurada, sim, garantida por uma dispensação especial da graça de Deus. Assim sendo, é um desaforo dar ao homem parabéns pelo que Deus faz.

Em contraste, as doutrinas da graça fazem com que toda a glória seja dada a Deus. *Sola Gratia* resulta em *Soli Deo Gloria*. O apóstolo Paulo entendeu essa ligação. Ao afirmar com toda convicção: "O Senhor me livrará também de toda obra maligna e me levará salvo para o seu reino celestial", ele fecha dizendo: "A ele, glória pelos séculos dos séculos. Amém!" (2 Timóteo 4.18). Certo como ele estava de que chegaria a salvo no Reino Celestial, ele dá glória a Deus, pois reconhece que sua vitória não será por sua conta. Ele sabia, sem sombra de dúvida, que venceria, mas também sabia que a razão de seu triunfo não se encontrava nele.

Assim como Paulo, todo crente verdadeiro também pode estar confiante de que jamais se perderá, pois essa é a promessa de Deus. Não há nem orgulho nem presunção na certeza de salvação futura, assim como não o há na certeza de salvação presente, desde que toda a confiança esteja voltada para Deus. Por isso, devemos nos gloriar na segurança inabalável da salvação. Assim daremos glória a Deus, tal como Abraão o fez pelo fato de não ter duvidado da sua promessa (Romanos 4.20).

Nessa perspectiva, reconhecemos que somos tão fracos que, por nós mesmos, não podemos subsistir por um só momento, especialmente sabendo que temos por inimigos declarados tanto o diabo, como o mundo e a nossa própria carne. Todavia, mesmo levando tudo isso em conta, sem enfraquecer na fé, não duvidamos, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, nos

fortalecemos, dando glória a Deus, por estarmos plenamente convictos de que ele é poderoso para cumprir o que prometeu.

> Toda perseverança pode ser compreendida e confessada apenas como sendo um milagre, um milagre que exclui toda justiça própria radicalmente (...) Por esse motivo nos gloriamos plenamente em nossa perseverança; mas o que resta, senão que nos gloriemos no Senhor?[1]

Assim como o novo nascimento, a perseverança dos santos é um milagre:

> Ficamos maravilhados e jubilosos quando ouvimos de um rebelde notório trazido ao pé da Cruz. Mas é igualmente interessante, maravilhoso e abençoado a história de cada Cristão após a conversão (...) Um santo é realmente a maravilha das maravilhas: não tem força, mas continua a caminhar morro acima. Pense numa árvore florescendo no meio de um deserto de areia, onde não há solo nem água; ou imagine uma casa suspensa no meio do ar, sem meio visível de suporte (...) pense num cordeiro seguro entre lobos famintos, ou numa moça que mantém sua roupa branca enquanto atravessa um lamaçal. Essas coisas ilustram a vida cristã.[2]

Devemos banir todo naturalismo de nossa doutrina de conversão e perseverança. Não somos suficientes para essas coisas, mas a nossa suficiência vem de Deus. Precisamos aprender a depositar toda nossa confiança na graça de Deus. Todo crente tem expectativa de um dia entrar na glória, mas nem todos estão contando que certamente chegarão lá, pela graça de Deus. Muitos desconfiam de sua salvação final, supondo que o resultado ainda é incerto por depender deles.

Mas é justamente aí que está o problema. Sua confiança em relação ao futuro não é plena, pois a medida de esperança que eles têm está depositada neles mesmos. Embora não estejam plenamente convictos de que lograrão entrar na glória, eles alimentam certa esperança porque olham para si mesmos e calculam que têm boa chance. Incertos quanto a sua perseverança futura, se é que são otimistas, o motivo é porque se acham suficientemente determinados para continuarem até o fim fazendo o que acreditam ser a parte que deles depende.

Conseguem dormir à noite sem nenhuma certeza de que continuarão salvos pelo resto de suas vidas porque não consideram um fracasso de sua parte

provável, e isso os tranquiliza. Assim, eles demonstram uma medida de confiança em si próprios em relação à sua salvação final, embora, em seu discurso, digam que devemos confiar em Cristo como o único e suficiente Salvador. Há muita coisa em jogo no debate sobre perseverança.

A crença na possibilidade de apostasia dos santos tem ainda outra ramificação inaceitável, quando examinada do ponto de vista de quem já guardou a fé e completou a carreira. Se a perseverança é dom de Deus, quem persevera não tem de que se gloriar. Mas se a perseverança depende de quão bem nós nos saímos ao fazermos a nossa parte, então quem persevera até o fim tem de que se gloriar.

Quem chegar lá poderá dizer: "Devo minha salvação ao que Cristo fez por mim; mas também é verdade que tudo que ele fez por mim teria sido em vão, se não fosse pelo que eu fiz por mim mesmo. Eu perseverei. Eu me mantive fiel até o fim. Deve haver gente no inferno hoje que recebeu de Deus a mesma ajuda na jornada que eu, mas que não se saíram tão bem quanto eu. Bem que eu mereço um pouco de aplauso também."

Por acaso esse é um quadro bíblico do céu? Certamente não o é. Não há no céu lugar para esse tipo de jactância. O só pensar isso é revoltante. Ninguém é parabenizado por chegar ao céu. Ninguém se prostrará para agradecer pela salvação, somente para ouvir que ele é que está de parabéns, pois tudo o que Deus fez não teria dado em nada sem a sua contribuição.

Muito pelo contrário, toda a glória pertence a Deus, como diz o Salmo: "Não a nós, SENHOR, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua misericórdia e da tua fidelidade" (Salmos 115.1).

Ao entrarem na terra prometida, os israelitas foram advertidos contra qualquer pensamento de que tivessem chegado ali por qualquer mérito próprio:

> Não é por causa da tua justiça, nem pela retitude do teu coração que entras a possuir a sua terra, mas pela maldade destas nações o SENHOR, teu Deus, as lança de diante de ti; e para confirmar a palavra que o SENHOR, teu Deus, jurou a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó. Sabe, pois, que não é por causa da tua justiça que o SENHOR, teu Deus, te dá esta boa terra para possuí-la, pois tu és povo de dura cerviz. (Deuteronômio 9.5-6)

Se Deus fazia questão que eles compreendessem que não vieram a receber aquela terra por seus esforços nem por suas justiças, quanto mais importa que nós compreendamos que não chegamos a entrar na glória celestial por nossas obras ou por nossas justiças. A advertência que lhes foi dirigida pode se aplicar igualmente a nós, para que os nossos corações não se elevem.

Assim como Deus os levou "sobre asas de águia" e os fez chegar a si, do mesmo modo conosco. Assim como não foram eles que escolheram ser o povo de Deus, antes eles foram o povo escolhido, o mesmo é verdade conosco. E tal como eles, nós não fomos escolhidos por sermos melhores, em qualquer sentido, que os demais (Deuteronômio 7.6-8).

Pelo contrário, Deus deliberadamente escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas vis do mundo, e as desprezíveis, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; "a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus" (1 Coríntios 1.27-29). "Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção, para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor" (1 Coríntios 1.30-31).

Sucederá que alguém persevere até o fim, sem que o Senhor o tenha feito? Nada temos que não tenhamos recebido (1 Coríntios 4.7). Ou já houve alguém a quem Deus ficou devendo obrigação? Certo que não. Acaso, algum dia, ele já precisou de nossa ajuda? Quem jamais lhe deu primeiro, para que viesse a ser recompensado? "Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!" (Romanos 11.36).

No Dia do Juízo se entenderá isso claramente. "A arrogância do homem será abatida, e a sua altivez será humilhada; só o SENHOR será exaltado naquele dia" (Isaías 2.17). Conforme o cântico dos redimidos: "Ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação" (Apocalipse 7.10). Portanto, "O louvor, e a glória, e a sabedoria, e as ações de graças, e a honra, e o poder, e a força sejam ao nosso Deus, pelos séculos dos séculos. Amém!" (Apocalipse 7.12).

A visão celestial em Apocalipse nos mostra a Igreja Triunfante em harmonia, dando a Deus toda a glória. Lamentavelmente, sobre a face da terra a igreja não vive em unanimidade sobre o ponto doutrinário que temos examinado neste livro. Mas as diferenças doutrinárias que nos dividem aqui deixarão de ser quando estivermos todos perante o glorioso trono do Senhor. Ali sim haverá consenso. Mas isso significa que alguns de nós teremos que rever nossos conceitos.

Se a tese deste livro estiver errada, é porque ela dá crédito demais a Deus. Se for esse o caso, cristãos reformados, como eu, aprenderemos que temos exagerado no que temos asseverado que Deus faz pelo seu povo. Nós descobriremos que, em alguma medida, o sucesso de cada santo glorificado se deve a ele próprio.

Mas é minha forte convicção de que não será assim. Certamente, naquele dia todos nos prostraremos diante daquele que se encontra sentado no trono, adoraremos e depositaremos as coroas diante do trono, proclamando: "Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória!"

Ali, perante o Senhor, todos reconheceremos que não fomos nós mesmos que nos guardamos, todos saberemos que o diabo teria nos peneirado como trigo, se não fosse pela intercessão de Cristo, e todos confessaremos que teríamos certamente fracassado, se qualquer parte da salvação tivesse dependido de nós. Deus será grandemente exaltado naquele dia!

---

1. G. C. Berkouwer, *Faith and Perseverance* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1979), p. 24.

2. A. W. Pink, *Eternal Security* (Grand Rapids: Baker Book House, 1979), p. 31.

APÊNDICE
A DOUTRINA DA JUSTIFICAÇÃO NO PERÍODO PATRÍSTICO

Escritos provenientes dos primeiros séculos do cristianismo confirmam que, longe de ser novidade, a doutrina de justificação pregada pelos reformadores não era outra coisa, senão aquela ensinada pelos Pais da Igreja. As citações abaixo refletem o que foi ensinado pelos melhores líderes cristãos daquele período e testificam de que seu entendimento incluía todos os elementos que encontramos na doutrina de justificação dos reformadores.

1. Os pecados dos redimidos são imputados a Cristo e estes, não tendo justiça própria, recebem, por imputação, a justiça de Cristo.

> Ele entregou seu próprio Filho como um resgate por nós, o Santo pelos transgressores, o Puro pelos ímpios, o Justo pelos injustos, o Incorruptível pelos corruptíveis, o Imortal pelos mortais. Pois que outra coisa seria capaz de cobrir nossos pecados, senão sua retidão? Através de quem mais seria possível que nós, os perversos e ímpios, poderíamos ser justificados, senão pelo Filho unigênito de Deus? Ó doce transferência! Ó operação insondável! Ó benefício além de toda expectativa! Que a maldade de muitos seja escondida em um único Justo, e que a retidão de Um justificaria a muitos transgressores![1] (Epístola a Diogneto, 130 d.C.)

2. Somos revestidos com essa justiça perfeita a partir do momento em que cremos.

> Essa justiça não é propriamente nossa, mas pertence a Deus, e dizendo isso, Paulo indica que ela existe em abundância e é fácil de se obter. Pois não a obtemos por esforço ou trabalho, mas através de crer. Em seguida, visto que essa afirmação pode parecer incrível, que um adúltero ou homossexual, que um ladrão de cemitérios ou um feiticeiro pode não somente instantaneamente se ver livre da punição, mas ainda ser transformado em justo, e justo com a

justiça de Deus, Paulo cita o Velho Testamento para confirmar sua afirmação.[2] (João Crisóstomo, 347-407 d.C.)

O propósito da lei de tornar o homem justo, ela não tinha o poder para realizar. Mas, quando veio a fé, ela realizou aquilo que a lei não pôde, pois assim que um homem crê, ele é imediatamente justificado. Portanto, a fé estabeleceu o que a lei intentava e tornou em realidade aquilo que suas provisões almejavam. Consequentemente, fé não aboliu a lei, antes a trouxe à perfeição.[3] (João Crisóstomo, 347-407 d.C.)

Justiça vem através da fé, e isso significa que ela é também um dom de Deus. Pois sendo que essa justiça pertence a Deus, ela é um dom não-merecido. E os dons de Deus excedem em muito quaisquer feitos do nosso próprio zelo.[4] (João Crisóstomo, 347-407 d.C.)

Não somente é suficiente, é também superabundante a justiça que vem da fé. Essa salvação é concedida livremente pela graça de Deus através do conhecimento de Cristo e de forma alguma poderia ser chamada de um donativo da lei. Pois conhecer corretamente o mistério de sua encarnação e paixão e ressurreição é a vida em perfeição e o tesouro da sabedoria.[5] (Teodoreto, 393-451 d.C.)

3. Obras humanas são completamente excluídas na justificação, pois a salvação é pela graça. Para obter a salvação por obras, nós teríamos que ser perfeitos, sem pecado algum. Sendo assim, nenhuma obra que possamos realizar pode nos salvar.

Deus permitiu que seu Filho sofresse como um pecador condenado, para que nós fôssemos livres da pena por nossos pecados. Essa é a justiça de Deus, que nós somos justificados, não por obras (pois para isso elas teriam que ser perfeitas, coisa essa impossível). Antes, é pela graça, e nesse caso todo o nosso pecado é removido.[6] (João Crisóstomo, 347-407 d.C.)

4. Não há boas obras que possamos realizar que contribuam para nossa justificação. Se as obras tivessem algum papel a cumprir em nossa justificação, a salvação deixaria de ser um dom e se tornaria um salário.

E assim como não há crimes tão vis que sejam capazes de impedir o dom da graça, assim também não há obras eminentes o bastante para que mereçam, em julgamento, aquilo que é dado gratuitamente. Porventura não seria um rebaixamento da redenção no sangue de Cristo, e não tornaria a misericórdia de Deus algo secundário às obras humanas se a justificação, que é pela graça, fosse retribuição por méritos precedentes? Se fosse dessa forma, já não seria o dom de um Doador, e sim o salário de um trabalhador.[7] (Próspero de Aquitania, escrito por volta de 450 d.C.)

O fato que vós efésios sois salvos não é algo que provém de vós mesmos. Isso é um dom de Deus. Não resulta de vossas obras, mas é a graça de Deus e dom de Deus, que não procede de coisa alguma que tendes merecido.[8] (Mário Vitorino, quarto século d.C.)

Somos salvos pela graça e não por obras, pois nada podemos dar a Deus em retorno por aquilo que ele nos concedeu.[9] (Gerônimo, 347-420 d.C.)

Paulo demonstra claramente que a justificação não depende do mérito do homem, mas da graça de Deus, que aceita a fé dos crentes, independentemente das obras da lei.[10] (Gerônimo, 347-420 d.C.)

5. A justificação é pela fé somente.

Eles são justificados gratuitamente porque o recebem nada tendo feito nem tendo dado algo em troca, mas pela fé somente eles foram feitos santos, pelo dom de Deus.[11] (Ambrosiastro, quarto século d.C.)

Quando diz "os circuncisos", Paulo se refere aos judeus que têm sido justificados pela fé na promessa e que creem que Jesus é o Cristo prometido por Deus na Lei. Quando diz "os incircuncisos", ele se refere aos gentios que têm sido justificados perante Deus pela sua fé em Cristo. Dessa forma, Deus tem justificado tanto judeus como gentios. Pois visto que Deus é um só, todos têm sido justificados da mesma forma. Que benefício existe, então, na circuncisão? Ou que desvantagem há na incircuncisão, já que a fé somente produz aceitação?[12] (Ambrosiastro, quarto século d.C.)

Ele não nos tornou merecedores, pois nada recebemos pelo nosso próprio mérito, mas pela graça e a bondade de Deus.[13] (Mário Vitorino, quarto século d.C.)

Pois ele havia prometido que justificaria aqueles que creem em Cristo, como ele diz em Habacuque: "O justo viverá por fé em mim". Todo aquele que crê em Deus e Cristo é justo.[14] (Ambrosiastro, quarto século d.C.)

Sendo que Deus é justo, ele não poderia justificar o ímpio. Portanto, ele requereu a intervenção de um expiador, para que aqueles que jamais pudessem ser justificados por suas próprias obras fossem justificados através de ter fé nele.[15] (Orígenes, 184-254 d.C.)

6. A fé, pela qual somos justificados, é dom de Deus, operada pela graça de Deus, pelo chamado de Deus.

A única coisa que trazemos perante a graça é nossa fé. Mas até em nossa fé a graça divina teve que nos capacitar. Pois [Paulo] acrescenta, "E isso não vem de vós, é dom de Deus, não de obras para que ninguém se glorie". Não resultou de nossa própria disposição o fato de termos crido, antes nós chegamos a crer por termos sido chamados. E uma vez que cremos, ele não exigiu de

nós perfeição de vida, mas aprovando-nos meramente pela fé, Deus nos concedeu o perdão dos pecados.[16] (Teodoreto de Cirro, 393-457 d.C.)

Para que não vos torneis soberbos com a grandiosidade destes benefícios, veja como Paulo nos coloca de volta em nosso lugar devido. Pois "pela graça sois salvos", ele diz, "mediante a fé". Em seguida, para não negar nossa livre escolha, ele nos atribui um papel, mas logo o tira novamente, dizendo "e isso não vem de vós mesmos" [...] Nem mesmo nossa fé, ele diz, vem de nós. Pois se o Senhor não tivesse vindo, e se não tivesse nos chamado, como poderíamos nós sermos capazes de crer? "Pois como", [Paulo] pergunta, "Crerão naquele de quem nada ouviram?" (Romanos 10:14) Portanto, até o nosso ato de crer não é iniciado por nós mesmos. É, como ele diz, "um dom de Deus" (Efésios 2:8c).[17] (João Crisóstomo, 347-407 d.C.)

7. A depravação do homem natural impede que ele tome qualquer iniciativa em buscar a Deus ou em se decidir por Deus. Somente a graça divina pode produzir essa mudança no coração do pecador.

Aqui encontramos as verdadeiras riquezas da misericórdia de Deus, em que, mesmo quando não o buscávamos, a misericórdia nos foi revelada por sua própria iniciativa.[18] (Ambrosiastro, quarto século d.C.)

[Paulo] está falando não da primeira, mas da segunda criação, na qual somos recriados pela ressurreição. Visto que somos completamente incapazes de corrigir nossos caminhos por nossa própria decisão, devido a nossa fraqueza natural que se nos opõe, somos revivificados sem dor e com grande facilidade pela graça daquele que nos recria para esse fim.[19] (Teodoro de Mopsuéstia, 350-428 d.C.)

8. Os justos não podem se vangloriar de coisa alguma, pois somente pela graça de Deus é que eles vêm a crer e a praticar o bem.

O poder de Deus não faz com que alguém seja forçado contra sua vontade a fazer o mal ou o bem, mas que os que prosseguem ao mal o fazem por seu próprio mérito. Pois uma pessoa não é boa se não deseja o bem, mas a graça de Deus é que o auxilia até mesmo no desejar. Não é sem motivo que está escrito, "Deus é quem opera em vós tanto o querer como o efetuar de sua boa vontade".[20] (Agostinho, 354-430 d.C.)

Não devemos supor que ele nos tirou a capacidade de escolha, só porque ele disse: "É Deus que opera em nós tanto o querer como o efetuar". Se fosse esse o caso, ele não teria dito antes: "Desenvolvei a vossa própria salvação com temor e tremor". Pois quando ele prescreve agir, concordamos que possuem livre agência. Mas eles devem desenvolvê-la com temor e tremor, de forma que não se vangloriem, atribuindo suas boas obras a si mesmos, como se elas fossem suas, propriamente.[21] (Agostinho, 354-430 d.C.)

9. Obras têm seu lugar na vida cristã, mas não em nossa justificação. Uma vez que estamos já salvos por meio da fé, obras certamente virão.

> A missão de Deus não foi salvar pessoas com o objetivo de que elas permanecessem inertes ou sem fruto. A Escritura diz que a fé nos salvou. Podemos expressar mais precisamente assim: sendo que Deus quis assim, a fé nos salvou. Agora me diga em qual caso a fé salva, sem que ela mesma nada faça? As obras da fé são, elas mesmas, um dom de Deus, para que ninguém se glorie. Então o que está Paulo dizendo? Não que Deus tenha proibido obras, mas que ele proíbe que sejamos justificados por obras. Ninguém, diz Paulo, é justificado por obras, precisamente para que a graça e a benevolência de Deus possam ser manifestas![22] (João Crisóstomo, 347-407 d.C.)

---

1. *The Epistle of Mathetes to Diognetus*, Chapter 9, *Ante-Nicene Fathers*, vol. 1, ed. A. Roberts and J. Donaldson (Albany, OR: Sage Software, 1996), p. 65.

2. John Chrysostom, *Homilies on Romans 2:17*, *Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 6, ed. Gerald Bray (Downers, Grove, IL: InterVarsity Press, 2013), p. 32.

3. John Chrysostom, *Homilies on Romans 7*, *Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 6, ed. Gerald Bray (Downers, Grove, IL: InterVarsity Press, 2013), p. 107.

4. Chrysostom, *Homilies on the Philippians 12 3:7-9*, *Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 8, ed. Mark J. Edwards (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), p. 270.

5. Theodoret, *Epistle to the Philippians 3:9-10, Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 8, ed. Mark J. Edwards (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), p. 271.

6. John Chrysostom, *Homilies on the Epistles of Paul to the Corinthians 11:5*, *Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 7, ed. Gerald Bray (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999), p. 252.

7. Prosper of Aquitaine, *The Call of All Nations (1, 17)*, *The Faith of the Early Fathers*, Vol. 3, sec. 2044, ed. William A. Jurgens (Collegeville, MN: Liturgical Press, 1979), p. 195.

8. Marius Victorinus, *Epistle to the Ephesians 1, 2:9*, *Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 8, ed. Mark J. Edwards (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), p. 134.

9. Jerome, *Epistle to the Ephesians 1.2:1*, *Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 8, ed. Mark J. Edwards (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), p. 132.

10. Jerome, *Against the Pelagians 2.7*, *Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 6, ed. Gerald Bray (Downers, Grove, IL: InterVarsity Press, 2013), p. 106.

11. Ambrosiaster, *Commentary on Paul's Epistles*, *Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 6, ed. Gerald Bray (Downers, Grove, IL: InterVarsity Press, 2013), p. 101.

12. Ambrosiaster, *Commentary on Paul's Epistles*, *Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 6, ed. Gerald Bray (Downers, Grove, IL: InterVarsity Press, 2013), p. 106.

13. Marius Victorinus, *Epistle to the Ephesians 1 2:7*, *Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 8, ed. Mark J. Edwards (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), p. 132.

14. Ambrosiaster, *Commentary on Paul's Epistles*, *Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 6, ed. Gerald Bray (Downers, Grove, IL: InterVarsity Press, 2013), p. 103.

15. Origen of Alexandria, *Commentary on the Epistle to the Romans 2:112*, *Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 6, ed. Gerald Bray (Downers, Grove, IL: InterVarsity Press, 2013), p. 103.

16. Theodoret of Cyrrhus, *Interpretation of the Fourteen Epistles of Paul*, *The Faith of the Early Fathers*, Vol. 3, sec. 2163, ed. William A. Jurgens (Collegeville, MN: Liturgical Press, 1979), pp. 248-249.

17. John Chrysostom, *Homilies on Ephesians 2:8*, *Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 8, ed. Mark J. Edwards (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), p. 134.

18. Ambrosiaster, *Epistle to the Ephesians 2:4*, *Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 8, ed. Mark J. Edwards (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), p. 132.

19. Theodore of Mopsuestia, *Epistle to the Ephesians 2:10*, *Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 8, ed. Mark J. Edwards (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), p. 135.

20. Augustine, *On Two Letters of Pelagius 1:36*, *Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 8, ed. Mark J. Edwards (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), p. 258.

21. Augustine, *On Grace and Free Will 21*, *Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 8, ed. Mark J. Edwards (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), p. 258.

22. John Chrysostom, *Homilies on Ephesians 4 2:9*, *Ancient Christian Commentary on Scripture*, NT vol. 8, ed. Mark J. Edwards (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1998), p. 134.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREWS, Edgar. *A glorious high throne:* Hebrews simply explained. Darlington: Evangelical Press, 2003.

ANGLADA, Paulo. *Calvinismo: as antigas doutrinas da graça*. São Paulo: Os puritanos, 2000.

ASHBY, Stephen M. *Four views on eternal security*. Grand Rapids: Zondervan, 2002.

AUGUSTIN, Aurelius. *The predestination of the saints*, 428/429. In: SCHAFF, Philip (ed.). *The Nicene and post-nicene fathers*. v. 5. In: *The Master Christian Library*. Version 8. Rio, WI: AGES Software, 2000.

_____. *Treatise on rebuke and grace*. In: SCHAFF, Philip (ed.). *The nicene and post-nicene fathers*. v. 5. In: *The Master Christian Library*. Version 8. Rio, WI: AGES Software, 2000.

BARNES, Albert. *Barnes' notes on the bible*. In: *The Master Christian Library*. Version 8. Rio, WI: AGES Software, 2000.

BEEKE, Joel. *A busca da plena segurança*: o legado de Calvino e seus sucessores. Recife: Os puritanos, 2003.

BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. Trad. Odayr Olivetti. Campinas: Luz para o Caminho, 1998.

BERKOUWER, G. C. *Faith and perseverance*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1979.

BRAY, Gerald (ed.). *Ancient christian commentary on Scripture*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2013.

BRUCE, F. F. *The epistle to the Hebrews*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1981.

BUNYAN, John. *The pilgrim's progress*. Grand Rapids: Baker Book House, 1991.

CALVIN, John. *The John Calvin collection*. In: *The Master Christian Library*. Version 8. Rio, WI: AGES Software, 2000.

CAMPOS, Heber Carlos de. *A providência e a sua realização histórica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

CARSON, D. A. *Os perigos da interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 1992.

_____. *The gospel according to John*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1991.

CATECHISM OF THE CATHOLIC CHURCH. Liguori: Libreria Editrice Vaticana, 1994.

CHAFER, Lewis Sperry. *Major bible themes*. Grand Rapids: Zondervan, 1981.

CLARKE, Adam. *Clarke's commentary of the New Testament*. v. 8. In: The *Master Christian Library*. Version 8. Rio, WI: AGES Software, 2000.

DILLOW, Joseph C. *The reign of the servant kings*: a study of eternal security and the final significance of man. Miami Springs: Schoettle Publishing Co., 1992.

DUTY, Guy. *If ye continue*. Minneapolis: Bethany, 1966.

EDWARDS, Jonathan. *Remarkable work of grace*. v. 5. In: *The Master Christian Library*. Version 8. Rio, WI: AGES Software, 2000.

EDWARDS, Mark J. (ed.). *Ancient Christian Commentary on Scripture*. v. 8. Downers Grove: InterVarsity Press, 1998.

GEISLER, Norman L. *Four views on eternal security*. Grand Rapids: Zondervan, 2002.

GERSTNER, John H. *Wrongly dividing the word of truth*: a critique of dispensationalism. Brentwood: Wolgemuth and Hyatt, 1991.

GILL, John. *Exposition of the Old and New Testaments*: Colossians. In: *The Master Christian Library*. Version 8. Rio, WI: AGES Software, 2000.

_____. *The cause of God and the truth*. In: *The Master Christian Library*. Version 8. Rio, WI: AGES Software, 2000.

GREW, Obadiah. *The Lord our righteousness*. Morgan: Soli Deo Gloria, 2005.

HARPER, Steven J. *Four views on eternal security*. Grand Rapids: Zondervan, 2002.

HENRY, Matthew. *Commentary on the whole bible*. v. 10. In: *The Master Christian Library*. Version 8. Rio, WI: AGES Software, 2000.

HODGES, Zane. *Grace in eclipse*. Dallas: Redencion Viva, 1985.

_____. *The gospel under siege*. Dallas: Redencion Viva, 1981.

_____. *The peril of not growing*. [S. l.: s. n.], [201-]. Disponível em: https://redeeminggod.com/hodges-on-hebrews-part-6/. Acesso em: 3 out. 2016.

HOEKEMA, Anthony A. *Salvos pela graça*. Trad. Wadislau Gomes. Cambuci: Cultura Cristã, 1997.

JOHNSON, Dennis E. *Triumph of the Lamb*: a commentary on Revelation. Phillipsburg: P&R, 2001.

JOHNSTON, Stu. *Assurances for the perseverance of the saints*. Disponível em: http://www.grmi.8k.com/reformed_sermons_search_results.htm. Acesso em: 3 out. 2016.

JURGENS, William A (ed). *The Faith of the early fathers*. v. 3. Collegeville: Liturgical Press, 1979.

KENDALL, Robert Tilman. *Once saved, Always saved*. Chicago: Moody Press, 1983.

KENT, Homer A. *The epistle to the Hebrews*: a commentary. Grand Rapids: Baker Book House, 1972.

KISTEMAKER, Simon. *Hebreus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

_____. *Hebrews New Testament Commentary*. Grand Rapids: Baker Book House, 1989.

LLOYD-JONES, Martin. *Deus o Espírito Santo*. São Paulo: PES, 1998.

LUTERO, Martinho. *Nascido escravo*. São José dos Campos: Fiel, 2007.

MACARTHUR, John. In: KISTLER, Don (org.). *Justificados pela fé somente*: a marca da vitalidade espiritual da igreja. São Paulo: Cultura Cristã, 1995.

_____. *The MacArthur New Testament commentary*: Hebrews. Chicago: Moody Press, 1991.

_____. *The MacArthur New Testament commentary*: Romanos 1-8. Chicago: Moody Press, 1991.

MARRA, Cláudio Antônio Batista (ed.). *Hinário novo cântico*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

MARTIN, Albert. *The book of Revelation (2 of 2)*. [S. l.: s. n.], 2002. Disponível em: http://www.sermonaudio.com/sermoninfo.asp?SID=1080283757. Acesso em:

3 out. 2016.

Miley, John. *Systematic theology*. v. 2. Peabody: Hendrickson, 1989.

Montgomery, Boice; Ryken, Philip Graham. *The doctrines of grace*. Wheaton: Crossway, 2002.

Murray, Iain. *O Spurgeon que foi esquecido*. São Paulo: PES, 2004.

Murray, John. *Romanos*. São José dos Campos: Fiel, 2003.

Outlaw, Stanley W. *The book of Hebrews*. Nashville: Randall House, 2005.

Owen, John. *Apostasia do evangelho*. São Paulo: Os Puritanos, 2000.

_____. *The works of John Owen*. v. 11. In: *The Master Christian Library*. Version 8. Rio, WI: AGES Software, 2000.

Phillips, Michael. *Thomas Watson #3 perseverance of the saints*. [S. l.: s. n.], 2003. Disponível em: http://www.sermonaudio.com/sermoninfo.asp?SID=9210304340. Acesso em: 3 out. 2016.

Picirilli, Robert E. *Grace, faith, free will*. Nashville: Randall House, 2002.

Pink, A. W. *Eternal security*. Grand Rapids: Baker Book House, 1979.

_____. *Exposition of the gospel of John*. Grand Rapids: Zondervan, 1975.

Reis, Aníbal Pereira dos. *Pode o crente perder a salvação?* São Paulo: Caminho de Damasco, 1978.

Roberts, Alexander.; Donaldson, James (ed.). *The ante-nicene fathers*. v. 1. In: *The Master Christian Library*. Version 8. Rio, WI: AGES Software, 2000.

_____. *Ante-nicene fathers*. v. 1. Albany: SAGE Software, 1996.

Schreiner, Thomas R.; Caneday, Ardel B. *The race set before us*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2001.

Schroeder, Henry Joseph. *Canons and decrees of the council of Trent*. London: Herder, 1941.

Shank, Robert. *Life in the Son*. Bloomington: Bethany House, 1989.

Sproul, R. C. *Faith alone*. Grand Rapids: Baker Books, 2006.

Spurgeon, Charles. *A perseverança na santidade*. São Paulo: PES, 1998.

_____. *The gospel according to Matthew*. In: *The Master Christian Library*. Version 8. Rio, WI: AGES Software, 2000.

_____. *The metropolitan tabernacle pulpit*. v. 19. In: *The Master Christian Library*. Version 8. Rio, WI: AGES Software, 2000.

STANLEY, Charles. *Eternal security*: can you be sure?. Nashville: Oliver-Nelson Books, 1991.

TURRETIN, Francis. *Institutes of elenctic theology*. Trad. George Musgrave Giger Phillisburg: P&R, 1994. v. 2.

_____. *Justification*. Phillipsburg: P&R, 2004.

WUEST, Kenneth S. *Hebrews six in the greek New Testament*. Bibliotheca Sacra, Dallas, v. 119, jan. 1962.



Daniel Deeds é bacharel em teologia pela Randall University em Oklahoma, EUA.
Pastor na Igreja Batista Histórica em Conselheiro Lafaiete, MG.
Brasileiro, filho de missionários americanos e casado com Eni.
Pai de duas filhas: Briana e Britney.